

SANDRO DE SOUZA

**O PROJETO DAS ÁGUAS – CALDAS NOVAS UMA CIDADE
BALNEÁRIO – EDUCAÇÃO, SAÚDE, TRABALHO E LAZER NO
PROJETO TRANSFORMADOR – 1910 A 1950**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
2013

SANDRO DE SOUZA

**O PROJETO DAS ÁGUAS – CALDAS NOVAS UMA CIDADE
BALNEÁRIO – EDUCAÇÃO, SAÚDE, TRABALHO E LAZER NO
PROJETO TRANSFORMADOR – 1910 A 1950**

tese apresentada pelo doutorando
Sandro de Souza ao Programa de
Doutorado da Faculdade de Educação
da UFU, na linha de Pesquisa História
e Historiografia da Educação, como
exigência para a obtenção do título de
doutor, sob a orientação do Prof. Dr.
José Carlos Souza Araújo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S729p Souza, Sandro de, 1960-
2013 O projeto das águas – Caldas Novas uma cidade balneário – educação, saúde, trabalho e lazer no projeto transformador – 1910 a 1950. / Sandro de Souza. - 2013.

202p . : il.

Orientador: José Carlos Souza Araújo

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Água – Uso – Caldas Novas (GO) - Teses. 3. Planejamento urbano - Caldas Novas (GO) - Teses. 4. Caldas Novas (GO) – Teses. I Araújo, José Carlos Souza. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
1 O DESPERTAR.....	10
1. 1 O Homens que fariam a diferença.....	16
1. 2 Afinando dos instrumentos.....	18
1. 3 Caldas um novo começo.....	22
1. 4 Consolidando a cidade.....	24
1. 5 Talhando seu próprio destino.....	28
2 CAPÍTULO 2.....	49
2.1 Uma visão mais distante – um pé no futuro.....	49
2.2 Um apoio fundamental – a imprensa.....	54
2.3 A Higienização da Urb.....	64
2.4 Um apoio diferenciado.....	69
2.5 Uma nova fase – buscando o Balneário.....	87
3 EDUCAR PARA O FUTURO.....	89
3.1 O bê-á-bá da cidade	95
3.2 A municipalização.....	102
3.3 Em busca de uma harmonia – a educação como base.....	111
3.4 Qual é o ritmo da modernidade.....	119
3.5 Buscando as formas do conhecimento.....	126
3.6 A educação cidadina.....	132

3.7 As fronteiras do conhecimento.....	135
4 Capítulo 4.....	138
4. O lucro das águas	138
4.1 A questão cultural.....	149
4.2 Os bons vizinhos – Caldas Novas uma cidade e seu ideário.....	153
4.3 “água mole em pedra dura” pode dar trabalho.....	158
5. O mundo do Lazer – A substituição da saúde pelo lazer.....	161
5.1 Que mundo é esse?.....	161
5.2 Água, saúde e educação.....	169
5.3 Uma mudança de hábitos.....	173
5.4 Um retrato contemporâneo de Caldas Novas.....	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
REFERÊNCIAS.....	190

Resumo

A presente pesquisa analisa o projeto que visava a transformação da cidade de Caldas Novas em uma estância hidrotermal. Os processos de construções simbólicas e concretos oriundos de um projeto de utilização das águas termais da cidade. Os processos envolvidos na realização deste projeto, as mudanças da urbanização da cidade, a influencia do momento sanitaria e moralizador dos anos de 1920. As dificuldades encontradas pelos lideres locais – os coronéis das águas -. Quais foram às dificuldades em utilizar a educação como parte do projeto transformador, como se deu as conquistas da cidade no tocante as primeiras décadas do século XX e em especial a transformação da cidade, focando o apagamento de sua memoria histórica, a manutenção do mito das águas quentes como fonte de saúde e juventude. As relações com o estado e as perspectivas de crescimento econômico que uma cidade balneária poderia oferecer.

O lazer substituindo a saúde e as mediações que foram necessárias para as mudanças.

Palavras chaves: Caldas Novas, urbanismo, imprensa, saúde, lazer, educação e trabalho.

Abstract.

This research analyzes the project which aimed to transform the city of Caldas Novas in to a hydrothermal spa. The processes of symbolic and concrete constructions from within one project for use of the thermal waters of the city. The processes involved in this project, the changes in the city's urbanization, the influence of time sanitarian and moralizing 1920s. The difficulties encountered by local leaders - the colonels waters -. What were the difficulties in using education as part of the transformation project, how did the achievements of the city regarding the first decades of the twentieth century and in particular the transformation of the city, focusing on erasing their historical memory, maintaining the myth of warm water as a source of health and youth. Relations with the state and prospects of economic growth that a resort town could offer.

health and leisure replacing the mediations that were necessary for the changes.

Keywords: Caldas Novas, urbanism, media, health, leisure, education and work.

Resumen

Esta investigación analiza el proyecto que tenía como objetivo transformar la ciudad de Caldas Novas, en una estancia hidrotermal. Los procesos de construcciones simbólicas y concretas desde dentro de un proyecto para el uso de las aguas termales de la ciudad. Los procesos involucrados en este proyecto, los cambios en la urbanización de la ciudad, la influencia del tiempo y sanitarista 1920 moralizantes. Las dificultades encontradas por los líderes locales - las aguas coroneles -. ¿Cuáles fueron las dificultades en el uso de la educación como parte de la transformación, ¿cómo los logros de la Ciudad acerca de las primeras décadas del siglo XX y, en particular, la transformación de la ciudad, centrándose en borrar su memoria histórica, manteniendo el mito de agua caliente como fuente de salud y juventud. Las relaciones con el estado y las perspectivas de crecimiento económico que una ciudad turística puede ofrecer.

La salud y el ocio reemplazar las mediaciones que eran necesarias para los cambios.

Palabras clave: Caldas Novas, el urbanismo, los medios de comunicación, la salud, el ocio, la educación y el trabajo.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa histórica trabalha com a memória urbana de Caldas Novas buscando entender as mudanças acontecidas que houve ali. O período estudado vai do final da década de 1910, quando a cidade foi emancipada politicamente até o final dos anos de 1950. Para tanto, utiliza-se de fontes iconográficas e impressas.

Impossível conhecer totalmente uma cidade, seus modos, sua cultura, seus habitantes acabam metamorfoseando-se, seguindo novos padrões e tendências. Não foi diferente com a cidade de Caldas Novas, uma pequena cidade encravada no sudoeste goiano, mas que possuía um rio e uma lagoa de águas termais.

Como qualquer cidade interiorana, Caldas Novas encontrava-se em uma lentidão própria dos sertões no final do século XIX; o tempo escorria lento pelos campos e frestas dos telhados e o homem não tinha a urgência urbana de um mundo modernizado.

Buscando compreender a estruturação da cidade, as mudanças entre o rural e o urbano, deparei com uma série de jornais. Primeiramente encontrei um acervo na casa de Oscar Santos, um memorialista, homem culto que participou ativamente da vida da cidade, tendo sido prefeito duas vezes, nesse acervo entre cartas, fotos, traças, comunicados oficiais, repousava silenciosamente um jornal que denominaram de “O Kró”, seu significado? O próprio Oscar Santos dizia que o nome era uma brincadeira, uma galhofa.

Esses poucos números desse “gargantivo” o primeiro e por muitos anos, ou seja, até o início dos anos de 1990 o único jornal da cidade. Seria possível entender através de suas linhas qual era o projeto revelador para a cidade, se é que esse projeto existiu. O Kró nasceu em formato de jornal no dia 14 de julho de 1934, e circulou até 1939 com aproximadamente 100 edições (ELIAS. 1994). Trazia em sua primeira página o nome do jornal, os valores da anuidade e da semestralidade, mas, não informava a quantidade de exemplares que eram rodados. O seu segundo número somente apareceu no dia 01 de agosto do mesmo ano, o que lhe dava uma periodização quinzenal. O tempo havia preservado apenas onze números, esparsos, mas neles se podia ler um pouco do espaço local, de como as lideranças locais viam sua cidade e como eram vistos por ela, visão esta cheia de lacunas que deveriam ser preenchidas, os principais editores do jornal eram Oscar Santos e Celso de Godoy.

Na prefeitura, jogados em uma pequena sala, um verdadeiro tesouro esperava que alguém pudesse resgatá-lo, eram os livros de atas, de leis que os políticos locais haviam utilizado desde 1911, quando conseguiram a emancipação da vila de Caldas Novas.

Os livros com as primeiras leis e das primeiras nomeações da recém-emancipada Caldas Novas, ali estavam. Agora já esse novo conjunto de fontes abriam o leque histórico da cidade, poderíamos fazer e buscar entender todo o processo de emancipação e como se deu ou como nasceu o projeto de uma cidade focada na saúde e no lazer. As próprias fontes acabam por delimitar o corpus da pesquisa; tínhamos em mãos um material que datava de 1911 a 1944 e outros poucos de datavam de 1970 a 1980, dois momentos distintos, mas que mantinham um entrecruzamento de duas importantes categorias; a categoria Trabalho e a categoria Educação. Nos primeiros momentos, entender a segunda categoria era entender sua amplitude, educação como processos de união, junção social, o conjunto agindo sobre o indivíduo.

O principal discurso que atravessou a trajetória de “O Kró” foi o que dava propaganda e tentava disseminar as propriedades curativas das água termais, o restante era assuntos do cotidiano dos líderes locais e seus companheiros; as outras notícias eram retiradas de revistas ou dos jornais que ali chegavam, como o jornal Araguari, cidade do triângulo mineiro, distante 136 km de Caldas, ou ainda Ypameri que começou a circular em 1916 e tinha como redator Josino Guimaraes; o “O Povir” com a direção de Aureliano do Carmo, que teve suas atividades em 1918, o jornal O Bigorna com a gerência de Marco e Tropo e um jornal intitulado O Ensino, que embora tivesse uma vida curta, tratou especialmente da cultura, da educação e da saúde.

Demonstram tanto os vizinhos com os políticos locais de Caldas Novas as mesmas inquietações trazidas no início do século XX, uma preocupação com a saúde, a higienização, a educação e no caso de Caldas Novas um lazer focado inicialmente na saúde.

A pesquisa obrigatoriamente levou a alguns questionamentos que norteiam este trabalho: A formação de um novo projeto para cidade de Caldas Novas - GO era pautado na busca do lazer? A educação era vista como uma categoria necessária para as mudanças do novo projeto? O trabalho e os tipos de trabalho serviam-se da educação? E qual era o tipo de educação oferecida?

A intenção principal era reorganizar o espaço urbano da cidade, alterando seu perfil agropastoril para um novo perfil, focado na saúde e no lazer. Isso é que a pesquisa nos livros de atos e leis demonstrava, mas seus líderes tinham esse projeto de forma clara e bem definida entre eles?

Aproximar uma pequena cidade interiorana, tentar igualá-la aos moldes das grandes “Urbs” brasileiras como o Rio de Janeiro, São Paulo, em menor escala poderia servir como modelo as cidades de Uberaba e Araguari. Essa última, a cidade de Araguari era a cidade escolhida para os abastados da cidade de Caldas Novas encaminharem seus filhos para obterem os estudos secundários.

Essa pesquisa busca compreender e debater as formas como se estruturavam esses elementos. O processo identitário que os líderes locais, gostariam que a cidade tivesse; apagar as estruturas agrárias e redesenhar a cidade com um traço de modernidade. Este projeto proporcionaria uma saída econômica para a região.

As águas radioativas serviriam de ferramenta, se bem utilizadas para o ingresso da cidade no rol de cidade “civilizada”.

Os anos de 1911 a 1940 foram marcantes para o mundo; duas grandes guerras, a 1ª Grande Guerra de 1914 a 1918 e a 2ª Grande Guerra de 1939 a 1945, mudanças significativas na maneira de ver o mundo, foram impulsionadas por estes acontecimentos. Essas mudanças segundo M. Bergman (1996) é a terceira etapa do processo de modernidade que teve início com o pensamento racional de Descartes. O século XX, com a expansão do processo de modernização que chega a abarcar virtualmente todo o mundo. Esse “compartilhar” de experiência, vivência e sentimentos comuns chega aqui a seu ápice em termos de extensão do movimento da modernidade. A reestruturação dos projetos das cidades, as mudanças nas relações de trabalho e de produção, ganham força, o moderno e continuamente buscado, implementado e vivido, Caldas Novas, no projeto de suas lideranças não poderia ficar à margem. A ciência ocupou em espaço de destaque, esses saberes científicos reforçam a crença do homem em si, gerando com isso o fortalecimento da nação e de sua soberania. Goiás continuou o mesmo, a falta de acesso às comunicações, a falta de infraestrutura mantinha o estado atrelado às velhas oligarquias políticas, Caiados, Bulhões, os Fleury e a família Xavier de Almeida.

São essas reestruturações que criam as condições básicas para que as novas estruturas sociais se formem, dando um novo corpo à cidade, talhando a identidade necessária da sociedade local. Para que possamos compreender esta zona fronteira das relações, faz-se necessário uma separação dos processos que, embora pareçam distintos, são forças que se complementam e se repelem. Assim, a organização, a coordenação e o controle das múltiplas atividades e a promulgação e administração das normas sociais são definições históricas em um processo temporal de releitura de si no outro.

As relações de trabalho sempre estiveram presentes em toda a trajetória humana, mas nem sempre de forma pacífica, pois a própria origem da palavra trabalho sugere uma relação penosa e sofrida. Suas estruturas são impostas, os processos de mediação formaram-se somente em relação aos novos confrontos impostos a essa nova categoria social, o operário, seja ele da indústria ou dos hotéis. Com ou sem chaminés, mediar significa aceitar o novo e a ele se moldar, novas leis, novos valores morais e éticos, novos desejos, novos objetivos serão moldados.

Dessas relações tensas, nasce uma infinidade de novas possibilidades. Dentre essas temos alguns modelos que são cópias dos modelos básicos que se desenvolveram durante os anos iniciais do século XX, e, na medida em que foram sendo implantados, receberam ou sofreram mutações. Essas mutações surgem das necessidades básicas que são necessárias para que esses modelos sejam absorvidos pelo Interior. Essas mutações geraram uma linha tênue entre as ideologias e as práticas e deram forma à identidade local tanto no aspecto humano, influenciando inclusive nas alterações dos tipos humanos locais, bem como na forma econômica, organizando o processo econômico, preparando as estruturas de lazer para um novo impulso nacional.

Atendiam, assim, ao chamado nacional do Estado Novo, desbravando o Interior. Acorados nos na educação e imprensa, o lazer e o trabalho escreve um capítulo à parte na história, e na cidade de Caldas Novas o processo não deixaria de se realizar, ainda que esse processo viesse de forma gradual, exigindo uma transformação-construção, adaptando-se às novas dinâmicas exigidas pela modernidade e remodelando suas necessidades locais.

Acorados em momentos, o primeiro tendo sido gerado na esteira das mudanças geradas na década de 1920, que tratavam de maneira diferenciada categorias de higienização, educação e as novas relações de trabalho que se constituíam em um novo

processo, o segundo momento ocorre durante a ditadura Vargas e o seu Estado Novo. Com isso, a cidade foi fazendo recortes, construindo peças para montar e formar seu novo quebra-cabeça social. Dentro desta perspectiva, formar-se-ia um potencial para o turismo, apoiando-se no discurso do poder curativo das águas locais, águas “rádio-ativas” no dizer do noticioso *O Kró*. O objetivo era atrair um público novo, um novo parceiro-consumidor para a região das Águas Quentes: os novos ricos, as novas camadas sociais, servidores públicos, pois uma nova estrutura social estava se formando no país do início do século XX.

Essa investigação tem como objetivo primário demonstrar as relações constituídas por um conjunto significativo dos objetos: educação, saúde e lazer. Essa tríade constituiria os elementos de abrangência de alargamento das fronteiras do Interior goiano.

Nem todos os projetos saíram do papel; nem todos obtiveram resultados; muitos sofreram as amargas críticas da população, enfim, o processo determinado pelas forças econômicas que assolam e não respeitam os sonhos cobra, antes, retorno financeiro, alinhadas com o que se convencionou chamar de “Ponto de vista Robinson Crusoe”, no qual o centro das motivações é o indivíduo¹. Os projetos sociais constroem-se e se alteram com a mesma rapidez que desaparecem do cenário. O encontro das características identitárias da nação tinha ressonância local. Nessa esteira de acontecimentos, veremos surgir novos referenciais locais, marcos humanos, estruturas econômicas.

Em 14 de julho de 1934 a cidade ganha seu primeiro “jornal”, embora não tivesse nem o tamanho, nem a tiragem dos jornais das cidades vizinhas, especialmente Ipameri e Araguari. O pequeno jornal que se intitulava “O Kró”, nascia da necessidade da cobrança de apoio financeiro por parte do Estado para o projeto sanitário da cidade, vestia-se com as roupas da galhofagem, a sátira pitoresca e as informações do mundo social da cidade. Pode-se observar no jornal local *O Kró* as tentativas das mudanças estruturais que a cidade exigia e com essas mudanças a busca de um novo público.

¹ Em Ciência e Política – Duas vocações, Weber define as questões do seu método funcionalista que muitos chamam de método de Robinson Crusoe.

Inconscientemente, valores externos são agregados às políticas interioranas. A perseguida modernidade acaba entrando no interior com novas roupagens, são as teias das fronteiras de um mundo globalizado que se fiam e esperam no interior de Goiás uma pequena e frágil oportunidade para se fortalecerem. O interior goiano tem características próprias, em especial Caldas Novas.

É preciso analisar com bastante cuidado as representações que se formaram. Cada um dos elementos necessários para a realização e o acontecimento da cidade balneário constrói-se de maneira rizomática cabendo ao pesquisador perceber como se imbricam, desatar os seus nós e remontar o quebra-cabeça por eles elaborados.

As novas relações exigem um esforço: entender a necessidade de um projeto focado nas propriedades das águas da cidade. São necessários balneários, hotéis e um comércio, focado nesse novo consumidor, exigindo um novo conjunto de trabalho: artífices, pedreiros, engenheiros, médicos, guias de turismo e atendentes qualificados. Além disso, é preciso uma revalorização da cultura, novas políticas públicas, um modelo não poluente de economia, enfim, uma visão revista das sociedades modernas, um chamariz para uma classe portadora de recursos. Disponibilizando oportunidades para o gasto do acúmulo do capital, desenvolve-se a economia e a sociedade local.

A cidade busca um remodelamento urbanístico e cultural, uma identidade formada através da saúde e das águas. Um hibridismo com um forte apelo de regionalização. A cidade buscava renovar-se: tipografias, lojas, cinema, algumas tecnologias e, principalmente, a “água quente” deveriam ser o necessário para dar uma nova identidade local, uma identidade talhada no que intendiam por moderno. Buscava construir uma cidade Balneário, uma cidade focada nas águas radioativas.

A cidade “constrói” seus heróis, cria um culto aos seus governantes, elabora suas imagens e a elas dão publicidade. São praças, são ruas visando perpetuar a história dos seus líderes.

Darcy Ribeiro, no seu livro *O Povo Brasileiro*, aproxima-se desta realidade pesquisada:

A industrialização e a urbanização são processos complementares que costumam marchar associados uma ao outro. A industrialização oferecendo empregos urbanos à população rural; esta entrando em êxodo na busca dessas oportunidades de vida.

Mas não é bem assim. Geralmente, fatores externos afetam os dois processos, impedindo que se lhes dê uma interpretação linear (RIBEIRO, 2006, p. 181).

A relevância do projeto reside exatamente na interpretação não linear do processo de produção desta vocação idealizada para a região, oportunizando novas pesquisas e ampliando o campo de ação dos pesquisadores da história e da historiografia. O projeto é pioneiro na análise do processo de estruturação social da cidade focado na educação, no trabalho e na imprensa, retirando os mantos que obscureciam o entendimento da história local como um todo, oportunizando uma leitura sócio-educacional de amplo espectro.

A modernidade foi o elemento responsável por todas essas mudanças; ela, a modernidade, é ainda um processo inacabado como bem demonstra Marx (1999) em sua frase clássica “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, encontrada no *Manifesto Comunista*, e popularizada no livro de Marshall Berman (1982) que leva o mesmo nome. Ela reforça a importância do entendimento entre todos os setores sociais, as pedagogias, acabam sendo frutos destas novas relações e a educação como sempre utilizada como veículo dicotômico, ora utilizada como fator de alienação, ora mudando o discurso, e servindo como libertadora, quando existe a necessidade de mudanças, a grande panacéia.

As instituições de ensino conferem identidade e autorizam ao poder suas ambições, formando um vasto “exército” apto às novas batalhas que serão travadas no campo econômico-social. Não há como dissociar o mundo do trabalho do mundo da educação. A Educação pode ocorrer isoladamente, sem a presença contínua do trabalho, mas o primeiro necessita seguramente da educação. Essa relação forma uma dependência inequívoca e, por isso mesmo, de importância fundamental a ser analisada.

Necessário se faz uma redefinição dos espaços, das relações, das fronteiras do trabalho e da educação, principalmente a educação, pois é sempre ela, chamada para preparar a população para as novas alterações a serem implantadas. A nova realidade não se desenha sem o profundo apoio da estrutura educacional, moldando o indivíduo para as novas necessidades, ampliando as questões do saber e das práticas. Só assim o trabalho pode produzir suas ações de maneira concreta e direta, uma parceria da qual não se pode desistir. Trata-se de desnudar outras experiências e outras visões que, também não deverão servir simplesmente para compartimentar a história, mas, sim, acrescentar outros elementos

à sua compreensão. A educação torna-se tema geral, pedra angular das novas relações a serem estruturadas. Fundamental nas relações de socialização.

A necessidade das mudanças pode ser encontrada nos livros de atas referentes aos primeiros períodos de estruturação das políticas locais. Encontram-se detalhadas todas as possibilidades de comércio e dos novos modelos a serem seguidos pela sociedade local.

Ensinar não só o trabalho, mas também as atividades ligadas ao tempo livre, aos cuidados e às atenções, entendidos como não-trabalho. A educação para o trabalho e para o lazer já era debatida trezentos anos antes de Cristo nas palavras de Aristóteles, citado por Nosella: “muitos estados se desagregam após a conquista do seu império; da mesma forma que o ferro em desuso, perdem eles a têmpera em tempo de paz. O culpado é o legislador, por não havê-los educado para usufruir o lazer” (1999, p. 140).

Com o levantamento historiográfico sobre as novas relações que se formam em Caldas Novas e região, buscaremos demonstrar como as crises que vieram nas esteiras das mudanças anteriormente citadas, alteram a formação local, fundamentando a necessidade de uma nova estrutura econômica; a cidade deveria ser talhada para a saúde e o lazer, e como esse novo processo de trabalho alterou as representações sociais dos moradores locais, com seus líderes e visitantes.

Na história local, encontramos três tipos de mudanças: as descobertas das fontes energéticas, as novas divisões sociais impostas por estas descobertas e uma nova organização do poder. Essas novas fontes alteram a estrutura local? Se alteram, como o fazem? Quais os novos paradigmas criados?

A pesquisa busca identificar o grande projeto produzido pela cidade no início do século XX, ou seja, o projeto das águas, o projeto de cidade balneário, impulsionadas por aqui que se convencionou chamar de modernidade, dando forma a um novo processo de reestruturação econômica, que para acontecer teve que alterar todas as estruturas locais: a cultura, a educação, as informações, as tecnologias. A Educação serviu como elemento de coerção social e de libertação social, dualismo contido na categoria, serviu de instrumento de manipulação para as elites, sendo utilizada em toda sua potência, buscando impulsionar o ideário político dos líderes locais.

Essas necessidades eram coordenadas pela estruturação e expansão da local de Caldas Novas – a saúde e o lazer – vista como fonte de trabalho e crescimento. É preciso formular as respostas necessárias num mundo cada vez mais em movimento.

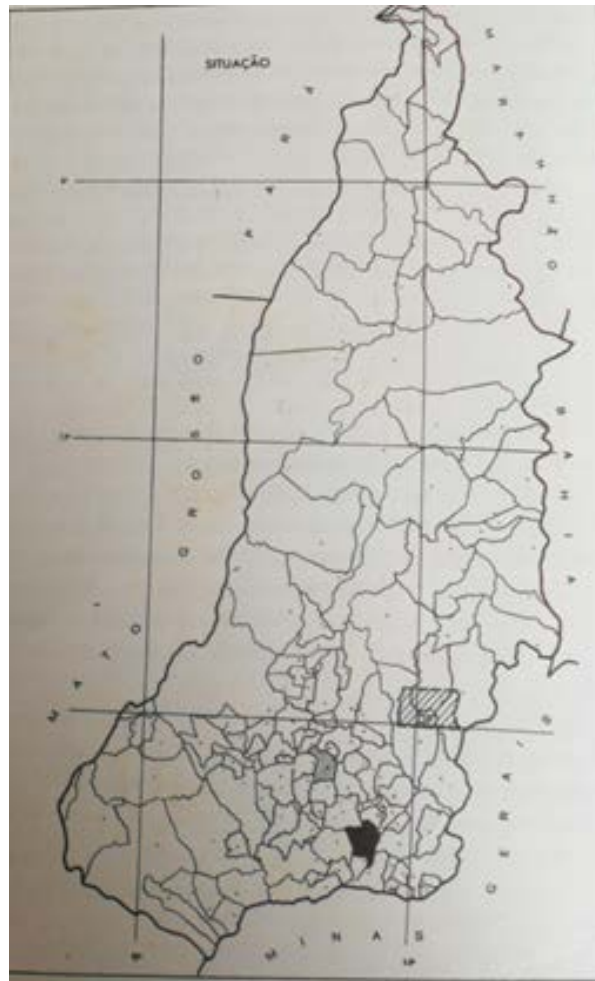
A tese está constituída de cinco capítulos: nos dois primeiro, apresento a cidade, sua estruturação o projeto de cidade balneário em seu nascedouro, desta maneira visto colocar o leitor a par das similaridades da cidade, seus líderes e seus projetos. No terceiro capítulo, o detalhe é para a educação e os seus processos, a cidade, suas escolas e as influências sofridas. Nos capítulos quatro e quinto trabalho com a estruturação econômica da cidade e a mudança de foco da saúde para o lazer pelo lazer. O conjunto objetiva demonstrar todo o processo histórico social da cidade, as tentativas de mudanças, apresentando ao leitor um quadro próximo ao que se pode chamar de real do período em que se propôs grandes alterações para a cidade, e a busca de tornar a cidade um balneário conhecido.

Capítulo I – O despertar

Nos idos anos de 1911, uma pequena vila encravada no sudoeste goiano, busca quebrar os grilhões dos grandes Coronéis do Estado de Goiás; era a vila de Caldas Novas. Caldas foi descoberta por Bartolomeu Bueno da Silva, em 1722 o qual, buscando ouro pelos sertões goiano, encontrou um rio de água quente. Mesmo antes desta descoberta, já constam registros na Espanha sobre as águas medicinais dessa região, os documentos datados de 1545 foram publicados pelo Dr. Pires de Almeida nos livros de sua autoria: Lambari e Cambuquira.

Dando continuidade a esta história, Martinho Coelho de Sirqueira requereu a sesmária em que se localizava a área que hoje tornou-se Caldas Novas, foi ele, Martinho Coelho, quem descobriu as fontes termais que hoje se encontram no centro da cidade logo abaixo do clube CTC, e foi o local que funcionou por muitos anos o balneário Municipal. A terra passa de pai para filho por herança até que, em 1850, Luiz Gonzaga de Menezes, insatisfeito com a localização da sede de sua fazenda que ficava muito próxima a um povoado, denominado Quilombo, pois seus moradores viviam praticando pequenos furtos, depois de procurar novos lugares decidiu-se pela Fazenda Caldas, onde existiam fonte de águas quentes e hoje é o centro da cidade, neste mesmo ano constrói a Igreja Matriz, que até hoje existe na cidade e que teve inicialmente como padroeira Nossa Senhora do Desterro.

A “sua localização geográfica é a seguinte: 17° 44’ 32” de latitude sul e 48° 37’ e 33” de longitude Oeste, situada no sopé da serra de Caldas, de quem herdou o nome. Confronta com os seguinte municípios: ao norte: Piracanjuba e Pires do Rio, ao sul com Marzagão e Buriti Alegre, a leste com Ipameri e ao oeste e sudoeste Morrinhos. A cidade ocupa uma área de 2000 Km².



(O pequeno mapa demonstra a localização de Caldas Novas, a marcação em preto, com relação às cidades vizinhas.)

1908 esse foi o marco, um grupo de homens obstinados, que procuravam melhorias para sua cidade, iniciou um projeto para a vila de Caldas. O grupo era formado por Bento de Godoy, Orcalino Santos, Victor de Ozêda Alla, João Batista da Cunha, Joaquim Rodrigues da Cunha, Pedro Branco de Souza, José Theophilo de Godoy (Juca de Godoy) e Orlando Rodrigues da Cunha. Esse grupo requereu ao Conselho Municipal de Morrinhos, pois até 1911 a vila ou arraial de Caldas pertencia ao município de Morrinhos, a elevação para município, e, consequentemente a sua emancipação política.

O cenário nacional apresentava uma série de mudanças, Em Goiás e principalmente no interior goiano mudanças eram pretendidas há muito tempo. O advento da República (15/11/1889) não alterou os problemas socioeconômicos,

enfrentados pela população goiana. A carência de estradas, a falta de meios de comunicação, a ausência de centros urbanos capazes de oportunizar desenvolvimento social e cultural e uma economia de subsistência faziam com que as elites dominantes se eternizassem no poder. As vozes das populações menos favorecidas eram sufocadas com a brutalidade e mandonismos. As mudanças advindas foram apenas administrativas e políticas.

A primeira fase da República em Goiás, até 1930, foi marcada pela disputa das elites oligárquicas goianas pelo poder político: Os Bulhões, os Fleury, e os Jardim Caiado. Até o ano de 1912, prevaleceu na política goiana a elite oligárquica dos Bulhões, liderada por José Leopoldo de Bulhões, e, a partir desta data até 1930, a elite oligárquica dominante passa a ser dos Jardim Caiado, liderada por Antônio Ramos Caiado. Foi durante esse período dos Caiado, que Caldas Novas, tentou idealizar seu projeto de cidade focada na saúde e no lazer.

O momento nacional exigia novas mudanças, melhores condições de higiene, erradicação das doenças, e especialmente desenvolvimento das cidades. No Rio de Janeiro havia ocorrido a Revolta da Vacina (1904). O governo implantava uma “humana-lei”, visando conter os focos de febre amarela e varíola. O ponto fundamental da revolta era a maneira como acontecia a aplicação das vacinas, a maneira truculenta e antisséptica que os funcionários do governo utilizavam. (SEVCENKO, 1994)

No Goiás, as oligarquias agrárias não mudavam em nada a situação do estado, embora estivesse acontecendo uma forte luta entre os grupos políticos oligárquicos; a maior parte da luta dizia respeito ao controle político do estado de Goiás, uma pequena minoria é quem busca melhorias e crescimento. Esse foi o momento da emancipação da cidade de Caldas Novas. Com a fama das águas quentes, os líderes políticos de Caldas podiam ousar colocar em prática o seu projeto de cidade Balneário. Adaptar a cidade aos tempos modernos, no caso de Caldas Novas, era a formação focada na saúde e no lazer.

No final dos anos de 1910 e na década dos anos 30, o país se transformava e nascia aí o projeto por uma unidade nacional que iria tentar transformar o Brasil. Significativamente essa busca pela unidade nacional e do fortalecimento de

uma identidade nacional, queriam dar ao Brasil, um país agrário, uma nova modelagem. O discurso em prol de uma modernidade e da industrialização era propagado aos quatro ventos. Mas isso não aconteceu em um piscar de olhos; foi necessário um enorme esforço de criação tanto intelectual, quanto político e publicitário. Muita propaganda, muito papel e tinta foram gastos na formação desses novos rumos, e, para consolidar essas novas estruturas, alguns mitos foram criados, para dar a necessária sustentação. O interior goiano se torna um espaço de fronteira; Caldas Novas deveria tornar-se o eldorado das águas.

A transformação do agrário, buscando consolidar o potencial hidrotermal que possuía necessitava de um enorme projeto. Lideranças deveriam ter um pensamento uníssono, as brigas políticas não poderiam ter espaço; os líderes deveriam contagiar a cidade com o projeto. A cidade era agropastoril; caminho de boiadas e de pequenos mascates que buscavam os gêneros de primeiras necessidades em outros estados, especialmente em Minas Gerais e São Paulo, e vinham revender nesse cerrado esquecido. Mas isso não seria um empecilho para um grupo de homens com um pé no futuro, teciam as tramas para a criação de uma “Urbe” moderna. Assim, a estruturação dessa cidade ocorreu em três períodos distintos.

O primeiro momento ocorreu em 1857, através da resolução provincial n. 6, de 05 de outubro do mesmo ano. Essa resolução criou o distrito de Caldas Novas no município de Vila Bela do Paranaíba, atual cidade de Morrinhos. O segundo momento ocorreu em 1911, quando a lei Estadual n. 393 criou o município de Caldas Novas, emancipado politicamente de Morrinhos, ocorrendo sua instalação em 21 de outubro desse mesmo ano. Na verdade, a autonomia política de Caldas Novas foi conquistada no dia 5 de julho de 1911, mas somente no dia 21 de outubro é que foi instalada a Primeira Intendência, e desde então, comemora-se nesta data o aniversário de Caldas Novas. E por fim, o terceiro momento quando, em 1937, a edição da lei estadual n. 123 criou em 5 de junho do mesmo ano a comarca de Caldas Novas.



(O mapa acima demonstra a posição geográfica de Caldas Novas, na figura maior sua posição dentro do estado de Goiás, no quadro menor acima e a esquerda a posição do estado dentro do mapa do Brasil.)

A comarca de Caldas Novas (1937) nasceu sobre o signo do Estado Novo, suas censuras e controles, e os herdeiros dos políticos locais, buscavam afinar seus instrumentos para participar da orquestra *Estadonovista*, encampar para a cidade o populismo, a propaganda e o controle.

Essa segunda geração de líderes locais, buscam criar sintonia com o ritmo imposto pelo Estado Novo no país, e, com a política de Pedro Ludovico Teixeira, o fundador de Goiânia. Esses novos líderes idealizavam a conclusão do projeto de seus antecessores de uma maneira ainda maior, não queriam apenas a cidade balneário, mas queriam transformar Caldas Novas, no maior *balneário hidrotermal do Mundo*¹.

¹ Embora tivesse conotações megalomaniacas em 1937, o município de Caldas Novas - GO entra para o RankBrasil em 2008 por possuir a Maior estância hidrotermal do país e também do mundo. Isto significa que na cidade é possível encontrar o maior conjunto hoteleiro em um complexo balneário de águas termais. De acordo com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, estância é todo o município que contém fontes naturais de água dotadas de altas qualidades terapêuticas e em quantidades suficientes para atenderem aos fins a que se destinam. Em Caldas Novas podem ser encontrados mais de 80 poços em atividade, que bombeiam uma média de 1.200m³ de água por hora, com temperaturas entre 30°C a 57°C. Na alta temporada, a cidade chega a receber 500 mil turistas (fonte Min. Do Turismo e Governo do Estado de Goiás).

Em outro compasso, estava sendo orquestrada a criação do mito nacional, esse ancorado nas massas² que, de acordo com a definição de Ortega y Gasset (2002), não se trata de uma classe social, mas de um conjunto de pessoas não especialmente qualificadas, ou seja, de homens que não se diferenciam de outros homens e que repetem em si um tipo genérico. É, portanto, esse homem médio que não se incomoda em ser igual aos demais. É justamente essa falta de conhecimento que, conforme explica Francisco Campos (1940), oportuniza as condições para a implantação de um novo padrão de vida, no dizer de alguns, um modelo de vida moderna, que estruturaram um fenômeno no qual tudo se tornava típico, uniforme e coletivo.

Para sair desse marasmo, foi necessário um conjunto de práticas e ações que viriam alterar essas estruturas arcaicas e livrariam o Estado do falso liberalismo. Essas práticas são a junção do mito da doação e da presença de um Estado forte, autoritário e, no nosso caso, populista. Essas eram as bases ideológicas para a ditadura Vargas, a consolidação de uma ideologia para o trabalho e o imperativo para a salvação nacional, que alteraram, também pelos mesmos motivos, o destino dessa pequena estância hidrotermal, Caldas Novas.

O contraponto, estava na visibilidade e publicidade de algumas leis que foram conquistadas, elas serviam também ao Estado, que as utilizava para conter os movimentos sociais. Sem alternativas, Vargas, foi obrigado a instituir leis trabalhistas e previdenciárias, isso sem mencionar as leis anteriores a este período: lei de aposentadoria e pensões(1923), lei das férias(1925), lei do trabalho do menor(1926/27).

O mesmo processo aconteceu com a elite local de Caldas Novas. Ela também não doou nada a população caldense; ao contrário, conseguiram lucrar, embora o discurso se focasse em uma necessidade comum, fato que não correspondia à verdade dos habitantes locais.

Analisando os homens do poder, é possível extrair de todo o conjunto textual uma história vista por outro aspecto. Tomando-se como base o pensamento de E.

² Massa é “o homem médio”. Deste modo se converte o que era meramente quantidade – a multidão – numa determinação qualitativa: é a qualidade comum, é o mostrengo social, é o homem enquanto não se diferencia de outros homens, mas que repete em si um tipo genérico.

P. Thompson, e a História Vista de Baixo, deduzimos um conjunto de circularidades e percebemos as vozes roubadas que continuam ecoando, sempre em busca de seus atores, e, novamente, as elites buscam silenciá-las, criando condições ideológicas para a apropriação das mesmas. Dessas vozes, nasceram as estruturas primárias do que ficaremos conhecendo como “Modernidade Brasileira”, um conjunto revolucionário que unia a busca de uma identidade nacional, bem como a colocação do país em consonância com a necessidade de uma industrialização, ainda que de forma tardia. Portanto, era necessária a criação de um povo, de uma crença e as guias condutoras que melhor se ajustavam ao projeto era sem dúvida a educação, a saúde e o trabalho.

No interior de Goiás, isso não se daria de forma diferente. O primeiro grupo de líderes político local, a primeira e robusta geração de homens preocupados com o potencial das águas termais, projetou a possibilidade de mudança radical da cidade.

Muito embora não tenha enfrentado uma forte oposição, seja ela por parte dos moradores ou mesmo por parte de outro grupo oligárquico da cidade, um olhar atento no primeiro plano diretor por eles criado, pode-se perceber a forma como tentavam conter as velhas tradições da cidade, buscando ao mesmo tempo renovar e punir quem não se “alinhasse” ao novo projeto que iria mudar os destinos da cidade, saúde, lazer, mas isso exigira muito trabalho e educação. Em nada diferiam das outras oligarquias agrárias, lançavam mão dos mesmos ardis e se estabeleciam no poder local. No entanto, as astúcias e as microresistências nunca foram totalmente vencidas, formando um eterno labor para a manutenção dos ideários e contra as lutas populares que eclodiam em nossa nação. Na estância hidrotermal de Caldas Novas, as engrenagens do projeto de reestruturação local estavam sendo colocadas em movimento pelos seus líderes.

1. Os homens que fariam a diferença

Não se organiza uma sinfonia, sem que os músicos tenham sido escolhidos, estejam com seus instrumentos afinados, e que, principalmente, haja uma diversidade desses instrumentos. Caso contrário, ocorreria uma apresentação solo, um voo solitário,

o que não seria o adequado, afinal Vargas e seus seguidores deveriam deixar claro e exposto, suas doações, seu populismo e principalmente a necessidade de tê-lo como maestro político.

A convocação dos principais homens para o poder deu-se principalmente na Capital Federal (Rio de Janeiro) e nos estados das regiões Sul e Sudeste. Entretanto, o interior não poderia ficar longe dessa grande orquestração. Dessa forma, era necessário colocar uma variedade maior de homens e suas habilidades, assim, as regiões mais distantes poderiam, e deveriam contribuir para poderem em uníssono com o resto do país, dar condições ao projeto de controle de Vargas. Era necessário manter sob o controle aqueles a quem Paranhos (2007, p. 52), alcunhou de “Sancho Panças” e só um grande maestro e seus músicos devidamente afinados poderiam conduzir ao Paraíso esses “Sancho Panças” nacionais. Fazia-se indispensável conduzir essa massa desprovida do discernimento necessário ao bem comum.

Goiás já havia iniciado a sua preparação para as mudanças que estavam sendo sinalizadas. Alguns políticos goianos acenavam para um grupo de dissidentes da política nacional, formado por mineiros e gaúchos, em especial os mineiros pela quebra da hegemonia café-com-leite e por terem sido preteridos do poder. Os políticos de Goiás ansiavam por quebrar os fortes elos com as oligarquias tradicionais, grilhões aos quais estavam atados, os Bulhões e os Caiado em especial. Esses novos políticos queriam profundas modificações e a grande oportunidade deu-se durante a Revolução de 30, quando o então ativista e médico Pedro Ludovico estabeleceu um reduto em Rio Verde - GO, contra os velhos políticos estabelecidos no poder. Em constantes contatos com os revoltosos de Minas, Pedro Ludovico, preso em 24 de outubro de 1930 pelas forças caiadistas é libertado quando do anúncio da vitória da revolução, a partir daí segue se mantendo no governo pelo exato período em que Getúlio Vargas também se manteve, ou seja, de 1930 a 1945, e de 1951 a 1954.

No período de 1932 a 1942, quando definitivamente houve a mudança da capital, antiga Goiás Velho para Goiânia, o médico Pedro Ludovico ficou totalmente envolvido para que a cidade pudesse nascer no meio do planalto goiano. Embora as antigas oligarquias estivessem afastadas do poder, novas e intrincadas composições foram articuladas.

Portanto, é impossível inscrever Goiás no contexto do Estado Novo sem, primeiro, dar um destaque à Ludovico e à criação de Goiânia. A cidade nasceu como forma de consolidação entre o urbano e o rural, capaz de absorver os elementos já existentes e as dicotomias em trânsito: o velho e o novo, a oligarquia e a revolução, a agricultura e o comércio. Enfim, Goiânia seria também uma obra deste período de transição (CHAUL, 1988).

Com sua estrutura política espalhada pelo país, Getúlio, em 1943, organizou o último projeto: a Marcha para o Oeste, seu último instrumento faltante. Iniciado em 1943, o movimento adentrou o Brasil-Central. Era o derradeiro movimento da grande composição que se orquestrava, era o interior desvendado, eram os instrumentos de percussão introduzidos para dar um maior volume à orquestra, e os músicos que os conduziam eram os irmãos: Leonardo, Cláudio e Orlando Villas Bôas, que acabariam por serem destaques nessa parte da sinfonia.

Em parte deste período, Caldas Novas, mantinha através do jornal “O Kró” forte apelo para construções de rodovias e apoio do governo para transformar a pequena Caldas Nova em um balneário conhecido.

2. Afinando os instrumentos.

O mito da Doação fora habilmente trabalhado pelos principais homens fortes de Getúlio, Francisco Campos e Marcondes Filho. Esse último utilizava de maneira magistral o melhor meio de comunicação da época, o rádio. Eram verdadeiros shows radiofônicos, com o objetivo de dobrar as últimas das resistências e das astúcias praticadas pela população. Não se poupavam palavras ou tinta para a exaltação do mito Vargas e, conseqüentemente, as doações maravilhosas ofertadas por ele à população, em especial aos que se relacionavam ao trabalho. O povo brasileiro havia recebido de seu maestro melhores condições de trabalho, férias, salário mínimo, carteira de trabalho, descanso remunerado e, também, sem que a grande maioria percebesse, o fim do sindicalismo, pois esse foi colocado sob a tutela do Estado, através do Ministério do Trabalho e da Previdência. Em seu livro *Trabalhadores do Brasil*, Marcondes Filho

exaltava o mito de Vargas e o mito da doação dos direitos trabalhistas cobrando, de maneira enfática, a participação do povo nesse processo transformador e obreiro.

O povo deveria entender e defender as novas leis trabalhistas, deveria ser grato por elas, pois, segundo esses intelectuais, o Brasil era o único país do mundo no qual o trabalhador não precisou lutar por seus direitos. Como agradecimento, o povo deveria responder com a mansidão, a resignação e o trabalho. Essa seria a melhor forma de participação popular, uma lembrança do que seriam os homens-Bois³ de Taylor pois, é muito melhor ter leis que amparem o trabalhador, dando-lhes garantias, emprego e esperanças, que viver sob o manto apavorante do fantasma do desemprego e da exploração, a nota dissonante das grandes sinfonias nacionais.

Contudo, a questão que se coloca não é somente de ordem teórica. Terry Eagleton (2005) e Paranhos (2007) alertam para os efeitos políticos das ideologias que poderiam ser uma forma de luta no plano do pensamento e não se externalizando como ação concreta. Dessa forma, não podemos perder de vista a importância das microrresistências. Eram grupos de operários de todos os setores, metalurgia, comércio, música, rádio, enfim, as resistências não tinham nomes, mas tinham ações e, principalmente, tinham em mente que a legislação vigente e a situação econômica do país não eram um milagre de Vargas. Não era um presente de um líder que antecipava os desejos de uma nação, mas sim, efeito das lutas dos trabalhadores do pré 30 e do pós 30/40.

O mito da Doação foi, segundo Paranhos (2007), a maneira como o Estado varguista e as classes dominantes se apropriaram e (re-) significaram os projetos dos trabalhadores daquele período. Caldas Novas, com seus Coronéis das Águas Quentes (Souza, 2006), viam no Estado Novo um campo fecundo e não poderiam ficar longe dessa sinfonia. Deveriam fazer parte dessa grande orquestra comandada pelo maestro Getúlio D. Vargas. No sul de Goiás, Caldas Novas sempre fora comanda por

3 Taylor separava a concepção (cérebro, patrão) da execução (mãos, operário). Nega ao trabalhador qualquer manifestação criativa ou participativa. Na divisão de tarefas proposta por Taylor, sempre ficou claro a divisão entre o “pensar” e o “executar”, ao operariado cabia a execução, a intenção básica é sujeitar o trabalhador desqualificado ou pouco qualificado (designado pejorativamente no livro como um “homem-boi”) a uma sequência de atos imposta de métodos e tempos pelos gerentes e administradores. Assim, o homem-boi espelharia o operário, forte, trabalhador, manso, que não questiona as ordens de seus superiores, nem tem pretensões maiores do que as já possui. O ideal capitalista do operário.

esses novos coronéis, uma elite intelectual, resistente às velhas oligarquias e com ideias de construções futuristas. Embora, em um primeiro momento, estivessem atrelados aos Caiado, forte família de Coronéis Goianos, lutavam para poderem se emancipar e construir um império das águas. Em especial, Bento de Godoy vislumbrava essa possibilidade, não hesitando em investir seu próprio patrimônio nessa empreitada. A Revolução de 30, a presença e o controle político exercido por Pedro Ludovico permitiram a essa elite das águas quentes uma postura empreendedora, seguindo a convocação da ideologia para o trabalho, mas principalmente rompendo definitivamente os grilhões com os antigos coronéis.

Grande parte dos trabalhadores de Caldas Novas apoiava com bastante afinco as propostas de seus líderes. Assim, poderiam ter suas ações, sonhos e vontades surrupiados, ou, ao dizer de Paranhos (2007, p. 23), terem suas falas roubadas.

De fato, no discurso mítico do trabalhismo o *mito da doação* ocupou lugar central. Getúlio Vargas, o líder populista de maior prestígio que o Brasil já conheceu, teve sua trajetória política particularmente associada à “outorga” das leis “protetoras” do trabalho, ponto de honra na imagem popular que dele se projetou. O mito da doação se propagou com a maior intensidade, principalmente a partir do “Estado Novo”, e pela sua difusão se tentou fazer crer que a legislação social não passaria de uma dádiva caída dos céus getulistas sobre a cabeça dos trabalhadores brasileiros.

Mesmo em meio à grande massa de trabalhadores que tinha suas vozes surrupiadas pela ideologia do trabalho e por um Estado autocrático, as astúcias e resistências, por menores que fossem, estavam presentes. O trabalhador inventava mil maneiras de, silenciosamente, (re-) significar ordens impostas.

Mínimas, porém constantes, as práticas das microrresistências buscavam manter o ideário popular ativo, conservando sua altivez. Embora as fontes de governo e a radiodifusão divulgassem de maneira diferente, alguns grupos ainda tinham a consciência real dos fatos, e buscavam formas de demonstrar isso.

Goiás sempre manteve uma imprensa participativa, quase todas as suas pequenas cidades mantinham a divulgação de jornais informando sobre os acontecimentos da cidade e divulgando os projetos ou promessas das lideranças

políticas. *O Oeste* era uma revista mensal que circulava por todo o Estado de Goiás, infelizmente não é possível dizer qual era a sua tiragem, pois essa informação não era registrada na revista, ela tinha como função básica apregoar e enaltecer a ideologia do Estado Novo. Em um texto de Paulo Augusto de Figueiredo, publicado na revista de n. 8, na página 9, podemos deduzir a forte influência do Estado Nacional de Francisco Campos:

Lidando com ficções, a liberal democracia reduziu o mundo a uma simples categoria jurídica, a um mero produto da “razão”, “pondo” a vida em função de lei. E então? – Então o “homem armado de um mundo de direitos políticos; o homem que se julga soberano diante de uma urna eleitoral, sente-se desamparado um minuto depois, na fábrica quando vende o seu trabalho, em casa quando olha para a família, na sociedade quando compara as posições e privilégios. É um drama terrível esse do “cidadão soberano.



O primeiro número se define como “o veículo oficial do pensamento moço de Goiaz. Limita seu aparecimento a fase mais vitoriosa de Goiaz, dentro de aspectos absolutos.”

O povo deveria ser demovido completamente de qualquer tentativa de “pensar”, o controle deveria ser pleno e absoluto, e isso quase ocorreu totalmente em Goiás, em especial, nas pequenas cidades como Caldas Novas. A revista ainda continua demonstrando o ideário *estadonovista*:

Vê-se pelo exposto, que a democracia não é uma solução para os problemas das sociedades humanas. Frizo, todavia, que estou empregando o termo “democracia” como sinônimo de “liberal democracia”. Sou democrata; mas por isso mesmo não sou liberal. A distinção se impõe pois a confusão entre as duas cousas quasi foi fatal à democracia. (OESTE, 1947, p. 2)

Mas o Estado Novo era implacável em seu controle; nada poderia fugir de suas teias. A própria revista que o exaltava era alvo de sua censura, conforme indica o número 15, publicado em 1944, quando Pedro Ludovico mudou a direção da Revista para, nada menos que, um diretor, três censores e um gerente, e mesmo assim, ainda passou por uma intervenção federal.

Enfim, a orquestra tocava de maneira harmônica. Não havia nenhuma dissonância que não fosse abafada, não havia nenhuma nota fora do tom, ou melhor, era isso que a ditadura queria demonstrar.

3. Caldas Novas – Um Novo Começo

Os senhores do poder local pensam uma nova cidade. Caldas Novas não mais poderia se manter atrelada às tropas de bois e mascates, seria necessário toda uma nova estrutura, uma estrutura baseada no trabalho, na educação e principalmente para o lazer. Necessário se faz um pequeno esclarecimento sobre o nome Caldas Novas. As águas termais já eram conhecidas desde o século XVIII e sua descoberta é atribuída a Bartolomeu Bueno da Silva, que já em 1722, encontrou um córrego de águas quentes a sudoeste de onde se localiza hoje a cidade de Caldas Novas. Inicialmente foi feito um arraial dentro da fazenda da água quente, local onde se encontra instalada hoje a

Pousada do Rio Quente. Essa localidade era utilizada pelos doentes para banhos em poços naturais, pois, o rio que cortava a fazenda também era de água termal. Com a criação da vila de Caldas Novas, em 1777, por Martinho Coelho de Siqueira, que requereu junto a antiga presidência do Estado de Goyaz as sesmarias dessas paragens, principalmente devido a grande quantidade de ouro existente nas lavras locais, a vila de Caldas, local que depois de algum anos viria a se tornar a atual Caldas Novas, assim, nascia a Vila de Caldas como outras tantas vilas do ciclo do ouro.

A antiga povoação em Caldas Novas era do lado oposto da actual, na margem esquerda do ribeirão das Lavras, onde existem vestígios das casas que eram situadas ao longo do ribeirão. Muito mais tarde é que a villa actual foi fundada onde está, na margem direita do dito ribeirão e é por isso que se considera Domingos José Rabello como o fundador da actual villa de Caldas Novas por ter em 1850 dado o terreno para o patrimônio da Matriz. Havia outrora casas de grande comprimento ao longo do ribeirão e a exploração consistia em dar pensão aos enfermos que procuravam as águas. [...] o terreno por este (Domingos José Rabello) doado a Nossa Senhora do Desterro. Contam que o Conego José Olintho da Silva fez mudar o nome para Nossa Senhora das Dores de Caldas Novas o nome da padroeira porque o logar não progredia. (CORREA NETO, 1918, P.52)

O conhecimento sobre as águas termais e suas propriedades medicinais não é novo. Conforme narrado no livro do Dr. Orozimbo Correa Netto, os doentes dirigiam-se à região das águas quentes em busca de curas para seus males, visitando a região desde o século XIX, sendo que um deles, o Sr. Valeriano de Queiroz, que era portador de eczema generalizado e reumatismo, ficou curado com as águas, emprestando o seu nome a um antigo poço, onde os doentes frequentemente iam em busca de banhos curadores.

Quando Valeriano chegou a Caldas Novas, levado pelo instinto da conservação a procurar sua águas thermaes, havia 30 annos que se achava doente, acometido de um eczema generalizado e rheumatismo, sem um fio de cabelo na cabeça e no corpo coberto de escamas. Era uma figura horivelmente deformada. Havia cinco annos que estava de cama, impossibilitado de locomoção, condemnado por uma moléstia incoravel pelas drogas. Começou Valeriano a usar os banhos no banheiro ao ar livre, de construção antiga, próximo da casa de banhos. O povo deixou de frequentar este banheiro devido a moléstia do Valeriano, que se suppanha morphéa, e cognominou o banheiro de “poço do Valeriano”, denominação com que há de

passar as gerações vindouras como um atestado eloquente da cura pelas águas (CORREA NETO, 1918, p. 100).

Um conjunto de dados sobre as águas, o momento histórico nacional e, com isso, a emancipação da vila de Caldas, permitiram o desenvolvimento dos sonhos dos Coronéis das Águas. A ligação dos dirigentes locais, atrelados aos Coronéis de Morrinhos, dificultava toda e qualquer tentativa de consolidar uma cidade que pudesse se inscrever nos novos padrões exigidos pela nova sociedade brasileira. Era conveniente ao município de Santa Cruz manter distritos sob seus domínios, pois isso ampliava a arrecadação de impostos. Desta maneira, a cidade de Morrinhos foi anexada em 1871, com o nome de Vila Bela de Morrinhos ou, segundo outros documentos, Vila Bela de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos, com território desmembrado do município de Pouso Alto (Piracanjuba). A reinstalação do município ocorreu em 3 de fevereiro de 1872 e o Município passou a ser termo da Comarca de Santa Cruz - lei provincial nº.463, de 19 de julho de 1871. Mas logo em 1882, foi concedido foro de cidade à sede municipal, que passou a ser denominada Morrinhos, estendendo-se essa denominação ao município - lei provincial nº. 686, de 29 de agosto de 1882.

Durante muito tempo Morrinhos foi o centro político da região das águas tomando frente inclusive sobre Santa Cruz. Esse desenvolvimento deu-se em função dos homens que ali se estabeleceram, formando uma forte unidade política e, especialmente, desenvolvendo a pecuária e a agricultura. Tornando-se, dessa forma, o possuidor da economia e com a proximidade com o presidente do Estado, foi possível sua emancipação e controle político. Assim, Caldas Novas permanecia atrelada ao forte controle político imposto pelos Caiado e Bulhões.

4. CONSOLIDANDO A CIDADE

Em 1857 foi criado o Distrito de Caldas Novas com território desanexado do Distrito de Vila Bela – lei provincial nº 6, de 5 de outubro de 1857. Oitenta anos já haviam decorrido desde da doação para a igreja construir a vila de Caldas até a criação

efetiva do Distrito ligado ao município de Santa Cruz, embora atrelado ao forte controle político de Morrinhos. A região ainda vivia os resquícios da fase aurífera do país, e isso, no dizer de boa parte da historiografia goiana, um período de estagnação, pobreza e isolamento.

Isolado das regiões mais prósperas do país, sem meios de comunicação ferroviário e rodoviário, Goiás permaneceu até a primeira década do século XX num quase total isolamento. O gado, contudo, supera as condições de isolamento a que era submetida a população Goiana (CAMPOS, 2010, p. 104)⁴.

Necessárias são algumas considerações no tocante ao Sul goiano, parte que realmente nos interessa nessa análise. Embora grande parte da historiografia e dos historiadores atribua aos estados condições precárias, essa visão não deixa de ser uma visão estrangeira, pois a grande maioria dos viajantes que por essas paragens passaram vinham da Europa, assim, aliavam sua visão de modernidade ou de precariedade às condições de suas terras natais. Ou ainda, quando essas condições eram analisadas por historiadores brasileiros, muitos desses deixavam-se contaminar por esses conceitos de moderno e precário vindo de empréstimo. Na contra mão dessa visão e nos aliando com Chaul e Bertran⁵ que entendem que ocorreu um processo civilizatório e modernizador no Estado de Goiás e em algumas de suas cidades interioranas, pois, cada região teve características próprias, não deixando de crescer à sua maneira, mas crescendo. As supostas condições de falta de crescimentos econômicos e culturais só viam a luz dos reclames quando o aventureiro não conseguia suas conquistas financeiras pretendidas.

⁴ CAMPOS, Francisco Itami. *Questão Agrária: bases sociais da política goiana (1930-1964)*. 1985. Tese – USP, São Paulo, 1985.

⁵ Nasr Fayad Chaul em *Caminhos de Goiás – da construção da decadência aos limites da modernidade*. Ed. UFG. 2010 e Paulo Bertran, *a história da terra e do homem no planalto central: eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador*. Brasília: Solo, 1994. Já trazem o contra ponto a visão de falta de modernidade, de precariedade. Nesse contexto acrescentando os jornais goianos, em especial do sul goiano e do triângulo mineiro, que quando analisado demonstram a visão de crescimento e desenvolvimento do estado, vindo complementar a visão futurista de 1930 e o pós-30, a utopia reinante no país e no Estado.

O estado de Goiás ficou atrelado às noções de modernidade que não faziam parte nem da sua história, nem do país ao qual estava ligado. Os estrangeiros que aqui no centro-oeste aportam vinham em busca soluções prontas, queriam ver todo o dinamismo ou toda a cobiça que a industrialização e o capitalismo oportunizavam.

Essa modernidade dourada deveria ser nos padrões do que a velha Europa entendia como moderno. Estes aventureiros se esqueciam de atentar para as particularidades existentes, em especial as profundas diferenças entre o campo e a cidade, uma dicotomia entre o dono da terra e o camponês, entre o trabalhador e os donos da produção.

Os estrangeiros que aqui vinham, somente tinham os olhos ao novo processo capitalista, higienizador e oportunista, uma modernidade que corria por suas veias e pensamentos, assim, desconsideravam todo o processo histórico social local, e tentavam um enquadramento positivado do Grande Campo Goiano nos moldes da modernidade europeia, não restam dúvidas quanto ao resultado, só poderiam extrair disto o lado pessimista e negativista de suas visões míopes lhes apresentava. Quando não era possível impor suas vontades ou realizar seus sonhos de riquezas e consumo, claramente saíam, a difamar e apresentar as “falhas” do não crescimento econômico: preguiça, isolamento, despreparo, desinteresse, falta de estradas de acesso e ferrovias.

Mas as vilas e cidades não percebiam essas diferenças e discussões que os teóricos pregam; buscavam construir a sua própria cidade. tentando se adaptar ao novo processo, ao mesmo tempo em que busca suprir suas próprias necessidades, não no ritmo desejado pelos seus visitantes e alcos; a cidade voltada e totalmente centrada em uma infinidade de ambiguidades, suas direções estão sempre voltadas para um mundo dual, dinheiro, trocas, comércios, cultura, lazer, festa e prazer, formando assim um “tecido urbano”.

O Caso de Caldas Novas é atípico, pois essa cidade, encravada ao pé da Serra de Caldas, contava com um grupo de homens focado na modernidade das urbes externas, eram políticos, médicos, farmacêuticos e fazendeiros que visualizavam nessa pequena cidade um grande ideal, enquanto o Estado de Goiás era tratado com desprezo, eles já antecipavam o sonho de modernidade visualizada por Pedro Ludovico para o

estado. O Sul goiano estava próximo ao Triângulo Mineiro; poderia tentar seguir os passos de Catalão, que se fortificava na produção da pecuária, além de ser beneficiária da estrada de ferro de Goiás e da Mogiana, pois os trilhos foram instalados efetivamente no início do século XX⁶ embora os projetos datassem de antes de 1850. Mas o que parecia ser um avanço para a pecuária, ao contrário fez com que os líderes locais idealizassem um futuro diferente, um futuro focado na saúde e no lazer, nasce e começa a tomar forma o projeto de cidade das águas, um balneário. As condições do Estado de Goiás não eram das melhores; poucas estradas de ligação para os outros estados, falta de infraestrutura, sem economia forte e com um governo corrupto e separatista, faltava quase tudo, faltava autonomia política para dar continuidade ao sonho hídrico. O primeiro grande passo ocorre em 1911, quando em 05 de julho de 1911, a lei n. 393 elevou a categoria de Município o então distrito de Caldas Novas, essa lei foi mais uma da que resultaram da revolução de 1909, que foi a união dos coronéis de Morrinhos, Porto Nacional e da Cidade de Goiás, ou seja, Lopes de Moraes, Aires e Caiado respectivamente, todos os coronéis do estado mandaram seus jagunços para a capital com o fito de depor José Xavier de Almeida e colocar fim a hegemonia Xavierista⁷

⁶ Segundo Barsanufio Gomides Borges em seu livro – “ O despertar dos dormentes” a construção da estrada de ferro em Goiás não pode ser vista com uma única data, os primeiros registros e contratos datam do final do século XIX, já por volta de 1850 já se fala na ligação férrea do Rio de Janeiro com Goiás, mas foi somente entre os anos de 1909 a 1914 quando foram construídos 233.363 km de linha o que correspondia a primeira etapa de implantação da Estrada de Ferro em Goiás.

⁷ A Revolução de 1909, assim denominada, foi um período de instabilidade política, especialmente pela indicação dos senadores goianos a República, marcou a luta pelo poder do Estado entre os Bulhões, que tinham sido afastados do poder em 1904 por Xavier de Almeida e este último para se manter no poder. Para vencer a revolução os Bulhões se uniram aos Caiados e aos Jardins, dando início a uma forte hegemonia desses coronéis. O embate terminou de modo surpreendente, Coronéis de todo o Estado enviaram seus jagunços, soldados e “vassalos” para impedir o andamento da Revolução, ou seja, retirar o então presidente do estado do cargo, cerca de dois mil homens dirigiram-se para a Cidade de Goiás. Diante do tamanho numérico dos jagunços, os quase 800 soldados existentes em todo o Estado, não puderam fazer nada para manter Xavier Lopes de Moraes no poder, em seu lugar ficou Urbano Gouvêa, cunhado de Leopoldo Bulhões.

5. TALHANDO SEU PRÓPRIO DESTINO

Com a emancipação, também aumentam as responsabilidades dos novos donos do poder local e eles não queriam perder tempo; necessitavam transformar, reordenar os espaços públicos, deixar a cidade com ares de cidade moderna o objetivo era estruturar uma “urbe” com utilizando o potencial de suas águas, pronta para um século XX que não dava tempo, exigia determinação e investimentos. A intendência provisória que deveria oportunizar tal crescimento era composta pelo Cel. Bento de Godoy, seu presidente, Aristides Cicero de Oliveira, Modesto Pires do Oriente, Pedro Branco de Souza e Josino Ferreira Bretas. Esse grupo, coordenado pelo Bento de Godoy, não tinha tempo e nem poderia errar, assim inicialmente conforme se extrai do registro n. 06 do livro de atas e leis de 1911, define o dia 21 de outubro para oficializar a instalação do novo município de Caldas Novas, agora desmembrada de Morrinhos, define também o dia 16 de dezembro de 1911 para ter lugar a primeira eleição de Caldas Novas, quando seriam eleitos o intendente municipal, seu vice e os conselheiros municipais, o que equivale hoje aos vereadores locais.

Como não existia nada na antiga vila, fazia-se necessário também um código de posturas públicas, com os valores, a serem devidamente cobrados; para tanto foi copiado o de Morrinhos, mantendo-se até os valores dos impostos. A primeira lei de Caldas Novas cuidava da posse e dos poderes do intendente e do conselho era composta de 85 artigos. Sendo bem detalhada, buscava evitar fraudes, prazos para os projetos serem votados, quem poderia votar quem estaria impedido, mas principalmente em seu art. 68 previa a possibilidade das posturas públicas e das leis municipais, bem como o cuidado com a aprovação do último orçamento, bem como sua prestação de contas.

Criar melhores condições para a cidade, ao contrário da tradição de Morrinhos, Ipameri e Catalão que tinha como o forte de sua economia local a pecuária e a agricultura, Caldas Novas devido a sua proximidade com o Triângulo Mineiro via em suas fontes termais um potencial totalmente diferenciado de suas vizinhas; o plano inicial era priorizar a saúde e o lazer hídrico.

A primeira lei de condutas para o município era extremamente abrangente; ela de certa maneira contemplava todas as possibilidades da época, não mais seria permitido amarrar animais em praça pública, não se poderia dar de beber aos mesmos em chafarizes públicos ou outras fontes de águas. Existia uma forte preocupação com a água, e a manutenção da sua maior pureza possível, assim era proibida a lavagem de roupas em praça pública, bloquear, abrir torneiras, desviar os encanamentos, os famosos gatos, conforme a previsão do Art. 95 aos 97 da lei. A preocupação com a nova cidade que se ergueria com a emancipação era enorme, uma forte política de controle público com a nomeação de fiscais que tinham a obrigação de zelar, difundir e aplicar multas, eram proibidos cães, o art. 126 da lei n. 2 de 1911.

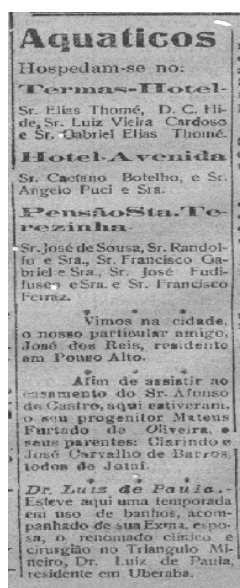
Art.126 – Todos os cães soltos nas ruas e praças das povoações que não estiverem açaimados serão mortos pelos fiscais. Também serão eliminados os cães que não tiverem o imposto animal pago por seus donos ou prepostos ainda que estejam de açaimo.(livro de leis, 1911, p. 32)

A segunda lei definia os limites do município, sua zona rural e o distrito de Marzagão que ficou fazendo parte de Caldas Novas; estabeleceu-se também no título II da lei n. 2 as Infrações e as penas possíveis eram a obrigação de fazer ou não fazer, advertência, multa e prisão. A leitura atenta da lei n. 02 demonstra que os homens do poder tinham conhecimento legal, utilizavam o código penal brasileiro vigente na época o Código Penal dos Estados Unidos do Brasil, Decreto 847, de 11 de outubro de 1890. Mas a recém-criada lei era ampla e completa, em seus 285 artigos, tratava da construção de prédios, alinhamentos das ruas, calçamento, prevendo inclusive reedificação para os imóveis que estivessem fora dos alinhamentos previsto no código de postura do município, obriga inclusive que as construções constantes do centro da cidade possuíssem telhas de barro, sendo proibido o uso de material combustível, tais como folhas de coqueiro e plástico, previa inclusive o “aformoseamento e asseio” das casas e praças. A preocupação com a estética e a saúde era enorme, sendo prevista multas e até prisão para quem deixasse animais mortos ou moribundos nas ruas, ou fixasse postes ou

mourões para prender os animais. Era a transformação gradual de todo um sistema antigo e precário que não iria atender ao chamamento utópico dos líderes locais. As transformações graduais que passa de um sistema rígido e fechado para um sistema em que os homens podiam pelo menos tentar dirigir a própria vida, tendo a oportunidade de conhecer e escolher diferentes formas de existência, essa mudança estaria ligada diretamente ao desenvolvimento do comércio, e no caso de Caldas o comércio da saúde e do lazer.

Essa mudança no espírito local oportunizaria a criação de uma vasta rede de negócios focados, para atender a nova cidade que se pretende construir, farmácias, hotéis e pousadas, balneários, banheiras públicas, clínicas particulares, cinemas, lanchonetes e restaurantes para atender uma futura demanda, afinal, a saúde era uma apelo irresistível, e se juntamente esse apelo salutar a cidade oferecesse um local bonito e lúdico o casamento estaria perfeito. A preocupação com esse novo modelo era enorme; com um olhar no futuro, já pensavam na canalização das águas, para sua distribuição, como isso, evitavam cisternas abertas ao ar livre, que poderiam ser poluídas por resíduos e outros objetos estranhos, definindo inclusive o custo para a entrega da água em cada residência, o modelo utilizado até hoje em todo país.

Visando o bem estar dos “aquáticos”, termo que foi posteriormente cunhado pelo noticioso “O Kró” para os visitantes de Caldas Novas que viam em busca de suas águas termais, ou em busca de curas ou por mero lazer e descanso.



(na chamada Aquáticos, o objetivo era demonstrar a importância das águas, alinhavam as visitas de personagens ilustres de outras cidades com a importância que a água termal tinha para a saúde.)

Mas não era somente com relação às águas; tanto as termas com a potável que a intendência local se preocupava; é bom que se registre que a água que era servida as residências locais e nos chafarizes públicos também eram termas, aproveitadas do ribeirão que corta a cidade, essa prática somente foi alterada durante o final dos anos de 1980. Os políticos locais tinham uma preocupação: edificar uma urbe moderna, focada na saúde, essa ideia de aproveitar as águas termas, já vinha de longa data em especial e foi reforçada especialmente com o Cel. Bento de Godoy, Orcalino Santos e Orozimbo Correa Netto; esse último veio residir com a finalidade de estudar as águas quentes e posterior divulgação das propriedades terapêuticas da mesma.

Hotéis e pousadas não sobreviveriam sem uma infraestrutura básica que pudesse oportunizar a criação e produção de gêneros de primeira necessidade e também, assim, definiram o Capítulo II da lei n. 2 de 1911 para o funcionamento das indústrias em geral, curioso notar que nesse capítulo eles previam a necessidade da educação, aos meninos até 16 anos que residissem na povoação e frequentassem as escolas, seja rural ou do município durante todos os dias da semana no horário das 10 horas da manhã às 15 horas, estariam isentos de qualquer trabalho, e se fossem pegos trabalhando o patrão seria multado em 30 contos que iria para o fundo de amparo das escolas.

A preocupação com a visibilidade da cidade era imensa, inaceitável qualquer modelo social que não estivesse dentro dos padrões que os líderes consideravam com moderno e eficaz. Em 1911 instituíam um serviço, nos mesmos moldes dos atuais Sistemas Nacionais de Emprego – SINE. Uma espécie de agência de empregos. Na realidade era um controle social intenso sobre a população, todo empregado deveria ter um registro, independente da profissão que fosse exercer, assim, caso ficasse sem emprego a Intendência (hoje prefeitura) procurava novas colocações no mercado de trabalho, para isso a Intendência mantinha também uma listagem dos desempregados, e suas profissões, o que oportunizava além do controle

socioeconômico, o controle político-social. A mão forte do poder exercendo um controle, ou pelo menos pretendendo um controle sobre toda a população.

A vadiagem era fortemente combatida, ficando o desocupado ou aquele que não tivesse sua matrícula na Intendência ameaçado de prisão por até oito dias, sobre o pretexto de vadiagem.

Necessário se fazia a higienização de toda a população, em especial dos que não possuíam “parada certa”, a liderança política da cidade viam nessas pessoas um risco ao projeto de “balneário saúde”, como seria possível receber “doentes ilustres” se a própria cidade não tratava dos seus males. A cidade deveria organizar todos os espaços; as pessoas menos afortunadas e desocupadas provocavam um desconforto cultural na elite local; portanto, deveriam ser “saneadas”.

Outra preocupação era com os indivíduos que tivessem praticado algum tipo de crime; a esses era proibido qualquer tipo de apoio, sendo vetada sua contratação, independente de suas qualificações, uma forma de forçar os infratores a mudarem da cidade, ao mesmo tempo que promoviam uma limpeza ética e moral, oportunizavam aos “homens de bem” possibilidade de sobrevivência.

Uma cidade asséptica, ordenada, social e economicamente, uma modelo de civilidade e modernidade, isso era o que os líderes desejam, uma cidade que pudesse encantar aquele que aqui viesse em busca ou de recuperar a sua saúde ou de descanso. A cidade deveria aparentar e oferecer conforto, higiene e segurança. O controle era tanto que as vendas diretas dos tropeiros, carreteiros ou mascates a população era proibida, estes deveriam antes se apresentar a Intendência e recolher o imposto referente à mercadoria a ser vendida, sob pena de multa e apreensão das mesmas. Era o município gerando renda, recolhendo impostos e controlando ou tentando controlar toda a economia. Uma guerra que continua no mercado até os dias atuais, ou seja, camelôs versus comerciantes; o mercado informal era combatido de maneira enérgica já no início do século XX, mudou apenas o nome de atravessador para camelô, mas a prática é a mesma, preços melhores sem o pagamento de impostos.

Mas a cidade também começa extremamente preocupada com outros elementos, comunicação, publicidade, transporte e principalmente a educação. Mas

ainda com referências à estruturação da cidade para sua metamorfose, de vilarejo para uma cidade moderna, a junta provisória de 1911, quando da emancipação política focou uma atenção especial à saúde e aos profissionais que dela vivem. O livro de leis e atas de 1911 em seu capítulo VI art. 201 tratam especificamente da saúde pública:

Art. 201 – É proibido ter nos quintais, area e pateos nas povoações deposito de lixo, águas estagnadas, matérias corruptas ou corrompíveis, multa de 20\$000 e limpeza imediata a sua custa.(livro de atas, 1911, p. 32)

A preocupação com a saúde era tamanha, que existia previsão legal, com multa e interdição, podendo aquele que descumprisse as normas ir para a prisão. A higienização servia como parte da educação dos habitantes locais, para que pudessem colaborar com a cidade para receber de maneira ideal os futuros visitantes, sejam por motivos de doenças ou por lazer. A cidade não poderia deixar as vistas suas mazelas, uma urbe deveria ser moderna. Retirar do campo de visão do “outro” sua chagas, mesmo porque o “feio”, o “imoral”, o “atípico” não pode ser visto por estranhos. Não se poderia construir fábricas de sabão dentro das povoações, pois o sabão da época utilizava sebo de animais mortos, o que os administradores entendiam ser práticas nocivas a saúde, tanto que quem fabricava, quanto de quem ficasse exposto a esses materiais. Na realidade, era uma transformação, uma mudança de campo para cidade, seria necessário retirar o ar campestre, mas mantendo-se o ar bucólico. Raymond Williams (2011, p. 11) já categorizava essa relação dicotômica,

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação.

É justamente essa perspectiva que foi incorporada pelos Coronéis das Águas ou políticos locais; coronéis porque faziam como seus homônimos fazendeiros; apropriaram-se das águas e controlavam todas as suas possibilidades, passavam a ser os idealizadores e o executores do processo para a construção de um balneário, era necessário despir todas as roupagens de atraso, falta de cultura e limitações, a cidade deveria ser um local de passagens, uma nova fronteira entre o moderno e o que existia de melhor no campo, ou seja, seu frescor, sua calma, mas tudo isso dentro do que há de mais moderno. Walter Benjamin em “A modernidade e os Modernos” criou um tipo de “Flâneur⁸” e é esse tipo que a elite de Caldas Novas quer incorporar, criar um local para que esses indivíduos possam observar um lugar de “passagem”, uma “urbe” capaz de conter em si todos os sinais necessários, o moderno e o bucólico, o saber e o prazer. Uma perspectiva que estava dentro do projeto de modernidade do país, ou melhor, de todo o mundo, aqui no sul goiano, esses intelectuais se vestiam, e incorporavam as ideias de um mundo exterior, em conflito, pulsação e crescimento, a “*Belle Époque do interior goiano*”. Caldas deveria se tornar uma cidade completa. Seus moradores deveriam ser políglotas, pelo menos os mais abastados, os que tinham condições de estudar fora nas grandes cidades como Uberaba ou Rio de Janeiro. Eles não estavam alheios a toda força destruidora que se formava na Europa, mas assim como Walter Benjamin que percebia as possíveis catástrofes que começavam a pairar pesadamente sobre os países europeus, essa “Confiança ilimitada” que os levariam ao caos.

Os coronéis deveriam conciliar essas forças antagônicas e destruidoras, domando sua fúria e destruição e colocando-as aos seus serviços, com urbanidade e polidez. E é justamente isso que podemos retirar das primeiras leis. Proibia-se toda lembrança campestre, pescarias com veneno, aproveitamento de animais mortos de causas naturais ou por outros bichos. Existia também um código de proteção ambiental, comparado as nossas leis atuais tão cobradas pelas ONGs, o art. 210 da lei n. 2 proibia:

⁸ A ideia de vagabundo é substituída por Benjamin, em seu lugar surge um profundo conhecedor da cidade, o observador que consegue perceber as mudanças mais sutis que ocorrem em seu espaço urbano, no dizer de Sergio Paulo Rouanet ele é o detetive da cidade, “detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado.. A cidade que habitam os homens ou são eles que moram nela. História material em Walter Benjamin “trabalho das passagens”. (REVISTA USP, São Paulo, n.15, 1992, p. 55)

Art. 210 – não é permitido matar urubus, cauam, êmas, siriemas, anús, pica-paús, andorinhas, bentevis, tamanduás, tatú canastra e qualquer pássaro ou animal insectivoso e inofensivo, multa de 10\$000 por cabeça. (livro de ata de 1911, p. 33.)

Buscavam conter a matança indiscriminada do gado, com leis duras, que controlavam, tanto a criação, como a condução e o abate, sendo os açougueiros locais obrigados a emitir notas com a quantidade de gado abatido, bem como manter o couro deste para futura conferencia com as notas por parte dos fiscais, previam também a criação de um matadouro público, para o controle do abate de toda espécie de animais, bovinos, suínos, caprinos e ovinos, tanto de particulares como público.

Dentro de uma visão sanitaria, todo servidor público era obrigado a tomar vacinas, uma tentativa de conter futuras endemias. Notória era a preocupação com a educação, os líderes locais, alinhavam-se com as determinações estadual e federal, exigindo que somente as pessoas portadoras de diplomas pudessem exercer tanto a medicina como a farmácia e a odontologia. Um destaque deve ser dado para os práticos, esses atendiam a população que na maioria das vezes deles se socorriam.

A quantidade de pessoas formadas no interior do Brasil e, no caso de Goiás era muito pequena, por isso os práticos tinham tanta penetração social; esses não foram esquecidos na legislação local, ao mesmo tempo em que alertavam para que prevenção da saúde fosse praticada por diplomados, mantiveram em suas leis a responsabilidade civil e penal para todos aqueles que praticam qualquer profissão ilegalmente.

Art. 225 § único – Os médicos e pharmaceuticos diplomados **ou não**, são responsáveis civil e criminalmente pelos erros que praticarem no exercício d’essas profissões. (livro de ata de 1911 p. 34)

Em que se pese a tentativa do poder em criar uma reserva de mercado, “os práticos” atendiam com um diferencial, focava no problema social do paciente, pois também faziam parte da mesma categoria econômica; assim, receitavam, unguentos,

chás e banhos com ervas e de assento. A quebra da reserva era feita silenciosamente, mas com astúcia.

Pensavam que normatizando a cidade, a modernidade estaria presente nela. Pois entendia por modernidade a ciência, a saúde a educação e o urbanismo. Com a base estruturada, restava agora ir ao encontro das realizações. Os anos de 1923 e 1924 foram significativos para as realizações, no comando o major Antonio Inocêncio de Oliveira; sob sua batuta deram-se estruturações importantes para a consolidação da grande estância hidrotermal que Caldas se propunha ser. A Intendência local mantinha um livro com farto registro de tudo o que acontecia e, através dele podemos extrair boa documentação sobre os mais variados assuntos: canalização das águas termais, em especial na praça da matriz, a preocupação com as vias terrestres, estradas, pontes e principalmente linhas de transportes feitas por empresas de ônibus. No registro de n. 252, o intente municipal faz uma longa descrição de suas atividades em frente à Prefeitura:

[...]Tive o prazer de ser durante o período de meu governo a inauguração de três linhas de automóveis que dão acesso a essa cidade. Uma que nos liga a actual sede de nosso termo Morrinhos empresa dos senhores Oтелo Teixeira e cidadão José Diniz a quem devemos esse grande melhoramento. Outra que parece infelizmente abandonada e que nos liga a cidade de Pouso Alto, na construção da qual o sr. Abidon Machado consumiu bastante energia. E finalmente a ultima que nos liga ao ponte de estrada de ferro, que é a de Ipameri a Caldas Novas, obra que devemos ao devotado trabalhador [...] o sr. Doutor Olegário Herculano da Silveira Pinto e a boa vontade a energia do homem que devota a terra em que seus filhos viram a luz[...].(REGISTROS, 1923, p. 5-6)

Uma das principais rotas de acesso para a estância de Caldas Novas era Ipameri, através dela se mantinha contato com a Estrada de Ferro de Goiás, que depois de Catalão chegava ao Triângulo Mineiro e conectava-se com a famosa Mogiana. Esse caminho era o que fazia o escoamento das produções locais de Ipameri, Pires do Rio, Morrinhos, Santa Cruz, Catalão e também de Caldas Novas. Essa segunda Ferrovia havia sido implantada no Triangulo Mineiro em 1896, saindo de Araguari e tinha como objetivo básico ligar o território goiano ao porto de Santos, projeto esse que não chegou a ser concluído segundo Barsanufо (1990, p.44). Mesmo assim, sua importância não

ficou reduzida, era através dessa via que os filhos dos homens “bons” de Caldas e região partiam em busca de suas “urbanidades” e voltam bacharéis, aptos a continuarem a luta dos pais pelo domínio e controle político da região.

O Cel. Bento de Godoy era o maior capitalista da cidade; foi através de seus investimentos que muitas alterações ocorreram na cidade. Teve a preocupação de criar casas municipais de misericórdia, código de postura e leis visando um crescimento uníssono da cidade. No processo transformador, visionava uma cidade que não faltassem os visitantes “aquáticos”, vindo para cura ou lazer e desta forma investindo e deixando recursos na cidade. A imagem que a cidade deveria ter era de uma local agradável, acessível, asséptico, tornou-o um vigilante atento destas questões. Os doentes recebiam atenção diferenciada, era fundamental separar os saudáveis dos enfermos. A cidade deveria ser um espaço salutar, para tanto utilizou o poder da igreja e a mobilizou a caridade pública para atender as pessoas carentes, separar e erradicar os portadores de males que as águas não pudessem curar.

E como não poderia deixar de ser, valorizavam as mudanças que o mundo moderno oferecia, abria o seio da cidade para uma vasta gama de possibilidades, sendo a principal delas, a utilização das águas e com ela ganhos milionários.

Ligar, unir e divulgar essa tríade deveria acontecer independente de qualquer outra ação, em 1917 Bento de Godoy investindo recursos próprios construiu a ponte S. Bento, sobre o rio Corumbá, ligando Caldas a Ipameri. Ao custo de quase 200 contos de reis, uma pequena fortuna para a época, uma quantia significativa, mesmo para o Estado de Goiás, não restam dúvidas que ao longo dos anos e com os acordos firmados, Bento de Godoy conseguiu recuperar os recursos investidos. O que é importante destacar é a importância da obra para o futuro cidade, a ligação com a Estrada de Ferro de Ipameri, servida pela Estrada de Ferro Goiás, possibilitava escoar a produção de grãos e de gado. Além disso a ponte reduzia a viagem em quase dois dias, e possibilitava a vinda de doentes e mesmo de pessoas saudáveis que estavam em busca das maravilhas das águas termais.



Primeira casa de banho de Caldas Novas, era explorada para viúva do Capitão Victor Alla. Destinava-se principalmente aos morféuticos e aos portadores de doenças de pele, que vinham em busca de sua cura.



O Kró – n. 74 de 21 janeiro de 1933 – Ponte São Bento, construída sobre o rio Corumbá e com recursos próprios de Bento de Godoy, o objetivo era ligar Caldas Novas a Ipameri, local de entrada e saída para as grandes capitais do país através da estrada de ferro que ali tinha sua estação.

A estrutura arquitetônica da ponte impressionava pelo seu modernismo, seguia os melhores padrões europeus de construções, com cabeamento em aço, madeiras nobres com passagens para automóveis, carros de boi e pedestres. A primeira grande obra abria espaços para os projetos da cidade de lazer, um acesso por rodovia que facilitaria em muito a entrada dos visitantes. O ano de 1917 foi um ano de grandes acontecimentos, além da 1ª Grande Guerra Mundial que se aproximava do seu fim, tivemos a Revolução Russa e simultaneamente no Brasil uma série de movimentos grevistas eclodiam, especialmente na cidade São Paulo, local que se concentrava a maioria das indústrias e principalmente o grande contingente de estrangeiros que aqui vieram buscar melhores condições de vida e com eles traziam fortemente arraigados a ideia de sindicatos e direitos trabalhistas, São Paulo literalmente parou. Tudo isso acabava influiu de maneira significativa nos projetos de uma Caldas Novas como cidade balneário .

Bento de Godoy, em um dos primeiros atos administrativos como intendente da cidade, escolheu Theophylo de Godoy, seu irmão, como secretário municipal, necessitava de uma pessoa de confiança e com conhecimento de mundo, nada melhor que seu próprio irmão.

Theophylo seguiu a tradição familiar, homem culto, embora não tivesse graduação concluída, falava francês e inglês fluentemente, foi, um homem empreendedor. Já em 1893 realizou uma viagem à Índia, trazendo de lá os primeiros espécimes de gado a raça Zebu para o Triângulo Mineiro e região do Sul de Goiás, entre elas Caldas Novas, toda sua viagem está narrada no livro DO BRASIL A ÍNDIA, editado em 1936, mas antes, já havia publicado as impressões retiradas dessa longa viagem no jornal O Araguari publicado na cidade com o mesmo nome, a história no jornal foi publicada em forma de narrativas semanais. Como se pode perceber não eram homens sem cultura ou vivência política, ao contrário, Caldas Novas estava servida de homens com forte influência do iluminismo francês e principalmente atento às crises e mazelas que iam ocorrendo no cenário político nacional e internacional.

A República velha estava no auge, bem como todas suas mazelas, os coronéis extremamente fortalecidos em todos os estados do Brasil, especialmente em São Paulo, Minas Gerais, Goiás. O período foi marcado pelo voto do cabresto, fraudes

eleitorais e principalmente pelo que ficou conhecido como “A Política dos Governadores”, prática instituída no governo de Campos Sales. Não era somente isso que os impulsionavam os estados. Mesmo com todos os entraves e disputas, o Brasil se via impelido rumo a uma nova estrutura social que se formava nas grandes capitais, era o princípio da industrialização e os Coronéis das Águas vislumbravam as possibilidades de sua cidade. Esse grupo de homens estava afinado com o que Simmel(1903) já previa para as grandes cidades:

O fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo das individualidades da cidade grande é a intensificação da vida nervosa, que resulta da mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores. O homem é um ser que faz distinções, isto é, sua consciência é estimulada mediante a distinção da impressão atual frente a que lhe precede. As impressões persistentes, a insignificância de suas diferenças, a regularidade habitual de seu transcurso e de suas oposições exigem por assim dizer menos consciência do que a rápida concentração de imagens em mudança, o intervalo ríspido no interior daquilo que se compreende com um olhar, o caráter inesperado das impressões que se impõem. (Simmel, 1903, p. 578)

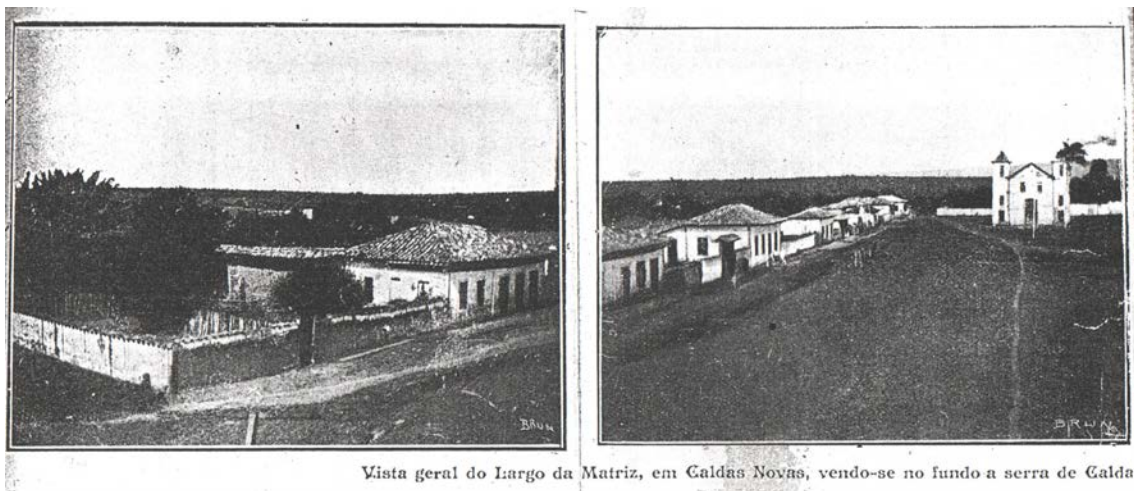
Os idealizadores de Caldas Novas procuravam através de notícias que recebiam dos grandes centros e das viagens que realizavam, ficarem atualizados com os acontecimentos nacionais e internacionais. Buscaram e conseguiram a emancipação da cidade, conquistada em 1911. A emancipação facilitava, pois os projetos citadinos não mais necessitariam de aprovação de outros líderes estaduais, a ajuda destes deveria vir somente em forma de ajuda financeira para a concretização dos projetos. Transformar uma vila em cidade necessitava de um conjunto de medidas, leis, construções, rodovias, aparelhar a cidade para transformá-la em um cenário paradisíaco. Nada disso era simples ou fácil, mesmo porque necessitavam especialmente educar o cidadão, mudar a sua cultura e a maneira de receber os visitantes.

Outro elemento de modernização foi energia elétrica. No mesmo passo de Ipameri sua co-irmã e de Araguari cidade que servia de modelo na época para os caldenses. Esses já se davam conta da importância da energia para uma cidade que seria um balneário exemplar. No jornais de publicação em Araguari, vemos os anúncios das mais novas tecnologias, bem como informações da cidade de Caldas Novas. A cidade

por fazer parte da rede ferroviária acabava sendo elo de ligação com o sudoeste goiano, em especial Caldas Novas.

Nem mesmo o processo, gerado com a crise advinda da 1ª Grande Guerra, foi capaz de arrefecer os ânimos da elite caldense; ao contrário, todo o processo de desestabilização econômica gerado por uma economia baseada em uma monocultura fez com que esses homens pensassem longe, já vislumbrando o modelo de industrialização que teve origem em 1918 no Brasil, mas, principalmente estavam atentos às possibilidades das “águas radioativas”, suas propriedades terapêuticas e possibilidades econômicas. Vislumbram o lazer para os trabalhadores, uma visão que seria muito trabalhada no pós 40.

A mudança do campo para o urbano não era fácil; Caldas Novas tinha o desenho arquitetônico de uma vila agrária, suas ruas eram tortas, não havia calçamento, o grande marco era a igreja no centro da praça, o aspecto era ruim. A mudança deveria vir através dos órgãos oficiais, como paço municipal, um local que contivesse tanto a prefeitura, como a câmara dos vereadores. A cidade teria que metamorfosear-se de um lagarta para uma linda borboleta; somente assim poderia requerer o status de cidade balneário. Somente a determinação dos homens com sua força ao mesmo tempo criadora e devastadora poderia mover essas transformações.



Vista geral do Largo da Matriz, em Caldas Novas, vendo-se no fundo a serra de Caldas

(as fotos tiradas por Brun, um dos acompanhantes de Orozimbo Correa Neto em sua expedição para conhecer as águas termais da região de Caldas Novas, fotos foram retiradas da p. 02 do livro As águas Thermaes de Caldas Novas, 1918, 1ª ed.)

Trazer o moderno para dentro do arcaico, em um período de plena turbulência não era fácil. As greves que eclodiram no 1917, embora não tivessem a constância e organização necessária, obrigaram os governantes a uma mudança nos padrões locais. Hermes da Fonseca tinha instituído a chamada “política de salvação” uma prática que constituía em fazer intervenções federais nos estados que não tinham governo favorável ao governo federal, esse período está marcado pelo endividamento externo, e várias revoltas por todo o país, a situação ficara ainda mais tenebrosa com seu sucessor Venceslau Brás que pegou o período da 1ª Guerra Mundial e o primeiro “boom” de industrialização, mesmo porque era impossível importar qualquer coisa nesse período, pois todos os países estavam focados em suas próprias economias e principalmente em suas defesas.

Mas o interior goiano parecia ter um tempo diferente, passo e compasso feitos ao seu próprio ritmo, algo próximo à pasmaceira e à devoção cega, assim, era como alguns autores descreviam.

Com forte presença católica, a população local levava uma vida baseada na produção de subsistência e na dependência financeira, política e social dos coronéis locais. Isso ao nosso ver se inscreve no conceito trabalhado por José de Souza Martins (1994), no livro *O Poder do Atraso*, quando ele demonstra que as inovações políticas ou não da história do Brasil ocorre não em função das suas rupturas, mas ao contrário, ocorre em função das permanências. Por melhor que se estruturassem as leis locais, não se conseguia uma separação clara entre o comércio e as casas urbanas, todo investimento realizado inicialmente pelo Major Victor O. Ala e depois por Bento de Godoy e seus pares não tinham ressonância direta na cidade. Tanto é que Caldas Novas permaneceu com menos de 1000 habitantes, número necessário para elevar a vila a condição de cidade em 1920, conforme demonstra Bretas (2001) na sua obra *Memórias de um botocudo*.

Certo dia de 1931, conversando com Zequinha, que conhecia todas as pessoas da cidade e da zona rural, tocamos no assunto da população da cidade, a qual, segundo corria na boca dos moradores mais representativos não passava de mais de mil habitantes. Mas, na opinião de Zequinha, essa população pouco passava de quinhentos. Estranhei esse número e, ali mesmo, na Coletoria Municipal, e já que nossa opinião era divergente, disse que só um

recenseamento poderia esclarecer a dúvida. Em 1920, a Intendência havia feito um recenseamento que revelava ter Caldas Novas uma população superior a mil habitantes – esta era a condição exigida para que uma vila fosse eleita em cidade. Disse-me Zequinha que esse recenseamento fora mentiroso. Caldas Novas só chegaria a cidade, se tentasse convencer o governo do estado que éramos mais de mil habitantes. Para tirar essa dúvida, bastaria contarmos os habitantes existentes, o que disse Zequinha, seria fácil, porque nos bastaria relacionar as pessoas do lugar, pois conhecíamos casa por casa, pessoa por pessoa. [...] em poucos dias tínhamos feito o trabalho. Caldas Novas tinha 653 habitantes. (BRETAS, 2001, p. 142)

Não poderiam poupar esforços, mentir, trapacear e adulterar dados; na visão das elites locais, seria um mal necessário para um bem maior, a transformação da pequena vila de Caldas Novas em um município autônomo capaz de gerar seus próprios recursos e gerir seu futuro.

O melhor é que a população ficasse fora destas artimanhas políticas, caso o projeto saneador tivesse sucesso a liderança ficaria para sempre na história da cidade, seriam vistos como homens inigualáveis, e serviriam de modelo aos próximos líderes locais, seriam um marco triunfal, afinal, a divulgação populistas dos feitos estavam inseridas no processo de transformação da cidade.

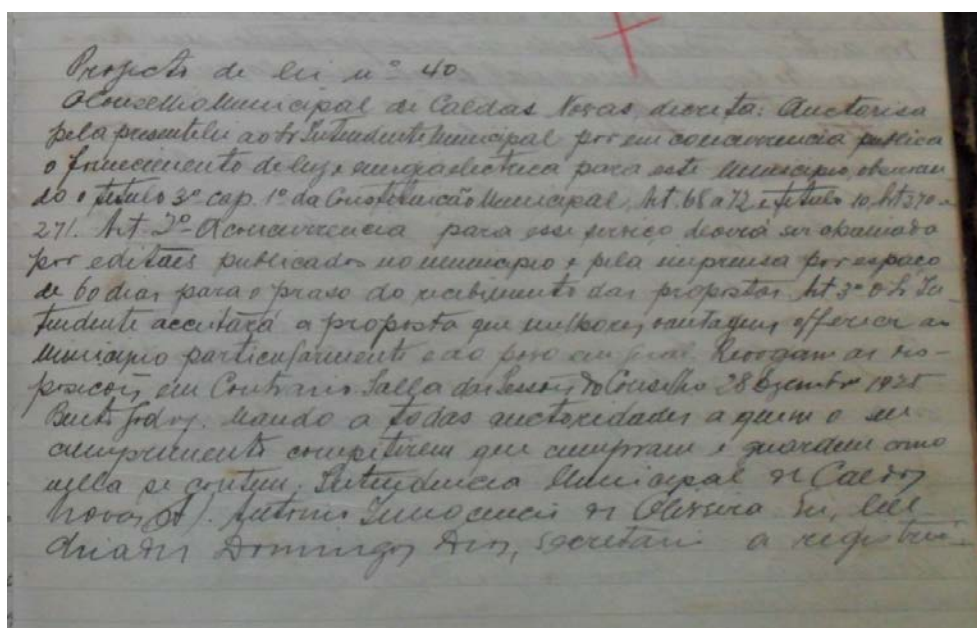
O Caldense de pouca renda saía muito pouco da região, quase não utilizavam os meios de transportes convencionais; raras eram as vezes que se aventuravam fora do município, nascia, crescia e morria, vivendo sua cidade.

As engrenagens para o progresso local ficam mascaradas nos discursos políticos, em suas inflamadas falas, enumeravam as necessidades locais; a falta de apoio do estado, os acessos precários, a falta de comunicação e transportes. Ocultavam o real interesse no desenvolvimento local, que seja, a possibilidade de aumentar exponencialmente seus investimentos e lucros.

Obras como pontes que ligavam a Ipameri, estradas asfálticas para Morrinhos, Corumbaíba e Araguari eram cobranças realizadas pela pequena elite local, os possuidores de carros e renda para viagens. O cidadão caldense ainda usava carroças e cavalos ou quando muito faziam uso das ‘jardineiras’ (ônibus antigos) que faziam a

ligação com as cidades vizinhas. Não era fácil para os cidadãos, o que os líderes queriam. A labuta diária resultava em cansaço, poucas vezes em alegria como no caso da luz elétrica que demorou muito tempo para chegar. Da emancipação até instalação do primeiro ponto de luz foram exatos doze anos.

Em 04 de abril de 1927, o então intendente municipal Antônio Inocêncio autorizou a implantação da energia elétrica no município, conforme o livro de contratos em sua pág. 03, sendo o contrato responsável o sr. José Luiz Pereira, o mesmo teria dois anos de prazo para a implantação de todo o sistema de luz e força da cidade, sendo que ao término desse prazo o mesmo não tivesse providenciado a iluminação pública o contrato seria rescindido. A energia elétrica naquele momento era tão importante quanto à construção do Balneário local, mesmo porque os Coronéis além de empreendedores sabiam muito bem fazer a publicidade da cidade.



Projecto de lei n° 40

O conselho municipal de Caldas Novas decreta: Auctorisa pela presente lei ao Sr. Intendente Municipal pra em concorrência pública o fornecimento de luz e energia elétrica para este município, observado o titulo 3º cap. 1º da Constituição Municipal, Art. 68 a 72 e titulo 10 art. 270 e 271. Art. 2167 A concorrência para esse serviço deverá ser haviada por editaes publicados no município e pela imprensa por espaço de 60 dias para o praso do recebimento das propostas. Art. 3º O Intendente aceitará a proposta que melhores vantagens oferecer ao município particularmente ao povo em geral. Revogam as proposições em contrário. Salla das sessões do conselho, 28 de dezembro de 1925. Bento de Godoy. Saudo a todas autoridades a quem o seu cumprimentos competirem que cumpram e guardem como nella se contem . Intendencia municipal de Caldas Novas. Ass. Antonio Inocencio de Oliveira. Eu Melchiades Domingos Dias, secretario a registrei.

Mas qual é ideal que estava sendo formado na cidade? Sua pequena população faz parte ativa do processo ou são meros espectadores, estão vivendo uma sociedade “espetaculosa”, quando o arcaico e ultrapassado busca assumir ares de modernidade, de futuro, como essa cidade que vem se desenhando no plano político, uma Caldas Novas cheia de leis, proibições de códigos e posturas públicas e sociais que visava alterar de maneira significativa a vida dos Caldenses, essa nova identidade que homens focados no lazer sanitaria e no turismo queriam construir a golpe de martelo, seria que isso atenderia ao anseio dos homens comuns?

As respostas a essas questões são difíceis de serem respondidas de uma maneira direta e seguras, em especial porque não houve uma preocupação com o registro e a guarda da memória da cidade, a história dessa cidade sofreu uma “apagamento” as tradições foram esquecidas ao longo do tempo, festas de folia de reis, a dança da catira deram espaços a uma lacuna cultural, o pouco que restou foram livros de atas, registros feitos pelos políticos locais. As fontes primárias podem nos induzir a um erro, necessário se faz entender porque os editores de “O Kró” insistiam em uma cobrança das esferas públicas para uma solução do desenvolvimento da cidade. O recurso de ouvir antigos moradores e as histórias que contavam podem nos ajudar a um entendimento pelo outro lado da moeda. Essas histórias embora venham recheadas de memórias. No entanto, uma abordagem é possível, a história vista pelos homens simples, podem ainda assim demonstrar como os moradores viam Caldas e o que achavam de suas mudanças.

As fotos de época costumam demonstrar as elites mostrando o seu melhor para a posteridade, são fotografias com cortinas ao fundo, as pessoas com suas melhores roupas e pose para o fotógrafo, quase um evento social. As fotos caseiras, sem preparo, e sem grandes parafernalias, começam a aparecer na década de 1950 com o aparecimento de máquinas de fotografar portáteis, as pessoas começam a documentar o dia-a-dia. Analisando essas fotos podemos perceber que existia uma carência de infraestrutura para a cidade.

Poucos tinham acesso à educação primária, os que aprendiam as primeiras letras e a tabuada eram vistos como especiais. Mas a cidade precisava de muito mais que isso. Analisando Bretas(2001) podemos deduzir exatamente isso, a

população era conduzida como uma grande manada. Requisitos da prática implantada pelos grandes latifundiários, fingiam ajudar a todos, mas cobravam obediência cega. Era preciso retirar essa postura de homem-boi, e introduzir novos valores que pudessem formar essa nova identidade sociocultural para Caldas Novas, assim, os coronéis locais, viam na educação o meio ou instrumento como processo de desenvolvimento para o trabalho. E aqui existe outro ponto a ser analisado: Caldas Novas deve ser vista como um processo rural ou um processo urbano? Bem, para os Coronéis das Águas a questão é simples, o projeto civilizador é urbano, daí tanto infraestrutura para a consolidação da cidade em balneário e não se poupava tinta nem dinheiro para que isso pudesse se transformar em realidade, vejamos então alguns jornais do entorno sobre a cidade: O jornal de Ipameri, um dos vários que circulava já em 1923, trazia em sua primeira página.



CALDAS NOVAS PRIVILEGIADA PELA NATUREZA, suas águas são as únicas rádio-ativas que existem no mundo. Esse é o tipo que o Jornal “A Semana” de Ipameri, publicado em 21 de outubro de 1923 trazia estampada na sua primeira página. Na reportagem de duas colunas o destaque é para a qualidade das águas de Caldas Novas, o porém reside na falta de infraestrutura a cidade poder acolher os visitantes, a importância de investir em rodovias, hotéis, parques de diversões e uma extensa propaganda primeiro entre os médicos e depois divulgando nas outras cidades do país.

Um belo exemplo de como a modernidade era imposta de cima para baixo. Outro jornal de Ipameri, o Gazeta de Ypameri, também trazia em sua primeira página informações desse sonho idealizado chamado Caldas Novas.



AGUAS THERMAES

Diversas pessoas tem chegado aqui ultimamente para usarem as nossa *aguas termais radium activas* é de se esperar que de junho em diante a afluência de aquáticos seja ainda maior. Muitas pessoas que fizeram uso das nossas águas durante a estação passada nos escreveram, relatando, uns, sencíveis melhoras e outros cura radical de seus encommodos, com o uso das milagrosas aguas thermaes radium activas de Caldas Novas.

Antes assim...(GAZETA DE YPAMERI,1924, p. 1)

Já em Araguari, o seu jornal O Triangulo, trazia informações sobre as melhorias e o balneário que estava em construção as qualidades termais de suas águas, e especialmente a deficiência da cidade em todos os níveis.



O jornal Triângulo de 18/08/1924 em sua segunda coluna da página 7, informa que nada tem sido feito para um melhor aproveitamento da possibilidade de renda vinda das águas termais do município. Conclamam os governos federal e estadual a investirem na cidade e no seu potencial. Traz críticas a empresa que explora o balneário local, denunciando a falta de banheiros, higiene, conforto e a falta de médicos. Informa também sobre a falta de conforto nos hotéis locais.

Enfim, a população via a transformação ocorrendo e acabam assimilando, já conheciam os segredos das águas “radiativas”, tanto por seu uso, como por sua história, que já tinha sido fartamente documentada pelos médicos como Orozimbo Corrêa Neto em seu *As Águas Thermaes de Caldas Novas*, de 1918.

Todas as grandes obras de reestruturação estiveram sobre a iniciativa ou a responsabilidade de um dos principais coronéis: Bento de Godoy, Victor de Ozeda Ala, Orcalino Santos, Theophilo de Godoy, Antônio Inocêncio, Luiz Gonzaga, Bretas, Ciro Palmerston, Pedro Branco de Souza e Orozimbo Correa Neto para citar os principais. Toda luta, todo o empreendimento ainda não foram suficientes para dar a cidade os ares que os coronéis tanto ansiavam.

CAPÍTULO 2

2.1 – Uma visão mais distante – um pé no futuro!

Os primeiros feitos da elite local no pós 1911 foram como pouca lenha em uma grande locomotiva; as engrenagens começaram a mover as rodas mas faltaram-lhes energia, dinheiro e tempo. Uma das grandes facilidades para os cidadãos caldenses chegou juntamente com a energia elétrica, com ela o velho e pesado ferro de brasa foi substituído pelo novo ferro de engomar, ainda era mais pesado que os de hoje, usava resistências para o aquecimento da base, ficando mais quente e sujando menos as roupas, pois o sopra das brasas sempre soltava borras de carvão o que atrasava em muito o trabalho. Mas a grande novidade sem dúvidas foi o rádio. Os habitantes locais se juntavam sob as janelas das casas que tinham o portentoso rádio sobre um móvel em sua sala de estar, ouvidos atentos, boquiabertos com tamanho progresso da humanidade. Outro ganho de significativo progresso foi a construção do grupo escolar de Caldas novas.

Uns poucos que tinham contato com essas “modernidades” assombravam-se com a cidade, mas essa ainda devia muito a si mesma, por mais que fosse redefinida faltavam-lhe recursos econômicos. O rompimento total com as antigas estruturas ainda não havia ocorrido, mesmo assim, essa elite procurava novas dimensões para sua cidade, buscando dar sentido a uma realidade histórica às águas radioativas e a possibilidade de seus usos. Era necessário seguir os passos de outras estâncias como Baden-Baden na Alemanha, Amelie-les nos Pirineus e Janos para citar algumas que a políticos locais conheciam e almejavam pelo menos se aproximar um mínimo do existentes nessas estâncias.

A cidade se mostra como em um caleidoscópio, suas múltiplas facetas apresentam-se aos olhares curiosos e atentos. Mudanças já podiam ser percebidas; sentia-se que afinal o grande projeto para uma cidade-balneário era possível. Os “aquáticos” (visitantes) percebiam o movimento transformador, suas melhores

ferramentas, os olhares e os caminhar sem compromisso pela cidade em remodelamentos seus olhares percucientes preparados levariam para outras plagas as novidades que a cidade apresentava, o progresso caminhava em passos muito lentos

. Caldas Novas encravada no sul goiano está em busca de sua nova roupagem. Um total remodelamento, essa era a exigência para a entrada na modernidade, caso contrário, o sonho de se tornar uma cidade balneário não se concretizaria. Seus idealizadores precisavam de uma “urbe moderna”, com um desenho arquitetônico que estivesse em consonância com os das grandes cidades, ou no mínimo próximo ao modelo das cidades com um perfil turístico, uma postura urbanística capaz de atrair, prender e agradar seus visitantes.

Os Coronéis das Águas preparam todas as logísticas necessárias ao processo rumo ao futuro; novos entalhes no perfil citadino eram necessários para atender ao ideário proposto por seus senhores. A cidade deverá ser um território de fronteiras, mas sem as margens opressoras da discriminação; um território de nativos, mas com muitos, muitos estrangeiros, principalmente aqueles a quem ela chamará de “aquáticos”, a quem permissivamente acolherá utilizando-se deles para em seu ser camaleoa, vaidosamente se mostrar com todas as nuances possíveis. De seus seios jorrará a água quente – uma água radioativa – que irá curar as mazelas do mundo.

Buscando no fundo da sua essência, as formas, as cores, quebrando o cinza-esverdeado do campo e construindo um vasto arco-íris de concreto, dando a cidade à aparência de um balneário, um local de saúde e futuramente de lazer. Le Goff (1988. P.119) em *Por Amor as Cidades*, já definia magistralmente essas diferenças entre a cidade e o campo. Na primeira (a cidade) seria um sinônimo de sociabilidade ao passo que o campo representaria o rude, o desprovido de beleza, o ultrapassado. Mas essas deficiências deveriam dar espaço para o bucólico, pois essa imagem poética do campo seria um excelente complemento ao projeto de cidade-balneário.

Mas a cidade não é somente o belo e o moderno, nela, dentro de suas entranhas estão sempre se esgueirando o seu lado oculto e tenebroso que é constituído de ruas escuras, de agressões traiçoeiras, de casas suspeitas. Dizia Le Goff(1988): “O orgulho urbano é feito da imbricação entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que a trazem à luz, detentores de poder e artistas.”

Esse espaço de maus-cheiros, da dura resistência às mudanças, do banditismo servem com elementos de contraponto e equilíbrio, servem como válvulas de escape às ansiedades populacionais, é o local do escárnio contra o poder, da bebedeira permitida, do riso fácil e sem máscaras. A cidade não se permite sem o seu outro lado, pois são esses “resistentes” que durante o dia se vestem de trabalhadores e dão movimento às estruturas citadinas.

Esse espaço de fronteira, de acordo com Bhabha (2003) exige sempre a busca do novo, consegue transformar os valores culturais em uma renovação estética, alterando as necessidades sócio-cultural¹. O melhor da cidade é separado, preparado de forma a modificá-lo sócio-culturalmente, colocando em destaque a cordialidade de sua população, sua afabilidade e hospitalidade. Assim, poderiam estruturar o turismo da saúde, pois a população recebe a obrigação de demonstrar toda receptividade, compartilhando a cama, o alimento, o riso e principalmente a cidade.

Modificar conceitos e criar novos valores culturais exigem um espaço de tempo enorme, contínuo. Esses novos valores não são sempre aceitos, os grupos sociais se destoam, criam processos de combate contra as propostas impostas. Um verdadeiro cabo de guerra acaba sendo travado, a cidade será em parte o resultado dessa disputa, sua aparência externa, sua imagem a ser vendida dependerá dos silenciamentos e das astúcias, tanto do poder como dos cidadãos.

Todo forasteiro, independente de sua origem, deveria ser bem recebido. Mas a cidade exige padrões sociais rígidos, a higienização é fundamental, a educação sanitária obriga e faz uma forte segregação social. O balneário da cidade tem tabela de preços diferenciados para a população local e para os visitantes. A cidade é essencialmente cordial, com os favorecidos economicamente intimidações. Sua reação e a proibição da permanência do forasteiro, de tornar invisível o agora invasor, o forasteiro perde o “status” de visitante e passa a ser visto com invasor, aquele que obrigatoriamente deve ser reprimido, expulso da cidade.

¹ O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja arte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” toma-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 2003, p. 27)

Sob esse novo signo, o signo do moderno, Caldas se forja. Esse novo espaço agora detém todas as características de um lugar de fronteira – um “entre-lugar” se forma, e exatamente esse “entre-lugar”, será eleito como um local de aprendizagem, local em que acontece e se forma os novos conhecimentos, como já bem definia Heidegger (BHABHA 2003, p.19): “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.”

A cidade não pode descuidar-se, seus Coronéis não podem baixar a vigilância exigida pela forja social. Com uma forte atenção à sua imagem externa os poderosos senhores da cidade ficam atentos a qualquer ameaça que possa arranhar a nova face em construção de sua cidade, de seu sonho. Para tal mantinham um forte esquema publicitário, utilizavam todos os veículos de comunicação ao seu alcance, mas especialmente os jornais, chamados na época de noticiosos, faziam questão de divulgar todas as ações internas de sua “urbe”. Era necessário ultrapassar as próprias fronteiras que estavam sendo definidas para atrair os forasteiros, condição fundamental para a obtenção do sucesso do projeto em andamento. Suas estratégias incluíam buscar o apoio de políticos de outras localidades para o seu empreendimento e ao mesmo tempo exigir de maneira normatizante e incisiva que a população nativa introjetasse essas medidas. Esse conjunto de ações utilizadas por eles, eram vistas como vitais, uma verdade inquestionável para que as mudanças ocorressem.

Assim, divulgavam a face moderna, expondo a cidade para os seus visitantes e ao mesmo tempo deixando transparecer que a cidade estava atenta às necessidades de sua população, era o presente sendo forjando como representação ideal, como base primária para a criação de uma “urbe” moderna. Os coronéis das águas tentavam demonstra que todo esse processo era uma doação, um presente dos líderes a cidade e a população, um questão que demonstrava claramente o ideário do mito da Doação²,

² Sabemos que as lutas das classes trabalhadoras constituíram um fator fundamental para a aquisição de determinados direitos reconhecidos em lei, que eram tão renovadamente reivindicados quanto seguidamente burlados. O mito da doação se nutriu, no entanto, do artifício retórico da “omissão da história” (BARTHES, 2007: 171): ele subtrai às coisas o seu caráter humano, como ação social das classes dominadas. O mito da doação, nasceu para dar força e ritmo ao bê-á-bá praticado pela cartilha trabalhista, e essencialmente o mito da doação da legislação social. Ao contrário do que geralmente se

O passado não pode ser totalmente silenciado, a tradição traz consigo um lapso de tempo em que trabalha com a dicotomia entre passado e futuro. Assim, tradição é ao mesmo tempo o passado e o futuro. Mesmo perdendo a tradição o mundo moderno não deixa o passado esquecido, ao contrário e com ele que, como os elementos que ele disponibiliza que se forja o presente e ao mesmo tempo o futuro, e é com isso, com essa têmpera vinda da tradição que contavam os Coronéis das Águas.

Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto onde "ele" está; e a posição "dele" não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à "sua" luta constante, à "sua" tomada de posição contra o passado e o futuro. Apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo indiferente do tempo parte-se em passado, presente e futuro; é essa inserção - o princípio de um princípio, para colocá-lo em termos agostinianos. (ARENDR, 1997. P.37)

A imagem da Cidade deveria ser alterada, uma imagem com ares de progresso e modernidade deveria surgir no lugar da antiga imagem de cidade interiorana e agrária. Sua imagem deveria ser cuidada, protegida e divulgada, portanto não se permitiam descansar da constante vigilância.

Utilizando-se dos jornais das cidades vizinhas, não perdiam a oportunidade de divulgar ou de rebater qualquer crítica. Mesmo quando os jornais

afirma, antes mesmo da instauração da ditadura estado-novista já se assistia ao nascimento da ideologia do trabalhismo, que se consolidaria na etapa final do Estado Novo. O mito da Doação, seu elemento nuclear, foi formulado no início da década de 1930. Ele apareceu, de corpo inteiro, talvez pela primeira vez, pela boca do ministro do Trabalho Salgado Filho. Sob sua gestão (de 6/4/1932 a 23/7/1934), num momento de ascensão de uma onda grevista, instituíram-se as mais importantes leis sociais, sem contar o impulso que se deu à sindicalização nos padrões oficiais. Apesar disso - ou justamente por causa disso -, ele pronunciou um discurso modelar, em 29 de agosto de 1933, numa comemoração sindical em Campos (RJ). Ele disse, então, com todas as letras, aos trabalhadores que "tendes uma legislação que vos foi concedida sem nenhuma exigência, imposição ou pressão de qualquer ordem, mas espontaneamente".

acusam a falta de recursos, usavam isso como possibilidade de cobrança, visando maiores ou investimento do estado na cidade.

Espalhou-se que a cidade não tinha nada que pudesse ajudar ou amparar o “aquático” que na cidade chegava doente, a notícia afirmava que na cidade de Caldas Novas não existiam farmácias e nem ambulatórios. De pronto a resposta veio no jornal “O Ypameri” de 30 de maio de 1927 em sua página 06. Argumenta o autor do artigo que a cobrança elaborada é indevida, se ainda fosse com relação à ausência de médicos, talvez pudesse ser admitida, mas com relação às farmácias isso era um grande erro, pois, existia no mínimo duas grandes: a São José e a São Antônio. As duas eram conhecidas inclusive, das comunidades vizinhas, que muitas vezes utilizavam-se do seu vasto estoque de drogas e medicamentos, além de terem propagandas nos jornais de Ipameri e Araguari, portanto, não se podia aceitar tamanho acinte, era um arranhão na faceta de saúde e higiene da cidade.



Jornal Ypameri – 1927

– O jornal traz as propagandas: Pharmacia Sto. Antonio, Pharmacia Central e da Pharmacia S. José, todas elas localizadas em Caldas Novas. Era a busca de um novo público para a saúde local.

2 UM APOIO FUNDAMENTAL – A IMPRENSA

O estratagema da boa publicidade funcionava razoavelmente bem, era possível criar imagens e construir um ideal de urbanidade, tanto nos espaços internos como nos externos. A face que a cidade desejava demonstrar era forjada nas linhas dos noticiosos regionais de Ipameri, Morrinhos e Araguari, mais uma estrada literária que abria as rotas aos forasteiros e aqueles que viriam em busca de saúde e moradia, estrangeiros nessa nova zona fronteira, estrangeiros em busca de uma identidade municipalista para que pudessem assumir e se dizerem “locais” quase um nativo.

A história quando analisada por diferentes ângulos, quando se despe do manto da soberania e capaz de demonstrar diferenças e particularidades da cultura que se analisa, um recorte pode oportunizar olhares novos, releituras de fatos e ações históricas na maioria das vezes oportunizadas pelo enlace social entre imprensa e sociedade. A utilização desse instrumento valioso – os jornais - a favor da cidade e não contra ela, canalizando toda informação para obter controle sobre o outro, aquele a quem se pretende conquistar, pois, um encantamento ou o ódio pode nascer de um texto mal entendido, ou um comentário mau feito, e esse papel de mediadora a imprensa sempre desempenhou de maneira forte e competente.³

A formação de um público que possa ser mobilizado para o embate intelectual e fundamental, sem esse elemento social – o público – não se pode levar a cabo os projetos elaborados, todo processo deve obrigatoriamente cair no gosto popular, caso contrário está fadado ao fracasso, e nesse papel ninguém, nem nada, supera a imprensa.

Os dominadores tem um interesse especial na possível assimilação dos dominados em função dos ideais propostos, esse processo pode ser extraído dos jornais,

³ “Desde os primórdios, a imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizam e temem, por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais. Os que manejam a arma-jornal têm uma variada gama de opções entre o domínio das consciências e a liberdade; os alvos que procuram atingir são definidos antes da luta, mas o próprio movimento da história os leva, muitas vezes, a mudar de rumo.”(CAPELATO, 1994, p.13).

cada um defende e divulga determinados ideais, republicanos, liberais, positivistas enfim, uma ideologia disseminada implica em reforços sociais para os projetos em andamento.

Em todos os lugares onde houve exploração e controle, o desenvolvimento ou a divulgação pela imprensa dos projetos de determinados grupos teve um papel preponderante, buscando a criação de novos leitores, oportuniza o surgimento novos cidadão cooptados pela ideologia disseminada.

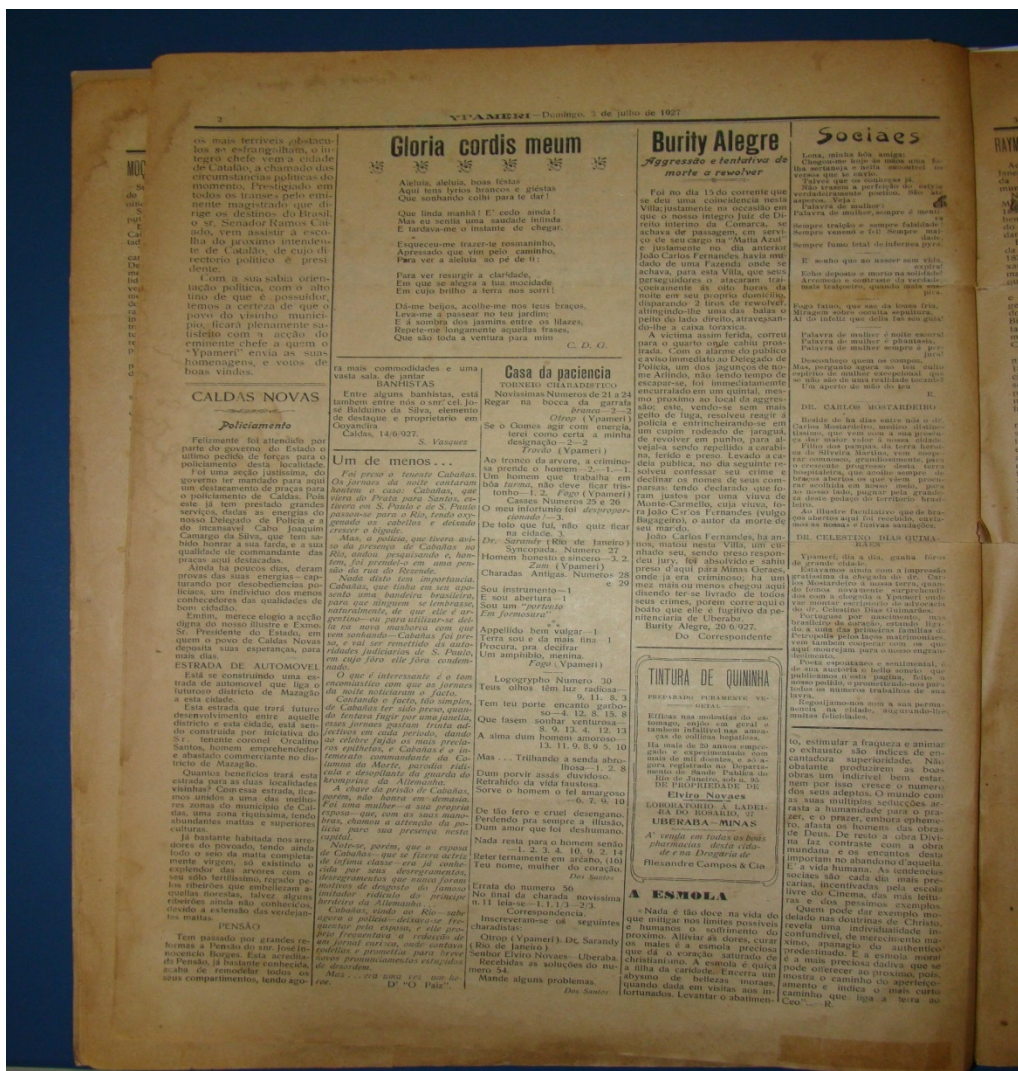
“Uma das características mais marcantes de todo grupo que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos.”(Gramsci.2004,v.2. p.19)

Ideologicamente, os políticos de Caldas Novas diziam oportunizar todas as informações, criavam um grupo de novos interlocutores e ao mesmo tempo multiplicadores do projeto que estavam desenvolvendo.

A imprensa consegue exercer sobre o cidadão um verdadeiro fascínio, sendo capaz de criar vontades e alterar sentimentos. A linguagem ocupa um lugar de destaque, a forma como o homem se expressa é fundamental para o fim pretendido, a maneira como cria um halo de importância a determinados fatos, a forma como descreve ou se aproxima das ações e como as justifica, são primordiais para a obtenção de determinado empreendimento, Rizzini (1945) demonstra com propriedade o papel do que chama de “primeiros jornais”⁴.

⁴ “Até onde chega a nossa penetração na Antiguidade, lá encontramos – em pedra, pau, metal, barro, concha, fibra, pele e papel – o jornal, isto é, a informação rudimentar de algum acontecimento contemporâneo conservado pelos símbolos; fossem eles mnemônicos, fixando valores arbitrários supletivos da memória, como as cintas de conchas variegadas dos iroqueses e as cordas de nós coloridos dos peruanos; fossem pitográficos, reproduzindo os objectos e figurando idéias, tais os hieróglifos e os sinais assírios, persas e astecas; fossem enfim fonéticos, traduzindo as vozes nas letras do alfabeto, prodigioso invento.”(Rizzini,1945, p. 11-12)

A utilização da imprensa sempre vem carregada de aspectos políticos, não existe uma imparcialidade, não se reproduz apenas os fatos, eles veem impregnados dos ideários de quem os produz. As entrelinhas traziam muito mais informações que somente o texto nu e cru da publicação. Como elemento de análise dessa prática tomemos como exemplo o caso do policiamento de Caldas, como dissemos a propaganda transcende e muito as linhas dos noticiosos, a questão não era somente parabenizar o Estado e o município pelo acréscimo do contingente policial, na propaganda veiculada nas suas entrelinhas da uma informação importante para os seus visitantes: - Podem vir tranquilos, aqui vocês estarão seguros. A atenção a integridade física e material dos visitantes é de suma importância para uma cidade balneária, ninguém, a passeio ou hospedado por motivos de saúde gostaria de ter seus pertences surrupiados ou molestados por larápios e outros gatunos, para utilizar o linguajar da época.



Na coluna Caldas Novas, o autor do texto começa agradecendo o novo contingente de policiais para a cidade, a importância do fato é transmitir segurança aos frequentadores da cidade, a notícia tem a finalidade de informar o zelo da cidade com seus visitantes ofertando-lhes segurança e tranquilidade. Informa ainda sobre a construção de uma rodovia que esta sendo realizada com recursos próprios de Orcalino Santos e por fim anuncia a reforma de uma das pensões de Caldas Novas.

É possível analisarmos o comportamento social inserido no notícia do jornal: civilidade, urbanidade, cordialidade, esses elementos deveriam ser entendidos como parte constante da cidade, sua população em sua totalidade deveria ter esse traços. Essa urbanidade era fundamental para a edificação da cidade, não bastariam apenas às águas “radioativas”. A cidade deveria passar por uma completa reestruturação arquitetônica, não mais seriam possíveis ruas tortas sem nenhuma simetria, a cidade deveria ganhar um planejamento estrutural, fácil acesso, boas estradas de rodagem, a rusticidade deveria ser empurrada para as margens da cidade, o rústico somente deveria ser visto se fosse considerado artigo de venda, caso contrário deveria ficar oculto nas veias tortuosas em sua periferia. Essas informações estão contidas no Título II, capítulo I – Das Povoações em sua página 16. A Constituição Municipal não deixou por menos a questão do policiamento e da segurança pública, e no título IV em seu capítulo I traz o título: Polícia e Segurança pública, jogos e artifícios prejudiciais. Uma clara demonstração do zelo com o visitante, embora o nativo também pudesse dela se beneficiar.

Buscando consolidar uma imagem de progresso, civilidade e modernidade da cidade de Caldas Novas, o Jornal de Ipameri, a mando dos coronéis das águas informam sobre a construção de uma estrada para automóveis, feita com recursos do tenente Coronel Orcalino Santos, além de informar que a cidade esta focada em seu destino, o destino de uma estância hidrotermal, e por isso mesmo está fazendo reformas nas pensões locais para melhorar o atendimento e hospedagem dos “aquáticos”. Orcalino Santos, empreendendo a construção de ligação asfáltica com a cidade acabava por utilizar conceitos de civilidade trabalhados por Elias(1993):

Uma maneira simples de descrever a diferença entre a integração do indivíduo em uma sociedade complexa e em outra menos complexa consiste

em pensar em seus diferentes sistemas rodoviários. Estes, em certo sentido, constituem funções espaciais de uma integração social que, em sua totalidade, não se pode expressar simplesmente em conceitos derivados do *continuum* quadrimensional.(ELIAS, 1993, P. 196)

Esses políticos e empreendedores estavam idealizando um futuro, vinham nas mudanças que estavam em marcha no mundo uma possibilidade real de crescimento, mas principalmente, era uma possibilidade de se tornarem imortais, perpetuando seus nomes para sempre com esse projeto moderno e inovador de transformar o campo em uma cidade turística, seria a tradição da cidade, uma tradição inventada, mas uma tradição. Quanto a invenção das tradições, Hobsbawm e Ranger(1997), demonstram que em quase sua totalidade elas nascem de um engodo, um ardil, inventadas sempre darem uma diferenciação, uma superioridade ao seu povo.

Sabiam também da necessidade de se abrir as artérias da cidade para o mundo, somente dessa maneira Caldas Novas se transformaria totalmente. Tinham consciência, que era um processo lento, tenso e às vezes contraditório, uma polifonia que pertence aos processos em andamento nessas novas estruturas de um novo território de fronteira.

Ao mesmo tempo em que a imprensa tem a obrigação da divulgação, sente-se forçada a fazer algumas críticas, e é esse jogo perigoso e dicotômico que faz da imprensa uma arma de calibre poderoso, é justamente esse jogo de dar e cobrar que traz refém o leitor, obrigando-o a manter o foco e a atenção no assunto em questão, Capelato demonstra esse fato em seu livro;

“...Ocorre então que, neste mundo desigual a informação, direito de todos, transforma-se numa arma de poder manipulada pelos poderosos – o segredo é a sua outra face. (...)Os jornais expressam a opinião pública. Só que na grande imprensa (a empresarial) o murmúrio da “vox populi” (voz do povo) ecoa longínquo enquanto ressoa forte a “vox domini” (voz dos dominantes)”(Capelato,1994, p.18)

Informação e segredo, astúcia e ingenuidade, manipulação, controle, acordos, fazem parte desta luta de informações, partes da mesma moeda, a informação, está intimamente ligada ao controle, cabe ao jornalista saber bem utilizá-la, pois somente desta maneira será possível induzir o público ao “alvo certo”. O poder, muitas vezes adula e bajula a imprensa na tentativa de torná-la prisioneira e refém de seus objetivos, um poder disciplinar que tem a função de adestrar as letras para que o público torne-se dócil e satisfaça sem que perceba as necessidades dos poderosos.

“Na grande imprensa, onde se mesclam interesses políticos e de lucro, os recursos para a sedução do público são indispensáveis. A concorrência de mercado obriga cada jornal a enfrentar os adversários com as armas mais apropriadas à clientela que pretende atingir. O periódico que se destina a um público de elite caracteriza-se, geralmente, pela apresentação sóbria (...). Os que se dirigem a outras faixas de mercado apelam, em maior ou menor grau, para ilustrações, títulos espetaculares, crime, sexo, humor, esporte, folhetins, etc. (Capelato, 1994, p.15)

Se abandonarmos as questões das formas e conteúdos, vamos ter o que realmente nos interessa o processo cultural-social que está sendo forjado, tanto nas linhas dos noticiosos, bem como em suas entrelinhas, como explica Melo(1994):

“Desta maneira, o jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (público receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações(atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos.)” (Melo, 1994, p. 14-15)

Em geral o processo ideológico é o carro chefe dos periódicos, em primeiro plano está o interesse de determinado grupo social, a imprensa veicula as expectativas destes grupos com relação ao projeto que está sendo trabalhado. Existe

uma discrepância entre o falado e o escrito, essas diferenças são sempre utilizadas de maneira proposital como elemento de manipulação, a imprensa utilizando um poder que lhe é inato, o poder de distorcer os fatos ao seu favor ou interesse. Assim, é capaz de servir a dois amos dentre de uma mesma notícia, ao poder e ao povo, conduzindo a estrada tipográfica também a favor de seus interesses.

De Certeau (1994. p. 46) conceituou como “estratégias” e “táticas” a criação e utilização de resistências. As táticas têm por lugar o outro, como ele irá assimilar apenas parcialmente as possibilidades. A cidade se apropriará dessas práticas comuns, e as transforma sem que os outros tenham plena percepção em um conjunto de valores necessários e fundamentais, e com isso ganham corpo e volume em função das novas facetas citadinas.

As tradições, a culinária, a religiosidade e as formas de manutenção, todas passam por um processo de acomodação tática que são extremamente bem utilizadas pela cidade, sem, contudo deixar de criar as resistências, que sobrevivem das brechas e fissuras desse empate silencioso.

A primeira estratégia utilizada é a confecção de novas normas e a criação de mecanismo de coerção social; impostos, multas, tarifas, desta maneira a população acaba por acreditar na real importância e necessidade daquilo que nunca tiveram e que agora se mostra essencial,

Independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política estão perdendo a função crítica básica numa sociedade que parece cada vez mais capaz de atender as necessidades dos indivíduos através da forma pela qual é organizada. Tal sociedade pode, justificadamente, exigir a aceitação dos seus princípios e instituições e reduzir a oposição à discussão e promoção de diretrizes alternativas dentro do Status quo.(MARCUSE, 1973, p. 23-24)

Embora possa parecer coercitiva a imposição de multas e impostos, o cidadão comum introjeta o conjunto ideológico a ele oferecido, entende de maneira

inversa que o pagamento não lhe penaliza, ao contrário e a sua participação direta na criação e manutenção da cidade, e mesmo que não saiba agora o sonho também é seu.

A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade. A identidade fornecida por esse lugar é tanto mais simbólica (nomeada) quando, malgrado a desigualdade dos títulos e das rendas entre habitantes da cidade, existe somente um pulular de passantes, uma rede de estadas tomadas de empréstimo por uma circulação, uma agitação através das aparências do próprio, um universo de locações frequentadas pro um não-lugar ou por lugares sonhados. (CERTEAU, 1994, p. 183).

Com referência a verdadeira face da cidade uma análise reflexiva se impõe antes de qualquer pronunciamento, trazer a discussão de algumas hipóteses sobre a formação da sociedade urbana, suas categorizações e seu trato teórico serão de grande amparo nessa nossa análise com referência à reformulação da cidade de Caldas Novas – GO. Todo o processo urbanístico não passa por menos de três etapas que podem se fundir durante todo o processo construtivo; função, forma e estruturas (arquitetônicas) são categorias desse processo além, é claro, dos passos que ocorrem na transformação entre o mundo rural e o urbano. Essa teia urbanística deixa os pesquisadores perdidos entre as questões subjetivas e objetivas da cidade, pois ela, a cidade possuiu um movimento contínuo que busca o sincronismo temporal e atemporal. Assim a cidade é o resultado de um pensamento em direção a algo concreto

“ A cidade política não pode ser compreendida e nem ser concebida sem o amparo da escrita: documentos, ordens, inventários, cobranças de taxas. Ela é inteiramente ordem e

ordenação, poder, definindo inclusive as questões das estruturas abstratas da cidade. (Lefebvre, 2004, p. 21)

Nenhuma cidade possui uma única face, ela se mostra sempre como se estivéssemos em uma sala de espelhos, um truque. O olhar que perscruta monta a imagem que lhe é conveniente, há sempre uma profunda diferença entre um observador e outro, são sempre buscas diferentes, portanto, faces diferentes de uma mesma cidade. Então não podemos afirmar que nossa cidade tenha uma única face, uma verdadeira face, ao contrário, ela é um verdadeiro caleidoscópio urbano.

Caldas Novas é dona de um rico mimetismo. A cidade sutilmente encanta e trama em suas ruas elementos que confundem os olhares menos atentos. O fino e o rude, o moderno e o antigo refletem em conformidade com a busca de seu observador, dessa maneira e com esses truques citadinos não resta nenhuma alternativa a não ser enveredar em seus reflexos, buscar as trajetórias possíveis. Sem o devido cuidado o historiador se perde nessa profusão mágica de cores e concreto, sem rumo, flanando em busca das histórias a serem desveladas. As malhas urbanas são sempre um descortinar e um esconder, um espaço de contradições.

A cidade é, portanto um espaço politizado, ela busca disciplinar ao mesmo tempo em que sofre fissuras em seus projetos estruturais, e são essas estratégias que permitem a formação de um modelo urbanístico formado pelas resistências e insistências sociocultural. O espaço urbano será construído com novas representações que surgem no processo gerado entre as estratégias e as resistências, entre a imposição e os desdobramentos. Essas representações são capturadas dos fragmentos sociais gerados das mudanças da cidade, são fragmentos cooptados nesse processo de entrada para a modernidade.

Mas afinal quem povoa essa nova construção? O cidadão pode usar as roupas da modernidade com conforto? Com certeza quem vêm povoar a cidade é cidadão híbrido, não plenamente novo, nem totalmente o citadino antigo, ele ainda não fez a ruptura total entre o ontem e o agora. Esse novo ser trabalha em dois universos mágicos: a tradição e o presente. Sente necessidade de se apegar à tradição, mas ao mesmo tempo é compelido a criação de novos valores que implementaram uma nova

tradição. Novos costumes deverão substituir os antigos, ela, a cidade, potencializa a estruturação de novas ações, notícias, histórias e discursos. A linguagem e suas formas são utilizadas para formar um corpo novo e daí nascerá os monumentos sociais. As transformações da cidade hibridizam no cidadão, educar para que seja capaz de compreender suas novas nuances.

2.3 A HIGIENIZAÇÃO DA URBE

Quando analisamos o decreto lei de n. 286 de 1925 notamos que o plano de governo elaborado estava focado na criação de um mundo sem mazelas, as práticas higienistas estavam em alta, essa constituição trazia todas as preocupações que as grandes cidades já tinham vivido assim, o poder local buscavam com essas imposições de normas conter possíveis surtos epidêmicos que já haviam assolado outras cidades.

Seria necessário retirar toda e qualquer possibilidade de contaminação, seja qual fosse ela. Com esse ideal em mente e em nome da utilidade pública todos os cantos da cidade foram revirados, nada ficou impune, nem a igreja.

As cidades tinham verdadeiras aversões ao desocupado, ao doente sem residência fixa, sem alguém que o pudesse amparar e curá-lo. Portanto, deviam ser retirados da cidade, encaminhado para centros de apoio aos doentes carentes, enfim, uma higienização social.

Uma prática antiga, que vinha ainda da Europa feudal e trazida pelos portugueses e jesuítas era a criação de cemitérios dentro ou nos fundos de uma igreja, no caso de Caldas Novas, o cemitério ficava dentro do salão central e dividia as missas entre os mortos e os fiéis.

Isso não mais seria possível. No processo civilizatório todos deveriam contribuir, independentemente de estarem vivos ou mortos. Aos vivos a obrigatoriedade da lei, aos mortos a obrigatoriedade da higienização. Essa relação da tradição com a morte deveria dar lugar à higiene. Os mortos, ainda em respeito às tradições, teriam um local sagrado para seu último descanso, que nesse caso seria o cemitério, esses novos

espaços para cultuar a morte ficaram conhecidos por todo o interior goiano como “campos da esperança”.

Buscando dar a cidade visibilidade, novamente aquilo que o outro via na cidade era fundamental, assim, os turistas que ansiavam pelas curas de suas mazelas ou aos que frequentavam a cidade em busca de descanso e lazer utilizando as propriedades das águas termais poderiam fazê-lo tranquilamente.

Reforçando o caráter higienizador e sanitarista, o poder público fez um acordo com a diocese de Ipameri, pois era ela a responsável pela igreja na cidade. O acordo tinha como base a retirada do cemitério interno. No caso da Igreja de Caldas Novas, o cemitério não fica nos fundos da igreja, mas sim, dentro da nave, do lado esquerdo de quem entra, para compensar o poder local efetuar uma reforma na igreja, a terra “infectada”, havia corroído as traves de sustentação, se os mortos não fossem retirados os vivos não teriam mais um lugar para suas orações. Não eram somente os vivos que deveriam pagar suas taxas, os mortos também deveriam contribuir pagando um taxa ao município pelo uso do cemitério.

Era o rever das práticas ritualistas, uma nova produção deveria ser incorporada as antigas tradições um “criar” de novos valores cívicos e éticos. O “ethos” agora trabalhado objetivava um mundo distante e diferente daquele em que se processa a transformação. Um novo simbolismo, uma possibilidade de construção de novos mitos e monumentos, pois uma sociedade não vive sem eles. A reforma urbana deveria alcançar as raízes das coisas.

Não podemos deixar de perceber o silenciamento imposto à cidade com essas novas práticas higienistas, com o discurso do moderno, alterava-se todo o procedimento criado pelas antigas tradições.

Nesse novo padrão de cidade as elites impõem seus padrões de normas sociais, tentam impor o modelo cultural e o estilo de vida que a eles seria o melhor. Essa violência não deixa nenhuma ilusão, a aproximação social ocorrerá somente nos discursos, as práticas são outras e bem diferentes. Cada espaço urbano tem os seus próprios códigos, seus ritos. A rua é na verdade o local das comunicações, quando ator/cena/espetáculo se confundem, assim, se faz necessário uma ordenação, e por mais

que tente o poder público não tem controle sobre essas comunicações. A igreja se dobra perante o aparato civil que é criado, os cultos afros que funcionam clandestinamente nos terreiros escondidos na cidade também.

A morte tem uma relação um tanto complexa com as sociedades. Em todas as épocas ela, a morte, teve especial trato, em algumas sociedades a morte era vista como uma transição para outra vida. Assim, as sociedades foram construindo rituais de passagem. No Brasil, especialmente no nordeste e em alguns países da América do Sul, existiam, e em pequenas comunidades ainda existem as mulheres “carpideiras” e a tradição de beber o morto. A tradição reza que os parentes devem servir aos amigos e aos familiares, cachaça e comida enquanto encomendam o morto para um mundo melhor, o mundo dos céus.

Nesses tempos modernos, em que a urgência e a velocidade se fazem presentes, a morte também passou a ser vista com novos olhares, o culto aos antepassados deu lugar a uma questão patológica e higienizadora, foi necessário criar um único espaço para ter o controle sobre a morte, na cidade esse espaço mortuário ficou conhecido como cemitério. Dessa maneira a cidade pode controlar essa tradição, e por isso mesmo impõe um preço, morrer tornou-se caro nas sociedades atuais, pois impõem a sociedade, de certa maneira uma perda em sua Mais-Valia.

No projeto de lei n. 06 de 1925, a cidade definiu o quanto valeria estar morto. A tabela de morte era a seguinte:

1. Sepultura simples por cinco anos para adulto – 10\$000
2. Idem para cinco anos para anjinhos – 5\$000
3. Sepultura por 10 anos para adultos ou anjinhos – 50\$000
4. Sepultura para adultos ou anjinhos por mais de dez anos até cinquenta 200\$000
5. Idem perpetua para adultos ou anjinhos 500\$000
6. Cada sepultura compreende para os fins de construir tumulo de dois metros e meio de comprimento por dois de largura.

7. O excedente desta medida será pago a razão acima especificada (proporção).

Nessa sociedade higienizada, os unguentos, as benzedadeiras e rezadores, são colocados a margem, essa marginalização também é um processo de higienização social, agora a autoridade legal encontra amparo na ciência e seus doutores, o boticário (farmacêutico), o médico, o dentista, são os novos ícones. A manipulação das mazelas do corpo deve ocorrer dentro de casas especializadas, pessoas capazes, os filhos do conhecimento e da cultura. Arruda, guiné, incenso são práticas dos mistificadores, charlatões que visam o lucro e o mal da sociedade, seriam os arautos da morte e não da vida, assim entendiam os poderosos da modernidade e por isso mesmo não poupavam esforços, e impostos para bani-los.

Organizar os espaços da morte na realidade visava sanear e criar longevidade aos moradores. Ao mesmo tempo em que se mantinha parte da tradição, acontecia à imposição de uma nova ordem; rígida, urbana, civilizadora e higienista. Seria a batuta que iria conduzir a comunidade.

Essa marca ritualística demonstra claramente que a cidade que se pretende moderna não ficou livre dos seus hábitos, daí a importância dessa articulação entre o sacro e o profano, o ideal e o natural. A morte é uma forte lembrança que a vida pode se esvaír sem sucesso. A higienização deveria ser incorporada por todos os moradores. Multas pesadas eram atribuídas a quem desrespeitasse o novo código. Ficava totalmente proibida a utilização da fonte da praça central para lavar roupas, estava fora de questão amarrar animais nas portas das casas no centro da cidade, matar animais silvestres por maldade ou prazer, tudo isso seria punido com multa e em casos graves ou reincidência com a cadeia.

O código de leis municipal normatizou inclusive a possibilidade de festas, tentaram organizar de forma civilizadora os melhores horários, quais seriam os ambientes ideais, caso não cumprido multas pesadas deveriam ser pagas aos cofres públicos. Urbanisticamente a cidade também padecia de saneamento, muros, calçadas, afastamentos, modelos de construção, o velho deveria ser substituído, as cores mudadas para gerar paz e harmonia, até os formigueiros deveriam ser combatidos sob pena dos moradores locais serem penalizados pelo desleixo com a urbanidade coletiva.

Seria fundamental a construção de casas de saúde e era justamente esse o apelo que se via pelos jornais da região. Embora a nova cidade ainda não comportasse em população e em mão-de-obra, as cidades vizinhas de Ipameri e Araguari clamavam também por essa higienização. No jornal O Triângulo que circulava em Araguari, podemos ver a insatisfação pelo mau uso das águas termais e o apelo para a implantação de uma casa de saúde.



O Texto trata da falta de incentivo do governo e o descaso dos poder local e dos investidores particulares para com as águas termais. Informam da falta de publicidade para as águas da cidade, falta de hotéis confortáveis, falta de um balneário melhor, enfim, clama por cuidado, apela para todos os possíveis responsáveis pela utilização das água quentes.

A cidade é instaurada, reflexo dos discursos políticos, utópicos e urbanísticos. Esse espaço nascedouro é um espaço próprio e complexo que busca a criação de sujeito universal e anônimo, isso no dizer de Certeau (1994. P 173). E isso é possível, porque a cidade se oferece para novas construções. As ruas ganham um status de imponência, nela ocorre um *não-tempo*. Para Lefebvre(2004), a rua não é um local simplesmente de passagem ou circulação. Ela é o local do encontro, é nela que os locais nascem, formam-se e se privilegia, a rua prepara o movimento e a estagnação e por isso mesmo, nesses tempos de modernidade elas devem seguir um padrão simétrico. A desordem favorece a criminalidade, mas ao mesmo tempo, é nela, a própria cidade, que se encontra amparo contra essa mesma criminalidade, pois, se ela for movimentada, luminosa e estruturada afastará e desautorizará os crimes comuns, que preferem se ocultar no escuro de ruas tortuosas.

2.4 - O APOIO MARGINAL.

Os fundamentos em que se baseia a Modernidade sofrem uma diacronia, seus paradigmas encontram sustentação em alguns pilares: a razão, a economia, a urbanidade, higiene, sanitário e na informação. Esses podem ser utilizados como ponto de partida para uma análise de como se criaram os elementos para a educação e o trabalho. A Modernidade nos oferece uma possibilidade de (re)leitura dos valores pré-existent, a modernidade da Europa não é a mesma que estruturou em nossas cidades, embora tenhamos tido forte influência do positivismo, do darwinismo. Entender como foi desencadeado na cidade de Caldas Novas, exige que busquemos fontes alternativas, como a oralidade e a iconografia, a história ainda é muito recente, mas mesmo assim, com a ação severa dos novos empreendedores locais, a cidade está tendo o seu passado apagado. Da velha arquitetura do século passado, pouco resta; as tradições culturais estão sendo substituídas por eventos culturais sem nenhuma ligação com a cultura local.

Vários modelos foram trazidos e utilizados, os liberais brasileiros são velhos utilizadores dos movimentos franceses, seja em função da Revolução Francesa que propôs ao mundo uma nova maneira de ver a sociedade, seja pelos modelos econômicos utilizados. Mesmo assim o Brasil buscava um novo caminho, uma nova via de acesso à Modernidade.

Uma identidade nacional estava sendo buscada, dentro deste contexto, os líderes caldenses, utilizando as mais variadas formas ideológicas tentaram implantar uma identidade local, essa identidade na realidade escondia os interesses primeiros, ou seja, o lucro com as águas termais, tudo o resto somente fazia sentido para dar visibilidade e credibilidade ao projeto modificador da cidade, inserir a pequena Caldas no cenário nacional.

Os líderes políticos de Caldas Novas, embora em menor escala, também podiam ser chamados de coronéis. Contava apenas com alguns mais instruídos com Bento de Godoy, Orcalino Santos e Orozimbo Correia Neto. Suas práticas, as mesmas. O processo consistia basicamente em dar amplos e ilimitados poderes aos chefes locais – os coronéis – em troca de apoio eleitoral, em especial aos candidatos do governo de seus estados.

Entretanto, as estruturas econômicas, os novos grupos sociais oriundos destes processos de modernização, as estruturas políticas optam por um controle rígido favorecendo o indivíduo em detrimento do coletivo.

Estamos aqui tratando os problemas ideológicos como parte da dimensão simbólica do mundo social. A sociedade tem necessidade de construir uma imagem de si própria, dos vínculos sociais que a regem, e essa imagem se converte em uma crença que atualiza momentos iniciais significativos de sua formação. A ideologia é aquilo que justifica e compromete, a crença que confere caráter justo e necessário aos empreendimentos humanos. "Ela ∴ uma grelha, um código, para se dar uma visão de conjunto, não somente do grupo, mas da história e, em última instância, do mundo." Sua feição totalizadora acaba por conferir-lhe um caráter simplificador e esquemático. A ideologia desempenha, enquanto código, uma função de integração da sociedade, mas

convém não esquecer que ela interpreta e justifica, fundamentalmente,' o sistema de autoridade, seja ele antigo ou novo.(OLIVEIRA, et alii, 1982, p. 9)

Por ser um projeto muito rico, a modernidade, é capaz, de movimentos contraditórios e complexos que podem ser compreendidos a partir da interação de dois princípios gerais: o da regulação e o da emancipação. Cada um desses pilares, por sua vez, também é constituído pela articulação de três outros princípios secundários que se relacionam entre si. O pilar da regulação é constituído pelos princípios do estado (formulado por Hobbes), do mercado (desenvolvido por Locke) e o da comunidade (presente na obra de Rousseau). Por sua vez, o pilar da emancipação seria formado por três lógicas de racionalidade: a racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura; a racionalidade moral-prática da ética e do direito; e a racionalidade cognitiva-instrumental da ciência e da técnica.

A racionalidade estético-expressiva articula-se, privilegiadamente, com o princípio da comunidade, onde se condensam as ideias de identidade e comunhão, intimamente relacionados à contemplação estética. Já a racionalidade moral-prática conecta-se, ao princípio do Estado, e a racionalidade cognitivo-instrumental corresponde-se ao princípio do mercado. Tanto porque nele se condensam ideias de individualidade e concorrência - centrais ao desenvolvimento da técnica - como pela conversão da ciência numa força produtiva.

A partir da articulação desses princípios entre si e da proposta de maximização das potencialidades inerentes a cada um deles, a modernidade construiu um ambicioso e revolucionário projeto cultural, que buscou transformar pela crença na ciência e na técnica aplicadas às forças produtivas. Assim, os vários princípios interagindo entre si não foram capazes de cumprir com as propostas modernas que visavam, entre outros objetivos, a prosperidade social a partir do desenvolvimento da técnica, da ciência aplicada e do livre mercado. Se por um lado a ciência e a técnica avançaram, a contrapartida de prosperidade social e cultural não se concretizou. Caldas Novas não conseguiu, usando uma licença poética metamorfosear-se em uma “Urb” como idealizada. Conseguiu atender ao interesse de alguns poucos, os seus líderes políticos, mas, não alterou sobremaneira a população com um todo.

Por um lado, desenvolveu-se uma cultura voltada às vozes externas, uma cultura bem comportada socialmente e moralmente correta. Por outro lado, na face que fica submersa em sombras, há uma cultura marginal que corre com vida própria, desloca-se por entre as ruas apertadas e fundos de quintais aonde acontece outra cidade, jogatinas, terreiros, práticos curadores, enfim um universo que ampara, constrói e mantém viva a cidade das aparências. Nesse contexto, os vícios e as prostituições criam seus códigos amparados em suas relações de fronteira.

É de fundamental importância que entendamos o processo de formação dessas culturas marginais, pois são elas que dão as válvulas de escape às estruturas e à cultura oficial, são as resistências criadas para que a cidade possa crescer.

Essas culturas são brechas oriundas do controle imposto, mas que oportunizam o processo diacrônico de dúvidas e certezas movimentando determinadas culturas. Essa dialógica cultural reside na pluralidade/diversidade, e são justamente esses pontos que visam bloquear as brechas abertas pelas resistências e os processos ocultos da cidade e das pessoas, esse bloqueio serve para que esse processo se espalhe como um rizoma protetor dando garantias para que não ocorra a sua desestruturação do novo modelo criado ou em criação.

A cidade de Caldas Novas se inscreve nesse cenário; portanto, é necessário um olhar demorado, buscando entender as linhas de tensão criadas e as linhas de fugas que são utilizadas por essa cultura em formação, afinal o que se define aqui é uma identidade local, uma identidade do lazer.

Uma das relevâncias da pesquisa é que ela demonstre as formas de educação e de trabalho que foram constituídas para a formação de um projeto de estância hidrotermal, um lugar de hospitalidade, saúde e lazer. Necessário seria forjar uma identidade local, focada na hospitalidade, mas como criar essa dinâmica social? Quais ferramentas seriam necessárias para a sua estruturação? Não temos dúvidas que o plano de trabalho elaborado inicialmente, já visa o progresso da nova Urbe.

Durante o ano de 1927, o conselho municipal de Caldas Novas definiu como seria a arrecadação do município e quais seriam os serviços taxados com seus respectivos valores, assim, o primeiro grande passo havia sido dado, ou seja, foi criada

uma fonte de arrecadação para custear as transformações necessárias que a cidade deveria sofrer, mas somente isso não iria solucionar as grandes dificuldades que enfrentavam.

Caldas em seu primórdio não contava com mais de 500 pessoas, sendo que a grande maioria ainda residia na zona rural, assim, existia na cidade um comércio muito fraco, poucas mercearias, uma farmácia, algumas pensões e um salão de barbeiro e alguns bares. Isso não seria o suficiente para atrair uma população com dinheiro que buscava saúde e lazer.

Através do olhar noticioso de “O Kró”, podemos vislumbrar as transformações, não esquecendo que seus editores eram filhos dos Coronéis das Águas e vislumbravam dar continuidade a esse projeto civilizador, embora sem a mesma força econômica, tentaram manter acessas as chamas para a consolidação da cidade balneário.

As cobranças políticas que eram vinculadas no jornal “O Kró” vinham de forma descontraída, a descontração na realidade era apenas um pano de fundo, uma ardil para que os líderes do estado não ficassem melindrados.

Com esse estratagema não davam tréguas, reforçando sempre as necessidades da cidade, o jornal local, era o ele entre os locais e os “forasteiros”. No numero 74 folha 2 de “O Kró” de 1933, existe uma manchete que bem ilustra a reflexão por nos trabalhada, ela vem com o título – Precisamos de estradas – no texto que se segue, o jornal chama a atenção para a falta de responsabilidade do governo do estado de Goiás e reclama diretamente do então presidente – Pedro Ludovico Teixeira. A principal crítica recaí sobre as rodovias, ou melhor da falta de rodovias, a falta de ligação das principais cidades, para o Balneário Caldas Novas.

O Reclame continua dando ênfase à falta de manutenção das já construídas, a precariedade de suas pontes e às péssimas condições de rodagem. Os autores lembram ainda da lentidão com que a Estrada de Ferro se desenvolve no estado, ressaltando que somente Ipameri, Pires do Rio e Catalão é que são servidas pelos trilhos da Mogiana, lembram também que a estrada que dá acesso a Ipameri saindo de Caldas

O KRO

Escola por correspondência

(Do Tit-Bits)

Estimado senhor director do Instituto "Sport por Correspondência".

Sirvo-me da presente para informal-o de que não estou absolutamente de accordo com o seu methodo. V. S. ha de se lembrar que eu segui, por correspondência, o seu curso intitulado: "Quey ser dominador? aprenda a luta greco-romana". Segui o curso. Paguei. Diplomei-me e logo fui procurar um typo que, uma vez, me roubou 100 mil réis e disse-lhe: "patife!"

E puz-me immediatamente em guarda.

— Agora, ai m-se-á sobre mim — pensei. Que é preciso fazer quando uma pessoa se a ira enci... de nós?

"Lançar o corpo para trás, abrir as pernas" — diz o seu methodo — agarrar o adversario pela cintura (fig. 1) e atira-lo com força ao sólo (fig. 2)".

Lancei o corpo para trás. Abri as pernas. Esperei o momento opportuno de agarrar opeia cintura.

Meu adversario levantou um cacete que levava e deu-me com elle um forte golpe na cabeça.

Pergunto a V. S., director do curso: como pôde acontecer isso?

Porque não salciu sobre mim, de marcha que eu o pudesse agarrar pela cintura (fig. 1) e atira-lo ao chão (fig. 2)?

Certamente, enganou-se — pensei — quem sabe se não deu a cacejada de proposito.

Tornei a chama-lo de "patife". Lancei o corpo para trás. Abri as pernas. Esperei que se atirasse sobre mim.

Meu adversario tornou a desfechar outra pancada no meu cráneo, e quasi me nota; em seguida, applicou-me outra portelada e depois uma terceira e uma quarta.

Durante meia hora, moeu-me a pauladas. Depois do succedido, aceddi ter direito de perguntar: como pôde acontecer tudo isso? Porque ao invés de atirar-se em cima de mim, me deu tamanha surra? Agora, meu adversario está a minha espera, diante da porta de casa.

Dentro de alguns minutos, terei de sair.

Por isso, rogo-lhe que me envie immediatamente instrucções detalladas de como devo agir.

Aguardando um telegramma seu, saúda-o muito friamente.

amº attº obrgº

Alfredo H Pito (sportista)

Que este sirva de advertencia áqueles que pretendem formar-se por correspondência.

Morrinhos

Reuniu-se, aos 4 do corrente os socios do valoroso America Foot-Ball Club, para elegem uma nova Diretoria que dirigisse os destinos da equipa durante a temporada de 38.

A novel Diretoria ficou assim constituida:

Presidente — dr. Guilherme Xavier de Almeida

Vice presidente — Silvio Moreira

Diretor sportivo — Frausino Sobrinho

Orador official — dr. Carlos Dayrel

secretario — Marinho de Sousa

di-secretario — José Teodoro Filho

Tesoureiro — Jamil Metran

Comissão consultiva

dr. Odini A. Fogaca

dr. Paulo Xavier de Almeida

Minol Dias Borges

Carmindo Coelho Gouveia de Almeida

Valter de Aquino

Ao «America» nossos votos para que continue a contar grande numero de victorias.

Precisamos de estradas

Cominda e continuará a ser o problema n° 1 do "hinterland" brasileiro, o das rodovias.

As estradas construidas nesta ondas não correspondem ás necessidades do momento. Os serviços são administrados, geralmente, sem a tecnica precisa. Dai o durarem pouco. Os pontilhões, construidos de madeiras toscas, não suportam o peso dos autos-caminhões modernos. Estes e outros defeitos acham-se generalizados em todas as nossas estradas.

Os governos dos Estados devem encarar, por melhores prismas, esse problema. Notadamente em Goiaz, onde a estrada de ferro penetra a passo de carangueijo. Se não tivermos boas estradas de rodagem não avançaremos muito além do que avançamos. Sem ótimas vias de comunicação não pode haver expansão da industria, da lavoura e até da pecuaria.

Apelamos para o espirito patriótico do grande estadista goiano, Dr. Pedro Ludovico, que arrancou Goiaz da completa apatia em



Destruidores

Inúmeras vezes temos occupado estas colunas dizendo algo sobre a «atuação franca e decisiva» dos nossos intoleráveis gurizões.

A cidade vive repleta de meninos que têm a volupia da destruição. Ha pouco tivemos o ensejo de presenciar mais uma facanha dos endiabrados garotos á porta da igreja, em pleno dia. Lá estava uma turma peralta destruindo o que restava das barraquinhas destinadas a kermesses!

Cabe á autoridade policial, neste caso, assumir uma attitude colbitiva de tais abusos, mesmo porque os senhores progenitores destes «anjos de candura» não levam em consideração o que o povo reclama. O mais interessante é que alguns pais assistem, com prazer, a traquinagem dos filhos, sob, a alegação de que aquillo é sinal de intelligencia e de vivacidade.

Tenha a palavra o Snr. Delegado!

FACAM os seus impressos
na Tip. GODOY

que se encontrava deste quando os governos de epochas piscas começaram a exercer, aqui, a baixa politica

A sua obra de renovação está completa o dia em que o problema da estrada de rodagem for atacado de frente.

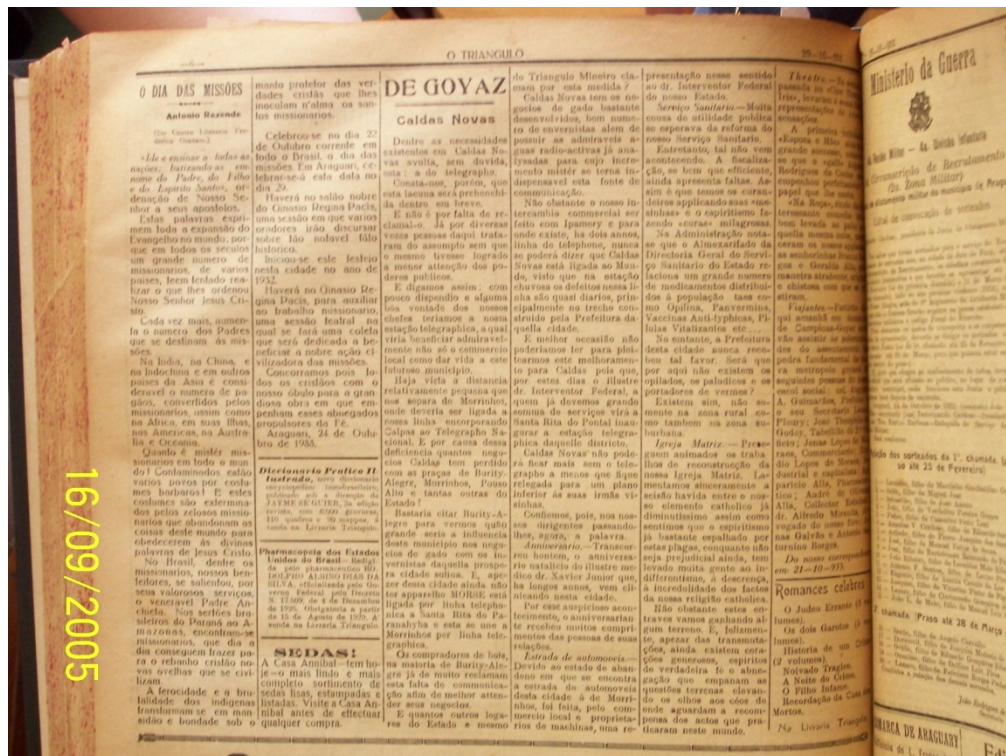
O exemplo encontra-se patente entre nós, senão vejamos: o município de Caldas, que presentemente não é um dos menos rendosos do Estado, se applica e toda a sua receita no reparo das estradas construidas na sua jurisdição, ainda não faria um serviço que se rivalizasse com as estradas construidas dentro do E. de S. Paulo

Toda a nossa renda é pouca, quanto mais levando-se em conta outros problemas que no momento também absorvem a atenção dos nossos administradores, como seja a construção do balneário, aqui.

Temos 4 estradas, em vespera de 5, com a construção da rodovia a Pires do Rio, cujos serviços se encontram bem adeantados.

Cont. na 3a. pag

Nessa mesma esteira de cobrança, outros jornais engrossam o coro com relação as necessidade da cidade de Caldas Novas, com exemplo temos o jornal da cidade de Araguari - O Triângulo. O jornal traz no seu número de outubro de 1933 uma matéria sobre a falta de telégrafos em Caldas Novas, a falta de estradas, as reconstruções que a cidade realizava. Essas cobranças vinham em solidariedade com a cidade.



Este trabalho também revela duas estradas que parecem paralelas, mas que durante todo o seu trajeto tem cruzamentos, às vezes muito congestionados. Estas estradas são a fé e o que o poder normalizador entende por vícios ou práticas ilegais. Estas práticas seriam os jogos de baralhos, conhecidos com “carteados” e o jogo do bicho. Quanto essas práticas ilegais acabavam gerando outras contravenções, com as casas de prostituições, com empregos de garçons, leões de chácara e arrumadeiras, as casas de carteados (jogos de cartas de baralho com apostas) criava empregos alternativos, criando bares e pensões, pois os jogadores ficavam “invernados” muitas vezes por mais de semana, saindo somente quando estavam totalmente “depenados” ou seja sem nenhum dinheiro.

A Fé por, sua vez, gerava empregos nas fábricas de fogos de artifícios e velas, gerava oportunidades para o comércio e para as pensões, pois buscavam atrair turistas para suas festas.

Em muitos momentos, as questões de gêneros são deixadas à margem. Em especial porque as mulheres durante parte do século passado, em algumas cidades, como no caso de Caldas Novas, tinham pouca visibilidade, suas participações ficavam na esfera de recitais de poesias, cantos ou ajuda na confecção das quermesses. Mas o

“outro lado” da cidade era o espaço das prostitutas, das feirantes, cartomantes e mães-de-santo. Essas mulheres participam do processo social do seu bairro, do processo de resistência, aquele que com sua força obrigava as brechas na postura correta da cidade, elas criavam seus códigos de honra, normas de conduta e valores, a cidade não possuía um único código moral, tinha também um código dos marginais.

O destaque é que muitas dessas mulheres tinham força política, não a que escreviam as normas, mas sua força definia espaços públicos, existindo um “código vermelho” que prostitutas, cartomantes, enfim, todas seguiam sem questionamento.

No tocante ao trabalho, tomemos o caso dos prostíbulos, um trabalho que não é visto como trabalho e uma educação que não é vista como educação. Mas na contramão do que se pensa, o prostíbulo educa suas mulheres para serem cordatas, amigas, servis. Assim, a cidade cria armadilhas, para os ousados e para os ineptos, demonstrando o que Foucault já declarava:

Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância; sob a superfície das imagens, investem-se os corpos em profundidade; atrás da grande abstração da troca, se processa o treinamento minucioso e concreto das forças úteis; os circuitos da comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização do saber; o jogo dos sinais define os pontos de apoio do poder; a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos. Somos bem menos gregos que pensamos. Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens (FOUCAULT, 2004, p. 178-179).

Os murmúrios da cidade obrigam aos ouvidos e aos olhos atentos a uma nova percepção. As vozes se fazem ouvidas e as cenas se multiplicam. Seus atores se mostram chamando a história e o narrador-historiador como testemunha. Torna-se possível agora vivenciar o ontem, poder ver como ocorriam determinados cerimoniais ritualísticos. Eles demonstram que tinham um caráter informativo, ligavam o homem aos deuses, eram *folhetins religiosos* acrescidos de danças e cânticos. Eram, também,

providos de funções política e social e serviam como forma de comunicação, de explicação para questões como a guerra, a usurpação e o poder, e acabavam tornando-se suas representações. Esses elementos enquanto categorias estão diretamente relacionados com as cerimônias e, estas, além da função comunicativa, possuem uma natureza que encanta e fascina e, por isso mesmo, possuem todo um aparato artístico que a transforma em uma forte e poderosa arma de transformação cultural.

A cultura era incorporada pela população por meio da repetição. A transmissão oral reforçava o caráter informativo, com o qual ela estava também revestida, além de criar uma atmosfera de “especialidade” induzindo seus participantes a uma função especial, por menor que fosse a participação, esses participantes tornavam-se uma peça fundamental do teatro cultural da sociedade.

Os religiosos utilizam cânticos para transmitir aos grupos determinadas funções. Embora estivessem revestidos de um caráter sacro, esses cânticos estavam recheados de informações que corroboravam para a manutenção de um poder local interferindo nos âmbitos político, econômico e social.

A igreja Católica exercia um papel fundamental nessa estrutura, o estado de Goiás tem uma forte tradição católica, esse controle que a igreja consegue de certa maneira aplicar, visa tornar seus fiéis mais dóceis. O mesmo processo milenar na tentativa de docilizar as resistências possíveis do cidadão comum, um lenitivo que visa quebrar as possibilidades de união e resistência.

A ‘indústria cultural da fé’, um poderoso dispositivo com as pedras basilares ancoradas no capitalismo, rotular, modular e personalizar seu participante, criando um modelo de “crente”, modelo que se expressa na roupa, no cabelo, os termos linguísticos utilizados, e, principalmente o conjunto de gestos. Todo esse aparato é utilizado para “amaldiçoar” com um fortíssimo poder teatral a todos os que não professam aquela fé, denominando o outro de *perdido* e sem salvação.

Na verdade, nesse momento, outra face cultural da religião está sendo demonstrada. É possível perceber que o discurso da salvação e pela salvação só acontece através dos atos de doação, caso contrário “Deus” não estará abençoando o crente, e este não poderá se comunicar com Ele e nem ter o seu perdão. Não dar o

dízimo é motivo para se cair em desgraça, ou não ter como receber a graça, isso em qualquer seguimento social. Mas todo esse teatro serve a um único fim, ir por vias rotas, buscar atalhos sociais que visem oportunizar templos luxuosos, cadeiras almofadadas e telões, usados para que igrejas professem como uma delas apregoa um “Show da fé”, um espetáculo da salvação. Não se criou um novo processo cultural, porém, as bases de poder e dominação estão voltados para os âmbitos político, econômico e social, e se mantêm.

Mudaram-se os adereços, mas o espetáculo continua com o mesmo fundamento, o controle político, o poder econômico e as facilidades do consumo. Como Raymond Williams(1973) detalhou, quando demonstrou que o consumo nada mais é que uma metáfora do “estômago” onde os “produtos navegam e desaparece”. Mas a cultura não se deixa vencer pela primeira onda de força. De maneira metamórfica cria seus espaços de resistência, suas rotas de fuga, oportunizam de maneira discreta o contraponto desse turbilhão: os elementos místicos de que se compõem a outra face das culturas.

Essa cultura submersa ou marginal abre seu braço econômico e impõe a cidade o seu comércio, girando uma grande soma de recursos, reforçando as “artes de fazer” convocam uma multiplicidade de métodos, saberes e fazeres, as táticas utilizam o arsenal da memória e refazem suas estratégias. Há trinta anos o bordel era a linha vermelha de qualquer cidade, o local que desvirtuavam “bons homens”, honestos pais de família. Casas de prostituições que faziam o “debu” dos jovens-homens de quatorze anos, era sua apresentação ao prazer mundano, o rito de passagem entre o menino-adolescente e o homem. A sociedade machista do meio do século XX, cobrava de uma maneira silenciosa exigia um teste de masculinidade, o homem subjugando a mulher, quando na realidade as “mulheres de vida fácil” se aproveitavam para ganhar um extra e ainda ensinar aos jovens o verdadeiro ofício de agradar uma mulher, para que não fossem frustrantes e incompetentes como seus pais ou avôs.

Os prostíbulos se constituíam no contraponto da sociedade instituída, as prostitutas acabam se tornando confidentes, eram amantes, amigas, exercendo representavam um personagem fundamental na vida de alguns cidadãos, visto que eram seu confessor e ao mesmo tempo sua perdição.

A sedução é uma ferramenta de táticas possíveis de controle e subversão, utilizada também como forma de resistência. O carinho, o dengo, a ilusão da fragilidade desarma o oponente, o tornando despreparado, entregue sem medo ao seu algoz.

Esse espaço ganhou hoje um novo modelo, não se fala mais de lugar de perdição, mulheres de todos os segmentos sociais se aventuram nesse espaço em busca de lucro fácil, os homens não têm mais seu “debu”, ao contrário vão aproveitar as maravilhas da tecnologia moderna, corpos esculturais, banhos especiais, mulheres que realizam o mais escondido dos sonhos, hoje o prostíbulo é um local de encontros e grandes negócios.

Essas realidades distintas reforçam o caráter de território de fronteira de Caldas Novas. Nasce com isso uma noção de pertencimento que despreza o passado e os fatos, existindo como a forma ideal para os sujeitos.

Nesse contexto, outro comércio floresce, são as cartomantes, mães-de-santo, as “Madames fulanas” que curam as mazelas amorosas, fazem voltar os amores, resolvem problemas financeiros em setenta e duas horas, quebram demanda e tudo mais que possa existir de místico, mágico ou diabólico. Elas formam um cartel de relevante poder em alguns segmentos sociais. Curiosamente são entre a classe média, e os novos ricos, que elas mantêm sua clientela, os antigos rituais pagãos de proteção divinatória, e não é raro o pedido para o mal de alguém, para que não se permita o crescimento social – pelo menos o pedinte acredita nisso. Assim, nas ruas sombrias e bairros nobres escondem-se essas mulheres que em parte são originárias desses “quengodrómos” (lugar com muitos prostíbulos), gerando lugares de fronteiras com relações sempre mutantes.

A cidade finge não perceber suas variações, finge não existir o lado de tensões e resistência, que se dão nas casas de prostíbulos situadas a margem, sempre a margem na periferia da cidade. Ao mesmo tempo outro grupo pertencente à outra faceta cultural decreta guerra aberta a esse comércio do corpo e do prazer.

Os donos da fé combatem esse grupo de “filhos do mal”, mas, curiosamente utilizam-se de elementos ritualísticos como passes energéticos, descarrego e outros elementos em seus rituais cristãos. A hierofania se materializando no espaço cívico-cultural. A repetição gera uma ideia de pertencimento, gera atos sociais e,

portanto entre outras coisas são locais que possuem potenciais de conflito, pois possuem e fornecem modelos e crenças rivalizando contra os espaços e pessoas que não o aceitem. Essas práticas estão eivadas de simbolismos que passam despercebidas pela maioria de nós, o mesmo engodo de tornar cristão o santo pagão, apropriar-se do outro, mas com imposições, restrições, novas regras, mas, mantendo o mesmo sentido.

Querem promover o comércio e a cultura do politicamente focado em Deus, abrem livrarias, fazem shows de músicas “gospel”, camisetas, faixas, querem forjar o perfil da cidade para o turismo de Deus, a terra da Salvação.

Mas a cultura submersa redobra o fôlego, investe maciçamente na publicidade, na erotização do corpo, oferecem lindas mulheres, danças exóticas e erotizadas, discrição e bom preço, o consumo consegue penetrar inclusive nos filhos da fé, que sob o manto da noite procuram os antros de prazer para extravasar seus mais inconfessáveis desejos, o mundano atraindo o sagrado, embora tenham um pacto de silêncio e discrição, próprios desses lugares de fronteira.

A cidade fervilha em um multiculturalismo, e acaba expondo as problemáticas imbricadas nestas relações, comércio e fé, prostituição e salvação acabam tornando-se elementos de uma mesma cultura, de um mesmo local.

Os signos multiculturais, são expostos de maneira ardilosa, demarcam os seus territórios, deixando claro que os locais de fronteira são lugares permitidos a todos e proibidos por todos. Esse multiculturalismo de fronteira que existe na cidade é refletido em sua arquitetura multifacetada, pois cada espaço representa seus segmentos culturais, marcados com palavras de ordem e signos que definem cada elemento de cada cultura.

Caldas Novas vivencia esse hibridismo, uma camaleoa, a marca pretendida de estância hidrotermal ainda não conseguiu se fortalecer, a cidade alterna suas imagens. Hoje uma em destaque é a do prazer, uma terra de ninguém, onde todos os turismos são possíveis e em especial o sexual, e esse não se trata de casa de encontros ou prostíbulos, são as personagens da cidade que também se aproveitam dessa marca do prazer, e começam a usar os corpos logo cedo, antes dos quatorze anos, resultado da cultura híbrida nascida nos territórios fronteiriços.

Qual é a verdadeira face de Caldas Novas? Como rotular uma cidade tão pulsante? Simplesmente não a rotulando, não definindo uma só face, mas sim um caleidoscópio de faces, que se mostra a cada virar de esquina, a cada cruzar de ruas.

O forasteiro busca encontrar alternativas culturais, mas a cidade ainda se nega a entregar-lhes, a troca cultural que deveria acontecer fica carente de articulações sociais. Mas essas parcas relações proporcionam uma “quase troca” cultural, dando origem a formação de um “entre-lugares”.

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. (BHABHA,1998, pg.20)

Isso promove uma ressignificação das identidades, nascidas da crise em função de suas diferenças. Oportunizado o direito de expressão a partir das periferias dos poderes constituídos, mas deixando claro que essas transformações não são simplistas, são demoradas, complexas, forjadas nas estratégias das resistências de todas as culturas do local.

É por isso que se formam vários imaginários sobre a cidade, e esse imaginário permite ao sujeito uma noção de contemporaneidade cultural. A temporalidade não existe, há uma descontinuidade temporal. Essa polifonia cultural dissonante que se ergue das fronteiras é o lugar no qual “algo começa a se fazer presente” no dizer de Bhabha (1998).

Esse trabalho fronteiriço, esse novo hibridismo pulverizam aos grilhões do tempo, rompe com as barreiras do hoje - contemporâneo o que permite o nascer desses novos espaços.

A linguagem e a arquitetura delatam essas fusões, os espaços são realinhados, o prostíbulo teve um filho bastardo, mas que foi criado pela sociedade e assumiu ares de nobreza, o motel, e esse é mestre em criar ilusões, feito para o deleite visual e corpóreo dos visitantes, a continuação do prazer, um local das permissões. Nasce, discretamente, a margem, portanto, é um filho marginal, mas com uma força de encantamento, como nas lendas, um canto de sereia, impossível de resistir, mais um mito moderno.

Há pouco era um local visitado somente pelos sedentos de amor, hoje a pós-modernidade ampliou seu discurso, tornou o profano em virtuoso, propagandas convidam a passar um fim de semana em lugares paradisíaco, o amor ao alcance de todos, mudando a significação do sexo e do prazer. A nova linguagem fronteira ocupando o espaço nobre da sociedade.

Surgem, com isso também, as mazelas culturais, as aparas geram distorções, infanticismo, pedofílias e as tentativas de coibir sua propagação. O equilíbrio torto das fronteiras.

Porque a cidade proíbe o jogo? Aliás, porque o poder proíbe o jogo? Em princípio porque são rotas de fuga do cotidiano moderno, em que a única coisa que importa é o tempo desprendido em prol da produção. Os jogos anarquizam as estruturas geradas pelo processo civilizador da modernidade. Aceitar o jogo de azar, e permitir quebrar as regras da própria conduta humana focada em seriedade e compromissos. O jogo anarquiza este processo, incendeia, apaixona, quebra a sobriedade e a rotina, no apenas a um segundo antes do resultado final o nível de stress e adrenalina criam uma situação única. Um transe congela e desagua em vitória ou derrota. Não importa o resultado, o que importa é a quebra da rotina, a explosão apaixonante e vibrante da possibilidade do acaso, da fortuna da vitória ou do fracasso. Por ter um caráter lúdico fere as moralidades públicas.

O jogo subverte a modernidade capitalista, a problematização do jogo na esfera econômica desestrutura os padrões da moral e ética vigente, a norma, a educação e as questões sanitárias sociais induzem ao acúmulo, a prevenção, a poupança, quando no jogo o perder e o ganhar vêm sem trabalho, e a lógica do capital moderno está ancorada no trabalho, a educação se não puder afastar o “bom homem” dos vícios não terá feito o seu papel. Cabe ao estado “suprimir” os vícios, ser o guardião dos costumes, o homem lúdico deve ser combatido.

Mas essa mudança e cobranças contra os vícios e os malefícios dos jogos, são algo relativamente novo no Brasil. O governo ditatorial de Vargas, não os proibia, aliás, incentivava os cassinos. Até 1946 existiam 70 cassinos no Brasil com mais de 53.000 empregados, segundo informa *Juliana Mancini Henriques* no seu texto sobre a proibição dos jogos de azar no Brasil. A primeira lei de contravenções penais que foi Parte Especial Capítulo VII Das Contravenções Relativas à Polícia de Costumes Jogo de Azar trazia em seu artigo 50:

Art. 50 - Estabelecer ou explorar jogo de azar em lugar público ou acessível ao público, mediante o pagamento de entrada ou semente:

Pena - prisão simples, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa, estendendo-se os efeitos da condenação à perda dos móveis e objetos de decoração do local.

§ 1º - A pena é aumentada de um terço, se existe entre os empregados ou participa do jogo pessoa menor de 18 (dezoito) anos.

§ 2º - Incorre na pena de multa, quem é encontrado a participar do jogo, como ponteiro ou apostador.

§ 3º - Consideram-se jogos de azar:

a) o jogo em que o ganho e a perda dependem exclusiva ou principalmente da sorte;

b) as apostas sobre corrida de cavalos fora de hipódromo ou de local onde sejam autorizadas;

c) as apostas sobre qualquer outra competição esportiva.

§ 4º - Equiparam-se, para os efeitos penais, a lugar acessível ao público:

a) a casa particular em que se realizam jogos de azar, quando deles habitualmente participam pessoas que não sejam da família de quem a ocupa;

b) o hotel ou casa de habitação coletiva, a cujos hóspedes e moradores se proporciona jogo de azar;

c) a sede ou dependência de sociedade ou associação, em que se realiza jogo de azar;

d) o estabelecimento destinado à exploração de jogo de azar, ainda que se dissimule esse destino.

O golpe definitivo veio através do presidente Eurico Gaspar Dutra com o decreto - lei 9.215, de 30 de abril de 1946. A grande desculpa era que os jogos de azar eram degradantes para o ser humano. Existem fortes indícios que o decreto-lei somente ocorreu por manobra da igreja católica através de sua esposa, e a polícia dos costumes colocando seu poder cerceador em prática. Os jogos dão lucro? Se dão porque não permitir?. Na tentativa de ofertar um mínimo, porém, sobre o manto saneador do estado, instituiu-se o jogo oficial, legalizado em especial as loterias: loto, mega-sena, dupla-sena, jogos aceitos e propagados pelos poderes. Mas as cidades resistem, com seus jogos de bicho, os bingos eletrônicos, casas de carteados e até cassinos clandestinos com o que funciona até hoje em Caldas Novas no prédio anexo ao hotel CTC no centro

da cidade, encoberto somente pelo véu da impunidade, encravado no centro da cidade, retoma o luxo e o prazer do 21, a clássica roleta, o bacarat, sem limite com a mais pura emoção, a possibilidade da riqueza fácil, que nunca vem, a adrenalina das possibilidades, as luzes claras, o álcool fácil, o sorriso sedutor convidando a mais uma partida.

Mas a cidade cria suas estratégias, os bairros afastados também tem os seus cassinos, as chamadas mesas de jogo, local feio, fechado, um quarto no fundo de um barracão é o único jogo e a caixeta, um jogo de nove cartas, vence quem formar três trincas, local de trapças e endividamento e não raro de mortes.

A bebida é o café requentado ou a cachaça ruim, o ar pesado pela fumaça do cigarro barato, a mesa com palitos de fósforo e as notas de cinco reais, dias infundáveis para ganhar ou perder o salário do mês, às vezes de meses.

O turista de aventura busca essas facetas de Caldas, as sombras culturais, a permissividade, esbarram nas mesas de sinuca e nos jogos de truco, que já deixaram de ser inocentes e passam a ser acirrado objeto de disputa e aposta. É o tempo presente, construindo uma nova memória cultural.

Esse hibridismo multicultural de Caldas Novas acaba por se tornar uma forma de capital, capaz de atrair divisas para cidade e forjar sua identidade ou, mais uma faceta de sua identidade. A cidade redistribui as diferenças com uma solidariedade corporativa.

Mas a projeto de transformação precisava dos alicerces da ciência, a qualidade e a importância das águas eram fundamentais nesse processo de modernização, o projeto já tido como vocação necessitava de publicidade com referência ao teor das águas, suas propriedades médicas e as melhores utilizações possíveis para seus pacientes. Caldas Novas necessitava do mundo científico para consolidar-se no espaço do moderno e na formação de um espaço geográfico urbanizado, uma cidade balneário, com todos os recursos de lazer possível. Grandes jardins, espaços culturais, bons hotéis, boas vias de acesso e local para banho, tanto para a cura das mazelas como para o lazer familiar descompromissado.

Mas a final a cidade, esse campo de indefinições, com suas tensões sociais, consegue se reestruturar para, nas páginas do jornal “O Kró” e em alguns jornais da região como o Ypameri e o Araguari, podia se extrair notícias sobre a pesquisa e a qualidade das águas da cidade.

O KRO

O KRO, é um jornal que não se empresta ASSINA-SE

Colaboradores — Diversos
Anual \$8000-Semestral \$4000

Diretores—Redatores
O SANTOS e C. GODOY
OFICINA PROPRIA

CRITICA, LITERARIA E NOTICIOSA

ANO 4

Caldas Novas (Goiás), 10 de Junho de 1938

NUMERO 81

Descrição da magestosa Serra de Caldas, feita por Saint-Hilaire, em 1819.

A Serra das Caldas não está a mais de tres quartos de legua portugueza da fazenda, tem apenas pouca altura, e, de longe, apresenta-se sob a forma de um prisma trapezoidal alongado, com o cume de altura uniforme. Avançamos para essa montanha seguindo uma trilha pouco frequentada, e chegados quasi á sua base, mudamos de direcção; a trilha, então, tornou-se pedregosa, e, por vezes, bastante difficil. Dobramos um dos dois lados mais estreitos da montanha, e, durante algum tempo, caminhamos parallelamente a uma das grandes encostas. Esta ultima muito mais irregular do que o flanco que lhe está opposto, apresenta alternadamente depressões profundas e saliências abruptas; a outra encosta, pelo contrario, se estende por um declive assás brando, e não apresenta nenhuma anfractuosidade; vêm-se ali, somente, gargantas pelas quaes correm as aguas e que a sulcam serpenteado.

Nessa excursão atravessamos quasi sempre campos seccos, como todos então o estavam, onde, porém, reconheci algumas plantas de zonas elevadas, particularmente a *Myrtacea* n.º. 881 4º.

Prosegue, no Rio, a analyse das Aguas Termais de Caldas Novas.

O Prefeito local, Cel. Luiz José Pereira, acaba de enviar mais alguns garrafões de água termal para o Ministerio da Agricultura, endereçado ao hydrologista Professor Bruno Lobo, que está fazendo uma minuciosa analyse das aguas mais quentes do Brasil.

Enviou-se, tambem, as algas que produzem as aguas termais do Pirapitinga, justamente onde ha uma fonte de 51°. Estas algas que tem grande poder terapeutico applicadas em certas febridas, segundo observações de alguns benéficos com as mesmas, cobrem a-

nualmente o grande lago do Pirapitinga, dando-lhe um aspecto pitoresco.

Com este material que seguiu, terminará o professor Bruno Lobo o exame que aqui iniciou ha tres mezes, dando de tudo um circunstanciado relatório.

L
A
G
O
d
o
P
I
R
A
P
E
T
I
N
G
A



As aguas mais quentes do nosso Continente estão reunidas neste magestoso lago, de onde, agora, foram retirados alguns kilos de alga e enviados ao Rio para exame. O vulgo attribue, um grande poder terapeutico á mesma; e, dá ela com outros adjuntos, um ótimo sabão.

A notícia diz respeito a mais um pedido sobre as propriedades medicinais das águas termais de Caldas Novas, fundamental o aval da ciência para a concretização do projeto de cidade-balneário. Além de divulgar para as cidades vizinhas eram um reforço para a população local sobre a importância das águas existentes na cidade.

Sanitarismo, salubridade, higienismo, ciência, modernização, cura, são um conjunto de categorias que assumem um significado primordial para a nova Caldas Novas. Assumem novos valores junto a camadas populares, mas ao mesmo tempo ganham roupagem e status trazidos pelo aval da ciência. São essas diferenças que fazem o ‘moto-perpetuo’ dos processos de construção logística, de educação e formação identitária gerando moda, linguagem, arquitetura, culinária que muitas vezes parecem ter sido substituídas pelas inovações técnicas, quando na realidade são trabalhos de uma cidade e sua cultura em movimento.

A folia faz parte somente da memória de alguns anciãos, em seu lugar são forjadas novas tradições, que dizem respeito a multidões em busca do prazer fácil, da musicalidade da hora, de megas-aparatos o forjar da Tradição, a isso Certeau qualifica isso de antiafinidade eletiva:

Essa diferença em face da teoria se deve a uma convicção ética e política, alimenta-se de uma sensibilidade estética que se exprime [...] O dia-a-dia se acha semeado de maravilhas, espuma tão brilhante (...) como a dos escritores ou dos artistas. Sem nome próprio, todas as espécies de linguagem dão lugar a essas festas efêmeras que surgem, desaparecem e tornam a surgir, (CERTEAU, 2000, p. 18)

Mas essas artes de fazer criam resistências morais, oportunizam-nos uma maravilhosa viagem através da vida comum, da cultura comum, que não é cega, nem surda e lhe sobra criatividade.

Essa criatividade também pode ser vista de maneira sazonal em Caldas Novas, quando é visitada por diferentes circos.

Hoje a criançada não correm mais ao encontro dos carros que desfilavam pelas ruas empoeiradas da cidade. O circo chega na calada da noite, finca seus tentáculos, e mostra sua lona suja e mal cuidada e seus animais magros. Um carro de som sai anunciando pela cidade: “O circo chegou...O circo chegou!”

Mesmo assim já não trazem mais consigo o fascínio mágico, o trapezista não ilude em seu vôo solitário, a turba as gritos prefeririam que ele caísse, o palhaço,

não representa a alegria, hoje nada mais é que uma triste sombra do palhaço de outrora, não possui mais o glamour, suas piadas já não trazem o riso fácil.

Suas roupas folgadas somente demonstram sua dor, a dor da lona não mais existir, e ter sido substituída por tendas infláveis, com tecnologia de última ponta, cadeiras e ar condicionado.

Afinal, quem é o palhaço? Bom, hoje já não é o ladrão de mulher. Hoje, já não é mais a alegria, mas é a resistência de uma cultura que a cidade abraçava com carinho, hoje o circo não leva quando parte os sonhos dos adolescentes, simplesmente parte em busca de seu lugar em outra cidade, busca novamente tornar a trapezista a mulher dos sonhos e o palhaço o velho ladrão de mulher...

Hoje o circo se foi. Mas, o murmúrio das fronteiras internas da cidade está mais forte, novas linhas de fugas são criadas, o novo e o velho misturam-se, Caldas Novas pulsa freneticamente.

E preciso conter esse pulsar e definir de maneira organizada e estrutural o que poderá ser uma cidade hidrotermal.

2.5. UMA NOVA FACE – BUSCANDO O BALNEÁRIO.

Todas as mudanças orquestras tanto pela primeira geração dos Coronéis das Águas bem como por seus filhos, buscavam mudanças drásticas mudanças. O redimensionamento de ruas e calçadas, a colocação de meio-fio, construção de galerias de águas pluviais acabam criando o politicamente correto. Os clubes sociais, a criação de Associações, com a de “Basket” criada precisamente em 01 de janeiro de 1938 tendo como diretoria: presidente – Dr. Tulio Resende; Vice-presidente – Celso de Godoy; Diretores – Brasil e Ulisses Alla, enfim, todos da segunda geração, filhos dos Coronéis das Águas.

Foram criadas pensões, mercearias, restaurantes, lojas de tecidos, correios, uma prefeitura bem montada, serviço sanitário, um jornal. A cidade ganha ares bucólicos, porém sem lembrar o rural, são implantados serviços de correio, linhas de ônibus e o primeiro clube com águas termas. O lado correto, visível e vistosa da cidade.



No último dia do ano de 1937, o jornal "O Kró" traz em suas páginas a informação da criação de um clube. O projeto não era novo, datava do inicio dos anos de 1920, quando do projeto inicial de transformação a cidade em um balneário. Infelizmente os líderes locais não conseguiram transformar a pequena caldas em um grande balneário. A fama da cidade se manteve em função da qualidade de seus águas, Caldas Novas dos anos de 1911 a 1970 mudou muito, muito pouco, continuou sendo a pequena Caldas Novas, com uma grande potencial de uma cidade Balneário.

3. A EDUCAÇÃO PARA O FUTURO

A questão da educação e a educação para o trabalho são um dos temas que recebe contribuições de debates de várias áreas do conhecimento. A marcha acelerada desses tempos modernos, essa redução da relação espaço-tempo, faz com que essa preocupação torne-se ainda mais presente nos dias atuais. O capitalismo tem com um de seus pontos principais a produção, logo a necessidade de trabalho para que a produção possa ocorrer. Hodiernamente esse binômio é responsável por uma vasta produção literária e principalmente por nortear o conjunto de saberes focado na qualificação de indivíduos a serem absorvidos pelo mercado de trabalho. Nesse trabalho, busco fugir às rédeas de determinadas correntes, ao mesmo tempo em que não me inscrevo em nenhuma delas; utilizo uma grande parte delas para entender o que ocorreu na região das Águas Quentes e como Caldas Novas utilizou a Educação para ancorar seu projeto desenvolvimentista.

Entendo que as variantes de cada uma dessas teorias são entrelaçadas em um grande rizoma¹ social, um sistema aberto que poderíamos chamar de Educação, em cada uma das variáveis encontramos fragmentos das outras, fundidas e disfarçadas de novo. A educação oportuniza novas estruturas que possibilitam mudanças ou a manutenção de determinado tipo de sociedade, independente da liga ou vertente que se inscreva. Dentre as várias definições vejamos três possibilidades de definições sobre o que pode ser educação, a primeira seria a educação escolar, ou a educação erudita, acessível durante muito tempo somente para uma minoria privilegiada; “educação

¹ Para melhor explicar o que é um rizoma, tomando como base as questões filosóficas e epistemológicas nada melhor que a explicação do próprio Deleuze sobre este conceito, em entrevista publicada no jornal "Liberación", em 23 de outubro de 1980:

"O que Guattari e eu chamamos rizoma é precisamente um caso de sistema aberto. Volto à questão: o que é filosofia? Porque a resposta a essa questão deveria ser muito simples. Todo mundo sabe que a filosofia se ocupa de conceitos. Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência."

difusa”, essa acaba por confundir-se com a terceira forma de educação, a “educação popular”. A “educação difusa” tem como veículo principal os meios de comunicação de massas, esses meios são responsáveis por formações nas camadas populares de valores culturalmente construídos pelos meios midiáticos. E por último, a “educação popular” esse tipo de educação visa a manutenção e produção das chamadas “culturas populares” assim, essa educação não segue a esteira dos ensinamentos clássicos ou eruditos, antes disso, identifica-se principalmente pela oralidade.

Comparando a teoria da pedagogia histórico-crítica de Saviani, um marxista, com a teoria dos tipos ideais de Weber, podemos filtrar similaridades entre elas. Weber construiu suas teorias sobre a educação tomando como eixo básico a teoria dos tipos ideais, dando ênfase, principalmente aos tipos de dominação, com as quais relaciona seus tipos de educação; a carismática e a tradicional que estão presentes em especial nas sociedades em formação anterior ao capitalismo, elas normalmente se fundiam ao próprio professor, era o mestre que promovia o encantamento e dessa forma ocorria à formação do conhecimento, já a educação burocrática é a comum na sociedade capitalista, está ancorada em uma educação que qualifica o cidadão para o mercado de trabalho, na realidade, estamos falando aqui em capacitação, treinamento e qualificação de mão-de-obra, o que poderia e deveria ser considerado como ensino profissional, esse tipo de educação burocrática se confunde com o nosso atual modelo de ensino profissionalizante. Uma leitura desatenta nos levaria a uma separação clássica das teorias, mas se lançarmos um novo olhar encontraremos estruturas semelhantes, porém, utilizadas de formas distintas, a politécnica, visa à formação completa entre arte e trabalho, técnica e produção da mesma forma a Escola Unitária. São teorias que com caminhos distintos buscam estruturar e analisar as formações educacionais ou a produção do conhecimento em determinado local.

Caldas Novas – Go, que até meados do anos de 1930, tinha um perfil totalmente agrário, porém, de maneira distinta das suas cidades-coirmãs, sofre um processo civilizatório e desenvolvimentista ímpar. O campo passou por um processo de transformação, pois a própria cidade era a união de várias fazendas próximas. Para ser transformada em cidade, Caldas Novas, construiu um elo social capaz de congregar seus cidadãos, a igreja. Ela tornou-se o centro social, político e urbano. O poder exercido pelos líderes locais era irresistível, uma produção simbólica foi devidamente delineada por

esses homens, essa produção simbólica gerou o ideário que se tornaria o carro chefe para a transformação estrutural e social, criando uma identidade local.

Para dar representatividade às “águas termais”, partia-se de uma produção simbólica de desenvolvimento para a fixação real de uma nova cidade, moderna, urbana e desenvolvida nos modelos vigentes da época. Seriam necessárias mudanças em todas as relações estruturais, culturais e econômicas da cidade (religião, cultura, arte e senso comum), essas estruturas deveriam ser realinhadas e adaptadas às novas estruturas que iriam ser impostas à cidade. O objetivo, incorporar e reestruturar os espaços da pequena cidade, focando no projeto que tem com carro chefe a água termal, em especial suas qualidade medicinais. Embora Caldas Novas, na contra mão de outras cidades balneários, não contasse com o apoio de médicos, os políticos tinham a preocupação de educar com base na higienização e na sanitização e com isso o processo transformar-se-ia em realidade econômica e desenvolvida.

Essas ideologias nascidas do poder sanitarista das águas “radioativas” que serviam de panaceia a todos os males do corpo, foram transformadas em significativos elos de poder, pois alinhavam novas funções e, por conseguinte um novo modelo e novas condições sociais.

Para um melhor entendimento sobre essas influências, são necessários recortes históricos e historiográficos que demonstrem como os principais governantes – os Coronéis das Águas – utilizaram esse poder de transformação, ou seja – A educação para o trabalho – esse tipo de educação reforça e autoriza um poder simbólico a que já estão servindo, mesmo que não possuam conhecimento sobre essa relação de poder e dominação, parafraseando Weber é “a domesticação dos dominados” em prol do ideário local de transformar a cidade em balneário hidrotermal. Projeto utópico, contagiante e alienador das “massas sociais” que durante muitos anos estiveram atrelados ao campo sem o mínimo de entendimento necessário sobre as artimanhas políticas para execução desse projeto reconstrutor da cidade.

O porquê de tamanha demora da realização do projeto? Quais os itens que estavam incompletos? Quais os elementos não estavam se encaixando no processo? Faltavam quais tipos de recurso?

É possível que embora tivessem buscando alterar a cidade, somente a boa vontade e os investimentos iniciais não fossem capazes de resolvê-los. Talvez o apoio de um grupo de cientista e médicos, morando na cidade e em prol dela trabalhando tivessem ajudado nas questões referentes a educação necessária que a mudança exigia.

Entender esse ponto, nos dará condições de encontrar a ponto do novo criado para esse projeto de utilização das águas termais, compreender como o homem-cidadão vê a si e a cidade, unificar novos valores científicos e ao mesmo tempo romper os grilhões dos vícios trazidos por eles.

Esse processo de formação cultural, uma educação focada sempre na necessidade de época e da cidade, um conhecimento básico de higiene e de utilização desses mínimos valores para poder atender ao forasteiro. Em todos os tempos os homens se vestem culturalmente de suas necessidades. Transformar o antigo homem, para um novo ser-social da nova urbe. Para um bom entendimento desse processo civilizador e urbanista, necessária se faz uma análise sobre as regiões vizinhas, e como era tratada a educação nesses locais, isso nos oportunizara uma melhor visão sobre as tendências e perspectivas.

Os jornais citadinos oferecem uma grande possibilidade para essa análise, e assim nasce outro questionamento: os administradores dessas cidades sabiam que linha pedagógica estava utilizando? Tinham conhecimento das várias vertentes? Durante o período quais eram essas linhas?

A história da educação é condição de identidade, da racionalidade educativa e pedagógica, com ela e através dela podemos entender melhor o conjunto político-sócio-pedagógico utilizado em determinadas épocas e cidades, e assim compreendermos qual era o objetivo final das elites naquele momento. As fontes devem ser muito bem analisadas para evitarmos as armadilhas nelas contidas. Devemos fugir da subjetividade. As principais fontes de acesso são sem dúvida os registros das prefeituras, os jornais de época e os testemunhos orais, quando possível. A aproximação do pesquisador com essas fontes oferece um novo (re)descobrir, ou melhor, nos permite aproximar do que foi ou poderia ter sido a educação em determinado período. A grande bússola desse processo, sem dúvida ancora-se nos jornais citadinos.

Desta maneira, quando questiono se a educação sempre pretendeu ser uma educação para cidade, e se ela visava dar condições profissionais para a manutenção da

produção desejada, e se essa mesma educação conseguia manter a cidade economicamente ativa, acabo me aproximando de Pintassilgo(2000) pensador português que busca entender a educação para a cidadania.

Comparativamente ao texto de Pintassilgo que se reporta ao Estado Novo português, o Estado Novo brasileiro em sua busca pelo ideário nacional e a formação de um novo país, acabou por fazer um engessamento da educação, com a criação de cartilhas e manuais, formalizando um ensino profissionalizante que buscava formar mão-de-obra para as necessidades emergentes da nação. Os casos citados não destoam dessa proposta, em uma análise das principais fontes, podemos verificar a importância que os políticos davam à educação ou que no mínimo davam importância ao controle social das escolas. Grandes e acaloradas discussões aconteceram em torno do tema.

Outro caso que aqui merece destaque é a cidade coirmã de Caldas Novas, a cidade de Ipameri. A cidade politicamente era o oposto de Caldas Novas: as brigas políticas eram claras e a ferramenta utilizada para a divulgação dos ideários políticos eram os jornais locais que defendiam suas correntes e seus candidatos, deles podemos extrair como a Educação tinha uma importância fundamental para tais projetos.

Enquanto pesquisador uma série de questionamentos são elencados: Qual a importância da educação para o desenvolvimento social e econômico da cidade? Como nós aproximarmos desses problemas em épocas e em culturas diversas e readaptadas? Tudo isso, sem dúvidas nos levará a um retorno no tempo, seremos obrigados a entender as relações de força e poder que nasce desde a vida em comum das primeiras aldeias até a utilização da educação para o trabalho. O que gerou uma alteração nos modos educacionais? Existe uma transformação sutil na educação quando ela passa a ser instrução, essa transformação cria um novo saber, um saber técnico que não visa à educação continuada e completa, ao contrário, seu único objetivo é treinar e preparar para as necessidades do mercado, que se transforma ao longo dos tempos e quase como um padrão a cada quinquênio, pois a economia se adapta, cria novos mecanismos que necessitam de novos profissionais. Portanto, a Instrução ganha um destaque especial no universo educacional, a educação deixa seu sentido lato e passa a técnica instrumental, uma ferramenta que buscará dar sustentação aos ideários políticos vigentes.

Dessa maneira um questionamento persegue-me insistentemente: preocupa-me a ideia que, nós pesquisadores atuais, escolhemos e enquadrando-nos nas teorias vigentes os padrões de épocas passadas. Será que os pedagogos, professores e

políticos das épocas pesquisadas não tinham pleno conhecimento do que faziam? Mesmo porque, segundo Justino Magalhães (2004, p. 15) “Projeto social, a educação é uma construção pessoal; é um processo centrado no sujeito e que tende a assumir a modalidade de projeto, cuja representação de futuro medeia entre uma idealização e a realidade educativa.” Essa definição serve-nos como luva, por mais que fossem utilizados mecanismos de massificação, tecnicismo e falta de repasse cultural, cada indivíduo será único, sua atuação no mercado de trabalho será definida pelo quanto assimilou dos ideários e quanto conseguiu reter e utilizar na realidade social a instrução adquirida: assim, com um aproveitamento acima da média o indivíduo conseguirá um destaque, tanto econômico como social, realinhando o projeto idealizado para o momento.

No âmbito Brasil, durante o período dos anos de 1930 a 1970, várias mudanças aconteceram na Educação, embora não tenham conseguido êxito pleno em seus anseios, um grupo de pensadores organizou um protesto que ficou conhecido como o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, texto que veio assinado entre tantos por nomes como: Fernando Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Cecília Meirelles. O manifesto identifica e demonstra os problemas dos brasileiros com a educação. Propunha reformas, citavam algumas de êxito, criavam nexos para demonstrar as bases em que estavam assentadas a Educação Nova. Mas, o que é mais curioso do manifesto é que esse grupo de intelectuais acabou por formar uma corrente híbrida de pensamento.

Essa época tem seus ecos na cidade de Caldas Novas, o primeiro grupo escolar foi construído a partir dos modelos sugeridos durante o final dos anos de 1920 a 1930 e com recursos dos líderes locais, mais uma tentativa de adaptar a cidade ao projeto hidromineral. Um resposta clara aos ideais difundidos no período dos anos de 1920 a 1930.

A educação deveria oferecer ao cidadão condições de assumir as novas frentes de trabalho necessárias para a cidade. O meio comunitário também exerce uma forma de educação sobre os indivíduos, estes espaços não formais contribuem em muito para a implantação da educação no sentido amplo. a educação iria juntamente como o trabalho oportunizar a libertação das ideologias burguesas dominantes, produzindo através dela, a Educação, a possibilidade de todos serem iguais. Os Pioneiros da Educação Nova se aproximam de Gramsci no tocante á educação e o trabalho, é parte do processo a ser constituído, mas separam-se profundamente, quando os Pioneiros utilizam a

educação como elemento de controle e dominação ao passo que Gramsci nesse mesmo processo visualiza outro viés, o contraponto capaz de criar um equilíbrio entre a população simples e os donos do poder político e financeiro, através dos intelectuais orgânicos gerados no seio da educação pelo trabalho.

A Educação Nova corrobora com nosso pensamento de que as várias teorias existentes formam um espaço híbrido e rizomático para o conhecimento, esse espaço irá criar as condições referentes às relações Trabalho e Educação para consolidar o projeto Balneário Caldas Novas.

3.1 - O bê-a-bá da cidade.

Nas estruturas sociais, um conjunto de práticas sempre se agrupa para em conjunto darem corpo ao que se pretende. O conjunto acaba ficando definido na legislação local, na ação prática e efetiva da prefeitura colocando as ações necessárias para desenvolver o projeto idealizado. Assim, o conjunto necessita de casas, hospitais, segurança pública e principalmente escolas, pois sem elas a população não aceitara calmamente o projeto transformador de uma cidade agropastoril para uma grande balneário.

Para que a política consiga transformar seus anseios, busca consolidar paradigmas e dogmas, e para isso nada melhor que a educação, ela é plástica, molar, molecular, rizomática. Pode trilhar o caminho das formações sociais e discursivas, como também pode trilhar o caminho do tecnicismo e da rapidez, junto a ela, a Educação, a imprensa também recebeu um papel de destaque, pois e justamente ela é utilizada para dar publicidade aos projetos educacionais, ou colocá-los por terra, um poder paralelo com uma força avassaladora.

No caso da educação, as escolas e grupos escolares que se formaram no processo de estruturação da sociedade caldense, fazem parte do ideário nacional

[...] considerando a globalidade do social, e tendo em vista as características do ambiente em que está situado o homem, conduziu a uma abordagem mais ampla

da vida social e cultural. Estudos de outras ciências fizeram-se necessários e foram realizados. Essa condução respaldou-se em Febvre (1978) e em Vovelle (1987), em busca de pistas para o estudo das atitudes e mentalidades da população, no que se refere ao setor educacional. Portanto, o rigor científico, na análise dos artigos dos jornais, conduz-nos a indagações sobre aspectos subjetivos e dos interesses que os direcionaram, ou ainda, a quem interessava aquelas interpretações da realidade. (ARAÚJO, 2002, p.71-72)

Acrescentamos a ideia de Araújo(2002) à utilização de outros documentos como atas e livros de leis, para a estruturação do “corpus” e da compreensão dos aspectos subjetivos que direcionam as pesquisas. Essa subjetivação nos leva a várias formas de pensar o processo histórico e novamente nos servimos dele:

Neste sentido, há várias formas de se pensar a história dentro de condições particulares e específicas, com as suas múltiplas atividades: política, econômica, social, cultural, religiosa e literária; que compõem o espaço onde homens e mulheres vivem situações sociais reais, com necessidades e interesses diferenciados. (ARAUJO, 2002, p. 73)

De 1911 a 1923, Caldas Novas vivenciou períodos de instabilidade social e política, seus primeiros interventores tinham uma preocupação constante com a educação, de como deveria ser moldada a população local. Podemos extrair dos livros de atas, que documentam as primeiras leis da cidade, um cuidado para com a educação. As ideias liberais se apoiavam na instrumentalização da sociedade através da educação, desde a Revolução Francesa, a liberdade e a educação ganharam um destaque profundo em quase todos os países. A importância das letras, do bem falar e do bem escrever já ocuparam um lugar privilegiado em Peter Burke – As fortunas D’O Cortesão

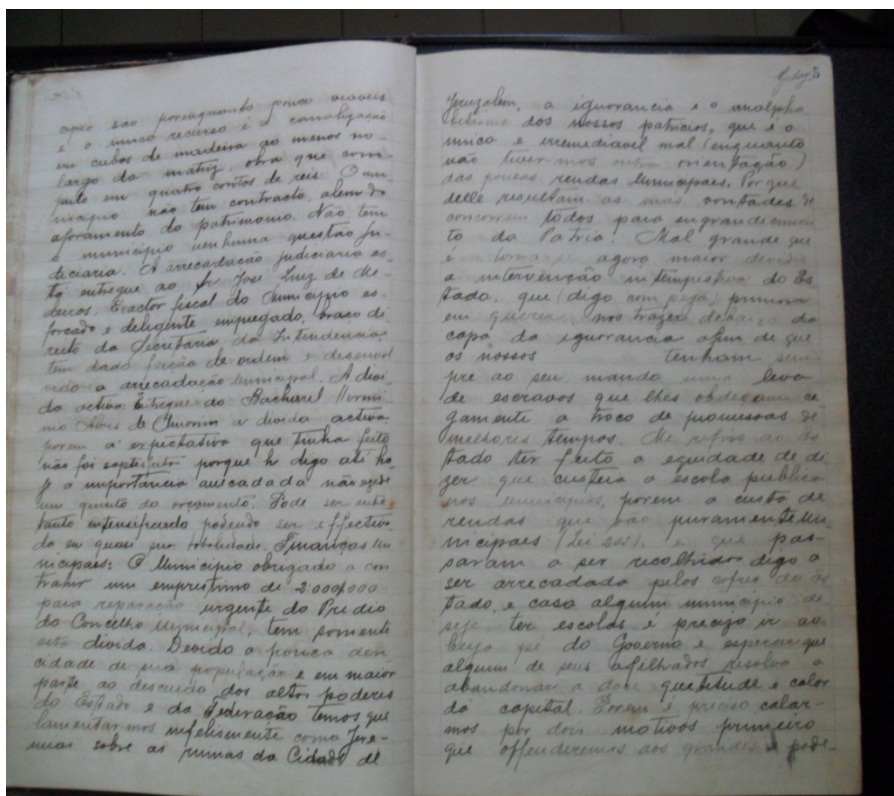
“A discussão sobre o cortesão perfeito começa com a questão da nobreza (em outras palavras, a importância do “valor” versus o nascimento) seguida pela do combate (mais exatamente, as armas versus as letras). A descrição das habilidades literárias necessárias a um cortesão perfeito... (1997. p. 39)

Embora a discussão versasse inicialmente sobre o cortesão italiano a comparação para o matuto do interior goiano não está longe. Os poderosos se vestiam dos discursos sociais e dos clamores republicanos. Um país deveria ser feito, parafraseando o dizer de Monteiro Lobato, de homens e livros. Os matutos acostumados à lida de bois e campo tinha que ter suas almas domadas pelo “letramento”, só assim, o projeto sócio-político que fora idealizado poderia ter continuidade. A rudeza do campo deveria ser repaginada, o rural deveria dar lugar ao campo, situação mais aprazível, pois remete ao bucólico, a cidade deveria apresentar um projeto de “urbe” a modernidade deveria se instalar em Caldas Novas. Mas isso não foi possível somente com a boa vontade, a terra ainda insistia em se manter rude e as novas linhas propostas para a cidade eram difíceis se serem percebidas, o campo se mantinha resistente. Os clamores dos poderosos ecoavam para todos os lados, pediam estradas, pediam ajuda, vinha entre as vozes dos pedidos, um apelo das entrelinhas, que a cidade se curvasse ao projeto de balneário e se mostrasse nova. Mas os prédios continuavam os mesmos, até o balneário municipal não conseguia perder a aparência de casa de banho, velha, feia, algo que somente os doentes usariam, a cidade continuava com um ar pobre e pouco digno. A educação deveria ser a grande panaceia, seria ela, se conseguisse destacar-se a responsável pela mudança.

No discurso de transferência do cargo de Intendente municipal de Caldas Novas, José Theophilo de Godoy em 1923, o intendente deu um grande destaque a falta de educação dos caldenses, do interesse em manter “escravizado” o povo pela ignorância e das dificuldades para a construção de escolas, o discurso era apelativo;

“[...] devido a pouca densidade de sua população e em maior parte ao descuido dos altos poderes do Estado e da Federação temos que lamentarmos infelizmente com Jeremias sobre as ruínas da cidade de Jerusalém, a ignorância e o analfabetismo dos nossos patrícios, que é o único e irremediável mal (enquanto não tivermos outra orientação) das poucas rendas municipais porque dele resultam as más vontades de concorrerem todos para engrandecimento da Pátria! Mal grande que é torna-se agora maior devido a intervenção intempestiva do Estado que (digo sem pesar) primam em querer nos trazer debaixo da capa da ignorância afim de que os nossos tenham sempre ao seu mando uma leva de escravos que lhe obedeçam cegamente a troco de promessas de melhores tempos. Me refiro ao Estado ter feito a equidade de dizer que custeie a escola pública dos municípios, porém a custo de rendas que são puramente municipais. (Lei 205) e que passaram a ser recolhidas digo a ser arrecadas pelos cofres do Estado, e caso algum município deseje ter escolas é preciso ir ao beijo pé do governo e esperar que algum de seus afilhados resolva

a abandonar a doce quietude e calor da capital. (José Theophilo, livro de leis de 1923, p. 5)



Embora o discurso demonstre uma forte preocupação com a educação, é necessário uma leitura mais detalhada do momento histórico local para podermos trabalhar com a certeza esse discurso e essas preocupações com a educação eram também as mesmas preocupações dos líderes locais. O nosso maior interesse é compreender as tendências dos senhores locais, os Coronéis das Águas, dando forma assim a um perfil sócio-político-educacional.

Na perspectiva local, o discurso fica atrelado às possibilidades de liberação de novos recursos, e, portanto, gerando condições materiais para a manutenção da Intendência local (hoje a prefeitura). Curiosamente, as reclamações encontram eco nas vozes dos atuais prefeitos locais, a possibilidade de utilizar recursos do governo estadual

² Como vimos na transcrição do documentos os Coronéis quando conseguiram a emancipação política da cidade de Caldas Novas em 1911, começaram a documentar toda o processo legal da cidade, registrando em livros, posses, decretos, atas, esse de 1923 contém uma grande quantidade de informações e em suas atas desabafos dos Intendentes, hoje seriam os atuais prefeitos, nesse caso em questão, fica claramente demonstrado a questão do poder envolvendo o controle da Educação, uma luta constante para a dominação dos eleitores, e possibilitar melhores condições de investimento para a cidade que se desenhava com um novo projeto, para uma estância hidrotermal. O texto destacado faz parte do discurso de transmissão de cargo de José Theophilo de Godoy, o Juca Godoy como ficou conhecido, quando deixou o cargo de Intendente e o passou para o cap. Antônio Inocência de Oliveira. Um desabafo pela falta de apoio das instituições maiores e especialmente do governo do Estado.

para educação é uma grande ajuda. Durante os anos de 1940 cabiam as escolas a formação de Caixas Escolares que tinham como principal objetivo fornecer a merenda escolar aos alunos, fato que só foi ser significativamente alterado em 1955, com a instituição do Decreto n. 37.106 em 31 de março de 1955, que criou a Campanha da Merenda Escolar (CME).³

Em um espectro maior, a população pouco se preocupava com sua escolaridade, a cidade ainda permanecia com ares interioranos, mesmo com o esforço de urbanização a mentalidade sociocultural ainda permanecia atrelada a pecuária e agricultura. Alterar essa realidade exigia muito mais que meros discursos, exigia políticas públicas, incentivo a educação e a valorização do projeto de reestruturação da cidade.

Não podemos deixar de lançar um olhar sobre o processo de industrialização que ocorria em algumas capitais, em especial São Paulo. Os liberais tremulavam a bandeira contra a burocratização e buscavam todas as formas de se aproximarem e se estabelecerem no poder. Mesmo com as características ufanistas que vinham apregoando eram necessárias ações com maior efetividade, as únicas capazes de quebrar os grilhões da estrutura burocrática estatal por dentro. Essas ações consistiam especialmente em novas tecnologias, criação de indústrias, quebra das raízes mono-exportadoras, e principalmente Escolas, que iriam criar cidadãos capazes de atender ao empresariado que se formava no interior a sonoridade não seria outra, a Escola deveria formar o grande contingente de mão-de-obra necessária para o desenvolvimento do novo parque industrial, e no caso de Caldas Novas a escola deveria preparar o trabalhador para poder receber os “aquáticos”.

Mas só a idealização do sonho não é suficiente para colocar em prática as engrenagens que pudessem levar a cidade a outro nível, uma cidade com todos os atributos de moderna. Para tanto esses homens idealizaram as leis da mudança, instituíram as formas que a cidade deveria a partir daquele momento assumir. Nada poderia ser esquecido ou negligenciado, mas a parte das idealizações irá se mostrar ao longo do tempo dissociada das ações práticas, seja em função da rotatividade no poder, aqui é necessário

³ A edição de o Kró número 29 do ano 2 seu editor Oscar Santos em um editorial em comemoração aos 24 anos de emancipação política de Caldas Novas, demonstra claramente a lentidão do crescimento da cidade. Mais uma vez une vozes ao coro dos que reclamam dos governos Federal e Estadual, alegando que as parcas conquistas devem-se exclusivamente a iniciativa dos que nomeamos como Coronéis das Águas. O aspecto da época, apresentava cidades interioranas deixadas a sua própria sorte, as pequenas cidades, em especial as goianas, tinham não mais que 2 mil habitantes e a sua economia se baseava especialmente na agricultura e pecuária.

frisar que nunca, nunca houve uma esquerda ou oponentes políticos, os donos do poder local acabavam revezando a estada no poder, enquanto os que saíam ficavam com cargos alternativos ou mesmo financiando ou implantando melhorias na região.⁴ Em toda a história documentada até os anos de 1970, as lideranças políticas agiam em uníssono, faziam parte do mesmo seletivo grupo que comandavam a cidade, e o poder acabava passando de mão em mão, com os mais velhos assumindo primeiro.

Vejamos casos típicos dessa alternância. A construção do primeiro grupo escolar foi realizado com empréstimo de Bento de Godoy a prefeitura e ele mesmo e Genesio Bretas o construíram. A implantação da luz elétrica contou também com a participação de Bento de Godoy, que neste caso fez parceria com José Luiz Pereira, eles foram responsáveis pela construção da hidroelétrica e pela distribuição de energia à cidade de Caldas Novas, o contrato está registrado no livro de contrato de 1927 na página 03 (três) e a construção da ponte ficou sobre a responsabilidade do sobrinho de Bento de Godoy, José Theophilo de Godoy e depois ele mesmo, Bento de Godoy, construiu uma maior a suas expensas.

Nos primeiros anos de sua emancipação as situações das escolas locais eram extremamente complicadas, faltavam professores e material pedagógico. A cidade carecia de estrutura física que pudesse atender a população local, as poucas escolas eram nas fazendas ou em casas improvisadas na vila.

Caldas Novas nunca primou pela educação de qualidade; sua forte tendência agropastoril não exigia dos seus poucos habitantes qualquer qualificação, ao contrário, como bem disse o intendente local, a situação de servidão servia de moeda de troca aos poderosos. O equilíbrio político havia sido alterado, os coronéis agora tinham muito mais liberdade de ação, especialmente porque com a emancipação política da cidade tinham rompido com os grilhões impostos pelos Bulhões e pelos Caiado, chefes locais de Morrinhos e outras regiões goianas. Dessa forma, agora se fazia necessária a criação de um capital sociocultural, seria ele, esse capital que ajudaria a dar sustentação ideológica para a cidade e juntamente com a modernização viria a realização ao projeto do balneário turístico. Esse conceito de capital sociocultural é parte tomada de

⁴ Logo após a emancipação política da cidade de Caldas Novas, o grupo que ficou responsável pela cidade, visando, adaptá-la a ideia de um balneário focado na saúde, instituíram um plano diretor. O grupo responsável era composto por Bento de Godoy, Aristides Cícero de Oliveira, Joaquim Gonzaga de Menezes, João Pires da Costa, Modesto Pires do Oriente, Pedro Branco de Souza e Josino Ferreira Bretas,

empréstimo de Bourdieu(2007) como Capital Social e Capital Cultural quando os agentes se encontram unidos por ligações úteis e perenes e a classe hegemônica contribui com a influência de escolarização. Caldas Novas com seu hibridismo acaba trabalhando com a fusão desses conceitos.

Martín-Barbero trabalha com um conceito de “sujeito pulsional” que muito se amolda a essa construção de identidade para Caldas Novas, essa identidade de cura e lazer obriga a umas tantas civilidades dos cidadãos, obrigando-os, ao mesmo discurso dos detentores do poder, percebendo ou não, assim, é feito um apagamento das vozes comuns e ressoa apenas em uníssono o ideal maior dos líderes locais. Esse sujeito pulsional aqui se inscreve especialmente no novo potencial econômico da cidade, suas possibilidades e com isso uma mudança do estrato social a que pertença, o sujeito pulsional visa o prazer do crescimento social.

Esse conjunto hegemônico conseguido pelos líderes locais, de maneira analógica, espelham a ideia de Gramsci sobre a hegemonia, ou seja, a importância de formar uma classe dirigente que se mantenha pelo consentimento das massas e não apenas pela força coercitiva. Mesmo sem pleno conhecimento das teorias políticas nossos coronéis faziam um uso de ferramentas de controle e de dominação muito superiores as dos seus pares que se intitulavam liberais, usando todo o arsenal possível de teorias e práticas para alçar a cidade em um novo pedestal e com isso fazê-la de conhecimento internacional se possível.

Se traçarmos uma cartografia regional veremos, que a forma hegemônica utilizada em Caldas Novas destoava das suas coirmãs. Enquanto as elites se afastavam das populações locais, impondo restrições e relações de subordinação, como bem definiu Faoro

O conceito entrou na linguagem corrente por via do estilo social, inclusive na vida urbana, com predominância sobre sua função burocrática e política. "Homens ricos, ostentando vaidosamente os seus bens de fortuna, gastando os rendimentos em diversões lícitas e ilícitas — foram tais 'coronéis' os que deram ensejo ao significado especial que tão elevado posto militar assumiu, designando demopsicologicamente 'o indivíduo que paga as despesas'. E, assim, penetrou o vocábulo 'coronelismo' na evolução político-social do nosso país, particularmente na atividade partidária dos municípios brasileiros." O homem da cidade, hostil ao mando do violento ignorante do distrito ou do campo, identificou o coronel na pessoa que paga prodigamente à amante seus vestidos

caros e seu luxo, para ostentação própria e desfrute alheio. Debaixo da imagem e da caricatura, está a realidade social e política. O coronel, antes de ser um líder político, é um líder econômico, não necessariamente, como se diz sempre, o fazendeiro que manda nos seus agregados, empregados ou dependentes. O vínculo não obedece a linhas tão simples, que se traduziriam no mero prolongamento do poder privado na ordem pública. (FAORO, 2001 p. 736 e 737)

Uma análise dos jornais das cidades vizinhas demonstra a preocupação política e as brigas locais, ao passo que o Kró, demonstra a necessidade do crescimento iniciado pelos primeiros coronéis, como dito esse procedimento diferenciado dos líderes locais vestem como luvas o conceito de hegemonia⁵ trabalhado por Gramsci. Gramsci aponta que a questão da hegemonia não deve ser entendida como uma questão de subordinação ao grupo hegemônico; pelo contrário, ela pressupõe que se leve em conta os interesses dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que estabeleça uma relação de compromisso e que faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa. É exatamente isso que o grupo do poder local faz, emprega meios econômicos e laborais para demonstrar à sociedade civil a importância de entender, acatar e ajudar no processo identitário e econômico que se desenha para a cidade.

3.2 A municipalização

A Educação tem um duplo condão, tanto o de catalisar, bem como o de desagregar as estruturas que nela se apoiam. Os elementos de unificação ou de afastamento ocorrem em conformidade com as forças políticas que geram e controlam hegemonicamente as questões ideológicas trabalhadas no momento. A ideia que a Educação é capaz de oportunizar ao homem e ao seu meio social uma melhora, um crescimento cultural, industrial ou político estão enraizadas nas camadas sociais desde a mais remota antiguidade, o mais curioso dessa dicotomia é que ela, a Educação, também é o principal elemento segregador das estruturas sociais ou das antigas formas de construção político-social existente.

5 O conceito Gramsciano de hegemonia destoa do criado por Lenin, Gramsci afirma que é muito comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em contradição com a sua atividade prática. Ademais, ele ressalta que esta concepção do mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior é desprovida de consciência crítica e coerência, é desagregada e ocasional. E o conjunto da percepção de nós mesmos e nosso mundo. Portanto o conceito de hegemonia não passa exclusivamente pela ditadura do proletariado e a luta de classe, mas principalmente pelas questões culturais e falta de consciência.

Com o advento da linguagem e sua estruturação fonética através do alfabeto, o homem, começou a utilizar todo esse potencial com uma dupla finalidade; primeiro controlar e gerir as possíveis formas de progresso, não importando que tipo de economia ou tipo de governo que estivesse estabelecido; o segundo ponto também fundamental é a separação, alienação e treinamento de uma série de hierarquização dentro de uma mesma esfera social, a seleção dos capazes para serem os responsáveis pela utilização, controle e guarda das informações construídas através da linguagem e da sua documentação, a escrita, temos pois, bem definido o modelo de educação, que por mais que se tenha alterado ao longo dos séculos, ainda serve como elemento preparador de progresso e agregação sócio-política.

Dessa maneira, independente do período histórico a que estejamos atrelados, esse binômio silencioso – progresso e controle - insiste em se manter ativo.

Os sociólogos ao longo do tempo tem produzido correntes que deveriam divergir totalmente entre si, porém, uma análise minuciosa acaba colocando-as em proximidade técnica e estrutural. O positivista Durkheim em suas análises definiu questões de solidariedades mecânicas e orgânicas ao sistema social vigente, bem como atribuiu a educação um poder cogente⁶. Nessa mesma esteira de raciocínio Weber com os seus tipos ideais, no que toque a educação, acaba tendo um papel muito próximo da visão positivista, a educação burocrática tal como qualquer relação social, orientada racionalmente a um fim que pode criar valores diferentes dos intencionados. A educação pressupõe uma associação entre os indivíduos, e estes visam a um determinado objetivo.

O âmbito da influência com caráter de dominação sobre as relações sociais e os fenômenos culturais é muito maior do que parece à primeira vista. Por exemplo, é a dominação que se exerce na escola que se reflete nas formas de linguagem oral e escrita consideradas ortodoxas. Os dialetos que funcionam como linguagem oficial das associações políticas autocéfalas, portanto, de seus regentes, vieram a ser formas ortodoxas de linguagem oral e escrita e levaram às separações ‘nacionais’ (por exemplo, entre a Alemanha e a Holanda). Mas a dominação exercida pelos pais e pela escola estende-se para muito além da influência sobre aqueles bens culturais (aparentemente apenas) formais até a formação do caráter dos jovens e com isso dos homens (WEBER, 1997 p.172).

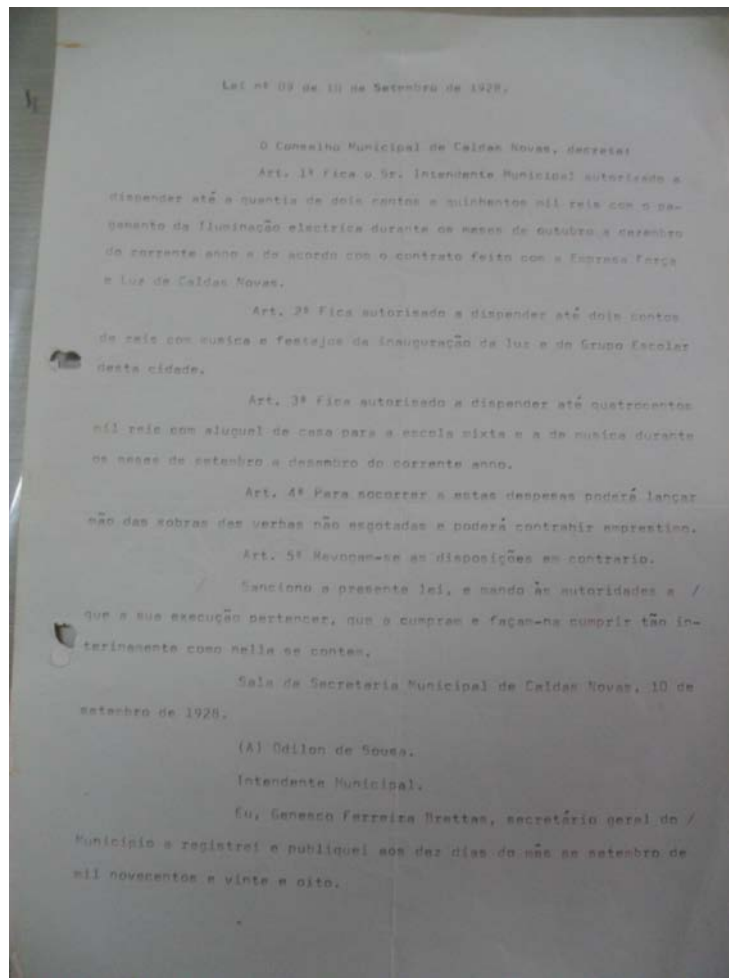
⁶ O poder cogente, passa pela ideia da necessidade de ser ter algo definido, porém sobre o controle pleno dos seus idealizadores, o poder como fenômeno social, político e principalmente educacional.

Dessa maneira, as correntes sociológicas, mesmo que não plenamente conhecidas pelos grupos dirigentes acabam ancorando o mito de sustentação que a educação é a panaceia de todas as mazelas sociais. Sem ela, a violência tem um grau muito maior, o analfabetismo atrapalha o crescimento tecnológico, artístico ou cultural de determinado espaço territorial, pelo menos esse é o discurso veiculado pelos poderosos. Mas a falta de educação realmente gera tamanho descompasso social? Por mais que queiramos não atribuir tamanha responsabilidade às relações de instrução e aprendizagem elas são sem dúvidas responsáveis por minimizar essas anomalias. Mesmo porque a educação trabalha com três dimensões bem definidas, a alteridade, responsabilidade e subjetivação, ela acaba ocorrendo dentro de um processo espiralado, unindo e distanciando as suas três dimensões, pois, sem dúvidas e exclusivamente humana a possibilidade do aprendizado complexo dos saberes.

Devido à complexidade do processo, como colocar toda uma população a favor dessas ideologias vigentes? Como fazer a população entender que não acontece uma dominação ou uma coerção social, mas, sim possibilidade real de um crescimento, primeiro pessoal, segundo local e por fim o bem maior que é a nação.

Manter o foco social e antropológico não é uma tarefa fácil, fatores políticos e econômicos são sempre colocados de maneira a sobrepor as dificuldades dos cidadãos, mas como lenitivo, a educação acaba recebendo um status especial, e portanto, tem que ser também questionado, afinal, a educação sempre foi colocada em primeiro plano em nossa história?

O aspecto físico do novo grupo era de fundamental importância, para que pudesse encantar os alunos e os pais.



A imagem refere-se a lei de n. 09 de 10 de setembro de 1928. Abaixo transcrita.

O conselho Municipal de Caldas Novas, decreta:

Art. 1º fica o Sr. Intendente Municipal autorizado a dispendar até a quantia de dois contos e quinhentos mil reis com o pagamento da iluminação electrica durante os meses de outubro a dezembro do corrente anno e de acordo com o contrato feito com a Empresa Força e luz de Caldas Novas.

Art. 2º Fica autorizado a dispendar até dois contos de reis com música e festejos da inauguração da luz e do Grupo Escolar desta cidade.

Art. 3º Fica autorizado a dispendar até quatrocentos mil reis com aluguel de casa para a escola mixta e a música durante os meses de setembro a dezembro do corrente anno.

Art. 4º Para socorrer a estas despesas poderá lançar mão das sobras das verbas não esgotadas e poderá contrahir empréstimo.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

Sanciono a presente lei, e mando às autoridades a que a sua execução pertencer, que a cumpram e façam-na cumprir tão interinamente como nella se contem.

Sala de secretaria Municipal de Caldas Novas, 10 de setembro de 1928.

(A) Odilon de Sousa

Intendente Municipal

Eu, Genesco Ferreira Brettas, secretário geral do Município a registrei e publiquei aos dez dias do mês de setembro de mil novecentos e vinte e oito.

Podemos analisar um conjunto curioso de informações:

- 1) O documento veio datilografado, um fato importante para a época, as máquinas de escrever olivetti faziam grande sucesso, ter e usar uma delas significava estar atento ao processo de modernização que o cercava.
- 2) A necessidade de dar as duas escolas do município importância devida, ou seja, colocar energia, oportunizar espaço e renda para o funcionamento durante o ano letivo, colocar as estruturas físicas alinhadas com as propostas educacionais em voga no final dos 1920 e início dos 1930.

Cada segmento político cria discursos que visa colocar a população a favor de sua causa, todos querem deter o pleno controle dos cidadãos, assim poderão controlar o futuro político, econômico e social de suas populações. Parafraseando Jack Goody (2006) – houve um roubo da educação, ela tornou-se moeda forte, capaz de realinhar e transformar pacatos cidadãos em ferozes e alienados personagens do capital, seja econômico, seja social.⁷

⁷ Em o Roubo da História de Jack Goody (2006), os europeus acabam se apropriando de várias invenções e outras ideias culturais, utilizando-as como suas, o mesmo ocorre com o processo da Educação, transformada em panaceia de todos os males, acabou virando moeda, passando a fazer parte da forte economia ocidental, mesmo que não ocorra uma educação no sentido mais amplo de seu conceito, a relação

Adorno em seu livro Educação e Emancipação no item “Educação para quê? Reforça de maneira indireta a importância da educação, inclusive para o projeto civilizatório, pois, a democracia, compreende inclusive, a consciência e a participação do cidadão.

Numa democracia, quem defende ideais contrários a emancipação, e, portanto, contrários a decisão consciente independente de cada pessoa em particular, e um antidemocrata, até mesmo se as ideias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. As tendências de apresentação de ideais exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo coletivistas reacionárias. Elas apontam para uma esfera a que deveríamos nos opor não só exteriormente pela política, mas também em outros planos muito mais profundos. (Adorno, 2003, p. 141)

A participação do município somente pode ser vista se expandirmos o nosso olhar ao momento nacional. É importante não perder de vista que muito da divisão interna nos movimentos político-sociais e nas correntes de ideias se esclarecem, isto é, se explicam e se interpretam pelas mudanças no universo econômico-social da década dos 20. O deságio da crise de 1929, com forte influência em nossa mono cultura exportadora e daí os confrontos e as contradições no interior de cada um, prenunciadores e mesmo afirmadores de novos valores.

As modalidades de ensino e sua administração dividiam entre as lutas que podemos extrair das nossas constituições federais.

Por isso mesmo o Estado sempre se incumbiu de tê-la sobre seu controle e domínio, buscou para si a responsabilidade de educar a sociedade em prol de uma identidade nacional e de crescimento industrial.

Marx já dizia que o trabalho nunca foi uma coisa agradável, ele tinha o condão de retirar a liberdade e a vontade do homem, portanto, um ser que ficaria totalmente alienado com relação ao mundo que o cerca. Os tipos de alienação trabalhados por Marx demonstram como o homem se torna tão frágil em relação ao capital econômico; o alienado político, o alienado filosófico e o alienado econômico, são faces da mesma moeda, fissuras causadas no homem, para que não mais pudesse opor

com base a um fim é quase sempre alcançada, a instrução ocupa o lugar da educação, usando o nome dela, a educação, e acaba reforçando economicamente a necessidade de mão-de-obra para os mercados econômicos emergentes, daí a similaridade com o Roubo da história, a Educação foi roubada da sua função primordial.

resistência ao mundo econômico, retirando-lhe todas as possibilidades, em especial a de compreender. Embora, nunca tenha escrito diretamente sobre a Educação, em o Manifesto Comunista, podemos encontrar esboços de uma educação profissionalizante e nas Teses sobre Feuerbach, Marx demonstra a importância do homem na transformação do próprio homem, inclusive colocando a educação e o educador em um papel destaque, porém, com uma crítica à sua própria postura e condição.

As comprovações sobre conhecimento de alguma teoria pedagógica não fica fácil de ser demonstrada. Os livros que contêm os registros, informam os valores que o município separava em seu orçamento para a manutenção da Educação na cidade. Os líderes locais possuíam visão política e, portanto, sabiam que precisavam controlar as escolas que existissem, ou que viessem a existir, era fundamental que as mesmas fossem municipalizadas. Mas porque tanto empenho em controlar as escolas? A questão não passa pelo processo social, como os discursos os dizem, ao contrário, residem principalmente no fator econômico, a renda que era distribuída para atender as exigências da constituição.

Importante recordar a dificuldade dos municípios, até os idos de 1937 a educação fundamental ficava a cargo do Estado e dos municípios, ficando a União responsável pelo ensino secundário e o ensino superior. Como visto, os Pioneiros da Educação faziam um forte crítica a maneira como era conduzida a educação no país. Podemos dar destaque aqui a dois princípios norteadores dos discursos praticados pelos grupos, o da universalidade do acesso educacional e o princípio da individualização pedagógica. O mais curioso, é que embora o Estado Novo fosse um governo centralizador, ditatorial e populista, na área da Educação mantinha uma postura de individualização pedagógica e autonomia para as escolas, mas a grande corrente ansiava por uma participação do Governo Federal investindo maciçamente na educação. Enquanto o discurso governista era de educação para a modernidade, na prática muito pouco se investiu nas escolas de primeiro grau, e a própria constituição de 1934 não atende aos pedidos dos liberais, o Estado Novo enclausura toda possibilidade liberal, cria-se uma distinção entre o ensino, a educação passou a ser elemento de segregação social.

Durante os anos de 1940 foram criadas uma série de leis orgânicas que visam complementar a Reforma realizada por Francisco Campos, as principais foram:

- a) Lei Orgânica do Ensino Industrial(1942);

- b) Lei Orgânica do Ensino Secundário(1942);
- c) Criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial SENAI (1942);
- d) Lei Orgânica do Ensino Comercial (1943);
- e) Lei Orgânica do Ensino Primário e Normal (1946);
- f) Lei Orgânica do Ensino Agrícola (1946).

As elites com a elaboração das citadas leis continuavam como o projeto social de segregação das classes. A classe trabalhadora e grande parte da classe média foram contempladas com cursos profissionalizantes, a educação deixava de ser elemento de formação cultural para atender às necessidades econômicas emergentes, mantinha-se um enorme contingente atrelado as necessidades das novas indústrias e do comércio que começava a ter forma, tudo isso sob o signo do Mito da Doação e da teoria da modernização que buscavam a formação de uma identidade nacional.

Se nas grandes cidades a situação era complicada, pois as forças oposicionistas não conseguiam lograr êxito junto ao estado fechado e ditatorial de Vargas o interior do país a situação se encontrava solta à vontade dos poderosos locais.

A situação das escolas, bem como da vila de Caldas Novas, mesmo com sua emancipação em 1911 era precária. O grupo escolar que existia na vila não atendia mais que uns poucos filhos das melhores famílias locais. As escolas nas fazendas serviam a um modelo trazido ainda do período do império, os professores com pouca ou sem nenhuma formação, na maioria das vezes mantidas pelos coronéis, para atender aos seus filhos e aos filhos dos agregados. Nos primeiros anos do século XX a quantidade de pessoas em idade escolar não chegava a 200 (Bretas, 2001, e no censo demográfico de 1950 a cidade apresentava 802 em idade escolar, sendo que 36% deste sabiam ler e escrever, e estavam matriculados 609 alunos, sendo 316 do sexo masculino e 293 do sexo feminino. (Censo 1950)

Em 1923, na administração de Juca de Godoy, Caldas Novas é elevada à condição de cidade deixando de ser vila, quando então é iniciado um novo surto de progresso.

Não existe progresso sem educação, esse é o discurso corrente no anos de 1920 praticado pelos líderes políticos de Caldas Novas.

[...] Orçamento do anno corrente de 1923, computado em 16:100\$000 tanto para a receita como para a despesa, parece a primeira vista ter todos os requisitos exigidos pelas necessidades do Município, porem este anno foram empregado todos esforços para que o orçamento fosse coberto, não foi ainda possível.

Os serviços de maiores responsabilidades dos cofres do município são os de instrução pública. A intendência procurou sempre manter este serviço por sabe-lo o de maior intensidade. Montou-se duas escolas na sede; a do sexo feminino a cargo da Exma. Sr^a D^a Judith Pereira Borges com uma freqüência de trinta e duas alumnas mensaes a quem eu louvo a proficiência, carinho e dedicação no desempenho de seu cargo. A escola do sexo masculino está a cargo do Sr. Melchiades Domingos Dias, que tem exercido o cargo como encarregado do ensino e o tem desempenhado a contento. [...] O prédio da casa da escola precisa de alguns reparos.

[...] Devido a pouca densidade de sua população e em maior parte ao descuido dos altos poderes do Estado e da Federação temos que lamentar-mos infelizmente como Jeremias sobre as ruínas da Cidade de Jeruzalem, a ignorância e o analfabetismo dos nossos patrícios, que é o único e irremediável mal (enquanto não tivermos outra orientação) das nossas rendas municipais. Porque delles resultam as más vontades de concorrem todos para engrandecimento da Pátria! Mal grande que é, torna-se agora maior devido a intervenção intempestiva do Estado. Que primeiro em querem nos trazer debaixo da capa da ignorância afim de que os nossos tenham sempre ao seu mando uma leva de escravos que lhes obdeçam cegamente a troco de promessas de melhores tempos. Me refiro ao Estado ter feito a equidade de dizer que custeia a escola pública nos municípios, porem a custa de rendas que são puramente municipais (lei 205) e que passam a ser recolhidas digo a ser arrecada pelos cofres do Estado, e caso algum município deseje ter escolas é preciso ir ao beija pé do governo e esperar que algum de seus afilhados resolva a abandonar a doce quietude e calor da capital. Porém é preciso calar-mos por dois motivos, primeiro que offenderemos aos grandes e poderosos cahindo no seu desagrado; segundo que e chamar no deserto. (LIVRO DE ATA DE 1911 A 1937)

Os poucos líderes locais sempre se postaram ao lado da situação governista, fosse antes sobre o domínio dos Caiados ou Bulhões, depois, durante a revolução de 30 ficaram ao lado de Pedro Ludovico e de Getúlio Vargas. O discurso de Juca de Godoy, por mais que possa parecer liberal e a favor da população carente, ficava preso ao fato da redistribuição de verbas aos municípios, na entrega do cargo Juca de Godoy expõe a fragilidade da escolas e da educação municipal e a condição de descaso e abandono que as cidades do interior viviam.⁸

⁸ No noticioso “O Kró”, na sua edição de n. 73 de 31 de dezembro de 1937 fica claro a posição local dos coronéis das águas e seus sucessores: “Sua Excia Sr. Getúlio Vargas, que, com a Constituição de 10 de novembro último, tirou o Brasil dos políticos para dá-lo aos Brasileiros. O novo Estado, fundamentalmente democrático, unificou o Brasil dentro do mesmo espirito de cooperação, acabando com os partidos, espécie de feudo de políticos profissionais que vinham, dividindo, odiosamente, a nossa Pátria”

3.3 Em busca de uma harmonia – a educação como base.

A educação para o trabalho é um dos temas mais trabalhados nas últimas décadas, unir a educação ao trabalho ainda hoje é um dos principais itens dos discursos políticos e, pelo menos no papel, um dos eixos políticos a ser trabalhado pela Nação. Quase que sem exceções todos os ramos e disciplinas discutem o assunto, a economia, a sociologia, a história e o direito para citar as diferentes linhas que evocam a responsabilidade da educação para o desenvolvimento e a manutenção do moderno. No caso em questão devemos fazer um destaque: o caso de Caldas Novas com relação as questões da modernidade resultou em uma grande onda de desapontamentos. A ideia de modernidade, ou seja, alcançar os mesmos níveis de desenvolvimento de sociedades tecnologicamente desenvolvidas não foi possível, aqui no sudoeste goiano, até a forte crença que a Educação seria um componente crucial neste processo não conseguiu auxiliar de maneira ideal ao projeto de balneário. Os anos de 1930 a 1940 o país estava sobre um forte controle de um dos ministros de Vargas, Gustavo Capanema, nesse período tentou criar um padrão educacional focado na Juventude Brasileira, modelo que se alinhava com os modelos nazifascistas do período. A educação reforçaria a moral e a ética, ao mesmo tempo que iria auxiliar ao desenvolvimento do econômico, pois, seria focado em uma educação profissionalizante, voltada a necessidade do mercado emergente local.

Uma confusão conceitual se forma por força das variantes que nascem das diversas disciplinas, todos aceitos, nenhum questionado, mas um conceito híbrido pode aqui ser utilizado, o que coloca a Educação como ferramenta para o crescimento econômico, quando o cidadão devidamente instruído e treinado passaria a fazer parte do mercado e em consequência disso mesmo se incluiria como participante social. De uma maneira mais abrangente a Educação acabou sendo largamente difundida como um direito do cidadão e um dever da União, dos estados e dos municípios.

Em nossas Constituições Federais a preocupação com a Educação não era a ideia principal, os artigos que a contemplavam tratavam do modo padrão, servindo apenas como apontamentos para as deliberações Federais e estaduais sobre o assunto. A Constituição de 1937 muito pouco a contempla vejamos. Na realidade era a tentativa, reflexo ainda da velha Revolução francesa de estender o direito a educação a todos.

Ocorre que esse processo é um ganho histórico-social, se inclui a importância desse processo educacional para os níveis sociais, tanto local com nacional. Não esquecendo que ainda éramos um país de analfabetos.

DA FAMÍLIA

Art 125 - A educação integral da prole é o primeiro dever e o direito natural dos pais. O Estado não será estranho a esse dever, colaborando, de maneira principal ou subsidiária, para facilitar a sua execução ou suprir as deficiências e lacunas da educação particular.

Art 127 - A infância e a juventude devem ser objeto de cuidados e garantias especiais por parte do Estado, que tomará todas as medidas destinadas a assegurar-lhes condições físicas e morais de vida sã e de harmonioso desenvolvimento das suas faculdades. (Grifamos)

O abandono moral, intelectual ou físico da infância e da juventude importará falta grave dos responsáveis por sua guarda e educação, e cria ao Estado o dever de provê-las do conforto e dos cuidados indispensáveis à preservação física e moral.

Aos pais miseráveis assiste o direito de invocar o auxílio e proteção do Estado para a subsistência e educação da sua prole.

DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA

Art 128 - A arte, a ciência e o ensino são livres à iniciativa individual e a de associações ou pessoas coletivas públicas e particulares.

É dever do Estado contribuir, direta e indiretamente, para o estímulo e desenvolvimento de umas e de outro, favorecendo ou fundando instituições artísticas, científicas e de ensino.

Art 129 - A infância e à juventude, a que faltarem os recursos necessários à educação em instituições particulares, é dever da Nação, dos Estados e dos Municípios assegurar, pela fundação de instituições públicas de ensino em todos os seus graus, a possibilidade de receber uma educação adequada às suas faculdades, aptidões e tendências vocacionais.

O ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever de Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais.

É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera da sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado, sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo

PODER PÚBLICO.

Art 130 - O ensino primário é obrigatório e gratuito. A gratuidade, porém, não exclui o dever de solidariedade dos menos para com os mais necessitados; assim, por ocasião da matrícula, será exigida aos que não alegarem, ou notoriamente não puderem alegar escassez de recursos, uma contribuição módica e mensal para a caixa escolar.

Art 131 - A educação física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência.

Art 132 - O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas; e outras por fim organizar para a juventude períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento, dos seus deveres para com a economia e a defesa da Nação.

Art 133 - O ensino religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores, nem de frequência compulsória por parte dos alunos.

Art 134 - Os monumentos históricos, artísticos e naturais, assim como as paisagens ou os locais particularmente dotados pela natureza, gozam da proteção e dos cuidados especiais da Nação, dos Estados e dos Municípios. Os atentados contra eles cometidos serão equiparados aos cometidos contra o patrimônio nacional. (Grifamos)

São apenas 09 (nove) artigos que contemplam a tão disputada educação e desses daremos destaque a dois: o art. 125 e o 130. Necessário se faz uma análise desse último artigo, pois nele, além de liberar as instituições particulares o Governo ainda permitiu a criação de Caixas Escolares para a complementação dos recursos para a manutenção das escolas públicas. As Caixas Escolares contavam com a participação dos pais de alunos que faziam uma contribuição mensal, essa contribuição deveria ser utilizada para a compra de Merenda Escolar ou quando fosse o caso complementar a merenda que já vinha dos estados. A participação da comunidade para a complementação da caixa escolar era fundamental. A associação de pais e mestres tinha o foco na complementação da educação moral e cívica do jovem, padrões derivados das políticas educacionais de Capanema.

Com a criação do primeiro grupo Escolar, que unificava as escolas feminina e masculina, tinha-se em vista colocar a cidade próxima à tendência nacional, ou seja, utilizar a educação da mesma maneira como era praticada na Capital Federal.

A educação servia ao propósito maior da cidade que era a formação de uma estância hidromineral. A mudança de reestruturação continua muito mais que somente receber os visitantes. Era necessário construir um ambiente de aconchego, capaz de despertar vontades.

A maneira simples da cidade não era suficiente para induzir os interessados pelas curas das águas a vencerem estradas horríveis, falta de transportes e péssimas acomodações. A cidade já começava a se constituir como uma futura estância, mas muito caminho ainda deveria ser trilhado, e o principal deles seria a mudança da cidade, necessário se fazia alterar o ar de “roça” para uma nova roupagem que eles intitulavam “urbes”, ou seja, dar ares de modernidade e civilidade à cidade e para isso era fundamental educar um mínimo da população, ler, escrever, somar, eram fundamentais para os cidadãos poderem socializar-se com os “aquáticos”



Jornal “O Kró” 1935 n. 82 p. 3

A cidade sobrevivia através dos antigos visitantes, amigos dos poderosos locais, ou os que possuíam parentes na região, afeiçoaram-se as águas e quando podiam passam algumas semanas, fazendo visitas e aproveitando o pouco que o balneário local podia oferecer. O jornal local os anunciavam aos quatro ventos e com toda força de suas

tintas, pelo olhar do noticioso “O Kró” deixava claro que a cidade ficava orgulhosa em receber essas pessoas.

Mas o que poderia ser oferecido para esses novos visitantes? Como visto anteriormente a cidade ainda tinha um perfil agrário, mesmo com a implantação do código de posturas, uma das primeiras atitudes do interventor Bento de Godoy, a cidade ainda permanecia fora dos padrões que se pretendia, os anos de 1930 a 1950 será marcado pela tentativa de reestruturar ruas, alinhar casas, reedificar muros, construir praças, reformar a Igreja e incentivar um mínimo comércio para atender a cidade e seus visitantes.

Contanto somente com 02 (dois) hotéis o Termas Hotel e o Hotel Avenida, e 03(três) pensões, até o início dos anos de 1960. A cidade era notícia em vários jornais da vizinhança, que eram uníssonos em afirmar que a cidade prometia um belo e promissor futuro como estância balneária, sendo porém que lhe faltava o básico para um bom atendimento, temos isso presente nos jornais: O Araguay (cidade de Araguari), A Semana (cidade de Ipameri), O Ipameri e o periódico o Ensino também da cidade de Ipameri.

Quanto aos profissionais que em Caldas Novas prestavam serviços, podemos perceber que os farmacêuticos e os dentistas ocupavam um lugar de destaque. Faltava médicos nas cidades, essa ausência era suprida com a ida a Ipameri ou a Araguari. Além de servir como pronto-socorro para a saúde a farmácia era o local da elite pensante se reunir para discutir os problemas do mundo. Existiam alguns bares, uma casa de dança, um cinema, um conjunto de jazz formado por Oscar Santos e companheiros, uma loja de tecidos e algumas mercearias faziam o comércio local, o que por si, não era o suficiente para atender a pequena população local que para mudar se ritmo e hábito rural necessitava de muito, muito mais.

O desenvolvimento econômico da cidade passou a ser uma preocupação constante, logo no início da emancipação da cidade. Em 1924, foi criada uma tabela de impostos para os profissionais que aqui exercem suas atividades laborais.

As informações sobre a construção de estradas e pontes podem ser retiradas dos números remanescentes do Jornal O Kró, os jornais, O Ypameri e o Araguari, durante as décadas de 1930 a 1940 publicavam essa informações sobre a cidade de Caldas Novas. Várias estradas e pelo menos duas pontes foram construídas com recursos próprios dos

homens de visão da antiga Caldas Novas, Bento de Godoy e José Theophilo de Godoy. O primeiro construiu a ponte São Bento sobre o rio Corumbá e o segundo construiu a ponte sobre o rio Pirapitinga. Não existe nada estranho nos nomes, são realmente parentes e ambos foram Intendentes da cidade, principalmente o primeiro, Bento de Godoy, não poupou recursos para tentar transformar um lugar íngreme com características rurais em uma cidade moderna, focada na saúde e no lazer.

Além disso, também com recursos próprios, construiu e manteve por bom tempo o cine Iris, único cinema de Caldas Novas durante muitos anos, sendo criado no meio dos anos de 1920 e mantido por quase uma década fechando por volta de 1938 após a morte de seu fundador. A cidade de Caldas Novas amargou a falta de um cinema até o ano de 2009 quando foi criada uma pequena sala, que ainda hoje funciona no início da Nova Vila um grande bairro popular da cidade. Ele ainda investiu em melhorias das estradas de acesso até o seu sonhado balneário, lutou de todas as formas para ver um sonho transformado em realidade.

Esse projeto transformador era imenso, transformar a cultura, a economia e a sociedade local, alterando o *modus vivendi* do cidadão, urbanizá-lo e colocá-lo a serviço de um projeto de modernidade. Movimentar uma estrutura dessa magnitude exigia um esforço centralizado de todos os Coronéis, afinal, a cidade que contava com menos de 3.000 habitantes e a grande maioria na zona rural, sendo que na cidade o número de habitantes não passava de 500.

O outro lado da moeda deste projeto transformador era a educação. Não existiria condições de mudanças caso não fosse implantada uma rede escolar, tirando o analfabetismo da cidade, sintonizando-a com um mundo novo. Inicialmente existiam na sede do município duas escolas, uma exclusivamente para atender o sexo feminino e outra para o sexo masculino, em conformidade com o registro do livro de posse de 1911 a 1924 os primeiros professores nomeados por decreto na administração de Bento de Godoy foram a professora Esther Goulart de Siqueira com o decreto número 21 e o professor Augusto Pereira Ramos, professor de música para a vila com o decreto 23, a primeira nomeação visava atender a escola feminina e o segundo para a escola do sexo masculino.

As nomeações no decorrer do mandato do Coronel Bento de Godoy como intendente não param, o decreto n. 32 de 03/01/1913 nomeia para a função de professor Orlando Rodrigues da Cunha, o conhecido mestre Orlando.

Mestre Orlando, nome que hoje recebe a praça central de Caldas Novas, foi um dos homens proeminentes ao período, vindo para cidade em 1910 a convite do sogro de Bento de Godoy, exerceu várias funções;

Mineiro, chegou a Caldas Novas em 1910, com 19 anos; Orlando Rodrigues da Cunha veio atendendo a um convite de seu tio Joaquim Rodrigues da Cunha, sogro de Bento de Godoy. Aqui chegando, juntou-se ao grupo que trabalhava em prol da emancipação política de Caldas Novas. Foi secretário da Intendência durante o mandato do Cel. Bento e nomeado depois para o cargo de subpromotor e em seguida tabelião, função que exerceu até os 70 anos de idade. Homem culto e trabalhador incansável por melhorias do município, participou de grandes momentos políticos da cidade[...]. Também interessado no desenvolvimento cultural da comunidade, participou de iniciativas para o desenvolvimento nesse setor, dentre elas a criação de um Grêmio Literário que tinha por finalidade desenvolver a arte literária e teatral. (Elias, 1994, 51-52)

Contando com apenas uma escola na cidade e várias escolas rurais, a iniciativa de Bento de Godoy não conseguiu êxito de início, mesmo tendo investido na educação, a escola ainda contava com poucos alunos. Com a vinda da Revolução de 30 e a implantação do Estado Novo, quase nada foi alterado, a primeira escola de Caldas Novas que havia sido criada em 1870 pelo Prof. Limírio de Ribeiro Quinta havia se transformado em uma escola que separava os homens das mulheres, isso até a criação do Grupo escolar de Caldas Novas que, como verificamos, no livro de Ata de 1911 a 1933, a concorrência para a sua construção foi ganha por Bento de Godoy mas que sublocou para o pai de Genesco Bretas, que a terminou no início de 1928 ano em que começou a funcionar, tendo recebido o mobiliário do Estado, que mandou faltando carteiras e mesas, a prefeitura, para não deixar o prédio sem utilização acabou arcando com o resto do material necessário para o funcionamento. O grupo mantém até hoje seu funcionamento, sendo assistido pela municipalidade. Hoje conta com quase 1000 alunos em dois turnos de funcionamento, pela manhã e à tarde, oferecendo o ensino fundamental I e II.

O Censo de 1950 demonstrou que o município de Caldas Novas possuía 6291 habitantes, sendo 3233 do sexo masculino e 3068 do sexo feminino. Na sede da cidade residiam apenas 881 habitantes sendo que desses, 470 eram mulheres. O restante da população estava distribuído na zona rural que era constituída dos povoados de Água Quente (atual Rio Quente, emancipado de Caldas Novas) Paraíso e Sapé. O número de

escolas tinha obrigatoriamente que aumentar, buscando com isso oportunizar ainda a formação de mão-de-obra para o sonho acalentado, ainda que retardado por empecilhos naturais, o número de escolas até 1960 chegou a 11 regidas por 21 professores e com 609 alunos matriculados, sendo que desses, 316 pertenciam ao sexo masculino. Como a Educação não conseguia reestruturar a cidade, sua economia também acabava sofrendo fortemente com isso, a cidade focava sua economia na pecuária e na agricultura. A cidade possuía somente 28 veículos, sendo 12 automóveis e 16 caminhões, e, além disso, possui um enorme rol de reclamações⁹. Igualmente pequena era a relação dos profissionais que residiam e trabalhavam na cidade, esse número se manteve pequeno até o início dos anos de 1970, segundo Bretas(2001), eram esses os profissionais aqui residentes:

Joaquim Bobo – cortador e empilhador de lenha; João Crisóstomo e José Balbino, ferreiros; Aureliano, consertador de armas; Antônio Cego, pilador de arroz e café; José Português, marceneiro; Jonas Galvão, *chauffeu*; Waldemar Silva, pedreiro; Donato Rispolli, dentista; Aprigio, matador de porco; Alfredo Alla, açougueiro; Luiz Damázio, lanterneiro; Chico Leite, agrimensor; Lindolfo França, maestro de banda de música; Nico Coelho, fotógrafo; José Xavier de Almeida, médico; João Alla, cerealista (só arroz); Sinhô Barbeiro, padeiro; Antônio de Souza, barbeiro e cabelereiro; Ilídio Lopes, invernista (comprador e recriador de bezerros); Amerquinho, sapateiro; Benedito de Rezende, seleiro, e por fim, Cel. Bento, capitalista. Além desses, havia um oleiro, um adobeiro e um seleiro. Entre as mulheres, muitas eram lavadeiras e tecelãs. Comerciantes havia vários. Primeiro os grandes, com lojas de tecidos, armarinhos, ferragens, mercadoria grossa: açúcar, sal, arame, etc. Estes eram Odilon de Souza, Chiquinho Baiano e Luiz Pereira; depois os menores, como Mundim e Samuel de Souza[...] (BRETAS, 2001, p. 145)

Existiam ainda os servidores públicos, o delegado de Polícia, o Promotor, o coletor federal, o coletor estadual, dois tabeliões, sendo um do 1º ofício e outro do 2º.¹⁰

⁹ O Jornal “O Kró” lutou incessantemente pela melhoria das estradas que davam acesso a cidade, o herdeiros dos coronéis das águas tinham a certeza que sem bons acessos, o plano de transformar a cidade que pouco havia mudado seria ainda mais difícil, suas páginas “gargantivas” serviam como megafone para que as autoridades olhassem com carinho para todo o potencial de Caldas Novas tinham, eram incansáveis em divulgar o teor maravilhoso de suas “águas radioativas” e principalmente não mediam esforços para propagar seu pequeno jornal, a Voz da cidade e do sonho de se transformarem em estância hidro-mineral.

¹⁰ Os nomes que constam como os maiores nomes do comércio ou de algumas profissões, hoje são nome de ruas e praças pela cidade, uma homenagem aos homens que idealizaram um sonho. As mulheres, na cidade representavam um papel secundário, não eram aceitas na vida política, a grande maioria vivia em fazendas com os pais ou maridos, eram tecelãs, lavadeiras, biscoiteiras, esse quadro social era raramente alterado, quando um moça rica fazia a escola normal e virava professora no única escola no centro da cidade, na grande maioria os professores das escolas rurais eram homens. A cidade repetia o quadro sócio cultural do país, com o reforço dos político e da Igreja.

3.4 O ritmo da modernidade

O conceito de modernidade é algo trabalhado por vários sociólogos, elegemos para nos amparar nessa análise o conceito trabalhado por Simmel, pois mesmo datando dos anos finais dos anos de 1800, estava em total proximidade com o ritmo de modernidade que a elite local definiu para a cidade de Caldas Novas. Simmel (SOUZA & ÖELZE, 2005) entende a modernidade ancorada em aspectos como o dinheiro, a cidade e as individualidades, são esses aspectos que se fortalecem no projeto de balneário sonhado, ocorre que a cidade responde a ele de maneira idiossincrática, com uma lentidão não esperada, um hermetismo cultural impenetrável. Na realidade o conceito de socialização de Simmel aqui pode ser melhor utilizado, pois, neste conceito os cidadãos são levados a adotarem as normas, regras, padrões de comportamento do mundo social. Não esquecendo da crítica constante sobre a modernidade e como o dinheiro altera valores qualitativos pelo quantitativo.

O traçado urbanístico da cidade de Caldas Novas não passava na realidade de antigos pastos e trilhas entreabertas, naquilo a que agora se entendia por cidade. Utilizando a licença poética de Walter Benjamin com seu *flaneur*, utilizando esse elemento talvez, com esses olhos, pudéssemos ter a visão do moderno para a cidade sonhada, um oásis de saúde e prosperidade. Era necessário como Certeau (1982) afirmava a necessidade de unir o lugar imaginário com o discurso do lugar social, e em Caldas Novas existia um abismo a ser transposto. Um visitante que aqui viesse nada mais veria que mais uma simples e pacata cidadezinha do interior. Analisar essa nova cidade que brotava no ideário de um pequeno grupo é transpor a fronteira movediça entre o dado real e o utópico pretendido, essa aproximação só se faz possível com a junção do ontem em forma de arquivo com o que a cidade se mostra hoje, essa ligação se faz para delinear as fronteiras que ainda permanecem movediças.

Voltando a Simmel e sua visão conceitual sobre a modernidade não foi primeiramente o dinheiro que foi aplicado na cidade, ao contrário, Caldas iniciou-se no duro perfil da lei, com uma constituição municipal criada nos primeiros momentos da emancipação política local em 1911, assim no Título II, Capítulo I – Das Povoações, com

registro no livro de atas de 1911 a 1931 em sua página 16 encontramos parte do projeto modernizador da cidade, nesse item os responsáveis pela nova cidade cuidaram de não permitir que a cidade crescesse de forma desordenada, fizeram um levantamento topográfico e definiram um projeto de alinhamento para a cidade, era de vital importância que o projeto oportunizasse a nova cidade um ar de metrópole de grande capital, foi criada a figura do “alinhador” que juntamente com o fiscal das povoações tinham a função e a obrigação de colocar a cidade dentro de um alinhamento planejado, multando ou indenizando os prejuízos decorrentes de tal reforma.

A cidade não se queda facilmente às estruturas legais, se faz necessário que o pequeno grupo social, aceite, recepcione e coloque em prática as novas normas impostas, o indivíduo reluta em sair de sua zona de conforto, algo maior deve ser capaz de quebrar sua individualidade e o expor ao novo projeto que se propõe. O habitante da pequena cidade difere em muito dos moradores de grandes centros, eles, nas cidades pequenas estão muito mais próximos dos ideários da cidade, se unem em torno dos sentimentos que podem mover sua cidade, se veste da cidade quando é seduzido por ela ou se posta apático quando a sedução é parcial, desta maneira sem o devido encantamento deixa morrer a *anima* que sustenta o sonho citadino.

Na grande maioria das pequenas cidades o encantamento é feito através da fé, Caldas Novas, nasceu sobre o signo do catolicismo, tanto é que a primeira providência que foi tomada pelos fundadores foi a construção de uma igreja. No sincretismo religioso do período a benção divina deveria ungir a cidade para que ela prosperasse, mas não foi o que aconteceu. Mesmo com a construção da igreja a cidade não prosperava, não passava de umas dez casas em torno da igreja. A superstição perseguia os fiéis, inicialmente a igreja foi dedicada a N. Sa. Do Desterro, e por um longo tempo, mais de vinte anos a cidade pareceu que encolhia, seus moradores colocavam a culpa na Santa padroeira, os rumores eram tantos, que até o cônego da cidade, o senhor José Olinto acabou por acreditar nessa superstição e conseguiu mudar a padroeira, retirando a N.Sa do Desterro e em seu lugar colocando Nossa Senhora das Dores. Pode não ter sido esse o motivo do lento crescimento que se deu na cidade, mas, a história e a memória dos antigos moradores, bisnetos dos primeiros habitantes ainda trazem forte essa superstição, assim, depois da mudança do nome, e de um forte trabalho político para elevar a condição de vila e depois de cidade, Caldas começa a crescer, já em 1900 a cidade possuía quase 300 habitantes, e os líderes tinham um profundo empenho pela sua emancipação política.

Queriam estar livres de quaisquer rédeas para poderem colocar em prática o projeto Caldas Novas balneário. Entraves políticos, falta de acesso e a falta de um melhor planejamento iam deixando Caldas Novas tímida, sem eco na região, suas águas embora fossem velhas conhecidas dos moradores do triângulo mineiro, do Rio e São Paulo era muito pouco visitada, pois os acessos para a cidade era feito no lombo do burro, os poucos carros que existiam tinham muita dificuldade porque as estradas eram quase inexistentes¹¹.

Juca de Godoy, primo do Cel. Bento de Godoy, ficou sendo o responsável pela implantação arquitetônica da cidade, automaticamente, acabou implantando conceitos importantes para o entendimento sociocultural da nova cidade, foi criada uma gama de sistemas simbólicos, conceitos estruturados por Bourdieu(1989). A elite local se via influenciada pela conjuntura cultural em que buscava se apoiar, recebia influência direta de outras capitais, que consideravam sendo o que de melhor se poderia ter e ao mesmo tempo imprimia em sua cidade uma influência sociocultural resultado deste contato. Interiorizava as relações culturais estrangeiras ao tempo em que exteriorizava para seus pares e habitantes ao redor. Assim, surge uma rede intrincada, os autorizados tornam-se autorizadores, a elite em função do poder econômico passa ser a referência para autorizar as alterações necessárias, nesse campo de mudanças o aspecto jurídico também é fundamental, o poder jurídico nasce como complemento dessas relações de força. Esse poder simbólico traz consigo outros tantos elementos de controle. A ideologia dos líderes locais, tinham como pano de fundo a ideia de uma identidade local voltada para a saúde e o lazer, objetivavam entrar no mundo moderno com credenciais de estância hidrotermal.

Esse novo local precisa estar ligado diretamente a uma nova cultura local, o homem agrário não serve como modelo para essa nova estrutura que se idealiza, novos discursos devem perpassar esse novo homem-balneário, ele deve ser capaz de falar sobre

¹¹ A história de Caldas Novas já se fazia presente em vários livros do final do sec. XIX alguns livros são especiais e merecem um destaque, como é o caso do livro do Dr. Orozimbo Corrêa Neto – As águas thermaes de Caldas Novas de 1918 que analisa as águas da região, faz um levantamento fotográfico e geográfico e levanta a história do nascimento da cidade e da primeira casa de banho que depois viria a se transformar no balneário local. Outros dois também merecem menção, seja pela forma agradável da narrativa como no caso do livro – Viagem no Interior do Brasil de Johann Emanuel Pohl, editado pela primeira vez em 1832 e o livro de Oscar Leal – Viagem as Terras Goyanas de 1892. Pohl faz uma breve descrição dos poços de águas quentes na região, sendo que sem saber passou no local que foi construída o balneário local e também nascentes que hoje pertencem a cidade de Rio Quente. Leal por sua vez, um era um aventureiro, dentista prático, botânico prático e geografo que mapeou e narrou com graça sua aventura desde Araguari até chegar em Goiás, hoje cidade de Goiás.

as propriedades das águas termais, falar sobre assuntos variados, gastronomia, lazer e amenidades, assim, o foco para essa mudança devem ser três: reestruturação da cidade, educação e trabalho. Com isso, será possível fazer a acomodação do conceito de “efeitos do lugar”, embora exija à participação financeira ativa a elite dominante deve coabitar com os moradores nativos do local, com isso, os efeitos do lugar acabam sendo estendidos para a população comum, que também arcará com o ônus da parte negativa dos efeitos, ou seja, será jogada para as margens limítrofes da cidade, o novo centro que se desenvolverá servirão com trabalhadores.

O grande inesperado dessas relações simbióticas do poder simbólico é que as classes menos favorecidas criam estratégias de enfrentamento, rotas de fuga, que são não verdade o grande embate sócio-econômico-cultural travado em elite e os desfavorecidos economicamente. As táticas, utilizadas pelos “pobres”, passam principalmente pela conservação e pequenas alterações das tradições locais, assim, a festa de reis, a catira, a festa de S. João começam a ganhar uma forte conotação de resistência, essas estratégias e táticas são tão bem executadas que os resistentes encontram ressonância e apoio na igreja local, fonte de poder paralelo, pois, a cidade é extremamente católica, as bênçãos cristãs dão as festas uma autoridade de continuação. Essas relações às vezes contraditórias são elementos de união, o amálgama entre os habitantes, a cidade e a elite idealizadora.

A modernidade traz conteúdos e formas, que são os organizadores dos processos do trabalho, da cultura, da educação e da arte, para citar somente alguns desses processos. Ao mesmo tempo, esses processos, deixam transparecer que já não são capazes de responder por todo o conjunto – a modernidade, ao contrário, a dicotomia, subjetivo-coletivo, se descola, e cria um novo decalque de crise.

E por conter esses elementos de tensão, é que a Modernidade recepciona os opostos, obrigando-se a um cabo de guerra.

No dizer de Nosella e Buffa o processo de modernização da nação está ligado a nossa identificação como nação, portanto com a formação de nossa identidade.

O processo de modernização do Brasil está intimamente relacionado com a questão da identificação político-nacional. A partir dos acontecimentos da Primeira-Guerra e, sobretudo da Revolução Russa, evidenciam-se algumas vias

para essa identificação: a via capitalista, a socialista e, até mesmo, a assim chamada terceira via. [...]

Esse processo de modernização geral da sociedade brasileira envolveu, profundamente, educadores que, ao se organizarem discutem e formulam propostas pedagógicas, pela primeira vez, se constituíram em categoria profissional autônoma. (BUFFA e NOSELLA, 1991, p. 60-61)

Some-se o processo de industrialização, que forçosamente foi iniciado com Getúlio Vargas, obrigando os intelectuais no poder a reverem a educação nos novos moldes da urbanização e industrialização. Era preciso aparelhar o Estado com profissionais capazes de produzir em prol do progresso, a identidade Nacional estava sendo forjada com o firme propósito de deixar transparente nossa imagem, para nós e para o mundo.

Francisco Campos um dos intelectuais a serviço de Vargas deixava claro, a função da educação para esse período.

Há uma vocação do mundo moderno para os problemas e um correspondente ceticismo para as soluções. Pode-se dizer que o homem do nosso tempo pôs de novo em equação, transformando-as em problemas, todas as soluções que constituíam a sua herança intelectual, política e moral. A educação reflete esse estado das coisas. O que se quer é que ela seja uma educação para problemas e não para soluções, não para esse ou aquele regime de vida, pois não se sabe ou não se acredita saber em que quadros de linhas moveis ou flutuantes irá o homem viver. Como Educar para a democracia, si esta não é hoje senão um cafarnaum de problemas, muito dos quais propondo questões cuja solução provável implicará o abandono dos seus valores básicos ou fundamentais? Educação individualista ou educação para um mundo de massas, de cooperação ou de configuração coletiva do trabalho, do pensamento e da ação? (CAMPOS, 2002, P. 9)

A educação formando um contingente enorme de mão de obra qualificada, esse ideário pertencia as reformas colocadas em prática por Francisco Campos e Fernando de Azevedo. Um caráter nacionalista perpassava os projetos e a Escola Nova dá visibilidade, tanto a este caráter como ao que Nagle (1974) chamou de otimismo pedagógico.

Dessa maneira, seria possível a concretização do sonho nacional: uniformizar nossa identidade nacional, reformulando a ideia de homens preguiçosos,

indolentes, e em seu lugar forjando uma identidade do homem trabalhador, de um povo ativo, com ideais de nobreza.

As estruturas sociais crescem, a economia cresce, mas a elaboração de projetos que visavam priorizar a instrução da população nunca era efetivamente levado a cabo.

Os projetos educacionais são criados de maneira a atender somente as necessidades urgentes, um plano de ação pedagógica nunca foi realizado em sua totalidade. A hegemonia cultural da elite impunha somente o necessário para atender a necessidade de crescimento desejado pelas massas; assim a imposição acaba acontecendo por assimilação cultural do processo, sem que as elites tenham que usar a força no processo, e esse poder de acomodação acontece dentro da educação. Desta maneira, embora sempre associadas nos discursos, nunca foi possível uma sintonia perfeita entre política e educação no plano das realizações.

A função da educação é sempre ressaltada, todo discurso político a tem como um dos carros-chefes. A execução prática desse discurso é o fato preocupante. A vontade de utilizá-la está sempre presente, embora essa utilização nunca se aproxime, nem em esboço, do discurso ideológico utilizado.

Não há grande povo semumprogresso sério de educação. Quando mais crescem, mais desenvolvem e aperfeiçoam os seus sistemas de educar. Quaes os povos mais victoriosos e mais felizes? – Aquelles que têm uma educação mais generalizada e mais perfeita. Basta uma rápido olhar sobre a humanidade actual e a verdade resalta luminosa. Vejam a Inglaterra, os Estados Unidos, a Allemanha, a Suissa, a Scandinavia, o Japão CARNEIRO LEAO, 1917, pp. 21-22).

Essa ideia de que nada acontece se o povo não tiver conhecimento, reforça-se no ideário da Escola Nova, uma instrução popular, profissionalizante, para adaptar a sociedade às novas necessidades da época. Existia também contido neste projeto a questão do voto, com a imposição da necessidade de ler e escrever para poder votar, a escola era sem dúvidas uma forte aliada dos políticos. Uma necessidade de interação entre poder e povo se faz necessária. Portanto, ensinar a escrever e a ler, mas só o suficiente para

continuarem a satisfazer as vontades e no caso de Caldas Novas da proposta do grande sonho de tornar-se uma cidade balneária.

Desta maneira, os Coronéis das águas não faziam muito diferente dos seus pares de outros estados, apoiavam o discurso de alguns intelectuais do peso de José Veríssimo quando afirmava:

É, pois, a nós mesmos, é ao povo, é a Nação, que cumpre corrigir e reformar, se quisermos realize a república as bem fundadas e auspiciosas esperanças, que alvoreceram nos corações brasileiros. Para reformar e restaurar um povo, um só meio se conhece, quanto não infalível, certo e seguro, é a educação, no mais largo sentido, na mais alevantada acepção desta palavra.” (Veríssimo, 1985. p. 43)

Na prática, porém, mantinham a população com o mínimo de escolarização possível e necessária, para empreender seus projetos expansionistas, que visam criar um polo de turismo na região das águas quentes. Somente um grupo escolar foi concretizado, as poucas escolas particulares que existiam, tinham a única preocupação de arrecadar o máximo possível do governo, porém mantinha a qualidade de seus ensinamentos de maneira mais deplorável possível. Seus filhos recebiam tratamento diferenciado, iam estudar fora, no Rio de Janeiro, São Paulo ou para os menos abastados no Triângulo Mineiro.

A modernidade entrava no interior com o seu pior perfil, mas com a sua mais eloquente ideologia. Acena ao homem comum com promessas de sucesso e conquistas, mas o ideário que está sendo trabalhado não permite crescimento algum, atrela-se suas vontades às vontades e mandos dos coronéis locais, que tecem com toda força uma rede de (in)possibilidades para o crescimento econômico, político, social e principalmente educacional do cidadão comum, é a mais pura utilização do conceito de *habitus*¹² de Bourdieu quando o elite social se sobrepõe sobre os demais segmentos sociais.

¹² O *habitus* não é destino, como se vê às vezes. Sendo produto da história, é um sistema de disposição aberto, que é incessantemente confrontado por experiências novas e, assim, incessantemente afetado por elas “Pelo fato de que a identidade das condições de existência tende a produzir sistemas de disposições semelhantes (pelo menos parcialmente), a homogeneidade (relativa) dos *habitus* que delas resulta está no princípio de uma harmonização objetiva das práticas e das obras, harmonização esta própria a lhes conferir a regularidade e a objetividade que definem sua ‘racionalidade’ específica e que as fazem ser vividas como evidentes e necessárias, isto é, como imediatamente inteligíveis e previsíveis, por todos os agentes dotados

3.5 - Buscando as formas do conhecimento.

Platão entende que o conhecimento só é possível, se for essencialmente verdadeiro (episteme), já os pensadores modernos entendem que o conhecimento só se dá através de um método, ou seja, o método científico – tese, antítese e síntese, outro conceito largamente utilizado é que o conhecimento é um conjunto de informações e dados que são obtidos de duas maneiras, através da experiência, assim seria um conhecimento “A posteriori” ou através da reflexão (A priori). Com isso esbarramos em uma grande charada, como desnudar o que venha a ser Conhecimento, como conseguilo, como guardá-lo, enfim, existe conhecimento perfeito, verdadeiro? Existe conhecimento parcial? Passeron e Bourdieu (1978) são categóricos em afirmar que o conhecimento não é passado da mesma maneira dentro da mesma escola, isso porque faz parte de um outro conjunto maior, o conjunto cultural da classe dominante, assim, os diferentes são tratados com igualdade o que gera uma maior lacuna na produção do conhecimento. Durkheim já previa essa variação de conhecimento pedagógico e social na sua obra Educação e Sociologia. Então, perdidos nesse labirinto conceitual, devemos nos aliar a um conceito que atenda a nossa análise sobre o período de 1920 a 1950 em Caldas Novas. Quando se trabalha com os saberes necessários a educação, busca esclarecer que o conhecimento fica cego em função de dois sérios problemas: O erro e a ilusão, eles são responsáveis pela má utilização dos saberes e pela formação míope do conhecimento. O conhecimento se fixaria então através das percepções, reconstruções, enfim, toda informação, estímulos visuais e sonoros que são captados pelo homem.

Edgar Morin (2001) defende que o processo que ancora a ciência moderna, portanto, o conhecimento científico, encontra-se em três pilares; a ordem; a separabilidade; e a razão com suas lógicas indutivas e dedutivas. A noção de ordem é originária das ideias deterministas do mundo; a de separabilidade da noção cartesiana que tudo tem que ser reduzido para chegar ao seu melhor entendimento; e pôr fim, a razão, ancorada nas lógicas dedutiva e indutiva, que acabaram por formar o grande tripé da

do domínio prático do sistema de esquemas de ação e de interpretação objetivamente implicados na sua efetivação, e por esses somente” (Bourdieu, 1983, p. 66)

ciência tradicional – tese- antítese e síntese, que busca dar ancoragem ao “conhecimento científico”.

Mas é possível buscar em meio a um processo confuso, elementos de apoio e flexibilização para dar condições de continuidade para a educação. Para criar uma sensação de flexibilidade, um dos caminhos é aumentar o número de opiniões, gerando a impressão de uma larga participação social, essas participações são induzidas e o controle continua refém das lideranças, embora o conjunto obtenha uma ideia de flexibilidade dos projetos e pedagogias implantadas.

São as brechas oriundas desse controle que oportunizam o processo dialógico de dúvidas e certezas, movimentando determinadas culturas, o dualismo é o pai da contestação, elemento primordial para o novo estruturar do conhecimento.

Esses espaços pulsantes de novos valores, a todo o momento irrompem em locais jamais previstos, em uma ordem caótica, visando burlar o controle das normatizações e buscando apagar os carimbos delas, assim obrigam as normas a criarem novos valores, aproveitando essas revisões para criarem mais brechas. Essa dialógica pode ser profunda ou superficial, sua profundidade reside no fato de não apoiar-se em verdades dogmatizadas, nascerem de maneira apriorística no seio cultural de uma nova sociedade.

A grande complexidade do pensamento ocidental esbarra em alguns paradigmas que pretendiam com suas formulações dar ares de dogmas a determinadas questões, reforçando a maneira clássica de pensar. A lógica foi e é a sua principal ferramenta de apoio, com seu formalismo estruturou essa complexidade moderna, apoiando-se em especial na lógica dedutiva.

Essa mesma lógica impulsionava os projetos locais, as possibilidades de outras cidades de se produzirem, deveriam, ao ver dos líderes locais ter o mesmo efeito e sentido, deveriam criar um “habitus” próximo aos padrões de outras cidades. Mas porque isso não ocorreu? A questão envolve uma série de variáveis possíveis, a falta de um número maior de cientistas, médicos, farmacêuticos. A própria localização da cidade com referência aos centros urbanos. E a aceitação da coletividade para as estruturas que estavam sendo apresentadas. Ocorre ainda que neste mesmo período, o sul goiano acaba se tornando um polo de distribuição de charque e gado para o sudeste e nordeste

brasileiro, Borges (2000, p.111) era aqui no sudoeste goiano que se encontrava o melhor rebanho bovino do Estado.

Isso nos obriga a pensar em novos caminhos, em uma nova gama de probabilidades. As relações sociais estão inseridas como um dos principais laços desse pensar, o fato de ter conhecimento de algo novo ou inovador dispara os sensores normalizadores que tentaram buscar condições de se tornarem também autoritários para esse novo pensar.

Outro entrave da modernidade reside no fato de pensarmos positivamente e de maneira dicotômica, ou somos isso ou não somos, quando o desenlace reside no fato de sermos - o isso é o outro também - quebrando a estrutura dicotômica e apoiando-se nas relações dialéticas. Temos dessa maneira uma refutação de um progresso para o conhecimento de maneira acumulativa, e que não utilizamos, um progresso que gera desperdício, tanto de energia como do próprio progresso, pois, é subutilizado, e nessa fronteira entre o mesmo e o novo que se oportunizam possibilidades para um conhecimento dialético-rizomático de interesse múltiplos.

O homem teve sua evolução sociocultural baseada nas estruturas da linguagem e nas relações de poder geradas por ela. Foi à linguagem que oportunizou as tecnologias de dominação, e por isso mesmo criou discursos de apropriação e dominação de controle e julgo, renovando a ciranda dualista do formalismo.

A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação etc.). A unidade elementar da linguagem — o enunciado — é a palavra de ordem. Mais do que o senso comum, faculdade que centralizaria as informações, é preciso definir uma faculdade abominável que consiste em emitir, receber e transmitir as palavras de ordem. A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer. "A baronesa não tem a mínima intenção de me convencer de sua boa-fé, ela me indica simplesmente aquilo que prefere me ver fingir admitir"¹.(DELEUZE E GUATTARI. 1997,V. 2. p. 4-5)

Como percebemos no texto acima os elementos de enunciação criam e autorizam discursos com relação às estruturas sociais que se imbricam; nessa condição

ele autoriza e normatiza, impõem mantos de ocultação do conhecimento, criando formas de saber, reforçando sua dominação paradigmática, pois se forma do triedro: linguagem – trabalho – vida social – desfoca o conhecer, deixando-o míope, instrumentalizando o homem.

O conhecimento requisita um novo procedimento de linguagem, uma estrutura que possa vencer o triedro do saber ultrapassando as questões dos signos, um (re)-significar dessas estruturas que geram a língua.

O paradigma reducionista cartesiano continua vigorando com todo o sua força, o formalismo embora tenha mostrado os seus limites, declarando suas inconsistências, continua sendo ignorado e vem sendo utilizado como se estivesse novo, um saber-dogmático, e é esse mesmo saber quem demonstra as suas brechas e nelas, exige a participação do novo.

Temos então uma crise epistemológica, o reconhecimento dessa crise é por si o primeiro passo, para buscar uma alternativa, pois ela nasceu da carência de entendimento do conhecimento, suas variáveis e seus rompantes de liberdade, sua necessidade imanente de superar o insuperável. Aqui, a Educação, toma forma como instrumento-panaceia, cabendo a ela, a Educação, evitar e proteger o conhecimento das ameaças que o cercam tais como as normas, as ilusões e os erros. Que reforça a crise, por não permitir novas abordagens, mudando apenas sua roupagem e acrescentando *ismos*, quando a necessidade e *novos*.

As tecnologias que impulsionam e obrigam a formação de novos conhecimentos, serão as mesmas que poderão dar vida as novas possibilidades, vivemos hoje de maneira Hobbeana, somos lobos de nós mesmo, abrimos mão de nossa liberdade em prol de uma segurança vigiada ou um projeto para um bem maior, uma higienização completa de nossa região e a relaboração de um poder que força e oprime no sentido e buscar de todos os modos o Conhecimento que irá se transformar em lucro.

A modernidade trouxe para junto do cidadão comum, a geladeira, que ajuda a preservar os alimentos, a máquina de costura, o telefone, o telégrafo e a máquina de escrever, colocando o mundo de uma forma mais organizada, oportunizando a economia do tempo para um investir em projetos maiores, como o caso da transformação

da cidade. Essa nova educação, necessária para o manuseio destas tecnologias, obriga a proximidade com uma nova fronteira, a fronteira do novo.

Caldas resistia às mudanças, com ajuda do próprio governo do estado que via no dizer de Gomes (2000, p. 113) uma “vocação pastoril” para a região. E como a lida com o gado exigia muito menos que a lida com os homens, pois os primeiros, não necessitavam de escolas, não necessitavam de tecnologias, não necessitavam de mudanças nas questões de higiene e conforto. O gado, assim como o peão que com ele lidava, precisava de comida, sal e moradia.

Mesmo assim os líderes locais não se davam por vencidos, as mudanças aconteceriam mesmo que tivessem de “bancar” com todos os investimentos, para que a cidade pudesse ter um Grupo Escolar foi feito um empréstimo. A prefeitura tomou junto ao maior capitalista da cidade o Cel. Bento¹³ dinheiro necessário para a construção do prédio. Um destaque deve aqui ser feito, tanto a planta do novo grupo escolar, bem como a quantia gasta pelo município, não eram resoluções aleatórias, elas se pautavam na lei de n. 694 de 27 de julho de 1921 que estabelecia:

Art. 1º Fica o governo autorizado a criar cinco grupos escolares de 4 cadeiras cada um, sendo um na Capital (36), 2 no Sul e 2 no Norte do Estado, nos municípios que julgar mais conveniente à difusão da instrução primária, construindo os respectivos edifícios, nos quaes poderá despende até a quantia de 150 contos.

§ Único – O Governo além desses Grupos, proverá gratuitamente de professores todos os grupos escolares fundados pelos Conselhos Municipaes em edifícios próprios, adequados para esse fim, e cuja planta tenha sido aprovada pelo Poder Executivo.

Art. 2º - As cadeiras de professor de grupos deverão ser providas por normalistas diplomados pelas escolas officiaes, ou equiparadas, deste ou de outros estados da União, ou por quem preste exame perante a Congregação do Lyceu de Goiaz, das matérias exigidas para o curso normal.

¹³ De acordo com as leis n. 32 e 33 de 1924 o Conselho Municipal autorizou a contratação de um empréstimo de 15 contos de réis para a construção e compra de mobiliário do Grupo Escolar da cidade, a pedra fundamental teve seu lançamento em 18/01/1925, estando presente toda a elite local. Destaque-se que o terreno que foi doado pela prefeitura para a construção do Grupo Escolar pertencia ao Cemitério local. Hoje ao lado do Grupo que ainda existe e funciona com ensino médio nos períodos matutino e vespertinos erguem-se vários prédios construídos nos anos de 2000. A construção desse Grupo embora não conste do livro do Genesco Brestas sobre a educação, apoia-se na lei por ele citada sobre a criação e grupos escolares pelos municípios. O livro de lei de 1923 em sua página 23 contém a cópia exata do termo assinado pelo intendente (prefeito) pelo empréstimo, contraído junto ao Cel. Bento de Godoy, para a construção do Grupo Escolar.

Dessa maneira, o “nascimento” do grupo escolar não foi uma ação aleatória, visando amparo ao projeto maior da cidade, o conhecimento das leis estaduais e as formas de buscar recursos, levaram o grupo a utilizar o amparo da lei acima citada, o objetivo é que embora o custo inicial fosse feito por capitalistas da cidade, o Estado acabaria arcando com as despesas com os professores, com o mobiliário ou até mesmo com outra construção de igual porte.

Uma visão holística do período nos leva a algumas considerações:

- a) Estando todos os estados da União brigando pela criação de grupos escolares, esses deveriam ter uma razão de ser?
- b) Como as grandes cidades começavam a esboçar sinais de crescimento e modernização, necessitariam de um local que, aos moldes europeus, pudessem dar condições de treinamento, instrução e controle sobre a população?
- c) Caldas Novas tinha um grau de analfabetismo alarmante que deveria ser erradicado?

Como essas questões levantadas, necessário se fazia promover ações para que o ideário fosse alcançado, dessa forma em 1928 quando da inauguração do Grupo Escolar, as duas pequenas escolas que funcionavam no centro da cidade foram desativadas, seus alunos transferidos para o novo grupo. A prefeitura colocou a antiga sede da escola masculina para ser alugada. Eram os primeiros passos para se criar uma geração focada no trabalho. Embora todo esforço dos Coronéis das Águas estivesse centralizados para a concretização do sonho de estância hidrotermal, muito ainda se necessitava fazer. As respostas encontradas dificultavam ainda mais o planejamento de polo de lazer e saúde, a briga por grupos escolares acontecia pela necessidade de reduzir custos, ter melhores profissionais a disposição, no caso, em conformidade com as leis que regiam a formação dos grupos escolares os professores deveriam ser normalistas formados, dessa maneira as classes poderiam se homogeneizar, separando os alunos por faixa etária e grau de conhecimento. Quanto à necessidade de um local, essa já estava estabelecido desde de as origens da industrialização na velha Europa, a Escola era esse espaço, que ao dizer de Durkheim, é um espaço de coercitividade, portanto, disponível aos projetos socioeconômicos dos governantes. Por fim, a maior batalha viria na transformação da cidade rural de Caldas Novas em uma cidade moderna, um espaço bucólico, saudável e principalmente cobiçado, tanto por suas águas como também deveria

ser pelo seu espaço urbano, e nessa cidade com certeza seria impossível uma população ágrafa. Mesmo que as escolas não fornecessem matéria prima para a nova estação balneária, daria pelo menos uma visão de povo civilizado e hospitaleiro, daí o tamanho da importância de criação de salas de aulas.

3.6 – A educação citadina

O isomorfismo e o princípio da similaridade são dois fatores que foram utilizados pelo trabalho e pela educação, principalmente em Caldas Novas, a ideia de aproveitar o pronto e feito como modelo de estruturação, seja para as questões relacionadas à nova matriz produtiva que estava em andamento, seja como relação a uma nova política educacional a ser implantada.

A necessidade de dominar certos conhecimentos era fundamental para que a cidade pudesse fazer o seu comércio funcionar, e principalmente, dar condições para desenvolver o balneário. Com a experiência advinda de outros povos e outras plagas se fazia necessário a docilização dos jovens e adultos. Como era pouco provável que os mais antigos se submetessem a ir à escola, a escola deveria começar criando condições para educar de maneira cívica e principalmente focando o mercado se se despontava. Civilismo, preparação para o mercado de trabalho, ideais de civilidade eram os paradigmas que a educação prega e pregava no início dos anos de 1930. O período foi marcado por valorizar os aspectos cívicos: o ufanismo era um dos pontos a ser trabalhado.

Não se pode analisar o período sem incluir os problemas de ordem econômicas: a quebra das bolsas no mundo todo, as fortes alterações na política, incluindo a propagação do nazismo e do fascismo, acabam por nortear as alterações no espaço político brasileiro. O mote: “instrução, educação e saneamento” era o que se difundia no período e consequentemente as três grandes mudanças realizadas por Francisco Campos na seara da educação: a educação secundária, a educação comercial e a educação superior. A maior diferença era que no período em questão a segregação das categorias sociais menos favorecidas era ainda maior do que nos dias atuais.

As mudanças, efetivamente, focavam na formação visando a criação de um enorme contingente de mão de obra. Era fundamental que se pudesse atender as novas necessidades da industrialização que se implementava no país, ao passo que se mantinha uma escola focada nas elites – a educação superior - para manutenção das classes que deveriam continuar controlando a nação. Os “modernos” cuidavam da educação, da necessidade de formação somente parcial para os trabalhadores e uma formação acadêmica para os governantes, dessa forma, ficava ainda mais demarcado as diferenças sociais, a escola foi e ainda é utilizada como segregador social, basta ver a diferença de conteúdos e currículos utilizados nas escolas públicas e nas escolas particulares. Necessário se faz uma anotação, essa relação trabalho e escola na realidade transcende a questão de emprego, mas se ancora nas questões das relações produtivas que podem ser oportunizadas bem como as relações de educação passam também pelo conceito de cultura e a noção de gestão de conhecimentos.

No que diz respeito ao espaço geográfico, a cidade de Caldas Novas, não tinha nenhum projeto urbano: suas casas não obedeciam um alinhamento ou simetria, o centro da cidade não tinham traçado algum, era mais um campo, com trilhas abertas em seu seio-cidade.

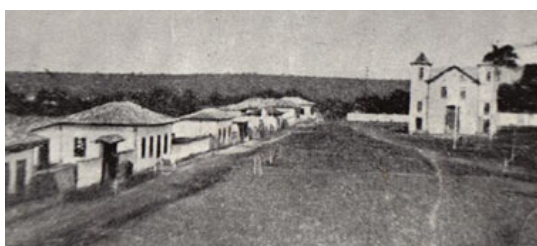
Para sair deste arraigado ruralismo, foi idealizado por Juca de Godoy, a pedido de seu parente o capitalista cel. Bento de Godoy, um projeto urbanizador, com ele veio, leis para obrigar ou conseguir o apoio da população. Ainda que vendessem uma imagem de futuro e crescimento, isso não foi suficiente para que a pequena população comprasse a ideia, continuavam a pendurar roupas para secar nas cercas em frente às suas casas, utilizavam águas termais para lavar calçadas e ainda utilizavam as fontes das praças inclusive para lavar louças.

Os animais continuavam sendo amarrados nas cercas domésticas; dessa maneira, a cidade não conseguia alterar os antigos hábitos, esses necessitavam ser utilizados, o sanitaríssimo exigia essas mudanças, a civilidade deveria fazer parte da estrutura arquitetônica e do espaço urbano. O plano urbanístico caminhava a passos lentos, a sua efetividade era falha, faltavam fiscais, faltava treino e principalmente faltava a cultura urbana para seus moradores¹⁴.

¹⁴ Todo o esforço realizado por Bento de Godoy, Theophilo de Godoy, Antônio Inocência, não foram suficientes para a modificação substancial da cidade. Pontes, estradas, praças, foram iniciadas mas o tempo

A aprendizagem para as novas modalidades de trabalho necessário para as novas mudança, ainda ficam na base da transmissão oral e na participação direta das ações práticas. Colocar a escola como responsável pelo domínio e destreza para as novas profissões que se apresentava, uma sociedade urbanizada necessitava de um ambiente que promovesse o conhecimento, e esse espaço era sem dúvidas a Escola, a sociedade sozinha já não conseguia oportunizar as novas formas de aprendizagem para o trabalho, o próprio local de trabalho também não conseguia mais dar a formação necessária, como se fazia na época dos mestres artesões, o momento exigia um conjunto operacional de maior vulto, um envolvimento entre família, a cidade e a escola.

Com um plano diretor que aplicava pesadas multas e obrigava a população a uma nova maneira de se organizar, a população e a cidade viram-se obrigadas a mudar suas rotinas e seus ares. Logo abaixo, vemos uma fotografia do centro da cidade durante o período dos primeiros coronéis, exatamente no ano de 1911, quando da emancipação política da cidade.



Como se percebe, a cidade carecia de uma melhor infraestrutura, as casas começam a buscar um alinhamento urbano, as trilhas ou “picadas” como se dizia, precisavam se tornar caminhos, ruas, a praça necessitava de detalhamento e um desenho clássico, como os de outras cidades, além disso a energia elétrica e a água encanada eram itens de vital importância para o projeto civilizador de transformar o campo e uma urbe moderna.¹⁵

e acultura local foram os maiores inimigos dos primeiros coronéis. A segunda geração a quem podemos chamar de pequenos coronéis, filhos dos primeiros, embora tivessem uma cultura letrada maior que seus antecessores, os mesmos recursos financeiros e a mesma determinação, preferiam a via política, solicitando apoio financeiro do estado.

¹⁵ A foto representa um duro retrato da realidade vivida por Caldas Novas, mesmo com todo esforço da primeira geração de coronéis das águas, faltou apoio do governo do Estado, aliás, analisando os jornais de Ipameri cidade vizinha e por onde a estrada de ferro chega no interior Goiano, notamos que todos comentavam sobre a possibilidade que Caldas Novas possuía com suas águas termais. Um bom exemplo

3.7 As Fronteiras do conhecimento

O espaço de fronteira é um lugar que não tem delimitações, é onde o local todas as possibilidades se dão: o novo, o velho, o forasteiro e os caminhos e que delimitam ou estendem as linha móveis que formam esse espaço dicotômico, um espaço de aceitação e contradição, é nesse espaço que se confunde e que nascem as tradições, nele também essas tradições são alteradas de modo irreconhecível.

Nesses espaços temos as maiorias sem privilégios, os que vivem à margem, os excluídos, os que buscam uma nova oportunidade de vida ou uma vida. A fronteira é o lugar que quem não se tem lugar, assim a fronteira nos leva a uma profunda reflexão do todo que a abarca, nela vivemos com a historicidade e as incompletudes que nos cercam. Ao mesmo tempo que recebe, a fronteira cria linhas de fuga, cria fissuras em seus espaços físicos, por onde se deslocam os mais variados tipos: locais de entradas e de saídas, essas fendas permitem o respirar do novo espaço traçado.

O conhecimento também é um lugar fronteiro, é necessário a existência de uma dualidade do discente para possa se estruturar. É através de uma subjetividade inerente a ele - conhecimento, pois sua formação é individualizada e subjetiva, cada ser utiliza o conhecimento em função de suas capacidades e necessidades, citando Kant: “o fim da educação é desenvolver em cada indivíduo, toda a perfeição de que ele seja capaz”. Tanto o capital econômico, como os primeiros coronéis das águas viam nessa possibilidade de perfeição que poderia ser oportunizada pela educação, uma possibilidade de produzir seres capazes de realizar suas tarefas, visando um possível lucro que viria com a exploração das águas termais.

O problema curricular trabalhado ou alterado na cidade, o ensino ficou colado no ensino secundário, com base na formação para o comércio. O currículo ou programa com chamavam na época trazia o básico necessário para compreender as necessidades financeiras e sociais. Analisando o contexto sócio-histórico podemos

desse interesse pela cidade está no n. 37 do noticioso a Semana que circulava em 1923 em Ipameri e região, o título da primeira página traz estampado: CALDAS NOVAS PRIVILEGIADA PELA NATUREZA, a notícia discorre sobre a pesquisa do Dr. Batesco Dutza sobre as propriedades termais das águas.

ampliar nossa reflexão sobre as questões pedagógicas, ou seja, porquê as mesmas estruturas não funcionaram a contento na pequena cidade? Historicamente prevaleceu a força cultural do campo. A evasão escolar era muito grande, as pessoas mal aprendiam “as primeiras” letras e já retornavam as funções econômicas de suas famílias, ou o que lhes dessem retorno rápido.

São nessas fronteiras que se deu o início de uma nova identidade urbana, no caso de Caldas Novas, essa identidade estaria ligada ao lazer e a saúde. A primeira casa de banho, explorada pela viúva do Cel. Gonzaga, já continha essa proto-identidade, a formação final se daria dentro das escolas e nos hotéis, pensões e farmácias que deveriam ser criadas para atender os “aquáticos” que viam nas águas quentes uma cura para suas mazelas.¹⁶

Uma nova realidade social é imposta, um novo momento social é vivido em toda a sua plenitude novas “realidades” são lidas nesse novo mundo, realidades; econômica, social e política, nascem à plena desigualdade entre os iguais, falta o emprego prometido, o meio social não suporta os menos favorecidos, destes querem apenas a capacidade laborativa, o sistema de saúde é falho, falha os setores de controle (polícia e milícias) e para que as revoltas não ocorram e preciso no dizer de Foucault em Vigiar e Punir, docilizar os corpos.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica de poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT. 2004. p.119)

¹⁶ Analisando do O Kró e outros jornais das cidades vizinhas, podemos hermeneuticamente retirar de suas entrelinhas as fortes diferenças sociais, a cidade tinha três (03) grandes classes, os proprietários de terras e posses, um arremedo de classe média, que ficavam por conta de serviços públicos e completavam a renda realizando outras atividades comerciais e os trabalhadores, que viviam de pecuária e de agricultura de subsistência, mesmo com a tentativa do projeto urbanizador para transformar a cidade, Caldas Novas, ficou presa no interior de suas vontades, em passos lentos viu escorrer lentamente suas águas sem que fosse possível uma profunda modificação social, fato que iniciará somente no início dos anos de 2000.

A execução prática desse discurso escolarizante é um fator preocupante. A vontade de utilizá-la (a Educação) está sempre presente, embora essa utilização nunca se aproxime, nem em esboço, do discurso ideológico utilizado.

Essa ideia de que nada acontece se o povo não tiver conhecimento, reforça-se no ideário da Escola Nova, uma instrução popular, profissionalizante, para adaptar a sociedade às novas necessidades da época. Como é possível estruturar uma sociedade com uma população ágrafa? Uma necessidade de interação entre poder e povo se faz necessária. Portanto, ensinar a escrever e a ler, mas, só o suficiente para continuarem a satisfazer as vontades e os mandos eleitorais e ocuparem as vagas no mercado emergente.

Desta maneira Caldas Novas seguia a cartilha do poder, apoiava o discurso dos melhores intelectuais que estavam a serviço do Estado; com isso, buscavam incutir o processo higienizador, adestravam os cidadãos e tentavam forjar uma nova identidade local.

O discurso não chegava a empolgar totalmente os moradores da cidade, na prática a população era servida com o mínimo de escolarização possível e necessária, para empreender os projetos expansionistas das elites, eles queriam criar um polo de turismo na região das águas quentes. A cultura local priorizava o trabalho manual, as escolas da cidade contavam com um número razoável de alunos, mas não chegava a ser expressivo, no campo, os professores além de não possuírem formação, eram os primeiros a estimular a matança de aulas. Buscando mudar essa realidade sombria um grupo escolar foi idealizado e concretizado, as poucas escolas particulares que existiam, tinham a única preocupação de arrecadar o máximo possível do governo, porém mantinha a qualidade de seus ensinamentos de maneira mais deplorável possível. Os filhos da fortuna recebiam tratamento diferenciado, iam estudar fora, no Rio de Janeiro, São Paulo ou para os menos abastados no triângulo mineiro.

A modernidade de maneira parcial, incompleta, mas com a sua mais eloquente ideologia. A proposta de um mundo moderno, reluzente acenava ao homem com promessas de sucesso e conquistas, mas, o ideário que estava sendo trabalhado não permitia crescimento algum. As vontades da população, na verdade, eram as vontades e mandos dos coronéis locais que tecem com toda força uma rede de (in)possibilidades para o crescimento econômico, político, social e principalmente educacional do cidadão

comum. As fronteiras não são dilatadas, o conhecimento vira instrução, a cidade mantém um movimento moroso, um caminhar lento, mas com um olho visando o futuro.

Outro problema a ser enfrentado será esse distante futuro, quando transformado em presente as estruturas são outras, outros são os referenciais das escolas, o tempo não foi piedoso, exigiu uma adaptação que a cidade não estava preparada.

4 – O LUCRO DAS ÁGUAS

O poder das águas, não importa qual a condição ou aparência em que ele se apresente sempre teve uma crucial importância na história do homem. Ela já foi utilizada de várias formas, esteve sempre presente na trajetória da humanidade.

Uma água termo-radioativa era a ferramenta fundamental para a elaboração de um projeto saneador. O projeto Caldas Novas Balneário está ancorado exatamente nas propriedades medicinais das águas que aqui se encontram. O chamado para a cura: doenças de pele ou outros males. Este chamado, com a infraestrutura idealizada é o que faria a cidade florescer, desta forma as águas se tornariam uma valiosa moeda. As Cidades balneárias formadas nos períodos anteriores à década de 1920, faziam com que os líderes caldenses imaginassem uma cidade tão grandiosa quanto suas cidades-exemplos. Utilizar as ferramentas possíveis de controle e colocar a seu dispor todo o vasto arsenal de lucratividade: pensões, balneários, hotéis, farmácias, medicina, enfim, a saúde e o lazer poderiam gerar lucro, se fossem bem trabalhados.

São os elementos sociais, estruturais, políticos, econômicos e linguísticos, que levavam o homem a redesenhar a si e o meio em que vive. Por isso não há como manter as bases tradicionais, cultura, política e trabalho (ou suas técnicas) são constantemente renovadas. As mudanças atuam com uma força devassadora, como um turbilhão, um novo furacão chamado modernidade e seu sinônimo para muitos autores é o trabalho.

Essas mudanças seriam significativas e fundamentais para um novo processo sócio-histórico-econômico que se esboçava, e que se tornaria, nos anos próximos, o modelo a ser seguido. Esse modelo estava tomando como base a cidade de Araxá. Esse ser em construção deveria ter a disposição do boi, a liberdade dos fortes, a coragem de quem faz, mas, principalmente, à vontade e o interesse de fazer um novo mundo, pautado nas novas tecnologias: do carvão ao vapor, do ferro ao aço, da vela a eletricidade, das carroças ao carro, das mulas ao trem, um mundo de fumaça, trabalho e dinheiro.

O médico Orozimbo Correa Neto, em seu livro “As águas thermaes de Caldas Novas”, publicado no Rio de Janeiro em 1918, em suas páginas iniciais alerta os poderes públicos para a “grandeza da indústria hydro-mineral e termal”. Foi ele, grande amigo de Bento de Godoy, é foi a pedido deste que a pesquisa foi levada a cabo. O primeiro grande divulgador das características médicas e das curas das “thermas” de Caldas Novas, o dr. Orozimbo Correa Neto, analisou e difundiu a temperatura das fontes de Caldas Novas, segundo sua verificação as termas alcançavam em média 45° C., na realidade estava o Dr. Orozimbo colocando em prática um projeto de Lei de Olegário Pinto, que em 10 de agosto de 1912, conseguiu aprovar uma legislação que obrigava a realização de uma completa análise das águas da vila de Caldas Novas. A divulgação da literatura sobre as características das águas junto ao meio intelectual, ajudou a divulgar ainda mais as possibilidades de curas das águas, em especial para doenças como a gota, a hanseníase e o ácido úrico.

O processo educacional é contraditório, ao mesmo tempo em que o trabalhador apreende como melhor utilizar sua força de trabalho, para vendê-la em troca de meios para sobrevivência, sua e de seus familiares, também os capitalistas descobrem e socializam as alternativas e estratégias para melhor extrair a mais valia no processo de produção da mercadoria. A educação e o aprendizado são formas de relação social e estão localizadas no espaço e no tempo Para Manacorda (2004, p. 6), aprendizado quer dizer relação com o trabalho e com todo o desenvolvimento, não somente das forças produtivas, mas também das relações sociais nas quais elas se organizam. Aprendizado é o processo de subjetivação da realidade concreta, que se configura com a reflexão, conscientização e objetivação do concreto pensado.

A educação, no caso de Caldas Novas é um processo resultante das relações sociais de produção e do cotidiano, no qual se estabelece um aprendizado decorrente do acúmulo do conhecimento franqueado pela multiplicidade de pessoas que compartilham o mesmo espaço físico e temporal, sua oralidade e transmissão pessoal. O processo educativo é resultante da vivência do trabalhador e de seu aprendizado que se desenvolvem entre esses dois mundos que se constituem: o mundo periférico do trabalhador e o mundo da opulência e do lazer que poderiam ser proporcionados na visita da cidade.

Nas relações que o homem estabelece, além de criar novas necessidades, ele adquire, produz e transmite conhecimento e experiências, como educador e educando. A educação está presente em todos os espaços, inclusive no cotidiano. No dia-a-dia, trabalhadores (em suas casas, locais de trabalho e trajetos, enfim, na sua cidade) tecem as relações sociais e o processo de aprendizagem que se constituem na realidade socialmente reproduzida. Essa reprodução muitas vezes busca uma permanência em vão, pois as mudanças são próprias das relações humanas.

A nova cidade, ou o projeto para ela tecido deveria alterar conceitos, criar novas ideologias, estruturá-las para poder gerar um novo espaço geográfico. No primeiro momento dessas relações temos o ócio ocupando um lugar de destaque e privilégio. O ócio era um direito dos intelectuais, e a necessidade do pensador. O que se vê nesse momento é um mundo que escorre lento em suas horas, o tempo não tinha a mesma urgência dos tempos de hoje, servia para o deleite, a reflexão e o encantamento. Assim se podia produzir Arte e Conhecimento.

Já o trabalho era visto como forma de castigo, algo imposto, uma situação que colocava quem trabalha em situação de inferioridade, afinal, somente servos, escravos e endividados eram os que trabalhavam. Os homens bons, esses deveriam ter seu tempo preservado para o ócio e a política, uma ideia que criaria raízes no conceito que o mundo ocidental herdou, muitos autores colocam a origem dessas diferenças sociais na antiga Atenas, berço da democracia, ledor engano, não é possível atribuir o legado cultural a uma civilização que tinha mulheres, escravos, estrangeiros, trabalhadores e quem não fosse de pura origem como democracia.

Pensando na formação das cidades balneárias que se multiplicaram no mesmo período, no início do século XX, podemos deduzir que passaram por um processo diferenciado, criaram um processo arquitetônico, cultural e uma dinâmica social em alguns locais baseados somente nas águas, e no caso de Caldas Novas, nas águas e na pecuária.

Cada época busca lastrear suas necessidades, estruturando as relações com o trabalho buscando atender suas necessidades históricas e sociais. É o caso de analisar como essas estruturas e o conceito de trabalho foi posto em utilização em Caldas Novas – GO.

Caldas Novas, suas águas ainda povoam parte do imaginário popular, especialmente das pessoas com mais de 40 anos, a cidade para essas pessoas ainda é vista

como local de cura, especialmente porque sua história foi construída de maneira linear e sem contrapontos, foi feita pela elite e divulgada por ela. Revivamos os anos de 1930 no contexto nacional.

Vargas busca com o seu populismo criar condições de desenvolvimento, uma busca pela identidade nacional, bem como a industrialização do país. Os coronéis das águas veem nisso uma oportunidade sem igual, utilizam esse fio condutor como ferramenta para alavancar uma visão futurista para transmutar o agrário em estância hidrotermal, apropriam-se do poder local e contribuem na construção de toda uma representação social.

Constroem um curioso veículo de poder e divulgação de seus projetos e do ideário Estadonovista, desta maneira buscam levar a população a criar traços ufanistas, apoiar e divulgar a cidade, dessa maneira implantam o germe de uma identidade municipal focada no lazer, no turismo e no apoio aos líderes políticos.

No “noticioso O Kró” os atores principais e coadjuvantes despem-se das máscaras e sinalizam com a busca de um futuro, pautado na ideia de civilidade e liberalidade, utilizam o pequeno jornal para realizar cobranças do estado de Goiás e do Governo Federal, buscam recursos financeiros para a construção do Balneário, como o jornal “O Kró” publicou em seu n. 89 de 05 de novembro de 1938, quando estampada na primeira página vem a notícia sobre a planta do balneário da cidade que deverá conter 20 banheiros todas as comodidades e requisitos de higiene e conforto necessários a um balneário de cidade modelos. Buscavam também melhorias nas estradas que davam acesso a cidade. Esses pedidos serviam também como forma de aglutinar a população no ideário de construção de uma cidade balneário.

Esse maravilhoso balneário não saiu do papel, embora os estudos para a implantação e a doação de 20 contos de reis para tal, não foram suficientes para a construção no padrão necessário, um padrão que embelezasse a cidade e auxiliasse a formação de suas mudanças arquitetônicas. Talvez tivesse faltado a presença de médicos para poderem divulgar e receitar essas águas termais. A deficiência de médicos na cidade já foi anteriormente abordada, completando a informação, retiramos do censo de 1940 sobre o estado de Goiás, produzido pelo IBGE, a informação de profissionais formados e atuantes no estado. Nas décadas de 1930 e 1940 tínhamos no estado inteiro:

136 médicos, 160 farmacêuticos, 122 odontólogos e 210 advogados, deste nenhum médico residia em Caldas Novas, farmacêuticos tínhamos 02, 02 advogados e 01 aviador.



O jornal informa a presença do engenheiro José Niedemayer que estava na cidade para levantar a planta do balneário. Informa ainda, sobre o suposto tamanho do provável balneário, uma planta que conteria 20 banheiros. O jornal também informa sobre a descoberta no Mato Grosso de fontes hidrominerais.

Faltou apoio científico na divulgação do projeto, por isso a cidade não conseguiu o desenvolvimento como outras próximas, caso de Araxá e Poço de Caldas.

O custo para utilização do Balneário era diferenciado, a entrada para o Balneário local era cobrada em dobro para o visitante, que tinha pouco tempo para sua utilização, pois as banheiras eram poucas, possuindo o balneário local somente 04 (quatro) banheiras (Bretas, 2001)

A memória histórica da cidade, suas belezas naturais, as obras criadas pelos homens, também foram dando lugar a uma arquitetura sem padrões definidos, a pouca beleza natural da cidade está sendo substituída por elementos de concreto e arame. A cidade não conseguiu estruturar o seu padrão de modernidade, também não conseguiu seguir o padrão arquitetônico das cidades balneárias, tanto as nacionais como as estrangeiras. A estagnação da cidade permaneceu por muito tempo, vivia-se da ideia que suas águas tinham capacidades “quase milagrosas” e por muito tempo de poucos clubes públicos, o CTC – Caldas Termas Clube, o primeiro a ser criado na cidade, o hotel clube

Jalim e o antigo Clube do André, hoje foi substituído por um complexo de apartamentos chamados Goden Dophy e atualmente recebe o nome de Acqua Bella.

Não foram as propriedades medicinais, nem a ideia sanitaria e higienizante que manteve vivo o sonho das termas de Caldas Novas. A crença foi um fator poderoso, e o poder milagroso das águas ganhava milhares de adeptos, um dos mitos é que a potência sexual era melhorada quase em 100%. Era nesse poder, ou seja, na credulidade popular que a cidade ganhou fama. Era a fé sobreposta à razão.

A credulidade popular na força das águas não ficava somente em suas virtudes curativas. Era recorrendo a ela, que homens e mulheres, buscavam elixires afrodisíacos para recuperarem o vigor no ato sexual.

O trabalho focado no lazer e na saúde dependia de poucos na cidade: duas pensões, um hotel, quatro farmácias e um balneário, o clube veio muito depois, assim, a mínima população de 600 habitantes não tinha muito a cooperar.

O Estado normatizava e dava autoridade somente aos produtivos e aos que trabalham. Mendicância e vadiagem eram coisas de pessoas de pouca índole, sempre mal vistas, que não produziam e retiravam dos produtivos o mínimo para sua sobrevivência, os anti-heróis sociais. Eram eles que com suas resistências, acabavam por impedir o crescimento local. O mundo agora exigia a urgência e o controle do tempo, dos espaços e das tecnologias. Criando novos valores e silenciando outros, apropriando-se do conteúdo histórico do período e, principalmente, das tecnologias para tecer um novo projeto e curiosamente suas novas resistências. Assim, a palavra trabalho foi substituída por *lavor*, que tem proximidade sonora com louvor, e um significado mais edificante para a ideia de trabalho. *Lavor* contém em si, formas artesanais, artísticas, trabalhos que se pressupõem realizados pelo prazer e pela vontade.

O novo poder exercido inicialmente pelos Coronéis das águas e em segundas pelos pequenos coronéis e redatores de “O Kró” criam uma linha de aprisionamento ao mesmo tempo em que são criadas linhas de fuga, gerando as fronteiras, um novo espaço/campo em que as forças se debaterão.

Com suas táticas múltiplas e mutáveis, a cidade de Caldas Novas acaba por gerar nos seios de sua população nativa algo que podemos chamar de resistência ao trabalho para saúde e lazer, o contraponto exato que irá criar estratégias contra o poder que se instalava e essa visão futurista edificada sobre o poder das águas, variadas formas de resistências nascem sem que seus executores – a população - saiba, duas dessas armas são sem dúvidas silêncio e o resistência. Com o primeiro o reduzido número de habitante

demonstrava não estar entendendo todo o projeto em construção e com o segundo se colocava distante e em oposição ao projeto.

Foucault (1996) deixou claro que o poder nasce da necessidade da vigilância e controle, enraizados nas práticas políticas. Ele, o poder, não está em um único local, age de forma anônima, sorrateira. Assim, o poder está no sujeito social e não acima dele, e é justamente quando, e somente quando se percebe que se criam os campos de força e os espaços para as resistências. Existem relações múltiplas, nunca binárias, embora haja uma luta constante e silenciosa entre poder e resistência.

(O poder) delinea fatos gerais de dominação, que está dominação se organiza em estratégia mais ou menos coerente e unitária; que os procedimentos dispersados, heteromorfos e locais do poder são reajustados, reforçados, transformados por essas estratégias globais, e tudo isso com numerosos fenômenos de inércia, de intervalos, de resistências; que não se deve, portanto, pensar um fato primeiro e maciço de dominação (uma estrutura binária com, de um lado, os 'dominantes' e, de outro, os 'dominados'), mas, antes, uma produção multiforme de relações de dominação, que são parcialmente integráveis a estratégias de conjunto (FOUCAULT, 2003, p. 249, grifos nossos).

As estratégias não são simples, existem fatores de multiplicidades, são camaleônicas, tecem táticas de bricolagem para ocultar o elementar da visão do poderoso.

Não é por coincidência que a palavra ideologia suscita várias discussões. Os vários campos epistemológicos sugerem as mais variadas possibilidades para a utilização do termo. Cada ciência realiza uma construção adequada para promover os seus paradigmas necessários, conceitos, noções. A título de ilustração destacaremos três delas: primeiramente, trataremos do conceito de ideologia colocado em discussão pelos herdeiros da Escola dos *Annales* na história cultural; em seguida, o conceito de ideologia para Marx e Engels e por último e Gramsci.

Para os *Annales*, a Ideologia é produzida a partir da interação de subconjuntos coerentes de representações e de comportamentos que passam a reger as atitudes e as tomadas de posição dos homens nos seus inter-relacionamentos sociais e políticos. Assim, cria-se de certa maneira uma bricolagem cultural ancorada nesse conceito. Para tanto, a ideologia é polissêmica permeando todos os espaços possíveis.

No conceito trabalhado por Marx percebemos que a ideologia serve como forma de ocultação de determinado interesse de um grupo, quase sempre do grupo no poder ou dominante. Nesse caso ela está vinculada a condições objetivas de materialidade, sendo forjada no calor gerado pelas lutas de classes. É entendida como um conjunto de valores que, ao invés de explicar a realidade, motiva os sujeitos para a ação. As ideologias forjam a alienação política, econômica e filosófica, gera a Mais-Valia e cria o fetiche mercadológico, um conjunto intrincado que leva o operário a ser controlado pelos donos dos meios de produção. Gramsci vê a ideologia:

1) A ideologia é identificada como distinta da estrutura e se afirma que não são as ideologias que mudam a estrutura, mas, ao contrário, é a estrutura que muda as ideologias:

2) afirma-se que determinada solução política é ideológica, isto é, insuficiente para mudar a estrutura, quando acredita que poderia mudá-la; afirma-se, então, que ela é inútil, estúpida;

3) passa-se, por fim, a afirmar que toda ideologia é pura aparência, é inútil, estúpida, etc." (GRAMSCI, 2004, p. 268).

Gramsci propunha uma atenção especial para as diferenças internas da ideologia. Fixava-se, em especial, numa diferença que lhe parecia decisiva: "é preciso distinguir entre ideologias historicamente orgânicas, que são necessárias a certas estruturas, e ideologias arbitrárias, racionalizadas, desejadas" (GRAMSCI, 1977, p. 868).

No caso de Caldas Novas, as ideologias estavam como ideologia arbitrária, desejadas, mas para que pudesse sair do mundo etéreo, necessário se fazia a transformação de uma desqualificação ilimitada, generalizada, que impedia a concretização dos sonhos e gerava obstáculos gerados pelas próprias distorções nativas das ideologias racionalizadas e desejadas.

Segundo Gramsci, era nessa perspectiva que Marx e Engels se apoiavam e, por conseguinte, faziam uma ideologia do conceito de ideologia, criando, com vimos anteriormente, uma série de noções que se auto-sustentavam da própria ideia contida na estrutura ideológica. Sem uma percepção apurada, o erro de análise e de criação de novas noções ficava muito fácil. E o principal erro produzido, tanto por trabalhadores como por pseudo-intelectuais, foi trazer o conceito/noção para a esfera do "senso comum", local que, embora guarde sementes do "bom senso", não é o depositário de todas as sabedorias como alguns imaginam, ou mesmo propõem.

No caso de Caldas Novas, em que a população ficava calada, observando, nesse caso será que quem cala, consente? Será realmente que o silêncio é um consentimento? A busca da simplicidade a que somos compelidos nos leva a ao erro quando tentamos buscar uma única resposta, uma alternativa singular. Mas qual poderia ser essa? Que silêncio é esse que insiste em existir? Então para todas as questões, talvez uma noção possa uni-las e não simplificá-la. O silêncio é um constante diálogo, seja com os não-ditos ou com os ditos. Assim, ele se veste de muitos e se transforma em profusa polissemia, ficcional, induz e conduz ao uno e ao múltiplo.

O trabalho, não é somente o exposto, o dito. É, também, o pensar, o não-dizer, o não agir e, por isso, exige uma análise das suas relações com os sentidos impostos pelo silêncio. Esses silêncios são múltiplos, não podem ser, então, do tipo proposto por Wittgenstein, que afirma que, sobre aquilo que não se pode falar, deve-se permanecer em silêncio. Esse tipo é negativo, enclausurante, não permite uma relação polissêmica das classes, formando e aproximando-se do conceito de homem-boi, trabalhado pela teoria taylorista. Esse homem não pensa, não fica em silêncio-reflexivo, somente murmura e ruma. O povo de Caldas Novas, via atônito toda a movimentação para a implantação de algo que não percebiam a dimensão e muito mesmo a real necessidade, se as águas estavam ali a muito tempo, qual a necessidade de transformar a cidade? E em silêncio saiam cismarentos pelas ruas, com olhares entre perdido e espantados.

Mas as relações que envolvem o Trabalho é muito vasta, não se resume em lidar com ferramentas, seja enxadas, seja conduzindo carros, operando máquinas, o conceito/noção de trabalho é englobante, ultrapassa as barreiras da economia, alimenta-se da história e de outras áreas do conhecimento como a sociologia, a educação.

Para melhor entendermos as questões do trabalho e das resistências que foram criadas com esse novo conceito, ou noção de Trabalho. Hobsbawm, nos serve como bússola, fazem um papel norteador. O primeiro, no seu livro *O Mundo do Trabalho*, coloca com toda a competência que lhe é peculiar as questões das diferentes classes geradas nesse novo mundo. Para tanto, propôs uma divisão didática para facilitar as abordagens e o entendimento. Esse “mundo do trabalho” pode ser compreendido, segundo Hobsbawm (2002), em três fases distintas, a primeira transitória, a segunda separatista e, finalmente, o período do declínio.

Essa esquematização oportuniza uma aproximação maior com todo o processo de “criação” desse “mundo do trabalho”. A primeira fase é fundamental para a nossa pesquisa, pois através dos atores em destaque, percebemos claramente as possibilidades criadas pelos enunciados e das formações discursivas trabalhadas nesse campo, clareando, assim, as percepções sobre as relações ideológicas, e no seu exato contraponto, que são as resistências.

A relação deste Mundo do Trabalho para com os Estados modernos cristalizou o nacionalismo e o patriotismo. O discurso neles contidos possui uma profunda e estreita relação com o Estado. Essas novas práticas têm uma função ideológica clara, que é manter o sujeito comprometido com o Estado e seus bens nacionais e no caso de nossa pesquisa com o projeto desenvolvido e idealizado para transformar a cidade caldense em um polo de saúde e turismo. Porém, geram um contraponto que nasce do imaginário não realizado, que são as resistências, as micro resistências, a figura dos oprimidos, os excluídos sociais, dos desempregados e dos politiquinhos que montam o anti-discurso do Trabalho X Estado ou melhor ainda Educação X Trabalho.

As dualidades e oposições servem para fortalecer essas noções com peso de categorias-conceitos. O inverso do discurso controlador, mas que curiosamente também retro-alimenta essas categorias-conceitos pode ser encontrado nos sindicatos e confederações, nos trabalhadores e nas igrejas (hoje nas católicas e nas protestantes).

O Estado Novo buscou implantar a “modernidade” através da indústria, do mito da doação, ao mesmo tempo em que construía mecanismo de controle e divulgação. Trabalho, a música, o teatro, a literatura, a religião, a saúde e a política, acabam sofrendo com esse poder, passam por transformações significativas, refletindo, assim, o conceito de similaridade. Vários conceitos e categorias são trazidos quase a fórceps para a nova cidade que se formaria futurista, moderna e ancorada nas águas termais. Os implementos trazidos pelo conceito/noção trabalho deixam cicatrizes profundas e visíveis nas estruturas sociais, arrancam os letárgicos de seu sono de ociosidade, induzem e compelem os afoitos a buscas quiméricas.

Se o século XVIII pode clamar pela libertação de todos os vínculos que resultaram historicamente no estado e na religião, na moral e na economia, para que com isso a natureza originalmente boa, e que é a mesma em todos os homens, pudesse se desenvolver sem empecilhos; se o século XIX reivindicou,

ao lado da mera liberdade, a particularidade humana e de suas realizações, dadas pela divisão do trabalho, que torna o singular incomparável e o mais indispensável possível, mas com isso o atrela mais estreitamente à complementação por todos os outros; se Nietzsche vê a condição para o pleno desenvolvimento dos indivíduos na luta mais brutal dos singulares, ou o socialismo, precisamente na manutenção do nível mais baixo de toda concorrência — em tudo isto atua o mesmo motivo fundamental: a resistência do sujeito a ser nivelado e consumido em um mecanismo técnico-social. Onde os produtos da vida especificamente moderna são indagados acerca de sua interioridade; onde por assim dizer o corpo da cultura é indagado acerca de sua alma — como me parece ser atualmente o caso no que diz respeito às nossas grandes cidades —, a resposta precisa ser buscada na equalização promovida por tais formações entre os conteúdos individuais e supra-individuais da vida, nas adaptações da personalidade, mediante as quais ela se conforma com as potências que lhe são exteriores. O fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo das individualidades (SIMMEL, 1903).

Como Simmel coloca, a resistência inicial ocorre em função da subjetividade. O indivíduo na obra de Simmel assume um papel preponderante, o conceito de agir em que demonstra as relações dentre os indivíduos alterando com isso a sociedade, um pelo outro, o outro por um ou ainda um contra o outro irão gerar força sociais irresistíveis, esses modos que Simmel chamou de “modos de comportamento” que são sempre mútuos. Um análise detalhada da implementação do plano de modernização da cidade de Caldas Novas, demonstrará que as elites realizaram todo o processo ideológico e jurídico/legal, mas deixaram a desejar nas formas de agir com os cidadãos, mesmo conhecendo as dificuldades locais, e sendo sabedores que o processo cultural exigia de maneira intensa uma atenção especial, não o fizeram, seja porque o processo de estruturação física, seja pelo investimento em várias áreas diferentes ao mesmo tempo não lhes permitia uma maior atenção, pecaram talvez por entender que o silêncio local era aceitação e não resistência.

Podemos fazer, na esteira do pensamento de Hobsbawm (2002), uma divisão para uma melhor compreensão histórico-discursiva. A primeira, anterior a 2ª Grande Guerra, quando ainda tínhamos um mundo focado na exploração e nas profundas diferenças sociais; e a segunda, no mundo pós 2ª Guerra, focado especialmente na busca do bem estar social, com políticas de educação e uma legislação trabalhista forte e paternalista, como no caso do Brasil. Esses ganhos são oriundos das lutas anteriores entre as classes, entre os sistemas capitalista e socialista, que geraram grandes ganhos para os atores desse processo.

Esse ideário trabalhista não ficou imune às crises sociais e nem às transformações provocadas por todas as resistências silenciosas, tumultuadas, enfim toda

a sorte de manifestações contra a forte carga opressiva imposta pelos donos do Poder: Estado, município, patrões, industriais e os coronéis das águas teceram relações rizomáticas que se imbricam nos processos sociais de transformação, seja o cultural, seja o econômico, o político, e as relações povo e cidade.

O silêncio dos cidadãos de Caldas Novas, Certeau(2004) chamaria de estratégia e tática, ele entenderia que essa “não ação” faziam um movimento de cabo de guerra que não foi devidamente percebido pelos poderosos, os cidadãos se movimentam de maneira sub-reptícia, o cegando os poderosos e levando-os a crer que todo o processo ideológico estava sendo plenamente aceito. Esqueceram os senhores locais que para perceber essas práticas é necessário lançar mão de ardis, como a categoria *trajetória*¹. As *estratégias* são os momentos de criação dos que resistem, mesmo que não compreendam a totalidade dessas estratégias, ou percebam que as criam, e a *tática* é a colocação em prática dessas estratégias, seja de maneira silenciosa, para que não ocorra um apagamento de todo o processo, seja ruidoso ou sub-reptício. Não importa a maneira como ocorra, pois elas comportam todo um novo arsenal de luta. Na grande maioria das vezes as estratégias e táticas querem ser o outro lado de sua própria moeda de negociação. Enfim, as estratégias são um tipo de saber que determinam e sustenta a possibilidade de conquistar para si um lugar próprio, uma melhor ferramenta de trabalho.

4.1 A questão cultural

Um problema sério, quando se trata de formação de novas identidades, como era o processo de implantação da estância hidrotermal em Caldas Novas, coloca os idealizadores do projeto frente a vários enfrentamentos, economia, estrutura física e geográfica, urbanização, relações sociais, trabalho, educação e questões que pertence a seara da cultura. A questão cultural traz consigo alguns problemas que devem ser primeiro elucidados para somente depois poder entender como seu conceito se estende e cria uma

¹ Essa categoria utilizada por Certeau evoca ou deve evocar um movimento temporal no espaço, isto é, a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos, dessa maneira possibilita a troca de traços por atos, visando confundir os interlocutores que fazem a dominação.

rede complexa de valores. Para Michel de Certeau (1994, p. 38-39), essas relações se organizam pelo menos de duas maneiras, através dos benefícios simbólicos que se espera conseguir, quando o que é proposto pela ideologia dominante é seguido e a segunda relação diz dos comportamentos dos cidadãos, suas roupas, como se comportam na rua, enfim, como praticam o dia-a-dia. Assim, embora o termo cultura seja extremamente polissêmico, vejamos pelo menos três deles: Gramsci em seus cadernos do cárcere assim definiu cultura: “é uma concepção de mundo e de vida, coerente, unitária e de difusão nacional”. Certeau (1994) vê a cultura como processo coletivo e incessante de produção de significados que molda a experiência social e configura as relações sociais, assim, caminha ancoradas em um mesmo preceito, o de criar novas relações, seja através de resistências ou de aceitações. Em um outro aspecto complementar temos a visão de Geertz(1989); ele entende o conceito de cultura com uma teia de significados, que geram interpretações e significados, essa teia não deixa de ser as relações incessantes de Certeau(1994) e nem a ideia gramsciana sobre cultura. Esse grande rizoma que se criou com as três noções de cultura servem para entender a questão civilizadora da cidade.

Embora não tenha sido possível a criação de uma identidade focada nas águas e no lazer, gerou-se um efeito de “desnorteamto”. O desnorteamto leva o cidadão a crer que vive em uma outra dimensão, uma “nova” cidade. A cidade não aconteceu. Tanto o lazer como o turismo estão tecnicamente atrelados ao trabalho. A fórmula mágica para conseguir manter o trabalhador produzindo, sem reclamar, ou criar greves. Lazer e turismo são conceitos que se enraizaram no mundo moderno. Quanto mais se explorava os trabalhadores, menor era a sua produção. Com isso a ideia de tempo livre para o trabalhador começou a ser observada e desenvolvida. Os trabalhadores, quando podiam utilizar seu tempo de descanso para passeios e ficarem com a família, aumentavam a produção no retorno ao trabalho. Não havia mais dúvidas, o tempo que o trabalhador tinha, deveria ser ampliado por dois motivos: consumo e lazer. O primeiro era vital para a sobrevivência das empresas, com o excesso de produção, o preço do produto fatalmente tenderia a cair. Era necessário oportunizar que o próprio trabalhador comprasse o que produzia, necessário se fazia uma adequação com relação à antiga fórmula, era necessária uma melhor remuneração e tempo livre para utilizar o excedente dessa melhora. Essa nova fórmula produtiva, nasce, derivada do ócio burguês.

O lazer obrigatoriamente passou a ser um espaço destinado às práticas corporais, brincadeiras, elementos lúdicos que visavam oportunizar um melhor descanso

para os trabalhadores, e melhorou também a relação do custo da mão-de-obra, era necessário valorizar melhor os trabalhadores, assim, eles seriam os maiores consumidores do que produziam.

A escola também não ficou livre dessa mão opressora; novas pedagogias eram incorporadas aos currículos e dentre elas as práticas voltadas ao lazer, o lúdico ocupou um poderoso espaço, uma forma de ensinar a produzir, sem que se percebesse a real pressão sofrida.

A visão dos Coronéis das Águas via na cidade oportunidades além da saúde. A visão era abrangente ela trazia uma cidade cheia de clubes, hotéis, cantinas, farmácias, bares, enfim, uma profusão de novos empregos e com isso a melhoria da renda per capita da cidade, automaticamente, maiores ganhos.

A grande pedra do caminho da cidade além de sua localização eram as práticas cotidianas da população. Por mais que os líderes locais tentassem incutir um novo modelo de identidade, uma nova forma de trabalhar e principalmente de melhorar a cidade, as mudanças aconteciam a passos lentos. Importante o destaque para a época destas transformações, a cidade começa a emergir no período em que ocorrerá as duas grandes guerras, além disso, o Brasil ainda era um país tecnicamente litorâneo, vivíamos presos no interior de nós mesmos, os serrados e sertões do Brasil ainda eram muito pouco explorados, e essa realidade era o maior obstáculo a ser vencido para a realização do sonho de uma cidade balneária que pudesse atender o Brasil.

O ponto final da civilização moderna era a cidade de Uberlândia, grande, vistosa e em franca expansão comercial, Araguari era a fronteira final entre o mundo civilizado e o grande cerrado que se abria Goiás adentro, Caldas Novas dista de Araguari 130 Km, o sul de Goiás era a entrada para o Oeste do Brasil. Mesmo tendo conquistado sua independência política em 1911, Caldas Novas não passava de um arraial com forte tendência ao crescimento. Goiás, um vasto e desabitado estado, ainda se encontrava encravado em seus sertões e cerrados, precisava ser descoberto e povoado. A capital goiana, no início do século XX era Goiás Velho, ou melhor, a cidade de Goiás, encravada no noroeste do estado, distante dos grandes centros, o Estado não possuía estradas, restavam as lembranças e a forte vontade de crescer. As trilhas abertas serviam de acesso ao interior do sertão, somente em 31 de dezembro de 1937 durante a transmissão radiofônica da mensagem de fim de ano para os brasileiros, Getúlio Vargas lança o

programa Marcha para Oeste, este projeto representaria o que o Estado Novo entendia ser o verdadeiro sentido de brasilidade, ou seja, o início de uma nova identidade nacional, um momento que não poderia se perdido por Caldas Novas, era a possibilidade de abrir as veias do estado, e dar visibilidade as nossas quase famosas águas radioativas.

Durante os anos seguintes, fatos marcaram definitivamente a nova identidade caldense: a segunda grande guerra acaba por envolver toda a nação. O Kró, não se fez de rogado em suas poucas páginas comentava e cobrava do novo governo do Estado melhorias para o acesso às águas quentes. Dois anos após a morte de Bento de Godoy, o balneário definitivo da cidade começou a ser construído, era a primeira parte do sonho sendo realizado. Enfim as águas termais começam a realmente a dar lucro para a cidade, os aquáticos tinham que pagar para usarem as banheiras termais do novo balneário. Para que os cidadãos também pudessem usufruir de suas águas a prefeitura criou um incentivo, cobrava a metade do preço dos habitantes locais. A grande ideia era incluir os cidadãos nessa nova cultura de saúde e de lazer. Com a fluência dos “aquáticos” na cidade outras mudanças começam a acontecer. Embora não tivesse um calendário turístico a cidade começa a oferecer sua gastronomia básica; o arroz com pequi e guariroba, a galinhada, o peixe na telha, o arroz com “suã” (parte da coluna do porco), e as grandes “porpertas” (almôndegas) com macarrão grosso com extrato de tomate e muito queijo ralado começam a ser vendidos e procurados pelos visitantes. A cidade molda lentamente o seu cidadão, casas de biscoito, licores e doces de tachos. O sonho tomará mais corpo a partir dos anos 60 com a criação de Brasília.

A grande lógica dessa mudança pode ser percebida nas noções e conceitos de Michel de Certeau, das práticas das artes de fazer o cotidiano. As danças de catira, as rodas de violeiros, folia de reis, agora se vestem de nobreza e lazer, saem do domínio popular e entram no domínio cultural da nova identidade, passam a ser atores focados na possibilidade dos lucros que a nova cidade sinaliza. Os anos escorrem lentos nas novas ruas da cidade, postes de luzes, esgoto e águas pluviais começam a ser instalados.

4.2 Os bons vizinhos – Caldas Novas uma cidade e seu ideário.

O Brasil buscava criar uma identidade nacional, pelo menos essa era a propaganda, políticos e alguns intelectuais buscavam encontrar a real identidade do brasileiro. Em 1922, um movimento pró Brasil se torna forte e deságua na Semana de Arte Moderna, um conjunto de novos valores apresentados sobre forma artística em São Paulo, o Brasil estava de portas abertas para a modernidade, embora esse não tenha sido o nome empregado. Era um tempo de indagações e descobertas. A tarefa que se impunha era um projeto de um novo país, focado em valores diferentes, assim, políticos e alguns intelectuais defendiam o processo. A questão da identidade nacional estava agora em primeiro plano: que cara tem o Brasil? E que cara tem Caldas Novas?

Ou melhor, que cara Caldas Novas gostaria de ter? a cara de cidade balneário estava adormecida nas ruas sem pavimento da cidade e na falta de arquitetura, jardins, clubes, balneários e hotéis. A educação higienista não conseguiu seu intento, desarraigar os males rurais, reeducar o cidadão para o padrão de higiene do século XX. A única voz de imprensa era o jornal “O Kró” e ele não tinham nem tamanho, nem tiragem e nem condições de concorrer com os jornais das cidades vizinhas, a única voz local usava como arma o humor.

A face que seria ideal encontra-se estampada jornais das cidades vizinhas. A necessidade de um apoio estadual/nacional para viabilizar a nova estância hidrotermal que se colocava a caminho². Em Ipameri o jornal de mesmo nome, também insistia em falar das águas termais e da necessidade de criar um melhor lugar, o apelo é uníssono; estradas, investimento do Estado e melhoria nas questões urbanísticas e sociais de Caldas Novas.

As décadas de 1930, 1940 e 1950 nada muda na cidade, salvo seus líderes.

² Em 1918, Orozimbo Corrêa Neto escreve um livro sobre as água de Caldas – *As águas termais de Caldas Novas*, logo em suas primeiras páginas vaticina: “*Futura cidade de águas, capaz de rivalizar em opulência com as mais famosas do estrangeiros e repercutir como digna da cultura de um povo civilizado, Caldas Novas é comparável aquellas localidades que, no velho mundo, e na América do Norte, gozam de todos os benefícios de uma administração vigilante, encarregada de zelar com amor pelos tesouros inigualáveis da natureza.*” (Netto, 1918, p. 7). Além dessa comparação o Dr. Orozimbo ainda chama a atenção dos poderes públicos goianos para as possibilidades de uma nova indústria hidro-mineral com potenciais enormes para ser explorado.

O período aqui em questão já foi extremamente analisado por historiadores, detalhando cultura, espaço geográfico, política, educação e aspectos da construção social. Os temas se repetem com novas roupagens, no nosso caso elegemos um abordagem histórica social, focada especialmente na questão da identidade local e na questão da educação. Como as pequenas cidades do sertão goiano estavam trabalhando a sua própria identidade? O interior tinha o mesmo discurso de estruturação? Quais as diferenças, sutis ou não de cada cidade? Não temos dúvidas que cada uma dessas pequenas cidades interioranas buscava copiar a modernidade e mesclar traços próprios de sua cultura local, o linguajar, a gastronomia e curiosamente a política.

Goiás até bem pouco tempo foi marcada pela sua agricultura e pecuária, em seu primórdio político tivemos famílias que ainda hoje mantem alguns herdeiros no cenário político nacional, nomes como os dos Bulhões, Caiados, Lopes de Moraes, Rodrigues Jardim e Olegário Pinto controlavam o Estado e as cidades sediam aos seus caprichos. Catalão, Ipameri e Caldas Novas orbitavam no forte domínio de Morrinhos com os Bulhões e os Caiados controlando a política com mãos de ferro.



De pé (esquerda para a direita): Francisco Ayres, Antônio Ramos Caiado, e uma pessoa não identificada. Sentados: Luiz Gonzaga Jayme, Eugênio Rodrigues Jardim, Hermenegildo Lopes de Moraes e Olegário Pinto.

Com a pressão política empreendida pelos coronéis, cada cidade-satélite buscava acomodar suas necessidades nas práticas que os grupos políticos impunham, assim, cada uma das pequenas cidades buscavam compor sua própria identidade focada em uma identidade padrão.

Na análise de Barsanufio Gomides (2000) sobre as questões da economia de Goiás com relação ao quadro nacional serve de grande vai para entendermos alguns entraves com relação ao projeto águas de Caldas Novas. Os jornais das cidades de Ipameri e de Araguari em função de sua proximidade com Caldas Novas, oportunizavam uma leitura neste processo de tentativa de transformação.

Um detalhe de ser colocado em destaque, os políticos locais não tinham a penetração, que pensavam ter junto ao governo local. Mesmo tendo conseguido a emancipação política da vila de Caldas Novas, os políticos da cidade nunca conseguiram fazer parte do grupo de “peso” do estado de Goiás, os grupos de Morrinhos, Ipameri e Catalão faziam esse papel. A própria política em Caldas Novas não tinha disputas partidárias, a disputa de cargos políticos que podia ser visto nas cidades citadas não ocorriam em Caldas. Que mesmo sem brigas políticas perseguia a possibilidade de entrar para o rol das cidades importantes, fazendo parte do seletto grupo de cidade hidrotermais, em consequência aumentando a possibilidade de faturamento econômico dos grupos dominantes, fato também que não foi bem sucedido.

Caldas Novas, Ipameri e Morrinhos, estando as mesmas em uma proximidade de não mais de 50 quilômetros cada uma, apresentam características no perfil identitário totalmente diferenciadas.

Morrinhos era o centro político da região, rivalizava diretamente com a cidade de Goiás, em suas terras encontramos nomes de peso na política goiana como a família do coronel Hermenegildo de Moraes, a família de Sylvio de Mello e os Xavier de Almeida, assim, a cidade construiu uma identidade local, focada em aspectos que não lhe pertenciam, importavam o vestuário, a linguagem e a política dos grandes centros, a cidade era vista como o centro político do sul goiano, sua população entendia que era diferente por possuir coronéis de penetração no estado e no espaço federal, porém, até o início dos anos de 1930 a cidade ainda não possuía calçamento, esgoto, as casas térreas ainda eram de chão batido, somente os sobrados possuíam pisos. Assim, a questão do imaginário popular local assume proporções enormes, pois através dele podemos

entender as relações políticas, familiares e econômicas. Ipameri assume ares de cidade civilizada e buscava se distanciar de Goiás, sentia-se como pertencente a Minas Gerais ou a capital federal no Rio de Janeiro, através do Jornal “O Ipameri” podemos construir o imaginário local.



A edição de 19 de julho de 1927, podemos perfeitamente extrair a força e a influência das regiões distantes em que se apoiam:

“...A terra refloresce na opulência de culturas miraculosas, e o pensamento refulge no esplendor de claridades novas, puro, simples, vigoroso no seu optimismo construtor. Toda essa mentalidade subitamente cristalizada na consciência nacional, irrompeu, consciente e calculada, em alguns recentes documentos políticos.”

Ou ainda:

“Como é sublime a sua força quando ella (**a imprensa**) traça um itinerário rectilíneo que conduz uma nacionalidade em tempo mínimo, ao máximo progresso. Como é extraordinariamente edificante, quando ella faz um esforço hercúleo, vencendo todas as dificuldades de que o seu percurso é sempre eivado para atingir o seu ideal!” (Grifo nosso)

Correndo de forma oposta a Morrinhos, Ipameri tenta se mesclar ao Triângulo Mineiro e a Capital do país. Construir uma economia com base na pecuária, mas buscando criar um diferencial, não seria somente mais uma cidadezinha interiorana com a economia pautada na agropecuária, Ipameri requeria para si à responsabilidade de ser o portal de entrada para o Goiás, uma cidade moderna, como pensamentos modernos e principalmente focados nas possibilidades de crescimento por ser o polo que irradiava

o progresso, cidade responsável pela distribuição da produção goiana para o resto do país, afinal, era nela que os trilhos da estrada de ferro estavam assentados³.

Na mesma proporção que Morrinhos e Ipameri se esforçavam para dar uma identidade aos seus moradores, Caldas Novas também alimentava esse sonho civilizador, os líderes locais entendiam claramente a necessidade da formação de uma identidade focada no lazer e na saúde, o conceito de estância hidrotermal fazia parte do imaginário das elites, infelizmente o sonho não contagiou de imediato à população local, a cidade teimava em manter-se atrelada a uma roupagem interiorana e ligada as raízes das fazendas. Falta cultura, educação, emprego e interesse em mudar. Caldas Novas busca algo mais que ser uma cidade para doentes, buscava ser uma cidade agradável ao lazer de todos. Caldas relutante, lenta, mas em formação de uma identidade focada no lazer, o que seria hoje o correspondente ao turismo.⁴

Nos anos de 1940, com a criação da Marcha para o Oeste, um projeto de Vargas que buscava povoar o Brasil, mas principalmente, garantir que a guerra por espaço vital que estava sendo iniciada na Europa, era o início da 2ª Grande Guerra Mundial, não chegasse aqui. O Brasil era um país litorâneo, o interior não havia afinado o seu canto, grandes latifúndios mal utilizados, pouca população, criando um vazio humano e retardando o crescimento da nação, naquele momento o significado de Brasilidade era a integração do Oeste do Brasil, desbravar, ocupar, criar e manter novas cidades. Pedro Ludovico cria a cidade de Goiânia, centralizava dessa forma a capital do Estado, desde o final dos anos de 1930 já se falava na vinda da nova capital da República para os sertões Goianos. O jornal “O liberal” 1947 em seu número 08 divulgava a caravana que vinha ao

³ O jornal “O Ipameri” do início do século XX é uma fonte riquíssima de pesquisa sobre esse imaginário popular que se criou na cidade, com uma tiragem que não falhou por quase cem anos. Através de suas páginas podemos descortinar o dia-a-dia ipamerino e de suas co-irmãs. A política, a saúde e a economia sempre foram os pontos fortes de destaque do noticioso. A proximidade com o triângulo mineiro se revela inclusive com as propagandas feitas por farmácias, hotéis, escolas e médicos da região, mas principalmente da cidade de Araguari.

⁴ O Jornal “O Kró” foi um aliado poderoso na constituição da identidade local, os apelos constantes para melhorias de rodovias, criação ou concerto de pontes e outros acessos eram constantes. Da mesma forma a publicidade sobre os benefícios das águas termais corriam as cidades vizinhas. O Kró mantinha um cidade de distribuição de seus exemplares para as principais cidades vizinhas, para Araguari e para o Rio de Janeiro, uma propaganda incessante sobre a qualidade das águas e suas possibilidades. Os editores de “O Kró” trazia em seu corpo propagandas como: “Moléstia da pele? Nada! Reumatismo? Nada! Artrismo? Nada! Em Caldas Novas? Nada! Depois de alguns banhos termais? Nada!

Estado para escolher o melhor local para a implantação da nova capital federal, como explica o noticioso não era a primeira, já em 1922 existiu uma caravana, que ficou conhecida como “Comissão CRULS”, que já havia demarcado o Planalto Central como o ponto ideal para a nova capital. Aliados a essa possibilidade da capital vir para o interior e ancorado na ideia de Marcha para o Oeste de Vargas Caldas Novas consegue junto ao estado de Goiás o status de estância hidrotermal, assim, consegue recursos e reforça sua identidade focada no lazer e no turismo.

4.3 – “água mole em pedra dura” pode dar trabalho.

O projeto de cidade balneário não foi bem dimensionado pelos líderes locais, isso os obrigou a reescreverem o processo ou adaptá-lo as necessidades que foram surgindo. Uma nova categoria com relação ao trabalho, essa nova categoria estava aliada a saúde e as formas de lazer através das águas, ou seja, a ideia predecessora do turismo exigia duas grandes linhas a serem traçadas, primeiro a noção de cuidado de si e do outro e o de hospitalidade, aspectos necessários para quem lida com a saúde fragilizada do viajante e a necessidade de cativar esse mesmo visitante para que em outra oportunidade pudesse retornar, mesmo que sem problemas de saúde, buscando um descanso para o corpo e as tribulações do dia-a-dia, com essa novas noções uma terceira automaticamente se posta e exige um tributo amplo, nesse caso o conceito de civilidade deve ser entendido e analisado, pois, foi uma trabalho deixado a cargo da educação.

Erasmus de Rotterdam em seu livro, *A civilidade pueril*, definia a importância que a Educação tem para com relação a civilidade, a civilidade consiste no bem falar, no bem comer, no bem postar, e sem a participação efetiva da Educação o conceito se torna esvaziado. Assim, Erasmo (1998, p. 10) definia quatro etapas para a educação do infante:

a) A primeira e a principal consiste em fazer com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade;

b) a segunda que tome amor pelas artes e as aprendam bem;

c) a terceira, que seja iniciada nos deveres da vida;

d) a quarta, que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade.

Da mesma maneira, Norbert Elias (1994) pensa que a civilização dos costumes não ocorre de modo natural ao homem, mas se realiza pelo condicionamento e adestramento e, à medida que estes comportamentos se tornam mais complexos, pesa maiores responsabilidades ao homem. Não há como excluir o processo educacional das relações de civilidade.

O processo civilizatório em Caldas Novas, assim como o processo de transformação da cidade não aconteceu. Visando colocar o moderno próximo a cidade, o primeiro cinema local foi construído e mantido às expensas de um dos líderes, o Cel Bento de Godoy, um cinema que funcionava a querosene, devido à falta de energia elétrica na cidade, pois, a mesma, também com a participação do coronel será viabilizada no ano de 1923. Além do mais, mesmo que o Estado de Goiás, não realizasse a construção de um grupo escolar, Caldas Novas ganhou o seu. A prefeitura (Intendência) na época contraiu um empréstimo com um forte investidor local (o próprio Bento de Godoy) e colocaram em prática parte desse projeto civilizatório, a construção do primeiro e único Grupo Escolar de Caldas Novas.

As letras básicas, as noções de higiene e cordialidade eram elementos necessários para a constituição do projeto de Estância Hidrotermal. Os moradores locais mantinham uma tradição cultural fortemente enraizada no campo, no agrário, o português era deficitário e cheio de vícios de linguagem provenientes da cultura local. Desta forma o atendimento aos “aquáticos” ficaria impossibilitado, os cidadãos deveriam transformar um árido campo de cerrado em uma “urbs” moderna.

Essa reestruturação dos relacionamentos, primeiros locais e depois os fronteiriços, deve ser acompanhadas de um conjunto de valores sociais, definidos e conhecidos como maneiras cordiais e civilizadas, assim, a civilidade, passa pelo processo docilizador dos corpos e das mentes. À medida que as pessoas se educam, cria-se um rede social que atrela a sua função esse novo indivíduo, esse função tende a ser estável e regular, pois, aquele que se aproxima é capaz de perceber essas características do “modus civilizatório”, afabilidade, cortesia, conhecimento, trabalho e dedicação.

Dessa forma segundo Elias em seu processo Civilizador, o controle do comportamento passa a ser ensinado desde os primeiros anos, formando o que vai ser denominado de uma segunda natureza, formando “como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse”.

Em meio a esse rizoma tão intricado, o indivíduo comportar-se ‘corretamente’ através de um controle consciente, somado a um complexo aparelho de controles socialmente exigidos. Muda em sincronia a face da cidade, um novo espaço social e forjado. Novos espaços, novas possibilidades de trabalho e empreendimentos. O indivíduo protegido por essa couraça de manuais e modelos sente-se protegido contra o externo, o que não é mais normatizado pela sociedade que faz parte. Quanto maior a ação escolar, quando maior a dependência gerada por esse rizoma civilizador, maior é a dependência do cidadão, e maior sua participação no processo em que foi inserido. Nasce a nova identidade, cultuada e amparada pela educação, pelos manuais de boa conduta.

Os meios de comunicação contribuem para a formação desse “processo civilizador”, o rádio e principalmente os pequenos noticiosos locais, reforçam e acabam por distorcer alguns fatos, e isso criará uma noção de “desnorteamento”, trabalhado especialmente por Ciro F. Cardoso, esse “desnorteamento” faz com que as pessoas acreditem que estão em um local totalmente diferente do seu habitat natural, esquecem assim o passado e pensam que sempre se postaram dessa nova maneira “civilizada”.

Embora esses novos atores possam promover grandes transformações em pouco tempo, necessário aqui um destaque. A cidade de Caldas Novas e seus habitantes acabaram por criar um conjunto de estratégias para fugir dessa docilização. Entre as táticas geradas, os antigos habitantes resistiam em assumir os novos hábitos, ficavam enraizados na “goianidade local”, embora fossem obrigados, por lei, a mudar a aparência de suas casas, organizarem uma simetria urbana e desta forma assumir a “civildade” pretendida, refugiavam-se em práticas culturais, voltavam ao campo e viam com maus olhos essa nova possibilidade de mudança. Preferiam a zona de conforto do campo. A grande parte das famílias ou possuíam alguma terra ou estavam ligadas diretamente a ela. Mesmo seus filhos menores colocavam obstáculos na presença em sala de aula. Com isso, o projeto docilizador e civilizatório encontrava fortes entraves. Mudanças ocorriam, mas nas camadas sociais mais abastadas. O processo ficava rodopiando nos familiares e parentes próximos dos Coronéis das Águas. Certeau (1994) já sinalizava que a presença de uma representação que é ensinada e sinaliza um crescimento social ou econômico, não indica o que os usuários finais farão dela.

5 O MUNDO DO LAZER – A SUBSTITUIÇÃO DA SAÚDE PELO LAZER

5.1 – Que mundo é esse?

Este mundo moderno demorou a chegar e pedir lugar em Caldas Novas. A cruzada civilizadora que implantaria uma cidade capaz de cuidar das mazelas do corpo e ao mesmo tempo um local para férias e descanso, não conseguiu obter êxito por quase meio século. Caldas Novas tornou-se fronteira, um lugar de multiplicidade e polifonias acabou sendo a marca da cidade. Todo esse processo dual, a busca pelo balneário ideal e a transformação ideal acabou por construir uma cidade híbrida, uma cidade que buscava construir uma nova identidade. Essa nova cidade deveria abrir seus espaços internos para que o forasteiro-turista pudesse interagir com as águas, com a cultura e oportunizar trocas sociais, ajudando a forjar a própria cidade. Deleuze entende a fronteira como um modelo rizomático e cartográfico, por ser um lugar de contingência e incompletudes, talvez por isso mesmo a cidade não se transformara no eldorado das águas quentes, ao contrário, recebeu e não digeriu completamente os seus visitantes, embora buscando ser uma cidade maleável e moldável, assim como as águas que a vitalizam, optou por transvestir-se em uma cidade camaleônica, sempre com a promessa de agradar a tudo e a todos. Este rizoma fronteiro em que Caldas se transformou desterritorializa e se territorializa, não se importando com as fraturas impostas pelas penetrações alienígenas, mas recalcificando e retrazendo novos espaços para acomodar o novo, resultado do local e do forasteiro-turista, assim, polifônica e heterogeneamente readaptou parte de si e devolveu esse novo espaço aos que viessem aqui.

O espaço trabalhado pelo “O Kró” era a formação de uma estância, assim, foi redesenhado em suas páginas e artigos o que era visto pelos seus olhos de imprensa, buscando reforçar o ideário maior da cidade – água, lazer, os visitantes que por aqui passavam, levavam um pouco desse sonho e deixava parte da sua identidade, o que forjaria a nova Caldas Nova do lazer.

As bases que se buscaram estruturar na cidade não diferiam das de outras cidades voltadas ao lazer e não fugia das propostas do governo populista de Vargas, eram e ainda são as bases: a Educação, o Trabalho e o Lazer. Mas um quarto elemento torna-se indispensável e preponderante para o entendimento de todo o processo em análise, o tempo, especialmente por ser ele o grande comandante tanto da Educação, como do

Trabalho, resultando o lazer hodierno como uma necessidade do próprio tempo humano para recuperação de suas energias.

Não foi por falta de tentativas, Caldas Novas através de seus coronéis bem que tentaram criar uma localidade bucólica, agradável. Mas o tempo e as táticas dos moradores locais fizeram-na caminhar em outra direção.¹

Os caminhos trilhados por Caldas Novas não foram tão aleatórios como possa parecer, embora não tenha atingido o grau cultural e a formação de uma nova identidade, com as novas relações baseadas nesse espaço de fronteira, a cidade montou uma bricolagem² sobre o projeto original. A formação de sua identidade não poderia ser diferente, essa nova identidade caldense foi resultado da bricolagem que aqui se deu uma absorção e identificação com as maneiras e maneirismo que se aproximavam da cidade e de seus moradores, essas identificações, acabam se tornando meios de dominação, alteram o em parte o já existente, em especial as bases culturais que não são praticadas, impondo a cidade novos padrões.

Essa heterogenia conceitual acabou por gerar dois modelos de identidade; uma local, baseado nas tradições goianas, o outro uma identidade postiça, utilizada quando recebiam ou se deixavam visitar, assumindo ares distintos, como um caleidoscópio mostrava sempre o que o outro queria ver. Essa relação postiça demonstrava certa liberalidade para com os forasteiros, durante determinado tempo, tudo era possível ou permitido, o inaceitável tornou-se aceitável, o impensável, pensado, assim, essa identidade-postiça acabou por ganhar penetração nas veias abertas da cidade. As formas identitárias antigas, como comunidade, religiosidade, foram resguardadas como forma de preservar o pouco de si do cidadão local.

Os espaços urbanos e arquitetônicos da cidade não conseguiram ser transformados em pouco espaço de tempo, mesmo com todo esforço dos primeiros Coronéis das Águas a cidade não passou por grandes transformações, o centro da cidade,

¹ O livro de ata de 1923 tentou estabelecer normas de civilidade, o decreto-lei n. 7 de 12 de janeiro de 1928. O decreto-lei proibia o funcionamento dos estabelecimentos comerciais, deixando somente abertos os bares e hospedagens. A cidade também criou o seu código de trânsito, diferenciando os tipos de veículos a circular no interior da cidade bem como nas suas cercanias. Para tal, os condutores estavam obrigados a retirarem uma licença para o veículo e também prestar prova de volante, ficando aptos a condução dos mesmos.

² Neste caso específico o termo bricolagem vem com o amparo da antropologia, o mesmo termo utilizado por Levy Strauss, a palavra tende a significar a união de vários elementos, cultura, linguagem, urbanismo etc. para a criação de um único elemento de coalizão.

permaneceu com poucas casas, o balneário e o primeiro clube eram afastados do centro, as ruas possuíam outros nomes e não eram pavimentadas, somente os postes de luz cruzam a calmaria da rua e definia uma espécie de mão-dupla, o interior resistia contra a urbanização.



Centro da cidade em 1911

Já em 1955.





Início dos anos 60³

As fotos acima demonstram a dificuldade da implantação do plano diretor traçado do “Juca de Godoy”. A cidade resistia a todas as medidas propostas, e mantinha seu ritmo. Oscar Santos, editor do Kró e prefeito por duas vezes: a primeira por nomeação como interventor de agosto de 1943 a novembro de 1945 e a segunda pelo voto direto de janeiro de 1961 a janeiro de 1966, em sua velhice faz um interessante descrição da cidade:

“ Por ocasião de sua emancipação política, ou seja, em 1911, Caldas Novas, embora fundada em 1850, ainda era uma comunidade muito pequena.

Distanciada dos centros populosos, sem meios de comunicação e de transporte eficientes, o arraial das Caldas teve seu crescimento moroso.

O arraial surgiu simultaneamente com a Igreja, construída em 1850 pelo coronel Luiz Gonzaga de Menezes.

³ A cidade de Caldas Novas, relutou muito alterar sua estrutura espacial, a arquitetura manteve-se atrelada a figura de cidadezinhas do interior do Brasil, mesmo com o advento da luz elétrica e dos primeiros automóveis, a cidade não conseguiu construir uma imagem de uma “urbs” moderna. A reforma que foi tentada por Juca de Godoy somente conseguiu padronizar o alinhamento das ruas principais, isso, graças aos antigos lotes que tinham mais de 1200 m², como se fosse um mini sítio urbano, assim, foi possível alinhar os muros e definir a largura das ruas públicas sem muito esforço, mas disso a transformar a cidade em uma capital das águas, muito, mas muito mais era necessário se realizar.

Até a década de 30 a Igreja ainda ostentava a sua fachada primitiva, com duas majestosas torres de esteios de aroeira.

Nos dias atuais, embora parcialmente descaracterizada, ainda restam, no seu interior, os enormes esteios que sustentam a abóbada do templo, o que vem demonstrando a solidez com que foi construída essa obra de 140 anos!

O largo da Matriz, hoje praça Mestre Orlando, era o principal logradouro do arraial. As casas com esteios de madeira e paredes de adobes ou de pau-a-pique, revestidas com reboco de areia e esterco, traziam as características tipicamente coloniais.

As ruas limítrofes, na época, ainda sem denominação própria, eram muito curtas e com poucas casas rústicas.

Não havia luz elétrica. Os moradores usavam, para iluminação, velas, lamparinas, querosene e candeias.

As pessoas de maior poder aquisitivo usavam lampiões a carboreto.

Somente em 1928/29, após a conclusão da usina, foi instalada a rede de energia elétrica da cidade.

O major Victor Alla, pioneiro do povoado e um dos baluartes da emancipação, era proprietário de um quarteirão localizado nos fundos da Igreja, onde construiu a sua residência, que tem uma casa de despejo, dependência para hóspedes, paiol, casa para empregados, curral para ordenha das vacas e chiqueiro pra engorda de suínos.

Próximo à sua residência, do outro lado do largo, o major possuía uma loja bem sortida.

A rua de cima, comprida e tortuosa, de largura irregular, com casas rústicas e quintais grandes, nascia mais ou menos nos fundos dos terrenos da antiga invasão, hoje Vila São José, e seguia até encontrar-se com a rua de baixo, mais ou menos onde existia a loja do Dedeco.

A rua de baixo prosseguia no mesmo traçado atual da avenida coronel Bento de Godoy, até o final.

Na rua de baixo existiam algumas casas com relativo conforto. O coronel Bento de Godoy, outro baluarte da emancipação e eleito o primeiro intendente, possuía, dentro de um quarteirão, um conjunto de casas ligadas à sua residência, com dependências para hóspedes ilustres, para depósitos de mercadorias destinadas à sua loja, além de casa de despejo e de empregados.

Na frente uma pracinha com um bem cuidado jardim.

Do outro lado da rua, no quarteirão onde hoje se acha a Onogás, havia um rancho com alojamentos para tropeiros e viajantes com comitiva. No mesmo terreno existia também curral e saída para os pastos que o coronel possuía, anexos ao povoado.

Quando assumiu o cargo de intendente, para o qual foi eleito em 1919, o major José Theophilo de Godoy, na qualidade de agrônomo, elaborou um plano de urbanização da Vila, visando em primeira mão à reformulação da rua de cima, com novo traçado, dando-lhe o nome de avenida Rio Branco, que é atualmente a avenida coronel Bento de Godoy. As casas antigas, da rua de cima, foram paulatinamente demolidas.

Esta é a minha Caldas Novas de ontem. E de hoje também.”

(texto de Oscar Santos publicado no jornal Primeira Opção, Ano I, n. VI, IN, ELIAS, 1994, p. 47-48)

Essa “fotografia mnemônica”, traçada por Oscar Santos, demonstra que Caldas Novas dos meados do século XX até os anos de 1990 a mudança foi muito pequena. A nova face da cidade ostenta hoje é resultado de uma grande explosão do ramo imobiliário, Caldas Novas teve seu perfil refeito, os prédios ocuparam o espaço das grandes casas antigas, pois seus lotes eram de quase mil metros, no lugar de uma cidade bucólica, pitoresca e focada nas águas e na saúde, nasceu uma cidade moderna, com as águas voltadas para o prazer, os novos prédios tinham somente um objetivo, eram hotéis na vertical, junto com essa e número inacreditável de novos leitos.

As escolas da região não se alteraram em quase nada; o município mantinha o Grupo Escolar, o Colégio Estadual de Caldas Novas, este colégio nasceu da necessidade local dos menos favorecidos que não podiam mandar seus filhos para as grandes capitais. Assim, em 30 de dezembro de 1953, por força do Decreto nº 1.396, do Governo do Estado que criou o Curso Normal Regional, funcionando sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de Caldas Novas, nasceu o Colégio Estadual de Caldas Novas. Inicialmente o Colégio funcionou com aulas de 5ª a 8ª série do 1º Grau. Entretanto, esta denominação não satisfaz as aspirações dos moradores, e pela Lei de nº 6.863 de 15 de dezembro de 1967, passou a denominar-se Colégio Estadual de Caldas Novas, sendo seu Diretor, o senhor Coronel Augusto Rodrigues da Cunha. Até os anos de 1970 eram essas poucas escolas, mas a crescente população exigia do município e do Estado implantação de novas unidades escolares.

Para que possamos entender melhor essa mudança depois de quase 60 anos, vamos nos aproximar de Pierre Bourdieu nos seus conceitos de *habitus* e de *efeitos do lugar*. O conceito de *habitus* não pode ser confundido com costumes, tradição, ele é um espaço de fronteira que transita entre as estruturas postas e as ações efetivadas e levadas a cabo, o *habitus* é uma forma de ver, analisar, entender e até mesmo julgar o que nos rodeia, é ele – o *habitus* – quem cria as formas de resistências, é ele quem nos leva inconscientemente a definir além de outras coisas as relações de lugar, é o *habitus* que age em conjunto como os efeitos que o lugar produz sobre cada indivíduo, definindo ou redefinindo os espaços de poder de cada um, um campo de força cultural e social, que

cria fronteiras interiores e as colocam em práticas nos espaços geográficos da cidade. Esse conceito ajuda-nos a pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos, a mediação entre o indivíduo e a sociedade. Os fatores que contribuíram negativamente para as questões de reconstrução do espaço físico da cidade e como o indivíduo se viu neste processo.

Não é sem razão que as camadas sociais definem claramente seus espaços de ocupação, casas, trabalho, escola (pois ela é um forte componente do *habitus*, e, por conseguinte estruturador e desagregador social). O próprio espaço da escola demonstra como funciona, quase que inconscientemente o *habitus*, tão introjetado em cada um que pensamos ser natural, e por isso não o percebemos. Casas, mobílias, estruturas das escolas, bares, igrejas, mudam a cada espaço, a cada círculo cultural da cidade, não sem razão a necessidade da criação de uma gama diferente de espaços para o conhecimento, e, portanto, para a fixação do cidadão em seu espaço cultural e no campo social a qual pertence.

Sem perceber, os Coronéis das Águas acabaram internalizando em si, bem como nos moradores locais o que Bourdieu definiu como “*efeitos do lugar*” em seu livro “A Miséria do mundo”. Ou seja, como cada cidadão ocupava um espaço geográfico e físico na cidade, como preenche este espaço e como o espaço o influencia e é ao mesmo tempo reestruturado e influenciado pelo sujeito que o habita fisicamente. Assim, o lugar acabou gerando efeitos negativos no primeiro momento de expansão, a cidade e seus moradores resistiam ao projeto urbanizador que os Coronéis haviam proposto para a cidade.

Nos primeiros anos, o projeto “balneário” propunha uma harmonia entre as relações materiais e financeiras, embora propusessem uma equiparação com relação ao tempo depreendido, ou seja, as horas definiram o tempo de trabalho e o possível ganho por essa tarefa executada, era a tentativa de normatização das horas do cidadão caldense. Acostumado a um ritmo lento, acompanhando o tempo da natureza o cidadão buscou formas de fugir desse encapsulamento proposto.

O fator – dinheiro – foi negligenciado pelos idealizadores ou superestimado. Essa negligência pode ser vista com reflexo dos problemas vivenciados. Por possuírem recursos e estarem dispostos a investir sem medo ou na possibilidade de um retorno rápido, acabaram acreditando e esperando que parte da população se

dispusesse a investir naquilo que eles firmemente acreditavam, mesmo porque a crença não era plena, afinal, as águas já estavam ali a centenas de anos e suas propriedades já eram utilizadas bem antes destas propostas de mudanças sociais. Essa modificação de tempo e espaço não foi assimilada, o que gerou um forte efeito negativo e a falta de investimentos. A população resistiu e se manteve longe do projeto, preferiam investir no conhecido, campo, gado e lavoura, assim, evitando o processo necessário à urbanização, fizeram com que o projeto não fluísse.

As políticas educacionais foram negligenciadas, embora fossem construídas escolas, sem bem que poucas, o morador local ainda tinha o *habitus* de somente semialfabetizar-se, o necessário para conhecer as contas básicas e assinar o nome. Entendiam que não precisavam de uma cultura mais vasta, afinal, avôs, pais, tios todos esses nunca tinham frequentado escolas, e nem por isso deixaram de cuidar de suas famílias. Porquanto, esse *habitus* foi mantido, Caldas Novas estava presa a uma forte tradição agropastoril. Essa falta de interesse pelos estudos não atendia ao projeto saneador maior para a construção de uma estância hidrotermal, necessitava-se de mais conhecimento e educação, partes da moeda necessária ao crescimento da cidade.

Mesmo com uma educação negligenciada, as formas de conhecimento tradicionais ou alternativas acabaram ganhando destaque, o que inicialmente servia como resistência passou a ser valorizado cultural e economicamente. A cultura local era resultado dos efeitos produzidos pelo lugar. Com a falta de profissionais devidamente formados: médicos, farmacêuticos e dentistas, o prático amplia a sua importância, e acabam exigindo reconhecimento. O que hoje é tido como charlatanismo, na época era obtinham o reconhecimento pelas práticas e pelo conhecimento vindo da tradição oral e local.

Dentistas sem formação acadêmica (os práticos e protéticos) cuidavam e amparavam a população desfavorecida financeiramente, as parteiras, profissão milenar, em Caldas Novas eram responsáveis até bem pouco tempo, menos de 30 anos, pela vinda ao mundo de centenas de Caldenses. Junto às parteiras vinham os raizeiros, substitutos dos farmacêuticos e médicos. Assim, práticas antigas acabam exigindo espaço dentro do projeto da Estância Hidrotermal. Uma disputa velada e silenciosa acontecia no campo intelectual, os “doutores” com formação acadêmica eram muito reconhecidos e admirados e criticavam e mal viam a ação dos práticos. Como o número desses profissionais era pequeno e não conseguiam atender a todos os necessitados deixavam

fissuras que eram apropriadas pelos “práticos” que por sua vez também falavam mal das práticas dos “doutores” que não conheciam dos males e só queriam tomar dinheiro do povo, essa disputa velada refletia-se no campo social, espaços claramente definidos entre os participantes, era o jogo pelo poder que se estrutura silenciosamente. Esse cabo de força define as relações e as segregações socioculturais, *habitus* e *efeitos do lugar* se realinham para formar uma nova cidade, um mundo novo.

Como não poderia deixar de ser, a linguagem era diferente, os campos culturais definham o erudito e o coloquial, o tratar, o falar eram claramente diferenciados, curiosamente o passado e a ancestralidade acabavam dando força e status aos “profissionais alternativos”, os visitantes que não conseguiam a cura rápida buscavam esses substitutos da legalidade. A cura de um doente era motivo para gerar a fama de um desses “profissionais alternativos”. Essa fama corria “mundo” e muitos “pacientes” viam dos quatro cantos em busca de refrigério do corpo e às vezes da alma.

No campo da religiosidade Caldas Novas se mantinha plenamente católica. Isso não era o suficiente para acabar com as crenças populares. A crença popular, mesmo entre os “doutores” era muito forte o que favorecia a manutenção dessas profissões alternativas. Benzedores eram visitados para ajudarem a quebrar os “encantamentos”, “inveja” o “olho gordo”, com essas mazelas quebradas o tratamento das águas termais obtinham um sucesso maior, pelo menos é o que se acreditava. Os banhos termais eram acompanhados dos chás das raízes, e não eram poucas as vezes que se ouvia que “alternativos” eram melhores que os médicos e farmacêuticos.

5.2 – Água, saúde e educação.

O binômio, água e saúde não conseguiu atingir ao fim proposto, vimos às resistências, as fissuras e principalmente o lapso temporal, a cidade ficou como que presa em um “entretempo” não conseguiu evoluir e não conseguiu voltar às suas origens primárias.

Embora a cidade possuísse o maior lençol freático de águas termais com propriedades terapêuticas, faltou uma infinidade de ações. Os moradores não entendiam

totalmente como aqueles poços de águas que brincavam enquanto crianças pudessem servir de remédio para um grande número de problemas.

De um momento a outro as águas termais foram alçadas a uma posição de destaque, o destaque que os Coronéis tanto buscaram. As maiores propagandas veiculadas nos informativos da região bem como em “O Kró” diziam respeito a dores reumáticas, artrite e doenças da pele⁴ e as possibilidades de cura destas mazelas pelas águas termais.

Mas com todo esse potencial, porque a cidade não prosperou nos 60 (sessenta) anos anteriores, quais foram os empecilhos? O que faltou? Faltou o grande vilão/herói da sociedade no dizer de Simmel, faltou recursos financeiros, faltou dinheiro. Desta maneira ficou complicado patrocinar as mudanças, mesmo as escolas, não tinham o atrativo ou os atrativos necessários para manter e formar o novo *ethos* focado na saúde.

As condições sociais dos moradores de Caldas Novas não foram totalmente dominadas por esse novo *ethos* que queriam criar, a escola não conseguiu dar uma formação constante, capaz de manter ativo o propósito de ser, ou seja, ofertar uma educação continuada, capaz de formar, induzir e manter atrelados ao propósito capitalista dos Coronéis das Águas. A falta de recursos pode ter sido fundamental causa geradora da lentidão em tentar alcançar os objetivos propostos, a Educação como percebemos, não foi capaz de cumprir seu papel higienizador e alterar os valores tradicionais, imputando nos conceitos, formando uma nova identidade. As ideias pedagógicas tipo “Educar para a vida” não conseguiu alçar voos.

O necessário equilíbrio entre a educação diária, que ocorre no dia-a-dia, nas ruas, nas casas e a educação escolar, não conseguiu gerar uma integração entre essas duas faces da educação, assim, as experiências necessárias não aconteceram e, portanto também não foi possível equipar, seja com um projeto político pedagógico, seja com políticas públicas educacionais. A escola tornou-se um fim em si, e não uma

⁴ Na maioria dos números editados do único jornal que circulou na cidade até os anos de 1990, O Kró, era incansável em repetir os benefícios que as famosas águas radiativas podiam causar aos seus usuários, doentes ou saudáveis. O “gargantivo” assumiu a árdua tarefa de cobrar das autoridades estaduais uma parceria para que a cidade pudesse se transformar em um polo de turismo. A edição de 1935 de número 79 traz através da pena de Oscar Santos e Celso de Godoy a história de Caldas, e a dificuldade do seu desenvolvimento. Mas nem assim, a geração de coronéis deixou de tentar.

multiplicadora como o esperado. A escola não conseguiu redirecionar os cidadãos, e o projeto inicial foi lentamente tomando outra forma.

As águas poderiam ser utilizadas de várias formas, não somente a saúde seria beneficiada, aliar saúde e alegria. O lazer poderia ser o remédio para recuperar o projeto dos Coronéis das Águas. Correndo na contramão de outras cidades com perfil turístico Caldas não se preocupou em salvar uma memória histórica, aconteceu uma ressignificação do projeto e simbolicamente o lazer vestiu-se de oportunidades e a busca pela alegria foi inaugurada. Não seria necessário a manutenção de casarões antigos e carcomidos pelo tempo, o saudosismo não poderia impedir esse novo ímpeto de crescimento a alegria e o lazer batiam à sua porta, agora era estruturar a cidade e oportunizar acessos a esse lazer aquático aos visitantes.

A cidade começou a der sinais de revitalização, melhores estradas foram sendo implantadas e uma nova visão de mundo, novos conhecimentos nasceram de choques e influências entre as culturas, nova técnicas deram forma à necessidade do lazer para o trabalhador. O início desse processo de propagação e divulgação do lazer institucionalizado, ocorre juntamente com a promulgação de leis e direitos trabalhista no final dos anos de 1930 e nas décadas de 1940 do século passado. Embora Getúlio Vargas tenha se apropriado como o doador – mito da doação – das leis nacionais, utilizando-se do seu bem estruturado DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo, manipulou o tempo de lazer, visando criar ou reforçar uma nova identidade. Vivíamos uma crise identitária.

Segundo Hall (1999), as culturas nacionais produzem sentidos com os quais podemos nos identificar e construir, nossas identidades. Esses sentidos estão contidos em histórias, memórias e imagens que servem de referências, de nexos para a constituição de uma identidade da nação. Entretanto, vivemos atualmente numa “crise de identidade” que é decorrente do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas. Tais mudanças se caracterizam pelo deslocamento das estruturas e processos centrais dessas sociedades, abalando os antigos quadros de referência que proporcionavam aos indivíduos uma estabilidade no mundo social. A modernidade propicia a fragmentação da identidade. As paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade não mais fornecem “sólidas localizações” para os indivíduos. O que existe agora é descentramento, deslocamentos e ausência de

referentes fixos ou sólidos para as identidades, inclusive as que se baseiam numa ideia de nação.

Todas possíveis mudanças trazem consigo transformações nos mais variados níveis. Um local de metamorfoses e mudanças é sem a menor dúvida a educação. Ela é capaz de absorver e continuar caminhando com as mais variadas e profundas mudanças. Em todo o país mudanças foram implementadas e dois grandes momentos oriundos dessas mudanças marcam a educação nacional. O primeiro de 1937 a 1945 com o advento do Estado Novo, o segundo momento, a qual nós daremos uma maior atenção, é o período 1946 a 1963. O primeiro momento é marcante quanto as políticas educacionais. Elas visam formar um contingente rápido e produtivo. Mão-de-obra com qualificação técnica e não superior, um grande contingente técnico lançado no mercado para atender à demanda das indústrias. Neste período, o tempo de estudo era assim composto: cinco anos de curso primário; quatro anos de curso ginásial e três de colegial, o colégio tinha a divisão do clássico ou científico voltado a pequena elite, era ele quem daria continuidade a poder constituído.

O ensino colegial perdeu o seu caráter propedêutico. O antigo status de preparatório para o ensino superior deixou de existir e passou a se preocupar mais com a formação geral.

No segundo momento, de 1946 a 1963, fica delineado, trabalhado e difundido o slogan que até hoje é utilizado massivamente pelos poderes constituídos – A EDUCAÇÃO PARA TODOS - nesse período foi criado o projeto de Lei de Diretrizes de Base, amplamente discutido e que demorou quase duas décadas para ser votado, embora conturbado, o período acabou produzindo: o ensino de jovens e adultos com a criação do Mobral, as escolas-classes e as escolas parques projeto de Anísio Teixeira e acabou reforçando o ensino técnico.

Essas transformações nas políticas educacionais do país acabaram influenciando no resultado gerado pelas mudanças que se processaram no projeto original de ser tornar uma estância hidrotermal. Como as mudanças globais, a educação e suas políticas acabam demonstrando ser um mero simulacro, muito de propaganda, muito pouco de efetividade. Essa educação foi recebendo em si repactuações e simultaneidades necessárias ao bom desempenho global, podemos dessa maneira deduzir que a criação de

políticas nacionais e municipais não passa de uma “bricolagem”, fato muito bem analisado por Ball:

“Constante processo de empréstimos e cópia de fragmentos e partes de ideias de outros contextos, de uso e melhoria das abordagens locais já tentadas e testadas, de teorias canibalizadas, de investigação, de adoção de tendências e modas e, por sua vez, de investimentos em tudo aquilo que possa vir a funcionar. A maior parte das políticas é frágil, produto de acordos, algo que pode ou não funcionar; elas são retrabalhadas, aperfeiçoadas, ensaiadas, crivadas de nuances e moduladas através de complexos processos de influência, produção e disseminação de textos e, em última análise, recriadas nos contextos da prática.” (BALL, 2001, p. 102).

Esse caleidoscópio político educacional refletiu na cidade, as mudanças agora ocorriam de uma forma líquida, era a busca do “Homo Ludens” expresso por Morin nos setes saberes necessários a educação. E para que fosse possível o encontro desse homem com a cidade, a cidade deveria ser, parafraseando Morin, o Urbanus Ludens, um local capaz de, no mínimo, oportunizar lazer e alegria.

5.3 – Uma mudança de hábito.

Era necessário Caldas Novas utilizar todo seu potencial hidrotermal e pedir lugar entre as cidades turísticas do Brasil, especialmente voltando a ser a menina dos olhos de Goiás, suas águas quentes oportunizam além da cura de certas doenças um novo tipo de lazer. Um lazer que ao mesmo tempo proporciona um relaxamento corporal e a melhora da saúde física. As propriedades terapêuticas das águas, ofereciam um relaxamento bem maior, uma queda no nível do estresse e a queda dos níveis do ácido úrico, entre outros problemas do corpo.

A água quente se torna junto com hotéis e pousadas o bem maior da cidade. A velha Caldas é refeita, uma nova geografia urbana é talhada, nascem os primeiros grandes clubes na cidade, o CTC, o Jalim e o clube do André, além, é claro o velho balneário que lentamente perde sua importância e uso, as piscinas coletivas trocam as dores por um lazer relaxante, descontraído e que ainda oferece uma melhora na saúde

do “aquático”⁵. O grande complexo da pousada do Rio Quente fazia parte dessa nova Caldas Novas, seus primeiros donos eram os Palmerstons. Os Palmerstons, assim como os Godoy, os Branco de Souza, os Alla, os Gonzaga e os Bretas faziam parte do grupo que ajudou na independência da vila de Caldas, diziam-se famílias tradicionais de Caldas Novas, por tradicionais entenda não a estrutura mas a forma de influência política e econômica que as famílias com mais recursos financeiros acabam impondo sobre as demais pessoas da região, em sua grande maioria vieram de outros estados e aqui se fixaram em busca de fortuna.

Mesmo com todo o afã, mudanças definitiva não serão implementadas com rapidez, mesmo com a mudança do público alvo, faltava divulgação por parte da prefeitura local e por parte dos investidores.

A cidade ganha alguns metros de asfalto no seu centro, a praça e o coreto são revigorados. As antigas instalações do velho cinema de Caldas servem como sede da rádio pousada AM, as cadeiras e o palco permaneceram vivos até o final da década de 1990, quando o prédio passou por uma reforma e transformou-se em salas para atender alguns órgãos da prefeitura municipal.

O objetivo agora era trazer o trabalhador para momentos de lazer com sua família. Era a massificação do Direito à Preguiça de Paul Lafargue. Lafargue em seu livreto combate de maneira feroz as práticas do capitalismo que colocam o trabalhador em uma situação que não consegue se distanciar. Todo o processo que envolve o trabalhador é desumano, as jornadas de trabalho, o trajeto de ida e volta para casa, não lhes deixa nada mais que o cansaço e a submissão pelo pouco pão, pela pouca condição de manter em “sobrevivência” os seus familiares, assim Lafargue diz:

Estas misérias individuais e sociais, por muito grandes e numerosas que sejam, por eternas que pareçam, desaparecerão como as hienas e os chacais à aproximação do leão, quando o proletariado disser: “Quero isso.” Mas para que ele venha a ter consciência da sua força, é preciso que o proletariado calque aos pés os preconceitos da moral cristã, econômica, livre-pensadora; é preciso que ele regresse aos seus instintos naturais, que proclame os Direitos da Preguiça, milhares de vezes mais nobres e sarados do que os típicos Direitos do Homem, digeridos pelos advogados metafísicos da revolução burguesa; que ele se obrigue a trabalhar apenas três horas

⁵ O termo importado do jornal O Kró, que embora não mais existisse nessa época, bem definiu os usuários das águas, principalmente as crianças passam mais de quatro horas, e os mais velhos ficam de “molho” quase que hibernando. Conseguiram com isso, tranquilidade, paz e ainda podiam aproveitar de bingos, serestas, cervejas e tira-gostos. Redefiniu-se dessa forma o novo projeto de Caldas, água para o lazer.

por dia, a mandriar e a andar no regabofe o resto do dia e da noite. (LAFARGUE, 1999, p. 24-25)

Bem claro que o leão, é a força contida e oculta de todos os trabalhadores, e seus instintos os jogam nos braços do que hoje podemos chamar de lazer, da mesma forma que se argumenta que o progresso é o filho mais velho do trabalho, o lazer é o seu filho mais novo, bastardo, talvez, mas o mais jovem com certeza, e é justamente esse filho que gera condições para que seu velho pai – o trabalho – possa continuar sugando o máximo dos trabalhadores, é ele que em seu encantamento retroalimenta as energias para um novo ciclo laboral. Ainda revendo Lafargue, vemos os seus antigos questionamentos, são muito próximos dos que os líderes de Caldas Novas propagavam, mesmo que deles não tivessem conhecimento, acabam por fazer os mesmo questionamentos: Como viver apenas de trabalho? Como descansar se não há lazer? Como lidar com populações carentes, a não ser através de atividades lúdicas? Como não oportunizar um espaço de convivência e renovação de ideias, afinal o lazer serve também, para o espaço criativo, para seu um repositório de novas ideias. Levi Strauss no livro Totemismo já esboçava essa ideia sobre as civilizações primitivas, que elas tinham outra utilidade, que sua totalidade não estava sendo bem analisada, o mesmo, por analogia pode ser dito do lazer, serve como construção simbólica do “ethos” social, bem como as ressignificações dos valores socioculturais.

A parceria Escola-trabalho com o lazer foi sendo tecida e (re)tecida durante décadas. O Estado Novo lançou mão de todo um arsenal para poder manter sobre controle o tempo livre do trabalhador, as ideologias populistas do estado varguista era sentida em toda parte, um grande polvo com seus tentáculos apertava o trabalhador onde ele estivesse, no rádio, no cinema, no jornal, no futebol. Vargas através do DIP melhor que ninguém soube como trabalhar com esse tempo livre. Comemorações como o 1º de maio, festas escolares serviam para dar o reforço ao “mito da doação”⁶ que bem explicou Francisco Campos sobre a criação das leis trabalhistas e a proteção do trabalhador, o

⁶ O ministro de Vargas, Marcondes Filho, bem define o mito da doação:

“Muitos livros de doutrina política ensinam que o século dezenove foi o século da democracia, do liberalismo, do governo pra o povo. Mas quando se procura nos livros de história a realização da doutrina, verifica-se que a redução das horas de trabalho, a fixação dos salários, a proteção à infância, a justiça social, o direito de organização, foram obtidos a poder de greves, de sabotagens, de sacrifícios, de revoltas e de cruentas lutas. Assim foi em todas as nações a história dessa doutrina, que era democracia nos livros e sangue popular nas barricadas. O gênio político do Sr. Getúlio Vargas conseguiu fazer do Brasil uma luminosa exceção dessa regra de violências, conseguiu transportar, do livro para a vida, o governo para o povo.” (TB, p. 41 e 42) in PARANHOS, 2007, p. 143)

Estado Novo fez o trabalhador acreditar que não se tratava de uma conquista de longas lutas travadas pelos direitos, o estado ditatorial de Vargas não teve escolhas, foi obrigado a instituir as leis de cunho social-trabalhistas que já vinham sendo compradas desde do início do século XX. Essa artimanha política, acabou concedendo a Vargas o controle das indústrias, comércio, lazer e cultura ficam sobre a sua regência. Esse regência tinha nome CENSURA.

O termo lazer, como vemos hoje, foi concebido inicialmente no Dictionnaire, de Claude Augé(1930), que cunhou o significado do verbete como hoje o conhecemos, lazer passou a estar atrelado a ideia de trabalho, sendo uma válvula de escape então recebeu o seguinte sentido: “distrações, ocupações às quais o indivíduo poderia se entregar de espontânea vontade, durante o tempo não ocupado pelo trabalho”.

As escolas deveriam contribuir com o trabalho e dentro do seu conteúdo programático indicar também as melhores formas de lazer, era a manutenção ou a vontade da manutenção de um corpo saudável para uma melhor produção, com o trabalho bem afinado e sem interrupções desnecessárias a produção aumentaria, mesmo que o tempo de labor estivesse reduzido. Daí a importância da Escola nessa parceria, manter o controle ideológico, fazendo que o cidadão formasse uma nova identidade, talhando o *homo faber* ideal ao seu momento social. Agora Caldas Novas via a necessidade de formar o *Homo Ludens*. Embora o Estado Novo estimulasse o lazer como contraponto e combate a ociosidade laboral que poderia produzir criminalidade, incentivava a prática saudável do lazer, passeios ao ar livre com a família, ouvir rádio, ir ao teatro ou a cinema, ouvir músicas. A figura do malandro foi duramente combatida no período, a doutrina trabalhista⁷ era divulgada de todas as maneiras, os estados da federação uniam-se em uníssono ao coro populista e idealista forjado por Vargas e seus ministros. Para quebrar a ideia que o malandro era o tipo nacionalista o Estado Novo instituiu concursos de sambas, as letras ficaram conhecidas como “samba de exaltação”⁸ nelas os compositores,

⁷ O trabalhismo toma forma é vulto na figura de dois homens, Getúlio Vargas líder populista, figura mitológica apelidado de “Pai dos pobres” justamente por ser o responsável, segundo o mito da doação trabalhado a exaustão por seu ministro Marcondes Filho. O trabalhismo brasileiro estava centrado na figura do então presidente Vargas e em sua obra social, especialmente no que tange aos direitos trabalhistas e previdenciários, nesse período também ocorreu a criação do que ficou conhecido como sindicalismo corporativista, o ministro Marcondes Filho, batalhador incansável e puxa-saco incansável de Vargas foi o grande articulador dessa ideologia trabalhista.

⁸ O samba-exaltação foi a fórmula utilizada para exaltar tanto as belezas nacionais, bem com a dedicação ao trabalho e a nação do povo brasileiro. As letras eram cheias de referências e apelos ao trabalho e a nação. Vejamos na letras abaixo alguns exemplos:

antes tidos como os verdadeiros malandros, compunham em sintonia com a melodia criada pelo governo, populismo e trabalhismo, à exaltação ao trabalho, ao lazer e a pátria.

Assim, uma nova matriz ideológica se anunciava para propagar a mudança de novos discursos, um dialogismo que empurrava os velhos conceitos e a antiga ideologia para um lugar inatingível e inimaginável. Essa matriz era composta de duas grandes vertentes, a primeira era composta pelo Trabalho e pela Educação, notadamente a instrução assume um papel primordial e fundamental, visando criar uma cidade de lazeres. Por ser o lazer o filho mais novo do trabalho, tanto os cidadãos como sua “urb”, deveriam ter sempre prontos um discurso que promovesse as formas de lazer que aqui se encontravam, bem como convencer o visitante da importância desse tempo de ócio aqui passado, com isso se inscrevia no discurso mundial da importância do descanso para a melhor produção, para um melhor desempenho no trabalho.

Ary Barroso – 1939 – Aquarela do Brasil

Brasil, meu Brasil Brasileiro,
Meu mulato inzoneiro,
Vou cantar-te nos meus versos:

O Brasil, samba que dá
Bamboleio, que faz gingar;
O Brasil do meu amor,
Terra de Nosso Senhor.
Brasil!... Brasil!... Prá mim!... Prá mim!...

[...]

Ou ainda os sambas de Assis Valente um bom exemplo é o samba – Recenseamento de 1940

[...]

Obediente como a tudo que é da lei
fiquei logo sossegada e falei então:
O meu moreno é brasileiro, é fuzileiro,
é o que sai com a bandeira do seu batalhão!
A nossa casa não tem nada de grandeza
nós vivemos na fartura sem dever tostão
Tem um pandeiro, um cavaquinho, um tamborim
um reco-reco, uma cuíca e um violão

Essa mudança de visão ideológica embora mantivesse as águas termais como foco central colocava a Educação em um lugar comum, uma Educação institucionalizada como bem explica Mésáros (2007. p.294), essa educação tem como fim oportunizar o mínimo necessário de treinamento ao sujeito-social, mantendo-o por um mínimo de tempo atrelado a Escola, esses poucos anos que passará serão suficientes para que a matriz ideológica do poder econômico e político se fixem de maneira permanente para o resto dos seus dias, com isso mantem-se a segregação econômica discriminadora e aumenta o abismo social, ou seja, o prosseguimento da educação será permitido e liberado aos da elite, aos que possam pagar por seus estudos e manter-se em uma forma de “ócio criativo” durante muito tempo, as faculdades são pensadas para as minorias, inicialmente os cursos são para formar médicos, advogados e engenheiros, cursos que somente a elite pode manter e pagar, com isso mantem-se o abismo social e continua a formação de novos líderes para dar continuidade ao poder instituído.

Caldas Novas passa então por uma retração educacional, o novo mercado que se abriu necessitava apenas que o indivíduo tivesse o conhecimento básico das primeiras letras e fizesse operações matemáticas simples, o que se exigia era “boa aparência e bom trato social”, o conhecimento ficava reservado a quem pudesse dar continuidade e estudar fora, nos grandes centros urbanos, lugar de cultura com um custo econômico alto.

Embora a educação formal não tenha contribuído para a estruturação da cidade, houve e ainda há um profundo processo de educação. O próprio mercado tornou-se responsável pela instrução laboral. Hotéis, restaurantes e clubes se incumbiram de formar seus profissionais, uma formação prática, visando exclusivamente obter maior lucro. Tanto a Educação como o Trabalho são abortadas por diferentes dimensões, mais duas delas são fundamentais e merecem destaque, são elas a necessidade e a liberdade, podem parecer muito distintas, mas tem a necessidade de estarem sempre juntas, uma ampara a outra, não importando a ordem. A necessidade demonstra ao indivíduo a quantidade de esforço que será necessário para realização de qualquer tarefa, seja ela física ou intelectual, a necessidade demonstra o tempo que será gasto e qual o grau de conhecimento e técnicas necessárias para um bom desempenho. A necessidade é alterada em função do tempo histórico e, é esse mesmo tempo que criará com suas exigências novas técnicas, novos valores e conceitos. A liberdade é definida pelas escolhas e pela Educação que será recebida, assim, a própria educação é uma liberdade de escolha, o grau

de perfeição, o tecnicismo, tudo isso depende do grau de liberdade do indivíduo, fazendo com que ele possa experimentar e assim ampliar suas possibilidades e expectativas, seja para o processo educacional ou pelo trabalho, quando se coloca buscando novas variáveis de vida.

5.4 – Um retrato contemporâneo de Caldas Novas

A nova cidade nasce do apagamento mnemônico da “antiga” Caldas Novas idealizada pelos Coronéis das Águas, a única lembrança do velho projeto são as águas termais, é dela que a cidade ainda mantém seu nome. O termo Caldas é um termo português para dar significado as cidades que possuíam águas termais, assim, por derivação o nome da cidade Caldas Novas, diz respeito a quantidade de fontes termais localizadas no seu espaço geográfico.

Nada do passado restou em pé, as ruas arborizadas da cidade cedeu lugar a fios e sinais semaforicos, uma multidão de pessoas se desloca de motos e carros, o passeio a pé foi banido, em seu lugar surgiu o “trenzinho” tratores que puxam vagonetes com assentos de madeira e levam grupo de turistas eufóricos a passear no centro da cidade mostrando sorveterias, alguns clubes e o pouco que resta da velha Caldas.

Uma construção simbólica da Caldas Novas ansiada, essa construção simbólica permeou todo o processo de reestruturação da cidade, quando esse novo projeto foi colocado em marcha. A marca utópica da cidade, o que contém em suas aspirações.

O verdadeiro simbolismo, e este nunca foi oculto era o da cidade paraíso, modelo ideal de balneário nos melhores padrões da sua época. Mas a construção objetiva da cidade tinha como sua única preocupação a manutenção de seus comércios, a possibilidade do lucro fácil e rápido. A cidade embora não tenha o tamanho necessário para ser uma cidade grande tem os problemas dela, sem as vantagens que a grande cidade oferece, importou apenas os problemas das grandes cidades, não se preocupou em ver o que de melhor existia. Trouxe asfalto, carros, motos, bares, sinais e o tipo de comércio. O lado lúdico foi esquecido; parque públicos, locais arborizados, espaços de convivência cultural e social, nada disso foi pensado. O público alvo agora é outro, uma multidão de trabalhadores lotam ônibus fretados e lotam os clubes da cidade, cerveja, farofa, música

alta e muito barulho são suas marcas registradas. Trazem em suas bagagens o que irão consumir, raramente passam no centro econômico da cidade para comprar alguma coisa. A multidão não está em busca de banhos salulares ou descanso para o corpo e alma, ao contrário, hoje o objetivo ser visto fazer, fazer barulho, e dizer que visitou Caldas Novas, um turismo do operariado, que tem a necessidade de preencher os espaços que o capitalismo propõe com relação ao lazer.

A segunda leva de turistas que aqui frequentam são os da faixa etária da chamada 3ª idade. Também, vindo em grupos, buscam a cidade fora dos feriados e grandes ocasiões, na verdade são eles que mantêm o comércio da cidade, ao contrário dos primeiros, ainda buscam algumas das qualidades das águas termais, passeiam calma e lentamente pela cidade e se demoram mais que um fim de semana, consegue imprimir um ritmo lento, mas constante no comércio.

A terceira e mais destruidora leva é composta por frequentadores jovens e de meia idade, procuram a cidade somente durante os grandes feriados ou grandes eventos, tais como o Caldas Country. A cidade excede em sua capacidade de fluxo de água e energia, nesses períodos de pico os moradores locais sofrem com constantes quedas no fornecimento de energia elétrica e os prédios centrais ficam sem água as vezes por até dois dias. A criminalidade ultrapassa os índices aceitáveis, vandalismo e atrocidades são colocados em cena.

A cidade é detentora de um dos custos mais caros do país no tocante as despesas de turismo, Caldas Novas oferece as águas e recebe muito, muito bem por isso, as diárias em clubes e hotéis ultrapassam as das cidades litorâneas e a qualidade oferecida é muito menor. A cidade ainda é falha no atendimento ao público interno e ao turista. A falta de treinamento do pessoal durante muitos anos foi uma das maiores reclamações dos visitantes, tanto é que a média de permanência na cidade não ultrapassa a 03 (três) dias. Falta cinema, espaços culturais, infraestrutura de atendimento ao turista, como delegacia de apoio ao turista, à prefeitura não oferece informações sobre a cidade e muito menos sobre as propriedades das águas, por fim, faltam guias turísticos.

Lentamente a cidade tem sua história apagada, esse “apagamento” inclui matar toda a tradição, não preservar os prédios, buscar um padrão novo e moderno para a cidade. A cidade coloca um fim nos coronéis das águas, no lugar desses surge a ditadura das águas. A cidade funciona exclusivamente em função das águas quentes (termais). O

centro da cidade troca sua fisionomia, de casas baixas e grandes com quintais enormes para dezenas de novos prédios de dez a doze andares, a cidade ganha verticalidade, a zona periférica dá lugar a uma explosão de pequenos chalés, a quantidade de edificações ultrapassa em pelo menos quatro vezes a população fixa da cidade. Essa população flutuante contribui para o crescimento desordenado da cidade.

A formação e treinamento do pessoal que opera a área do lazer acabaram sendo preteridas. A maioria dos gerentes da nova hotelaria de Caldas Novas não tem formação na área de turismo e mais de 80% (oitenta por cento) deles não tem formação superior, estão na posição em que se encontram devido à experiência que tiveram em outras cidades e hotéis ou por terem começado a mais de 25 anos na empresa.

Mas a educação importuna e tenta ocupar os espaços necessários para uma boa manutenção dos ideários da cidade. O excesso populacional que se fixou na cidade trouxe em sua bagagem a importância da educação para um melhor posicionamento no mercado de trabalho. Com isso, a cidade se vê na obrigação de oferecer escolas em melhores condições, o Estado tem sido o grande parceiro da cidade, com a implantação na década de 90 de quatro grandes escolas estaduais e em 2008 fazendo reformas e criando salas de informática e auditórios, têm contribuído para a formação dos caldenses bem como dos novos moradores da cidade.

A educação técnica vem ganhando espaço na cidade. Ocupando os espaços deixados pelo município e pelo Estado. Em 2008 foi implantada a primeira escola técnico-profissional, oferecendo cursos de técnico em enfermagem e auxiliar de enfermagem. Em 2010 surgiram novos espaços de aperfeiçoamento, esses minicursos oferecem treinamento e capacitação em: Informática, designer, técnico em edificações, eletricista predial, mestre de obras, as principais instituições neste setor são: Microlins, colégio vitória, colégio Educador e o SENAC.

Política educacional de Caldas Novas não tem uma meta clara e definida, a secretária de Educação do Município tem um quadro de professores deficiente e mal formado. A grande maioria dos professores com mais de 10 anos de magistério não possui curso superior, contam apenas com o curso Normal. Embora tenha realizado alguns concursos, os profissionais acabam se evadindo, pois o Estado paga melhor. Além disso, não existe um plano pedagógico de médio ou longo prazo. As coisas acontecem na medida em que as dificuldades ocorrem. Nos anos de 2010 e 2011 algumas escolas municipais

passaram por reformas, melhorando significativamente às dependências escolares. Segundo o senso do IBGE, em 2011 o município contava com o seguinte número de alunos matriculados:

- a) Pré-escola – 1.112
- b) Fundamental – 11.303
- c) Médio – 2.732

O quadro de docentes em 2011 –

I – professores do ensino fundamental – 509

II – professores da pré-escola – 98

III – professores do ensino médio – 183

Totalizando 790 docentes para cuidarem de 73 (setenta e três) escolas sendo 26 escolas que cuidam da pré-escola, 38 que possuem ensino fundamental e 09 que atendem o ensino médio. A cidade conta também com uma escola EJA – ensino de jovens e adultos que nesse ano de 2012 contou com 1.152 matrícula nos seus três turnos.

São hoje as seguintes escolas em funcionamento na cidade:

ESCOLAS MUNICIPAIS

Centro de ed. infantil São Miguel Arcanjo

Centro de educação municipal Breno Paulo R da Fonseca

Centro de Educação infantil Meimei

Centro de Educação infantil O pequeno Príncipe

Centro de Educação infantil Raio de sol

Centro de Educação infantil Santa Ana

Centro Municipal de Educação infantil Vó Diná e Vovô João

Centro Municipal de Educação infantil Marina Moffato

Centro Municipal de Educação infantil Celina Palmerston

Centro Municipal de Educação infantil Vó Tuta Pereira

Centro Municipal de Educação infantil Nossa Senhora do Carmo
Centro Municipal de Educação infantil Umbelina Maria dos Anjos
Centro Municipal de Educação infantil Hugo Fernandes Lacerda
Centro Municipal de Educação infantil Marcia Helena dos Santos
Escola Municipal Junquerlândia
Escola Municipal de ensino Especial Hélia R. da Cunha
Escola Municipal Dona Abelina
Escola Municipal Edith Ala
Escola Municipal Feliciano Ivo Pereira
Escola Municipal Felipe Marinho da Cruz
Escola Municipal Geraldo Dias de Godoy
Escola Municipal Ilda Sibéria dos santos
Escola Municipal Limírio Rosa Ferreira
Escola Municipal Norberto Odebrecht – (desativada em 1998, hoje funciona a UEG.)
Escola Municipal Orlando R da Cunha Junior
Escola Municipal Orozina M. Martins
Escola Municipal professor Zico batista
Escola Municipal Reginaldo da Cunha Rispoli
Escola Municipal Santa Efigênia
Escola Municipal Valdir Arantes da Silva
Escola Municipal Waldomiro Goncalves de Souza

No total de 30 escolas

COLÉGIOS ESTADUAIS:

Centro de Educação de jovens e adultos Filostro Machado Carneiro
Colégio Estadual de Caldas Novas
Colégio Estadual Dom Pedro II

Colégio Estadual Nivo das Neves

Escola Estadual Coronel Bento de Godoy

Escola Estadual Juscelino Kubitschek

Escola Estadual Osmundo Gonzaga Filho

Total de 07 escolas

ESCOLAS PARTICULARES

Colégio Êxodo - (fechado em 2011)

Colégio Goyaz

Colégio GNG Nova Geração (antigo colégio Girafinha)

Colégio Sete de Setembro – (primeiro colégio particular em Caldas Novas a receber o terreno como doação foi fechado em 2009)

Colégio Unicaldas Disney

Colégio Vetor

Escola Ágape

Escola Arco Íris

Escola Centro Educacional Futura

Escola Dimensão

Escola Evangélica Fonte do Saber

Escola Evangélica Nação Santa

Colégio Santa Clara

Colégio Educador (criado em 2011 funciona no mesmo prédio em que existiu o colégio Sete de Setembro)

No total de 12 escolas particulares em funcionamento.

No final dos anos de 1990 a cidade ganhou duas faculdades, a primeira foi um Campi da UEG, em que funcionavam os seguintes cursos:

Administração com especialização em Turismo, Gastronomia, Contabilidade, Geografia (Emergencial), Pedagogia(Emergencial), Letras (emergencial),Matemática (Parcelado) e Educação Física (Emergencial).

Dos oito cursos que foram oferecidos atualmente somente dois deles estão em atividade, Administração de Empresas e Gastronomia, pois, são os únicos a atender as expectativas da cidade no tocante ao turismo. A outra faculdade que surgiu foi a Unicaldas, mesmo nascendo com o nome de Universidade não conseguiu ser elevada a tal, inicialmente contou com os seguintes cursos:

Administração, Pedagogia, Geografia, Sistemas de Informação, Turismo, Biologia e Ciências Contábeis.

Hoje funciona:

Ciências Biológicas, Engenharia florestal, Pedagogia, Direito, Administração, Ciências Contábeis e Sistemas de Informação. Oferece ainda em parceria com o IPG a pós-graduação em DIREITO CIVIL E PROCESSUAL CIVIL.

Uma série de fatores contribuiu como vimos para que o grande projeto da cidade não desse certo, as Escolas, elas bem que tentaram ser a mola impulsionadora, mas, o fator econômico e por muito tempo as tradições locais não permitiram isso.

O paraíso agora é globalizado, a cidade sucumbiu ao apelo financeiro do polo hoteleiro que se fixou, determinações históricas fizeram com que houvesse profundas mudanças no primeiro projeto das águas, não restou saudosismo, a cidade foi resinificada, novos sujeitos, novas representações simbólicas, a cidade se postou pós-moderna antes mesmo de ser moderna. Houve uma criação onírica das águas, novos valores e novas funções.

A educação tomou seu lugar de uma maneira distinta da que se processa em sala de aula. O conhecimento foi difundido em forma de processos históricos, sempre buscando a completude, dessa maneira uma “certa” educação, certa porque nesse sentido trabalha com as inconstâncias temporais, bem como a reformulação interior do indivíduo, o conhecimento dessa maneira gera uma educação para um determinado processo sócio histórico. O conhecimento, enquanto ato social é produto de contradições; ele é "síntese" de múltiplas determinações, porquanto não pode ser pensado de maneira tradicional, pois se assim for feito a educação não terá forma, será vista de maneira disforme e incompleta.

Walter Benjamin coloca em cheque o que vem a ser o saber tradicional, ele entende esse processo como um grande contraditório, e o que é pior, sem ampla

defesa. Esse saber tradicional transforma a educação, indicam sempre ou pretende indicar o melhor dos caminhos a serem trilhados, assim, aliena e afunila em função dos valores econômico. O conhecimento-processo é a própria história, é a experiência da história, da existência social. Foi esse o processo educacional gerado na cidade. O conhecimento foi sendo adaptado as necessidades locais do trabalho. Hoje, no início do século XXI a cidade sente necessidade de novos técnicos e novamente chama em seu auxílio a Educação, desta vez mais tradicional, constituída de salas, prédios e professores. O Saber tradicional da sala de aula esta sendo invocado na face dos cursos profissionalizantes e da infinidade de faculdades à distancia, o saber tradicional rendeu-se ao conhecimento-processo, filho das necessidades e dificuldades que ocorrem por força de determinações históricas.

Caldas Novas, hoje, busca unir esse conhecimento-processo para se manter como estância hidrotermal ao mesmo tempo que deve se repensar para acomodar a quantidade desproporcional de habitantes, gerando emprego e renda e ao mesmo tempo sendo um sonho realizado, sendo a maior estância hidrotermal do mundo.

A Educação moldou-se, adaptou-se, tornou-se plástica e mesmo de forma híbrida e com um conhecimento-processo nascido das necessidades, foi e é fundamental a toda estrutura de trabalho que Caldas Novas construiu. Em todas as áreas a educação esteve presente, uma educação “livre”, mas, mostrando que sua forma tradicional também estava ao alcance de todos e que deveria ser utilizada.

O binômio Educação-Trabalho, mesmo que utilizando de formas alternativas, foi o grande responsável pelo novo projeto urbano da cidade, e, foi esse binômio que gerou o filho mais novo, o Lazer. Caldas Novas conseguiu um fato inusitado, transformou o clássico em moderno, fez um apagamento em sua memória histórica, mas, conseguiu emergir como polo turístico que vem correndo para fixar uma Educação clássica e tradicional em seu espaço urbano, pois percebeu que sem ela não há crescimento e com isso, acaba buscando resgatar um pouco de si, de sua história local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caldas Novas mostrou-se atípica em todo o seu processo. Ao chegarmos aqui neste ponto da pesquisa podemos deduzir uma série de fatos curiosos. A cidade tentou adentrar no século XX dentro dos padrões de uma modernidade, que no caso de Caldas demorou a ser instalada.

O projeto das águas, a busca da transformação de uma cidade agropastoril em uma cidade balneário, foi muito mais uma construção simbólica em suas primeiras 5 (cinco) décadas. O simbolismo que envolveu as águas rádio-ativas, hoje termiais, entram no imaginário popular com um remédio quase milagroso. E por muito tempo é esse imaginário quem manterá o projeto das águas vivo.

O período de efervescência da cidade foi também um período rico dentro da história Brasileira, um período marcado por mudanças estruturais em todos os sentidos da nossa sociedade. A década de 1920 foi à porta de entrada da modernidade, as ideias de um mundo moderno, novas tecnologias e pedagogias preenchiam os projetos de reformas nacionais. Buscava no período a criação de uma identidade para o Brasil, ao mesmo tempo que as pequenas cidades do interior corriam em busca de reformulações de seus espaços urbanos, o subjetivo e o objetivo mesclavam buscando entrar nesse novo mundo.

O projeto das águas, o projeto transformador de uma pequena cidade, aproveitando todo o seu potencial hidromineral foi acalentado por mais de 50 anos pelas lideranças que se sucederam no controle da cidade.

As modificações eram colocadas a fórceps e a cidade mantinha-se híbrida, por muito que tentasse as transformações não aconteciam na velocidade esperada. A urbanidade esperada não conseguia vencer os campos, a cidade não conseguiu tomar ares de uma “Urb” moderna, iluminada e bem tratada. A sensação ainda era que uma pequena cidade do interior, com pensões entre ruins e razoáveis, mas que possuía um grande potencial, tanto para a saúde, como para o lazer.

O único veículo de imprensa que circulou na cidade durante esse mais de 50 anos foi um pequeno jornal – “O KRÓ” era a voz das lideranças e tinha duas funções

principais: cobrar melhorias do governo do estado, recursos financeiros, melhorias de estradas, investimentos de infraestrutura, a segunda função era social, era demonstrar que Caldas Novas, mesmo com suas falhas estruturais, com seu atraso em entrar no projeto modernizador, conseguia em função das propriedades de suas águas, receber figuras ilustres, homens cultos que sabiam apreciar as suas potencialidades, mesmos não tendo as condições urbanas e de civilidade necessárias a uma cidade balneário.

O projeto das águas era contagiante, nos jornais das cidades vizinhas, podiam-se ler os apelos, as vozes dos jornalistas destas localidades engrossavam os pedidos e reforçavam as necessidades locais. A população citadina acabava lucrando com tamanha obstinação, receberam um grupo escolar, feitos com expensas dos poderosos locais, até um pequeno cinema foi construído e receberam também a energia elétrica. Tudo isso para dar continuidade ao grande projeto das águas. O interior goiano sofreu por falta das infraestruturas necessárias. Uma grande ponte, a ponte São Bento sobre o rio Corumbá, visava um melhor acesso a estrada de Ferro Goiás e a estrada de Ferro Mogiana davam acesso ao mundo dos sonhos, às grandes cidades nacionais, à capital Federal no Rio de Janeiro, São Paulo e também às cidades do triângulo Mineiro: Araguari, Uberlândia e Uberaba.

A cidade, buscando novos ares foi realizando um apagamento de sua história local e de sua antiga formação, os velhos casarões deram lugares a edifícios modernos, mas depois de mais de 60 anos. A ideia de cidade balneária perdeu-se nas ruas e nos edifícios, a cidade nada lembra ou retém muito pouco de suas antigas idealizações. A praça perdeu seu coreto, no lugar de passeio, bares e restaurantes, as ruas seguem um padrão desordenado, afinal não houve um planejamento para tamanho volume de carros e gente. A pesquisa encontrou um projeto que se manteve vivo na memória de pelo menos duas gerações de líderes locais, nomes como Godoy, Orlando, Bretas, Alla, Branco de Souza e Gonzaga de Menezes não passam de nomes de praças e avenidas, a memória da cidade está sendo totalmente apagada, resta um quadro com a imagem em grafite dos primeiros prefeitos. A qualidade das águas hoje é questionável, mas o poder econômico dos grandes grupos oferecem conforto e beleza no lugar das termas, a saúde e o lazer foi substituído por um turismo focado no conforto, a cidade ainda continua oferecendo quase nada a seus visitantes, prédios, músicas e uma gastronomia que não mais segue as tradições goianas e muito menos as receitas culinárias da cidade. O arroz com pequi foi substituído pelo arroz à piemontesa, a carne pelo medalhão a Kiev, o frango com

guariroba, pelos risotos de frango. O apagamento cultural está ainda em andamento, até as qualidades das águas já não se conhecem mais. Ainda há muito a ser pesquisado, o potencial histórico da cidade merece trabalhos em continuidade a essa pesquisa. As multiplicidades de possibilidades abre um vasto leque para o entendimento desta Caldas Novas, entre uma cidade balneário e uma estância hidrotermal, Caldas Novas ainda busca suas referências como cidade. Com que categoria pode ser classificada? Uma cidade das águas ou apenas mais uma cidade com potencial turístico? As pesquisas dirão, mas o que é certo, é que até a universidade mudou o foco dos cursos, cursos focados no turismo e no lazer foram substituídos por graduações de momento, engenharia florestal, contabilidade, direito. O direito de ser uma cidade das águas ainda ecoa no ar, basta ouvir com atenção.

Referências

- ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras
- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- ALBURQUERQUE, Carlos, *Caldas Novas: Além da águas quentes*. Caldas Novas: Keops, 1996
- ALMEIDA, Pires de. Lambari e Cambuquira. Clima e águas minerais. Suas indicações. Rio de Janeiro : Tip. Lenziger, 1896.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado* - notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 9 ed. São Paulo: Graal, 2003.
- ARAÚJO, José Carlos Souza, JUNIOR, Décio Gatti, org. *NOVOS TEMAS EM HISTORIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: Instituições Escolares e Educação na Imprensa*. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002 – Coleção memória da educação.
- AUGÉ, Claude. *Nouveau Petit Larousse Illustré: Dictionnaire Encyclopédique*. Claude Augé / Paul Augé. Paris: Libraire Larousse. 1930.
- ARENDT, Hannah. *A Vida do Espírito – o pensar, o querer e o julgar*. Trad. Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ed. UFRJ, 1992
- BARATA, Agildo. *Vida de um revolucionário: Memórias*, Rio de Janeiro, Editora Melso, s/data.
- BALL, Stephen J. Diretrizes Políticas Globais e Relações Políticas Locais em Educação. Currículo sem Fronteiras. V.1, n. 2, p.99-116, Jul./ Dez.2001.
- BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. *O Problema da Imprensa*, 3 ed.. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 1997.
- BASTOS, Abgvar. *Prestes e a revolução social: fatos políticos, condições sociais e causas econômicas de uma fase revolucionária do Brasil*, São Paulo, Hucitec, 1986

- _____. *História da política revolucionária no Brasil*, Rio de Janeiro, Conquista, 1973
- BARTHES, R. Roland. *O Império dos Signos*. Trad. Leila Perrone-Móises. São Paulo. Martins Fontes, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro, Biblioteca Tempo Universitário, 2000.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Companhia das Letras, São Paulo, 1986.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BORGES, Barsanufio Gomides. *O Despertar dos Dormentes – Ensaio sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1902-1922*. Goiânia, Cegraf. 1990
- _____. *Goiás no Contexto da Economia Nacional*. Goiânia: Editora da UFG, 2000.
- BOTTOMORE, Tomas Burton, *As elites e a sociedade*. 2ed. RJ, Ed. Zahar, , 1974,
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 5 ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2002
- _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1989.
- _____. A juventude é apenas uma palavra. In:_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRETAS, Genesco Ferreira, *Memórias de um botocudo*. Goiânia: Cânone Editorial, 2001.
- _____. *História da Instrução Pública em Goiás*. Goiânia. Centro Editorial e Gráfico da UFG. Coleção Documentos Goianos n. 21. 1991.
- BRIGGS, Asa e Burke, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias, Ver. Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004
- BUFFA, Ester e NOSELLA, Paolo. *A Educação Negada: Introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Trad: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

_____. *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAMPOS, Francisco Itami. *Questão Agrária: bases sociais da política goiana (1930-1964)*. 1985. Tese – USP, São Paulo, 1985.

CAPELATO, Maria Helena, Coleção Repensando a História. *A Imprensa na História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1994.

CARNEIRO LEÃO, Antonio. *O Brasil e a Educação Popular*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comercio, 1917.

CATELAN, Álvaro. *O Paraíso das Águas Quentes*. Goiânia: Ed. Kelps, 1991.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Trad. Epharim Ferreira Alves. 5ª ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.

_____. Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

_____. “A operação histórica”. In: LE GOFF, Jaques & NORRA, Pierre. *História, novos problemas*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

CHACON, Vavireh, *Estado e povo no Brasil: as experiências do Estado Novo e da democracia populista (1937-1964)*. Rio de Janeiro, José Olimpio, 1977.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHAUL, Nasr Fayad, org. *Coronelismo em Goiás: Estudos de casos e Famílias*. Goiânia: Mestrado em História/UFG, 1998.

_____. *Caminhos de Goiás - Da Construção da Decadência aos Limites da Modernidade*. Goiânia: Editora UCG, Editora UFG, 1997.

CORONE, Edgard, *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: Difel, 1974.

_____. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo, Difel, 1973.

CORREA NETTO, Dr. Orozimbo. *As Águas Termais de Caldas Novas*. Rio de Janeiro, Typografia do Jornal do Commercio de Rodrigues e C. 1918. Obra completa

DAHRENDORF, Ralf. *O liberalismo e a Europa*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1984.

DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. Trad. Sônia Coutinho. Ver. Ciro Flamarion Cardoso. 4ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

_____. *Boemia literária e revolução: O submundo das letras do Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 3ª reedição. Volumes 1, 2,3,4 e 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

_____. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Joana Moraes Varela e Manuel Carrilho. Editora Assírio & Alvim, Lisboa.1997.

DOSSE, François. *A história em Migalhas: dos annales à nova História*. Trad. Dulce de Oliveira Amarante do Santos. Bauru, Edusc, 2003.

_____. *O Império do sentido: A humanização das Ciências humanas*. Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru, EDUSC.. 2003. Coleção História

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. Trad. Pietro Nasseti.. São Paulo. Martin Claret, 2002. Coleção. Obra Prima de Cada Autor

ROLNIK, Sueli; GUATTARI, Félix. *Cartografias do Desejo*. Editora Vozes, Petrópolis, 1986.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DULCI, Otavio Soares, “*As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia*” in Ciências sociais hoje, São Paulo, Cortez/ANPOCS, 1984.

ELIAS, Ana Cristina, *Caldas Novas, ontem e hoje*. Caldas Novas: Secretaria Municipal de Educação, 1994.

ELIAS, Nobert, *O processo civilizador*. Trad. Ruy Jungmann; revisão de Renato Janine Ribeiro. RJ: Jorge Zahar editores, 1993 2v.

FALCON, Francisco. *História Cultural – Uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: formação do patronato político*. 10 ed. São Paulo: Globo, 1995. 2 vols.

FILHO, Braz W, Pompêo de Pina. *Goiás: História da Imprensa*. Goiânia, Go: Departamento Estadual de Cultura, 1971.

FONTOURA, João Neves da, *Memórias: A aliança liberal e a revolução de 30*. Porto Alegre, Globo, 1963.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002

_____. *Vigiar e Punir: O nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe
29 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *A ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São
Paulo, Ed. Loyola 1996.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Problemas políticos brasileiros*, Rio de Janeiro:
José Olimpio, 1975.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. *Getúlio Vargas, o poder e o sorriso*. São Paulo. Cia das Letras. 2006

FERNANDES, Florestan, *A revolução burguesa no Brasil*, Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FVG/CPDOC, *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro Pós 30*, Equipe do
CPDOC, sob a coordenação de, Alzira Alves de Abreu...[et al.] ed. rev. E atula - Rio de
Janeiro, Ed. FGV, 2001, v.2, 4 e 5

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: Traços fundamentais de uma
hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 3 ed., Petrópolis. Vozes, 1999.

GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo: ideologia e propaganda política*. São Paulo,
Loyola, 1982.

GASSET, José Ortega Y. *A rebelião das Massas*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989

GERMANO, José Willington. *Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)*. São
Paulo: Cortez Editora, 1993.

GHILARDI, Maria Inês. *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Anhembi Morumbi,
1999.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro
perseguido pela inquisição*. Trad.: Maria Betania Amoroso – 3ª ed. São Paulo: Cia das
Letras, 1987.

_____. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. Trad. Federico
Carotti. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GIROUX, Henry. *Ideologia, cultura e escolarização*. In: Teoria crítica e resistência em
educação – para além das teorias de reprodução. Trad. Ângela Maria B. Biaggio.
Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. p. 160-220.

GOODY, Jack. *O Roubo da História*. Trad. Luiz Sérgio Duarte da Silva. São Paulo:
Contexto, 2008.

GODOY, Theóphylo. *DO BRASIL À INDIA*. Araguari, MG: typografia do “O
Araguary”, 1936.

GOMES, Ângela de Castro Gomes. *CAPANEMA: O ministro e seu ministério*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Trad. Carlos Nelson Coutinho, 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A. 1999.

HARTMANN, Ivar. *Getúlio Vargas: O revolucionário, o ditador, o democrata, a história do maior estadista brasileiro*. 2 ed. Porto Alegre: Tchê! Comunicações Ltda. 1984.

HERNANDEZ, Leila M. G., *Aliança Nacional Libertadora: ideologia e ação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

HOBBS, Thomas. “*Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*”. Trad. Alex Marins. São Paulo: Ed. Martin Claret. 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e outros. Petrópolis – RJ: Vozes, 2001

_____. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989

HOBBS, Eric J. *A Era das Revoluções*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira Marcos Penchel. 10 ed. São Paulo. Paz e Terra. 1997.

_____. *Os Trabalhadores: estudo sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998

HOBBS, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. – Tradução de Celina Cavalcante – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

JOSEPH, L. As Águas salutíferas do Brasil antigo. Notas Científicas Roche, p. 15-24, de janeiro de 1946; p. 28-47, de fevereiro de 1946.

LEAL, Victor Nunes Leal. *Coronelismo, Enxada e Voto – O município e o regime representativo no Brasil*. 3 ed. 1. reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LEITE, Dante Moreira, “*O caráter nacional brasileiro*”: *história de uma ideologia*. São Paulo, Pioneira, 1969.

LEMOS, Pedro Sanches de. *As Águas Termais de Poços de Caldas*. S/l, s/e, 1924

LEVINE, Robert, M. *O regime de Vargas: os anos críticos (1934-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LEAL, Oscar. *Viagem as terras Goyanas*. Goiânia, Ed. UFG, 1980. Col. Documentos Goianos, 4.

LIMA, Maria Emilia A. T. *A Construção Discursiva do Povo Brasileiro: Os discursos de 1º de Maio de Getúlio Vargas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LOCKE, John, “*Segundo tratado sobre o governo*”, São Paulo, Abril, 1973. Col. Os Pensadores

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergston. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. 7 ed., São Paulo: Melhoramentos, 1961.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Pedro Ludovico: Um tempo, um carisma, uma história*. Goiânia, Cegraf/UFG. Coleção Documentos Goianos, 18, 1990.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*. Trad. Alex Marins. São Paulo; Ed Martin Claret, 2002

_____. *O manifesto do partido comunista*. São Paulo: Martin Claret. 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às Mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Trad. Giasone Rebuá. 6. Ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1973.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo Brasileiro*. 2ª ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *História Social da Imprensa: Fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 2003.

MERQUIOR, José Guilherme, *O argumento liberal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. 1930; tradução de Isa Tavares – SP. Boitempo, 2008.

MORIN, E. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

_____. O paradigma perdido: a natureza humana. 5ª edição. Portugal: Europa América. 2001

_____. As grandes questões do nosso tempo. 3ª edição. Lisboa: Editorial Notícias. 2001

_____. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 17ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

MOTA, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena R.. *História da Folha de São Paulo (1921-1981)*. São Paulo, Impres, 1980.

MOURA, José Ubiratan de Moura e outros. *Complexo Termal de Caldas Novas*. 1ª reimpressão. Goiânia: Editora Universidade Federal de Goiás, 1986.

MOURÃO, B. M. *A Medicina Hidrológica. Moderna Terepêutica das Águas Minerais e Estâncias de Cura. Poços de Caldas* : Prefeitura Municipal, 1992.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2º ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001

NÓVOA, Antonio. *História da Educação “Novos sentidos, Velhos Problemas*. Braga: Universidade de Lisboa, 1996)

NUNES, José Horta. *Formação do Leitor Brasileiro – imaginário da leitura no Brasil colônia*. Campinas, SP: Ed. Unicamp. 1994. Col. Viagens da Voz.

ORIENTE, Taylor. *As Fabulosas Águas Quentes de Caldas Novas*. 3ª edição. S/l, s/e, s/d.

PARANHOS, A. O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999

ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. Tradução Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. O Discurso – Estrutura ou Acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Ed. Pontes, 1990.

REIS, Maria Barbosa. *MEIO SÉCULO DE MAGISTÉRIO*. Goiânia: Oriente, 1979.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro; a formação e o sentido do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIZZINI, Carlos. *O livro, O jornal e a tipografia no Brasil – 1500 – 1822 – com um breve estudo geral sobre a informação*. Rio de Janeiro: 1945.

ROMANELI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social ou princípios do direito político*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo; Ed Martin Claret, 2004.

SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

S.J, Leonel Franca. Obras Completas do Pe. Leonel Franca S.J - *O Método Pedagógico dos Jesuítas – O “Ratio Studiorum”*. Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1952

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia – Polêmicas do nosso tempo*. 35 ed. São Paulo: 2002

_____. *Educação – Do senso Comum à Consciência Filosófica*. 12 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SCHWARTZMAN, Simon (org). *Estado Novo: um auto retrato* (arquivo Gustavo Capanema). Brasília: Editora UnB, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Cia das Letras, col. Virando Séculos; vol.7, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3ª ed..São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)*. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos De Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: EDUNESP, 1998.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964*. Trad. Coordenada por Ismênia Tunes Dantas. – 13ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2003.

TEIXEIRA NETO, Antônio, COSTA, José Eduardo Albuquerque de Macedo, THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade. Uma leitura social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum – Estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. Rosaura Eichenberg. 1ª reimpressão. São Paulo: Cia. Das Letras. 2002.

TORRES, Alberto. *O Problema Nacional Brasileiro*. 4 ed. São Paulo: Ed. Nacional;; Ed.,Universidade de Brasília. Brasília, 1982. Coleção Temas Brasileiros, vol 35

VARGAS, Getúlio. *Diário – 1930 – 1936*. Apresentação: Celina Vargas do Amaral Peixoto; Ed. de Leda Soares. São Paulo; Rio de Janeiro: FGV. 1995.

VELHO, Guilherme Otávio. *O Fenômeno Urbano*. Guanabara. 1987

VERÍSSIMO, Jose. *A educação Nacional*. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VOVELLE, Michel, *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WEFFORT, Francisco C. *Por que democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *O Populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WRIGHT MILLS, Charles. *A elite do poder*. 4ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, , 1981, pp. 11-40 e 319-349.

TESES:

BRESCIANI, Maria Stella Martins, “Liberalismo: ideologia e controle social (um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910)” Doutorado, Deptº de História da FFLCH da USP. 2004

CARDOSO, Oldimar Pontes, *A didática da história e o slogan da formação de cidadãos*. Faculdade de Educação, USP, 2007

CRESPO, Ana Maria Morales, “*Da Invisibilidae à construção da própria cidadania*”. Doutorado, História Social, USP, 2009.

FERREIRA, Antonio Celso, “Militares e reforma do Estado (1932-1935): propostas políticas e atuação dos tenentes e das cúpulas das Forças Armadas”. Mestrado, Deptº de História da FFLCH/USP.

JUSSARA, Marques Oliveira Marrichi, *A CIDADE TERMAL: CIÊNCIA DAS ÁGUAS E SOCIABILIDADE MODERNA ENTRE 1839 A 1931*. Mestrado. Inst. De Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp.

KHALED JUNIOR, Salah H. *Horizontes identitários : a construção da narrativa nacional brasileira pela historiografia do século XIX [recurso eletrônico]/* Salah H. Khaled Jr. - Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 263 p.

KATO, Regina Costa, “Formação do Estado Brasileiro: Liberalismo e independência”, Dissertação de Mestrado, Ciências Política, Universidade de São Paulo, 1982.

MARSON, Adalberto, “A ideologia nacionalista em Alberto Torres”, Tese de Doutorado, Deptº de História da FFLCH, da USP, 1975.

MONTEIRO, Maria Helena Pinheiro, “A classe operária vai ao Parlamento?” dissertação, Universidade de Brasília, Deptº de Geografia e História, Universidade de Brasília, 1983.

OLIVEIRA, José Flavio, “Liberalismo e oligarquias na República Velha: O ESP, e a Campanha Civilista (1909-1910), Dissertação, 1989

SIMÕES Neto, Francisco Teotonio, “Os Bacharéis na política e a política dos Bacharéis”, Tese de Doutorado, Ciências Política, Universidade de São Paulo. 1983

JORNAIS:

O “O Kró” – Caldas Novas

“O Triangulo” – Araguari

“Araguary” – Araguari

“Albor” – Araguari

“O Americano” – Araguari

“Diário de Araguari” – Araguari

“O Sport” – Araguari

“O Rádio” – Araguari

“Oeste” - edição fac-similar de 23 fascículos de julho de 1942 a dezembro de 1944.

“O Ypameri” – Ipameri

“Folha do Povo” – Ipameri

“Ipameri Jornal” – Ipameri

“O Ensino” – Ipameri

“O Galhoreiro” – Ipameri

“O Porvir” – Ipameri

“A Bigorna” – Ipameri

“Alvorecer” – Ipameri

“Chavantes” – Ipameri

“O Larebil” – Ipameri

“O Liberal” – Ipameri

“Jornal O Comércio” – Ipameri

“ A voz do Povo” – Ipameri

“Ação” – Ipameri

“Jornal Informativo Finalmente” – Ipameri.

DOCUMENTOS:

Livros de atas, leis, posse e registro de Caldas Novas de 1911 a 1955.

Fotos de Caldas Novas de 1934 a 1969